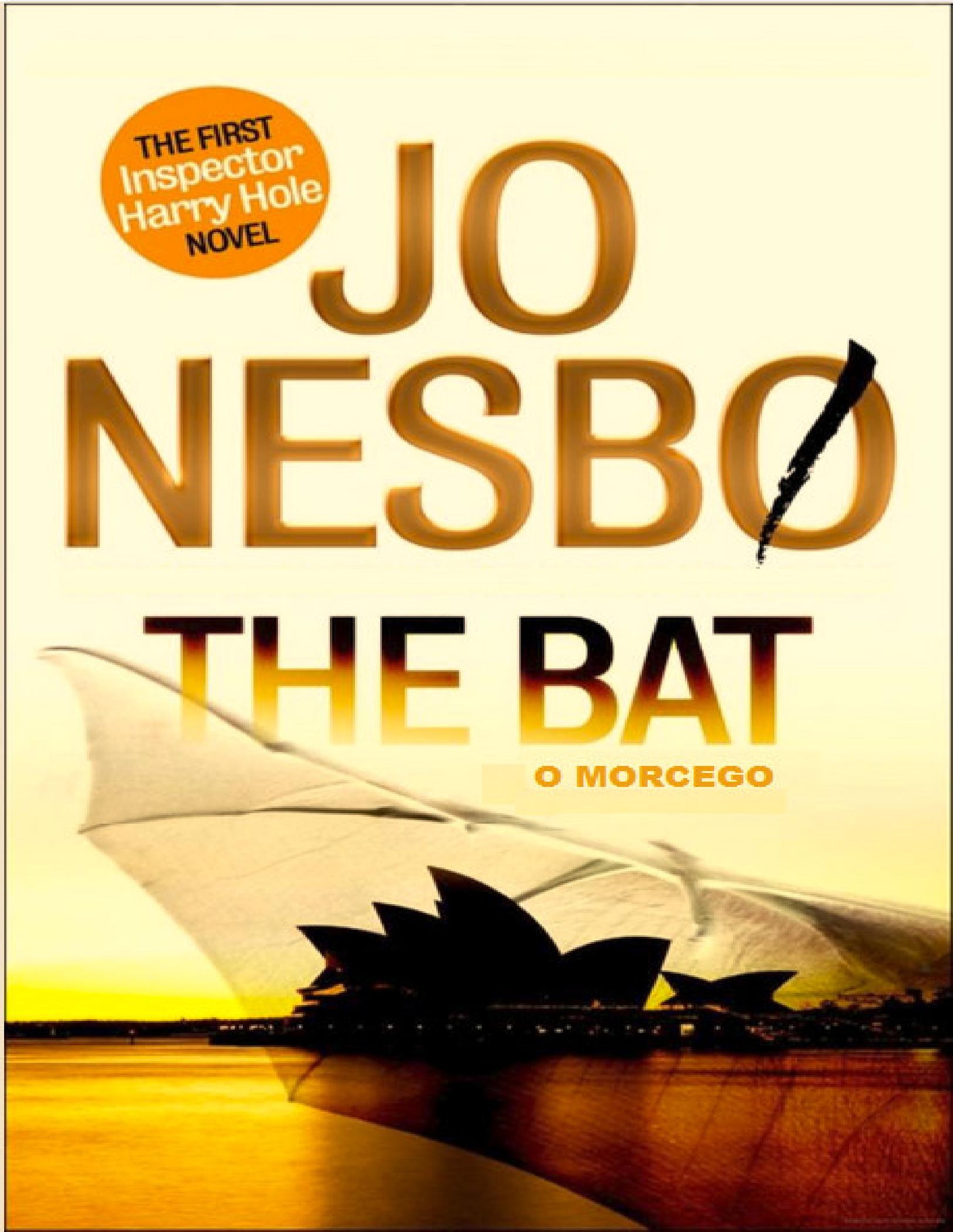


THE FIRST
Inspector
Harry Hole
NOVEL

JO NESBO

THE BAT

O MORCEGO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CRÉDITOS

Este e-book é material com direitos autorais e não pode ser copiado, reproduzido, transferido, distribuído, alugado, licenciado, executado ou usado de qualquer maneira em público,

exceto se expressamente permitido por escrito pelos editores, conforme permitido nos termos e condições em que foi comprado ou que é estritamente permitido pela lei

de direitos autorais aplicáveis. Qualquer distribuição ou uso não autorizado deste texto pode ser uma violação direta dos direitos do autor e do editor e os responsáveis podem ser processados.

Este Livro não foi publicado no Brasil

O MORCEGO – Jo Nesbø

The Bat - Jo Nesbø

Translated from the Norwegian by Don Bartlett

Epub ISBN: 9781409019480

Version 1.0

www.randomhouse.co.uk

Published by Harvill Secker 2012

2 4 6 8 10 9 7 5 3 1

Copyright © Jo Nesbø 1997

English translation copyright © Don Bartlett 2012

Jo Nesbø has asserted his right under the Copyright,

Designs and Patents Act 1988 to be identified as the author of this work
Lyrics from “Where the Wild Roses Grow” by Nick Cave reprinted by kind permission
of Nick Cave and Mute Song

First published with the title Flaggermusmannen in 1997

by H. Aschehoug & Co. (W. Nygaard), Oslo

First published in Great Britain in 2012 by

HARVILL SECKER
Random House
20 Vauxhall Bridge Road
London SW1V 2SA
www.randomhouse.co.uk

The Random House Group Limited Reg. No. 954009

A CIP catalogue record for this book is available from the British Library
ISBN 9781846551451

WALLA

1 Sydney

Alguma coisa estava errada.

A princípio, a funcionária do Posto de Controle de Passaportes sorriu: “como vai você, cara?”.

“Estou bem,” Harry Hole mentiu. Já fazia mais 30 horas desde que ele tinha decolado de Oslo via Londres, e depois da troca de aviões no Bahrein, ele tinha sentado naquele assento cruel ao lado da saída de emergência. Por razões de segurança o assento só podia ser reclinado para trás muito pouco, e sua região lombar quase se desintegrou no momento em que chegou a Cingapura.

E agora a mulher atrás do balcão não estava mais sorrindo.

Ela examinou o passaporte com interesse evidente. Era muito difícil afirmar se foi a fotografia ou o nome que fez com que ela inicialmente ficasse num estado de espírito alegre.

“Negócios”?

Harry Hole tinha uma suspeita de que funcionários de visto em passaportes na maioria dos lugares do mundo teriam acrescentado um "senhor", mas ele tinha lido que este tipo de formalidade simpática não foi difundida na Austrália. Isso realmente não importava; Harry não estava particularmente acostumado a viajar, nem com a arrogância estrangeira - tudo o que ele queria era um quarto de hotel e uma cama o mais rapidamente possível.

"Sim", ele respondeu, tamborilando os dedos no balcão.

E foi aí que os lábios dela ficaram franzidos, ficou feia e articulada, e com um tom incisivo: “Por que não há um visto no seu passaporte, senhor”.

Seu coração disparou, como invariavelmente ocorria quando havia indícios de uma catástrofe iminente. Será que ‘*senhor*’ fosse usado apenas quando as situações se tornavam críticas?

"Desculpe, eu esqueci", Harry murmurou, procurando febrilmente nos seus bolsos internos. Por que eles não colocaram o visto especial no passaporte, como fazem com os vistos padrão? Atrás dele na fila, ouviu o zumbido fraco de um Walkman e percebeu que era o seu companheiro de viagem de avião. Ele tocou o mesmo cassete durante todo o voo. Por que

diabos ele nunca conseguia se lembrar em que bolso ele colocava as coisas? Ainda por cima estava quente, apesar de ser quase dez horas da noite. Harry sentia o seu couro cabeludo começando a coçar.

Finalmente ele encontrou o documento e colocou-o sobre o balcão, para seu grande alívio.

“Então você é Policial, não é?”

A funcionária ergueu os olhos do visto especial e estudou-o, mas a boca franzida tinha ido embora.

“Espero que não tenham assassinado loiras norueguesas”.

Ela riu e bateu o carimbo com força sobre o visto especial.

“Bem, só uma”, respondeu Harry Hole.

O saguão de desembarque estava lotado de representantes de agências de viagem e motoristas de limusine, segurando cartazes com nomes, mas nenhum Hole à vista. Ele estava a ponto de pegar um táxi quando um homem negro vestindo jeans azul claro e uma camisa havaiana, com um nariz extraordinariamente largo e escuro, um enorme cabelo crespo encaracolado abrindo caminho entre os cartazes veio caminhando em sua direção.

“Mr Holy, eu presumo!”, afirmou ele, triunfante.

Harry Hole considerou suas opções. Ele tinha decidido passar os primeiros dias na Austrália corrigindo a pronúncia de seu sobrenome para que ele não fosse confundido com aberturas ou orifícios. Mr Holy, no entanto, era infinitamente preferível. (*1)

“Andrew Kensington. Como está?” O homem sorriu e estendeu um enorme punho.

Foi um pouco menos pior que um moedor de carne.

“Bem-vindo a Sydney. Espero que o voo tenha sido agradável”, disse o estranho com sinceridade evidente, como se fosse um eco do anúncio da aeromoça 20 minutos mais cedo. Ele pegou a mala surrada de Harry e começou a andar em direção à saída, sem olhar para trás. Harry se manteve perto dele.

“Você trabalha para a polícia de Sydney”? Perguntou.

“Claro, cara. Cuidado!”

A porta giratória bateu no rosto de Harry, justamente no nariz, e fez seus olhos lacrimejarem. Um quadro de péssima comédia pastelão não poderia ter começado pior. Ele esfregou o nariz e praguejou em norueguês. Kensington deu-lhe um olhar simpático.

“Portas *sangrentas*, hein?”, disse. (*2)

Harry não respondeu. Ele não sabia como responder a esse tipo de comentário australiano.

No estacionamento Kensington abriu o porta-malas de um pequeno Toyota muito usado e enfiou a mala lá dentro. “Você quer dirigir, cara?”, ele perguntou, surpreso.

Harry percebeu que estava sentado no banco do motorista. Claro, eles dirigiam no *sangrento* do lado esquerdo na Austrália. No entanto, o banco do passageiro estava tão cheio de papéis, cassetes e lixo em geral que Harry se espremeu na parte de trás.

“Você deve ser um aborígene”, ele disse enquanto eles se dirigiam para a autoestrada.

“Acho que não dá para enganar você, inspetor”, Kensington respondeu, olhando no espelho.

“Na Noruega, nós os chamamos de negros australianos.”

Kensington manteve os olhos no espelho, observando-me. “Sério?”

Harry começou a se sentir pouco à vontade. “Bem, eu apenas quero dizer que os seus antepassados, obviamente, não fizeram parte dos condenados enviados para cá pela Inglaterra, há duzentos anos.” Ele queria mostrar que tinha pelo menos um mínimo de conhecimento sobre a história do país.

“É isso mesmo, Holy. Meus ancestrais já estavam aqui um pouco antes deles chegarem. Quarenta mil anos, para ser mais exato.”

Kensington sorriu ironicamente para o espelho. Harry jurou manter a boca fechada por um tempo.

“Eu entendo. Chame-me de Harry.”

“OK, Harry. Eu sou Andrew.”

Andrew conduziu a conversa durante o resto do trajeto. Ele levou Harry através de King’s Cross, informando por todo o caminho: esta área é o distrito da luz vermelha de Sydney e o centro do comércio de drogas e, em grande parte de todos os outros negócios escusos da cidade. Cada escândalo que surge parece ter uma conexão com algum Hotel ou clube de strip-tease dentro deste quilômetro quadrado.

“Aqui estamos”, disse Andrew de repente. Ele encostou o carro no meio-fio, saltou e pegou a mala de Harry no porta malas.

“Vejo você amanhã”, disse Andrew, e então ele e o carro foram embora. Com as costas quebradas e o jet lag começando a se manifestar, Harry e sua

mala agora estavam sozinhos numa calçada e numa cidade que possuía uma população mais ou menos equivalente a de toda a Noruega, defronte do esplêndido Crescent Hotel. O nome estava impresso na porta ao lado de três estrelas. A Chefia da Polícia de Oslo não era conhecida pela generosidade com relação ao alojamento para seus funcionários. Mas, talvez este não fosse ser tão ruim, afinal. Devia ter havido um desconto especial por ser para um serviço público o que provavelmente implicaria no menor quarto do hotel, Harry refletiu.

E foi.

*(*1) Trocadilho intraduzível devido ao sobrenome de Harry. Hole em inglês significa buraco e Holy significa Santo. A pronúncia de Hole em norueguês é algo entre as duas pronúncias em inglês.*

*(*2) No original 'Bloody doors': na Austrália e alguns países de língua inglesa 'bloody' é uma expressão de surpresa, raiva, xingamento, para praguejar, enfatizar ou demonstrar sarcasmo. Equivale ao americano 'damn'.*

Gap Park

Harry bateu cautelosamente na porta do Chefe de Brigada Criminal de Surry Hills.

"Entre", trovejou uma voz lá de dentro.

Um homem alto e largo, com uma barriga projetada para impressionar, estava de pé ao lado da janela, atrás de uma mesa de carvalho. Sob uma juba rarefeita projetavam-se sobrelanceiras cinza e espessas, mas as rugas ao redor dos olhos sorriram.

"Harry Holy de Oslo, Noruega, senhor."

"Sente-se, Holy. Você está parecendo um farrapo nesta hora da manhã. Eu espero que você não tenha ido ver algum dos meninos da Narcóticos, não é?" Neil McCormack soltou uma enorme gargalhada.

"Jet lag. Estou acordado desde as quatro desta manhã, senhor," Harry explicou.

"Claro. Apenas uma piada. Tivemos um caso de corrupção aqui um par de anos atrás, entende? Dez policiais foram condenados, entre outras coisas por vender drogas - uns aos outros. A suspeita foi levantada porque alguns deles estavam sempre muito atentos - o tempo todo. Não é brincadeira, é verdade." Ele riu contente, colocou os óculos e folheou os papéis na frente dele.

"Então, você foi enviado aqui para nos ajudar com a nossa investigação sobre o assassinato de Inger Holter, uma cidadã norueguesa com autorização para trabalhar na Austrália. Loira, garota muito bonita, de acordo com as fotos. Vinte e três anos de idade, não é?"

Harry concordou com a cabeça. McCormack estava falando sério agora.

"Encontrada por pescadores ao largo da Baía de Watson - para ser mais preciso, Gap Park. Seminua. Hematomas sugerindo que ela havia sido estuprada e depois estrangulada, mas nenhum sêmen foi encontrado. Levada, mais tarde na calada da noite, para o parque onde o corpo foi jogado pelo penhasco."

Ele fez uma careta.

"Se o tempo estivesse um pouco pior as ondas com certeza teriam carregado o corpo para o alto mar, mas em vez disso ela ficou entre as

rochas, até que foi encontrada. Como eu disse, não havia presença de sêmen, e a razão para isso é que a vagina foi cortada como um peixe em filetes e a água do mar fez um trabalho completo de lavagem deixando a garota limpa. Portanto não temos marcas de impressões digitais, embora tenhamos uma estimativa aproximada da hora da morte . . ." McCormack tirou os óculos e esfregou o rosto. "Mas não temos um assassino. E o que diabos você vai fazer sobre isso, Mr Holy?"

Harry estava prestes a responder, mas foi interrompido.

"O que você vai fazer é observar com cuidado, enquanto nós procuramos o bastardo, diga para a imprensa norueguesa, ao longo do caminho, sobre o trabalho maravilhoso que estamos fazendo juntos - certificando-se de não ofender ninguém na Embaixada da Noruega, ou os parentes - e aproveite e desfrute a pausa para enviar um cartão ou dois para a sua querida chefe de polícia. Por falar nisso, como ela está?"

"Bem, até onde eu sei."

"Grande mulher, realmente. Eu suponho que ela explicou-lhe o que é esperado de você".

"Em certa medida. Eu estou participando de um invest . . ."

"Grande. Esqueça tudo isso. Aqui estão as novas regras. Número um: a partir de agora você só dará ouvidos a mim, só a mim e a mim mesmo. Número dois: você não vai tomar parte em qualquer coisa que não tenha sido instruído por mim. E número três: um dedo do pé fora da linha e você vai estar no primeiro avião de volta para casa".

Isto foi informado com um sorriso, mas a mensagem era clara: fique de fora, ele estava aqui como observador. Ele poderia muito bem ter trazido seu calção de natação, óculos escuros e uma câmera também.

"Soube que Inger Holter era uma espécie de celebridade da TV na Noruega"?

"Uma celebridade menor, senhor. Ela apresentou um programa infantil alguns anos atrás. Acho que antes que isto acontecesse, ela estava a caminho do esquecimento".

"Sim, eu tenho ouvido que seus jornais estão fazendo um grande barulho sobre este assassinato. Alguns deles já enviaram repórteres para aqui. Nós demos a eles o que temos, e não foi grande coisa, então eles vão se aborrecer e cair fora de volta para casa. Eles não sabem que você está aqui. Nós temos nossas próprias babás, então você não terá que se preocupar com eles."

"Obrigado por isso, senhor", disse Harry, e ele estava falando sério. A visão de jornalistas noruegueses ofegantes olhando por cima do seu ombro não era bem-vinda.

"OK, Holy, eu vou ser honesto com você e dizer-lhe como as coisas estão. Eu fui avisado em termos inequívocos, pelo meu governador que os vereadores de Sydney gostariam de ver este caso esclarecido o mais rápido possível. Como de costume, é tudo uma questão de política e grana".

"Grana"?

"Bem, nós calculamos que o desemprego em Sydney vai subir para mais de dez por cento este ano, e a cidade precisa de cada centavo que pudermos obter dos turistas. Nós teremos os Jogos Olímpicos muito em breve, em 2000, e o turismo vindo da Escandinávia está em alta. Assassinato, especialmente um que não tenha sido esclarecido, não é uma boa propaganda para a cidade, por isso estamos fazendo o que podemos. Nós temos uma equipe de quatro inspetores encarregados do caso além de acesso irrestrito e de alta prioridade aos recursos da polícia - todos os computadores, pessoal forense, pessoal de laboratório e assim por diante".

McCormack tirou uma folha de papel que ele estudou com o cenho franzido.

"Na verdade, você deveria trabalhar com Watkins, mas já que você pediu especificamente para trabalhar com Kensington, não vejo nenhuma razão para recusar o seu pedido."

"Senhor, que eu saiba eu não ped..."

"Kensington é um bom homem. Não há muitos inspetores indígenas que subiram na carreira como ele."

"Não?"

McCormack deu de ombros. "Isso é apenas do jeito que é. Bem, Holy, se houver qualquer outra coisa que você quiser saber, você sabe onde eu fico. Alguma pergunta?"

"Bem, apenas uma formalidade, senhor. Eu queria saber se *senhor* é o modo correto de se dirigir a um oficial superior aqui na Austrália, ou se é um pouco..."

"Formal? Severo? Sim, eu acho que provavelmente é. Mas eu gosto. Isso me faz lembrar que eu sou, de fato, o chefe desta equipe." McCormack desatou a rir e encerrou o encontro com um aperto de mão 'esmaga osso'.

"**Janeiro** é a temporada turística na Austrália", Andrew explicou enquanto eles encaravam o tráfego em torno da Circular Quay.

"Todo mundo vem para ver a Sydney Opera House e fazem passeios de barco ao redor do porto e admirar as mulheres na praia Bondi Beach. É uma pena que você tem que trabalhar."

Harry balançou a cabeça. "Não importa. Eu fico suando frio com as armadilhas para turistas".

Eles saíram na New South Head Road, e o velho Toyota acelerou em direção ao leste para Watson's Bay.

"O East Side de Sydney não é exatamente como o East End de Londres", Andrew explicou enquanto eles passavam por uma loja de moda após a outra. "Este distrito é chamado Double Bay. Nós o chamamos de Double Pay". (*)

"Onde é que Inger Holter morava?"

"Ela morou com o namorado em Newtown por um tempo antes de eles se separarem e então ela mudou-se para um pequeno apartamento de um quarto em Glebe".

"Namorado"?

Andrew deu de ombros. "Ele é australiano, um engenheiro de computação e se conheceram quando ela esteve de férias aqui há dois anos. Ele tem um alibi para a noite do crime e não é exatamente o protótipo de um assassino. Mas nunca se sabe, não é?"

Eles estacionaram perto de Gap Park, um dos muitos pulmões verdes de Sydney. Íngremes de degraus de pedra levavam ao parque soprado pelo vento que ficava entre Watson's Bay ao norte e o Oceano Pacífico ao leste. O calor os atingiu quando eles abriram as portas do carro. Andrew colocou um par de grandes óculos escuros, o que fez Harry pensar em um descontraído cafetão. Por alguma razão, hoje o seu colega australiano estava vestindo um terno apertado, e Harry pensou que o grande homem negro de ombros largos parecia um pouco cômico pelo modo como ele gingou e se lançou pelos degraus à sua frente, dirigindo-se para o mirante.

Harry olhou em volta. Para o lado oeste, viu o centro da cidade com a Harbour Bridge, ao norte a praia e iates na Watson's Bay e, mais ao longe, o verdejante Manly, subúrbio no lado norte da baía. Para o leste o horizonte se curvava em um espectro de vários tons de azul. O penhasco mergulhava na frente deles, e bem lá embaixo a arrebentação do oceano terminava sua longa viagem com um crescendo estrondoso entre as rochas.

Harry sentiu uma gota de suor escorrendo pelas costas. Este calor estava lhe dando arrepios.

"Daqui você pode ver o Oceano Pacífico, Harry. Próxima parada Nova Zelândia, depois de cerca de dois mil quilômetros bem molhados", disse Andrew, cuspidando pela borda do precipício. Os dois seguiram-no por um tempo até que o vento o dispersasse.

"Ainda bem que ela não estava viva quando despencou", disse ele. "Ela deve ter batido pelas falésias pelo caminho até embaixo; havia grandes pedaços de carne arrancados de seu corpo quando a encontraram".

"Há quanto tempo ela estava morta antes de ser encontrada"?

Andrew fez uma careta. "O médico disse 48 horas. Mas ele . . ."

Ele colocou o polegar esticado na frente de sua boca. Harry balançou a cabeça. Então, o médico era uma alma sedenta.

"E você se torna cético quando os números são muito arredondados"?

"Ela foi encontrada em uma manhã de sexta-feira, então vamos dizer que ela morreu em algum momento durante quarta-feira à noite".

"Alguma pista aqui"?

"Como você pode ver, os carros podem estacionar lá em baixo e a área é escura durante a noite e relativamente deserta. Nós não temos quaisquer informações de testemunhas, e para ser franco, não acho que vamos ter".

"Então o que vamos fazer agora"?

"Agora vamos fazer o que o chefe me disse, vamos a um restaurante e gastar um pouco na conta do orçamento de entretenimento do Departamento de Polícia. Afinal, você é o mais alto representante da polícia da Noruega em um raio de mais de 2.000 quilômetros. Pelo menos".

Andrew e Harry sentaram-se em uma mesa com uma toalha branca. O Doyle's, um restaurante de frutos do mar, situava-se no final mais distante da Watson's Bay com apenas uma faixa de areia entre ele e o mar.

"Ridiculamente bonito, não é?", disse Andrew.

"Cartão postal". Um menino e uma menina estavam construindo castelos de areia na praia, bem na frente deles, contra o fundo de um azul profundo do mar e as colinas verdes luxuriantes com o orgulhoso horizonte de Sydney na distância.

Harry escolheu vieiras e trutas da Tasmânia, Andrew um peixe chato australiano que Harry, obviamente, nunca tinha ouvido falar. Andrew pediu uma garrafa de Chardonnay Rosemount, "completamente errado para esta refeição, mas é branco, é bom e se encaixava no orçamento", e ficou um pouco surpreso quando Harry disse que não bebia.

"Religião?"

"Não, nada disso", disse Harry.

O Doyle's era um antigo restaurante de gerência familiar e considerado um dos melhores de Sydney, Andrew informou Harry. Era época de pico e estava lotado até o teto e Harry presumiu que essa foi a razão de ser tão difícil conseguir contato visual com os garçons.

"Os garçons aqui são como o Planeta Plutão", disse Andrew. "Eles orbitam na periferia, apenas fazendo uma aparição a cada 20 anos, e mesmo assim são impossíveis de se vislumbrar a olho nu".

Harry não devia mostrar qualquer sinal de indignação e então se recostou na cadeira com um suspiro de satisfação. "Mas eles têm excelente comida", disse ele. "Então isso justifica a demora".

"Sim e não. Como você pode ver, aqui não é exatamente um local formal. Mas é melhor eu não usar jeans e camiseta em lugares como este. Por causa da minha aparência eu tenho que fazer um esforço extra."

"O que você quer dizer"?

Andrew olhou para Harry. "Aborígenes não têm estatuto muito elevado neste país, como você já pode, talvez, constatar. Anos atrás, o Inglês escreveu para casa dizendo que os nativos tinham uma fraqueza pelo o álcool e crimes contra a propriedade".

Harry ouviu com interesse.

"Eles pensaram que era devido aos nossos genes. 'Eles só eram bons para fazer um barulho infernal soprando através de longos tubos de madeira oca, que eles chamam didgeridoos', escreveu um deles. Bem, este país se gaba de que conseguiu integrar várias culturas em uma sociedade coesa. Mas coesa para quem? O problema, ou a vantagem, de acordo com o ponto de vista dos brancos, é que os nativos não são muito *vistos*".

"Nós aborígenes somos muito bons quando totalmente ausentes da vida social na Austrália, apartados dos debates políticos que afetam interesses e cultura indígenas. Os australianos pagam muito bem para ter Arte Aborígene pendurada nas paredes de suas casas. No entanto, nós, os "negões" estamos bem representados nas filas de desempregados, nas estatísticas de suicídio e nas prisões. Se você é aborígene as chances de acabar na prisão são vinte e seis vezes maiores do que para qualquer outro australiano. Mastigue isso, Harry Holy."

Andrew bebeu o resto do vinho, enquanto Harry mastigava isso. Além do mais ele provavelmente acabara de comer o melhor prato de peixe em seus trinta e dois anos.

"No entanto a Austrália não é mais racista do que qualquer outro país. Afinal, somos uma nação multicultural com pessoas de todo o mundo vivendo aqui. Significa apenas que vestir um terno sempre que você vai a um restaurante vale a pena".

Harry concordou com a cabeça novamente. Não havia mais nada a dizer sobre o assunto.

"Inger Holter trabalhava em um bar, não é?"

"Sim. No The Albury na Oxford Street, Paddington. Eu pensei que nós poderíamos caminhar até lá esta noite."

"Por que não agora?" Harry estava começando a ficar impaciente com todo aquele lazer.

"Porque, primeiro, temos de dizer olá ao seu senhorio".

Plutão apareceu espontaneamente no firmamento.

() Trocadilho intraduzível: 'Double Bay' significa Baía Dupla e 'Double Pay' significa Pagamento em Dobro.*

Um Diabo da Tasmânia

Glebe Point Road acabou se mostrando uma rua agradável, não muito frenética, onde pequenos e simples, na maioria das vezes, restaurantes étnicos de várias partes do mundo ficavam lado a lado.

“Isto costumava ser o bairro boêmio de Sydney”, explicou Andrew. “Eu morei aqui quando era um estudante nos anos setenta. Você ainda pode encontrar restaurantes típicos veggie para pessoas com a ideia fixa sobre preservação e estilos de vida alternativos, livrarias para lésbicas e coisas assim. Mas os velhos hippies e experimentalistas de LSD se foram. Como Glebe tornou-se um lugar ‘in’ os alugueis subiram - duvido que eu pudesse morar aqui novamente, mesmo com o meu salário de polícia”.

Eles viraram para a direita, indo pela Hereford Street e chegaram ao portão de número 54. Um pequeno animal peludo e preto veio na direção deles, latindo, e revelando uma fileira de minúsculos dentes afiados. O mini-monstro parecia seriamente irritado e tinha uma impressionante semelhança com a imagem de um Diabo da Tasmânia impresso nos guias turísticos. Agressivo e geralmente desagradável tê-lo grudado no seu pescoço, ele parecia dizer. Esta espécie estava quase completamente exterminada, o que Harry sinceramente esperava que fosse verdade. No instante que este espécime lançou-se para eles com as mandíbulas abertas, Andrew ergueu o pé e chutou o animal em pleno voo e ele foi de voleio e ganindo para o mato ao lado da cerca.

Um homem com uma grande barriga que parecia que tinha acabado de acordar estava de pé na porta com uma expressão amarga em seu rosto enquanto eles subiam os degraus.

“O que aconteceu com o cachorro?”

“Está admirando as roseiras,” Andrew informou com um sorriso. “Nós somos da polícia. Delegacia de Homicídios. Sr. Robertson?”

“Sim, sim. O que vocês querem de novo? Eu já lhes disse que eu disse tudo o que sei ”.

“E agora você nos disse que você nos disse que você nos disse . . .” Um longo silêncio pairou no ar enquanto Andrew continuou a sorrir e Harry mudou seu peso de um pé para o outro.

"Desculpas, Sr. Robertson, nós não vamos tentar matá-lo com o nosso charme, mas este é o irmão de Inger Holter e ele gostaria de ver o quarto dela, se isso não for causar muito problema."

A atitude de Robertson mudou dramaticamente.

"Desculpe, eu não sabia . . . Entre!" Ele abriu a porta e foi à frente deles até as escadas.

"Sim, na verdade eu nem sabia que Inger tinha um irmão. Mas agora que você falou é claro que eu posso ver a semelhança familiar."

Atrás dele, Harry virou-se para Andrew e revirou os olhos.

"Inger era uma linda menina e uma inquilina fantástica - na verdade, uma fonte de orgulho para toda a casa e para a vizinhança também, provavelmente." Ele cheirava a cerveja e sua dicção já estava um pouco arrastada.

Não havia sido feita nenhuma tentativa de arrumar o quarto de Inger. Havia roupas, revistas, cinzeiros cheios e garrafas de vinho vazias em todos os lugares.

"Bem . . ., a polícia me disse para não tocar em nada por enquanto."

"Nós entendemos."

"Ela simplesmente não voltou para casa numa noite. Desapareceu no ar."

"Obrigado, Sr. Robertson, nós já lemos a sua declaração."

"Eu lhe disse para não pegar o caminho em volta da Bridge Road e do mercado de peixe, quando ela voltava para casa à noite. É escuro por lá e há um monte de negros e chineses . . ." Ele olhou para Andrew Kensington com horror. "Desculpe, eu não queria . . ."

"Tudo bem. Você pode ir agora, Sr. Robertson."

Robertson desceu as escadas silenciosamente e depois ouviram garrafas tilintando na cozinha.

O quarto tinha uma cama, algumas estantes e uma escrivaninha. Harry olhou em volta e tentou construir uma impressão de Inger Holter. Vitimologia: colocar-se no lugar da vítima. Ele podia apenas se recordar da menina travessa fora da tela de TV com suas boas intenções, seu compromisso juvenil e inocentes olhos azuis.

Ela definitivamente não era um pássaro caseiro. Não havia quadros nas paredes, apenas um cartaz de *Coração Valente* com Mel Gibson - do qual Harry se recordava apenas porque, por alguma razão incompreensível, ele ganhou um Oscar de Melhor Filme. Mau gosto, tanto quanto um filme pode

causar, pensou. E muitos homens. Harry foi um dos que se sentiu pessoalmente decepcionado quando *Mad Max* fez dele uma estrela de Hollywood.

Uma fotografia mostrava Inger sentada em um banco na frente de algumas casas coloridas em estilo *Western-style* com uma gangue de jovens barbudos, de cabelos compridos. Ela estava usando um vestido roxo solto. Seu cabelo loiro caía liso contra o rosto sério e pálido. O jovem cuja mão ela segurava tinha um bebê em seu colo.

Na prateleira havia uma bolsa de tabaco. Alguns livros sobre astrologia e uma máscara de madeira grosseiramente talhada com um nariz longo, curvado como um bico. Harry virou a máscara ao contrário. *Made in Papua Nova Guiné*, informava na etiqueta de preço.

As roupas que não estavam jogadas na cama e no chão estavam penduradas num pequeno armário. Não havia muitas. Algumas blusas de algodão, um casaco gasto e um grande chapéu de palha na prateleira.

Andrew pegou um pacote de papéis de cigarro da gaveta da escrivaninha.

“King Size Smoking Slim. Ela enrolava uns cigarros bem grandes.”

“Vocês encontraram quaisquer tipo de drogas aqui?” Harry perguntou.

Andrew balançou a cabeça e apontou para o papel de cigarro.

“Mas se tivéssemos raspado os cinzeiros eu não me importaria em apostar que teríamos encontrado vestígios de cannabis.”

“Por que não foi feito? O pessoal da Perícia não esteve aqui?”

“Em primeiro lugar, não há nenhuma razão para acreditar que esta era a cena do crime. Em segundo lugar, fumar maconha não é nada fora do normal. Aqui em Nova Gales do Sul, temos uma atitude mais pragmática com relação à maconha do que em alguns outros estados australianos. Eu não descartaria a possibilidade de que o assassinato pudesse ser relacionado com as drogas, mas um cigarro de maconha ou dois é pouco relevante neste contexto. Não podemos saber com certeza se ela usou outras drogas. Há um pequeno mercado de cocaína e drogas sintéticas em movimento no Albury, mas ninguém com quem falamos sobre ela mencionou algo sobre drogas, e não havia nenhum traço nos exames de sangue. De qualquer forma, ela não estava seriamente envolvida. Não havia marcas de agulhas, e nós temos um conhecimento razoável dos usuários hard-core.”

Harry olhou para ele. Andrew pigarreou.

"Essa é a versão oficial, de qualquer maneira. Entretanto, há uma coisa que pensei que você poderia nos ajudar."

Havia uma carta em norueguês. "*Querida Elisabeth*", começava e, obviamente, não foi terminada. Harry passou os olhos pela carta.

Bem, eu estou muito bem, e ainda mais importante, eu estou apaixonada! Claro, ele é tão bonito quanto um deus grego, com longos cabelos castanhos e encaracolados, um vagabundo ousado, com olhos que dizem o que ele já sussurrou: ele quer você agora - neste momento - atrás da parede mais próxima, no banheiro, na mesa, no chão, em qualquer lugar. O nome dele é Evans, ele tem 32 anos, ele já foi casado (surpresa, surpresa) e tem um lindo menino de 18 meses chamado Tom-Tom. No momento ele não tem um emprego, mas vagueia por aí em torno de bicos.

E, sim, eu sei que você pode sentir o cheiro de problemas, e eu prometo não me deixar ser arrastada para baixo. Não por enquanto, pelo menos.

Suficiente sobre Evans. Eu ainda estou trabalhando no Albury. 'Mr Bean' parou de me convidar para sair depois que Evans foi ao bar uma noite, o que pelo menos é um progresso. Mas ele ainda me segue com aqueles olhos viscosos dele. Argh! Na verdade, eu estou começando a ficar cansada deste trabalho, mas eu vou ter que esperar até receber a prorrogação da minha autorização de residência. Eu tive uma conversa com o pessoal da NRK - eles estão planejando uma continuação da série de TV para o próximo outono e posso continuar se eu quiser. Decisões, decisões!

A carta parava por aí.

4

Um Palhaço

"Para onde vamos agora?" Harry perguntou.

"Para o circo! Prometi a um amigo que eu iria aparecer por um dia. E hoje é um dia, não é?"

No Powerhouse uma pequena trupe de circo já tinha começado a apresentação grátis vespertina para um público escasso, mas jovem e entusiasmado. O edifício tinha sido uma estação de energia e uma estação de bondes quando Sydney tinha bondes, Andrew informou. Agora estava funcionando como uma espécie de museu contemporâneo. Uma dupla de meninas com corpos bem atléticos tinha acabado de completar um número de trapézio não muito espetacular, mas tinham recebido uma grande e amigável salva de palmas.

Uma enorme guilhotina foi instalada e um palhaço entrou no palco. Ele estava vestindo um uniforme colorido e um chapéu listrado, obviamente inspirado pela Revolução Francesa. Ele tropeçou e levantou-se com todos os tipos de brincadeiras para total diversão das crianças. Em seguida, outro palhaço entrou no palco usando uma longa peruca branca, e, gradualmente, Harry percebeu que ele estava destinado a ser Luís XVI.

"Por unanimidade de votos, condenado à morte", anunciou o palhaço com o chapéu listrado.

Logo, o homem condenado foi levado para o cadafalso onde ele - ainda para a diversão das crianças - deitou sua cabeça, depois de muito gritar e gritar, no bloco abaixo da lâmina. Houve um breve rufar de tambores, a lâmina caiu e para espanto de todos, Harry incluído, ele cortou a cabeça do monarca com um som que lembrava um golpe de machado na floresta em uma manhã brilhante de inverno. A cabeça, ainda com a peruca, caiu e rolou para dentro de uma cesta. As luzes se apagaram, e quando elas foram acesas novamente, o rei sem cabeça estava no centro da luz colorida de um holofote com a cabeça debaixo do braço. Agora o aplauso das crianças não tinha limites. Em seguida, as luzes se apagaram novamente, e quando reacenderam, toda a trupe estava reunida de mãos dadas e curvando-se, e o espetáculo terminou.

As pessoas derramaram-se em direção à saída, Andrew e Harry foram para os bastidores. No camarim improvisado os artistas já estavam retirando seus trajes e maquiagem.

"Otto, diga oi para um amigo da Noruega," Andrew gritou.

Um rosto se virou. Louis XVI parecia menos majestoso, com make-up manchado pelo rosto e sem sua peruca. "Olá, é Tuka o índio!"

"Harry, este é Otto Rechnagel."

Otto ofereceu sua mão de forma elegante com uma torção no pulso e pareceu indignado quando Harry, um pouco perplexo, apertou-a levemente.

"Sem beijo, bonito?"

"Otto pensa que é uma mulher. Uma mulher de ascendência nobre", disse Andrew, para esclarecer.

"Que Bobagem, Tuka. Otto sabe muito bem que ela é um homem. Você parece confuso, bonito. Você quer verificar por si mesmo?" Otto emitiu uma risada estridente.

Harry sentiu as orelhas esquentarem. Dois cílios falsos tremularam inquisitivos para Andrew.

"Seu amigo fala?"

"Desculpe. Meu nome é Harry . . . ahn . . . Holy. Quadro inteligente ainda há pouco. Fantasias bonitas. Muito . . . realista. E fora do comum."

"O quadro do Louis XVI? Incomum? Pelo contrário. É um velho clássico. Foi apresentado pela primeira vez pela família de palhaços Jandaschewsky apenas duas semanas após a execução real em janeiro de 1793. As pessoas adoraram. As pessoas sempre adoraram execuções públicas. Você sabe quantas reprises do assassinato de Kennedy as emissoras de TV americanas reprisam por ano?"

Harry balançou a cabeça.

Otto olhou para o teto, pensativo. "Um montão de vezes."

"Otto vê a si mesmo como o herdeiro do grande Jandy Jandaschewsky," Andrew acrescentou.

"É mesmo?" Famílias de palhaços famosos não eram uma das especializações de Harry.

"Eu não acho que o seu amigo aqui concorda com a gente, Tuka. A família Jandaschewsky , entende, foi uma trupe itinerante de palhaços musicais que vieram para a Austrália no início do século XX e se estabeleceram aqui. Eles mantiveram suas atividades circenses até quando Jandy morreu em 1971. Vi Jandy pela primeira vez quando eu tinha seis

anos. A partir daquele momento eu sabia o que queria ser. E agora é o que eu sou.”

Otto sorriu um sorriso triste de palhaço através da maquiagem.

"Como é que vocês dois se conhecem?" Harry perguntou. Andrew e Otto trocaram olhares. Harry viu suas bocas se contorcerem e soube que tinha cometido uma gafe.

"Eu quero dizer . . . um policial e um palhaço . . . isso não é exatamente . . ."

"É uma longa história", disse Andrew. "Eu suponho que você poderia dizer que nós crescemos juntos. Otto teria vendido sua mãe por um pedaço da minha bunda, é claro, mas desde uma idade muito jovem, senti uma estranha atração por meninas e todas aquelas horríveis coisas hetero. Deve ter sido alguma coisa a ver com os genes e o ambiente. O que você acha, Otto?"

Andrew riu quando ele se esquivou do tapa de Otto.

"Você não tem estilo, você não tem dinheiro e sua bunda é superestimada", Otto gritou. Harry olhou em volta para os outros da trupe; eles pareciam não se incomodar nem um pouco com o desempenho. Um das trapezistas atléticas mandou uma piscadela encorajadora para eles.

"Harry e eu vamos até o Albury esta noite. Você gostaria de se juntar a nós?"

"Você sabe muito bem que eu nunca mais irei lá, Tuka."

"Já é hora de você superar aquilo, Otto. A vida continua, entende."

"A vida de todo mundo continua, você quer dizer. A minha termina aqui, bem aqui. Quando o amor morre, eu morro."

"Como você quiser."

"Além disso, eu tenho que ir para casa e alimentar Waldorf. Você vai, quem sabe eu vá até lá um pouco mais tarde."

"Vejo você em breve", Harry disse, colocando seus lábios respeitosamente na mão estendida de Otto.

"Ansioso pelo momento, Harry Bonitão."

Uma Sueca

O sol tinha se posto à medida que eles se dirigiam ao longo da Oxford Street em Paddington e estacionaram num pequeno espaço aberto. 'Green Park' informava a placa, mas a grama estava chamuscada de marrom, e o único verde era um pavilhão no meio do parque. Um homem com sangue aborígine em suas veias estava deitado na grama entre as árvores. Suas roupas estavam em farrapos e ele estava tão sujo que parecia mais cinza do que preto. Ao ver Andrew, ele levantou a mão em uma espécie de saudação, mas Andrew o ignorou.

O The Albury estava tão cheio que tiveram que se espremer lá dentro depois de passarem pelas portas de vidro. Harry ficou parado por alguns segundos, observando o cenário à sua frente. A clientela era uma coleção heterogênea, na maioria homens jovens: roqueiros em jeans desbotados, yuppies de terno com o cabelo lustroso, tipos com pretensões artísticas com cavanhaque e champanhe, surfistas loiros e de boa aparência com sorrisos branqueados, e motociclistas - ou bikies como Andrew os chamou - vestidos com couro preto. No centro da sala, num pequeno palco atrás do bar, um show estava em pleno andamento com mulheres seminuas, de pernas longas, vestindo roxo e tops cavados. Elas estavam saltitando e, com bocas amplas e pintadas de vermelho, fazendo mímica de Gloria Gaynor com *'I Will Survive'*. As meninas se revezavam de modo que aquelas que não estavam realizando a performance ofereciam aos clientes piscadelas e flertes ultrajantes.

Harry deu cotoveladas abrindo caminho até o bar e chamou a garçonete.

"Pois não, lourinho", disse a garçonete usando um capacete romano, com uma voz profunda e um sorriso travesso.

"Diga-me, você e eu somos os únicos caras heterossexuais nesta cidade?" Harry perguntou, voltando com uma cerveja e um copo de suco.

"Depois de San Francisco, Sydney tem a maior população gay no mundo", disse Andrew. "O interior australiano não é exatamente conhecido por sua tolerância com a diversidade sexual, por isso não é de estranhar que

todos os alegres meninos agricultores da Austrália queiram vir para Sydney. Não apenas da Austrália, por sinal, há gays de todo o mundo vindo para cá todos os dias”.

Eles foram para outro bar na parte de trás da sala, onde Andrew chamou uma menina atrás do balcão. Ela estava em pé, de costas para eles e tinha o cabelo mais vermelho que Harry já tinha visto. Ela ia até o bolso traseiro de suas calças jeans apertadas, mas insuficiente para esconder a bunda esbelta e os quadris agradavelmente arredondados. Ela se virou e uma fileira de dentes cor de pérola sorriam num rosto fino, radiante, com dois olhos azuis e inúmeras sardas. Que desperdício, se isso não for uma mulher, pensou Harry.

“Lembra-se de mim?” Andrew gritou acima do barulho da Disco Music dos anos 70. “Eu estive antes aqui perguntando sobre Inger. Podemos conversar um pouco?”

A ruiva ficou séria. Ela assentiu com a cabeça, passou uma mensagem para uma das outras meninas e abriu caminho até uma pequena sala de fumantes atrás da cozinha.

“Alguma novidade?”, ela perguntou, e Harry não precisou de mais nada para ser capaz de determinar com alguma certeza que ela falava melhor o sueco do que inglês.

“Eu conheci um velho uma vez,” Harry disse em norueguês. Ela olhou para ele, surpresa. “Ele era o capitão de um barco no Rio Amazonas. Três palavras dele em Português e eu sabia que ele era sueco. Ele viveu lá por 30 anos. E eu não sei falar uma palavra de Português.”

No início, a ruiva pareceu perplexa, mas, em seguida, ela riu. Um trinado de riso alegre que fez Harry se lembrar de alguma ave rara na floresta.

“É realmente tão óbvio?”, ela disse em sueco. Ela tinha uma voz profunda, calma e os rrrs eram vibrados suavemente.

“Entonação”, disse Harry. “Você nunca se livra completamente da entonação.”

“Vocês se conhecem?” Andrew examinou-os com ceticismo.

Harry olhou para a ruiva.

“Não,” ela respondeu.

O que é uma pena, Harry pensou.

O nome da ruiva era Birgitta Enquist. Ela estava na Austrália há quatro anos e trabalhava no Albury há um.

"Claro que nós conversávamos quando estávamos trabalhando, mas eu realmente não tinha qualquer contato próximo com Inger. Mantinha-se reservada na maior parte do tempo. Há um bando de nós que saem juntos e ela ocasionalmente nos acompanhava, mas eu não a conhecia muito bem. Ela tinha acabado de deixar um cara em Newtown, quando começou a trabalhar aqui. O detalhe mais pessoal que eu sei sobre ela é que a relação se tornara muito intensa para ela. Acho que ela precisava de um novo começo".

"Você sabe com quem ela saía?" Andrew perguntou.

"Na verdade não. Como eu disse, nós conversávamos, mas ela nunca me deu um resumo completo de sua vida. Não que eu tenha perguntado. Em outubro ela foi para o norte, Queensland, e, aparentemente, se enturmou com um pessoal de Sydney com quem ela se encontrou. Depois eu acho que ela conheceu um cara de lá - ele veio aqui uma noite. Eu já lhe disse tudo isso antes, porém, não é?", ela disse com um olhar curioso.

"Eu sei, minha querida Miss Enquist, eu só quis trazer o meu colega norueguês aqui para ter um relatório em primeira mão e ver onde Inger trabalhava. Harry Holy é considerado o melhor investigador da Noruega e afinal de contas ele pode ser capaz de colocar o dedo sobre coisas que a polícia de Sydney tenha negligenciado."

Harry foi atacado por um súbito acesso de tosse.

"Quem é Mr Bean?", ele perguntou com uma voz estranha, contraída.

"Mr Bean?" Birgitta os olhou com espanto.

"Alguém que se parecia com o comediante Inglês . . . , Rowan Atkinson, creio."

"Oh, ele!", Disse Birgitta com o mesmo riso do pássaro da floresta.

Eu gosto dele, Harry pensou. Cada vez mais.

"É o Alex, o gerente do bar. Ele não fica aqui até mais tarde."

"Temos razões para acreditar que ele estava interessado em Inger."

"Alex estava de olho em Inger, sim, ele estava. E não apenas em Inger, a maioria das meninas neste bar em um momento ou outro foi submetida a seus esforços desesperados. Fiddler Ray, era como o chamávamos. Foi Inger que veio com Mr Bean. Ele não tem uma vida fácil, coitado . Mais de trinta anos, mora com a mãe e não parece estar indo a lugar nenhum. Mas ele é perfeitamente normal, como um chefe. E bastante inofensivo, se é isso que você está pensando."

"Como você sabe?"

Birgitta deu um tapinha na lateral do nariz. "Ele não tem isso dentro dele."

Harry fingiu fazer anotações no seu bloco.

"Você sabe se ela conheceu alguém que . . . bem, tinha isso dentro dele?"

"Bem, há tantos tipos de cara que aparecem aqui. Nem todos eles são gays, e havia muitos notavam Inger - ela é tão atraente. Era. Mas na da minha cabeça, eu não consigo pensar em ninguém. Houve . . ."

"Sim?"

"Não, nada."

"Eu li no relatório que Inger estava trabalhando aqui na noite em que presumimos que ela foi morta. Você sabe se ela tinha um encontro depois do trabalho ou se ela foi direto para casa?"

"Ela pegou alguns restos na cozinha, disse que eles eram para o vira-lata. Eu sabia que ela não tinha um cachorro, então eu perguntei a ela onde estava indo. Ela disse - prá casa. Isso é tudo que eu sei."

"O diabo da Tasmânia", Harry murmurou. Ela deu-lhe um olhar curioso. "Seu senhorio tem um cachorro", disse ele. "Acho que tinha que ser subornado para que ela pudesse entrar na casa sem perder um pedaço."

Harry agradeceu-lhe por ter falado com eles. Quando estavam prestes a sair, Birgitta disse: "Nós estamos realmente chateados aqui no Albury sobre o que aconteceu. Como seus pais estão enfrentando tudo isto?"

"Não muito bem, imagino", disse Harry. "Eles estão em estado de choque, é claro. E se culpam por deixá-la vir para cá. O caixão será enviado para a Noruega amanhã. Eu posso lhe enviar o endereço, se você quiser mandar flores para o funeral."

"Obrigado. Isso seria muito gentil da sua parte."

Harry estava a ponto de pedir alguma coisa, mas não conseguia fazê-lo com toda a conversa sobre a morte e os funerais. Na saída o sorriso de despedida dela ainda estava queimando em sua retina. Ele sabia que ia permanecer lá por um bom tempo.

"Droga", ele murmurou para si mesmo. "Devo, não devo?"

No clube todos os travestis além de um bom número de outros clientes estavam de pé no balcão imitando Katrina & the Waves. '*Walking on Sunshine*' explodia dos alto falantes.

"Não há muito tempo para tristeza e reflexão num lugar como o Albury," Andrew comentou.

"Suponho que esta é a forma como deve ser", disse Harry. "A vida continua." Ele pediu para Andrew esperar um minuto, voltou para o bar e acenou para Birgitta.

"Desculpe, apenas uma última pergunta."

“Sim?”

Harry respirou fundo. Ele já estava lamentando sua decisão, mas já era tarde demais. "Você conhece um bom restaurante tailandês na cidade?"

Birgitta pensou um pouco. "Mmm, há um em Bent Street, no centro da cidade. Sabe onde fica? Dizem que é muito bom."

"Tão bom que você iria comigo?"

Isso não deu certo, Harry pensou. Além disso, era pouco profissional. Muito pouco profissional, na verdade. Birgitta deu um gemido de desespero, mas o desespero não era tão convincente que Harry não podia ver uma abertura. De qualquer forma, o sorriso ainda estava presente.

"Esta é uma das suas mais frequentes linhas de abordagem, policial?"

"Bastante frequente."

"Funciona?"

"Estatisticamente falando? Realmente não."

Ela riu, inclinou a cabeça e estudou Harry com curiosidade. Então, ela deu de ombros.

"Por que não? Estou livre amanhã. Nove horas. E você paga."

6

Um Bispo

HARRY fixou a luz azul piscante em cima do carro e se posicionou ao volante. O vento soprava através do carro enquanto ele fazia as curvas. A voz de Stiansen. Em seguida, o silêncio. Um poste de cerca torto. Um quarto de hospital, flores. Uma fotografia no corredor, desaparecendo.

Harry sentou-se. O mesmo sonho novamente. Ainda eram só quatro horas da manhã. Ele tentou voltar a dormir, mas sua mente voltou-se para o assassino desconhecido de Inger Holter.

Às seis horas ele achou que devia se levantar. Depois de uma ducha revigorante, ele saiu para um pálido céu azul com um sol matutino ineficaz para encontrar um lugar onde pudesse tomar o café da manhã. Havia um burburinho vindo do centro da cidade, mas a hora do rush matutino ainda não havia atingido as lâmpadas vermelhas e os olhos negros de rímel por aqui. King's Cross tinha um certo charme desleixado, uma beleza fulgurante que o fez cantarolar enquanto caminhava. Além de alguns retardatários, aves noturnas ligeiramente atordoadas, um casal dormindo debaixo de um tapete e uma prostituta pouco vestida e abatida no seu fim de turno, as ruas estavam vazias no momento.

Na calçada do Coffee Shop o proprietário abaixou a mangueira e Harry sorriu e entrou para fazer um desjejum de improviso. Enquanto ele comia sua torrada com bacon, uma brisa atrevida tentou fazer seu guardanapo esvoaçar.

"**Você está** madrugando, Holy", disse McCormack. "É bom. O cérebro funciona melhor entre seis e meia e onze horas. Depois disso, é embromação, se você quer saber. É muito quieto e tranquilo aqui na parte da manhã. Mal posso somar dois e dois com a barulheira depois das nove. Você pode? Meu filho diz que o aparelho de som tem que estar ligado para ele poder fazer a lição de casa. Ele fica muito distraído se o ambiente estiver muito silencioso. Você consegue entender isso?"

"Bem ..."

"De qualquer forma, ontem eu tomei coragem e mandei-o desligar a maldita da máquina. 'Eu preciso do som para pensar!' ele me gritou. Eu

disse que ele teria que ler como gente normal. 'As pessoas são diferentes, pai', disse ele, irritado. Sim, ele está nessa idade, você me entende?"

McCormack fez uma pausa e olhou para uma fotografia sobre a mesa.

"Você tem filhos, Holy? Não? Às vezes me pergunto que diabos eu fiz. Por acaso, em qual buraco de rato eles te alojaram?"

"Crescent Hotel em King's Cross, senhor."

"King's Cross, OK. Você não é o primeiro Norueguês que fica lá. Alguns anos atrás, tivemos uma visita oficial do Bispo da Noruega, ou alguém assim, não me lembro do nome dele. De qualquer forma, sua equipe em Oslo tinha reservado um quarto para ele no King's Cross Hotel. Talvez porque o nome tivesse alguma conotação bíblica ou qualquer coisa assim. Quando o bispo chegou com sua comitiva uma das prostitutas experientes viu o colarinho clerical e sussurrou para ele algumas sugestões maliciosas. Acho que o bispo cancelou a reserva antes mesmo dos carregadores levarem as malas até os elevadores..."

McCormack riu tanto que havia lágrimas em seus olhos.

"Bem, Holy, o que podemos fazer por você hoje?"

"Eu estava me perguntando se eu poderia ver o corpo de Inger Holter antes de ser enviado para a Noruega, senhor."

"Kensington pode levá-lo até o necrotério, quando ele chegar. Mas você tem uma cópia do relatório da autópsia, não tem?"

"Sim, senhor, eu só..."

"Você só?"

"Penso melhor com o corpo na minha frente, senhor."

McCormack virou-se para a janela e murmurou algo que Harry interpretou como 'certo'.

A temperatura no porão do South Sydney Morgue estava em oito graus, muito abaixo dos vinte e oito graus na rua.

"Algum detalhe?" perguntou Andrew. Ele estremeceu e puxou o paletó em torno do pescoço.

"Não", Harry disse, olhando para os restos mortais de Inger Holter. Seu rosto tinha sobrevivido à queda relativamente bem. Num dos lados a narina tinha sido rasgada e a maçã do rosto tinha um buraco profundo, mas não havia dúvida de que aquele rosto de cera pertencia a mesma garota com o sorriso radiante na fotografia do relatório policial. Havia marcas pretas ao redor do pescoço. O resto do corpo estava coberto de hematomas, feridas e alguns cortes profundos. Em um deles, você podia ver o osso branco.

“Os pais queriam ver as fotos. O embaixador norueguês explicou que era desaconselhável, mas o advogado insistiu. Uma mãe não deve ter que ver a filha assim.” Andrew balançou a cabeça.

Harry estudou o ferimento no pescoço com uma lupa.

“Quem estrangulou usou as próprias mãos. É difícil matar alguém assim. O assassino devia ser muito forte ou devia estar muito motivado.”

“Ou ter feito isso várias vezes antes.”

Harry olhou para Andrew.

“O que você quer dizer com isso?”

“Ela não tinha fragmentos de pele sob as unhas, ela não tinha fios de cabelo do assassino em suas roupas e seus dedos não estão esfolados. Ela foi morta de forma rápida e eficiente e ela nunca teve a oportunidade de iniciar uma luta.”

“Faz você se lembrar de algo que você já viu antes?”

Andrew deu de ombros. “Depois de você ter trabalhado neste negócio tempo suficiente todos os assassinatos trazem recordações de algo que você já viu antes.”

Não, Harry pensou. É o contrário. Trabalhe o tempo suficiente e você vê as pequenas nuances de cada assassinato, encontra detalhes que distinguem um do outro e fazem cada um ser único.

Andrew olhou para o relógio. “A reunião da manhã começa em meia hora. É melhor começarmos a nos mexer.”

O líder da unidade de investigação era Larry Watkins, um detetive com formação jurídica, com uma curva de promoção rápida entre as fileiras. Ele tinha lábios finos, cabelo ralo e falava de modo rápido e eficiente, sem entonação ou adjetivos desnecessários.

“Ou filtros sociais”, Andrew disse, sem medir suas palavras. “Um investigador muito capaz, mas ele não é a pessoa que você pediria para falar com os pais depois que sua filha foi encontrada morta. Ele começa a xingar quando está estressado”, acrescentou.

O braço direito de Watkins era Sergey Lebie, um iugoslavo careca e bem vestido, com um cavanhaque preto, que o fazia parecer com Mefisto de terno. Andrew comentou que era geralmente cético em relação a homens que eram tão exigentes com a sua aparência.

“Mas Lebie não é realmente um pavão, apenas muito meticuloso. Entre outras coisas, ele tem o hábito de estudar as unhas quando alguém fala com ele, mas ele não se mostra arrogante. E então ele limpa os sapatos depois da

pausa para o almoço. Não espere que ele vá falar muito, não sobre si mesmo ou qualquer outra coisa.”

O mais novo membro da equipe era Yong Sue, um sujeito pequeno e magro, simpático, que sempre mostrava um sorriso acima do seu pescoço de pássaro. A família de Yong Sue tinha vindo da China para a Austrália há trinta anos. Dez anos atrás, quando Yong Sue tinha dezenove anos, seus pais voltaram para a China para uma visita. Eles nunca mais foram vistos. O avô contou que o filho tinha se envolvido em "algo político", mas ele não deu maiores detalhes. Yong Sue nunca descobriu o que aconteceu. Agora ele sustentava seus avós e suas duas irmãs mais novas, trabalhava doze horas por dia e sorria durante pelo menos dez delas. "Se você tem uma piada de mau gosto, conte para ele. Ele ri de absolutamente tudo", Andrew lhe disse. Agora estavam todos reunidos em uma pequena sala estreita com um ventilador barulhento no canto que deveria fornecer algum movimento de ar. Watkins estava junto ao quadro negro na frente deles e apresentou Harry para os outros.

“Nosso colega norueguês traduziu a carta que encontramos no quarto de Inger. Qualquer coisa interessante que você pode nos dizer sobre isso, Hole?”

"Hô- Li."

"Desculpe Holy."

"Bem, ela obviamente tinha acabado de iniciar um relacionamento com alguém chamado Evans, pelo que diz a carta. Há boas razões para supor que é a mão dele que ela está segurando na foto que está em cima da mesa."

"Checamos", disse Lebie. "Achamos que ele é um tal de Evans White."

"E então?" Watkins levantou uma sobrancelha fina.

"Nós não temos muito sobre ele. Seus pais vieram dos EUA no final dos anos sessenta e receberam uma autorização de residência. Não era difícil naquela época," Lebie informou num tom de esclarecimento. "De qualquer forma, eles viajaram pelo país em um trailer VW, provavelmente sobrevivendo de dieta vegetariana, maconha e LSD, o que era normal na época. Eles tiveram um filho, se divorciaram e, quando Evans tinha dezoito anos o pai voltou para os EUA. A mãe se especializou em curas, Cientologia e todos os vários tipos de misticismo espiritual. Ela vive num lugar chamado Crystal Castle em um rancho perto de Byron Bay. Lá ela vende pedras de karma e lixo importado da Tailândia para os turistas e médiuns. Quando Evans fez dezoito anos, ele decidiu fazer o que um número crescente de jovens australianos faziam", disse ele, virando-se para Harry: "Nada".

Andrew inclinou-se e murmurou em voz baixa: "A Austrália é perfeita para aqueles que querem viajar, fazer um pouco de surf e aproveitar a vida à custa do contribuinte. Boa Política Social e clima ótimo. Vivemos num país maravilhoso." Ele se inclinou para trás.

"No momento ele não tem domicílio fixo, Lebie continuou, mas pensamos que até recentemente ele estava morando em um barraco na periferia da cidade, com o lixo branco de Sydney. Aqueles com quem falamos disseram que ele não tem sido visto por lá há um bom tempo. Ele nunca foi preso. Então, eu receio que a única foto que temos dele é uma de quando tinha treze anos, quando ele recebeu seu passaporte."

"Estou impressionado", disse Harry, sem qualquer dissimulação. "Como é que você consegue encontrar um cara sem uma foto e um nome cristão entre uma população de dezoito milhões em um tempo tão curto?"

Lebie acenou para Andrew.

"Andrew reconheceu o lugar da foto. Nós enviamos uma cópia por fax para a delegacia de polícia local e eles retornaram com este nome. Dizem que ele tem um papel no meio local. Traduzido, isso significa que ele é um dos reis dos maconheiros."

"Deve ser um lugar muito pequeno", disse Harry.

"Nimbin, tem pouco mais de mil habitantes", Andrew informou. "Em geral os habitantes viviam da produção de produtos lácteos até que a União Nacional dos Estudantes da Austrália resolveu organizar o que eles chamaram de Festival Aquarius por lá em 1973."

Risos ondularam ao redor da mesa.

"O festival foi realmente sobre idealismo, estilos de vida alternativos, retorno à natureza e esse tipo de coisa. Os jornais focaram nos jovens usando drogas e fazendo sexo desenfreado. O festival durou mais de dez dias e, para alguns, nunca mais parou. As condições de crescimento ao redor de Nimbin são boas. Principalmente devido ao sol. Deixe-me colocar desta forma: Eu duvido que os produtos lácteos serão o negócio mais importante lá por muito mais tempo. Na rua principal, a cinquenta metros da delegacia de polícia local, você vai encontrar o mercado de maconha mais aberto da Austrália. E o mercado de LSD também, sinto muito ter que dizer."

"Em todo o caso", disse Lebie, "ele foi visto em Nimbin recentemente, de acordo com a polícia."

"Na verdade, o primeiro-ministro de Nova Gales do Sul está prestes a lançar uma campanha lá", Watkins interrompeu. "O governo federal

aparentemente está pressionando para que algo seja feito para acabar com o comércio florescente de entorpecentes.”

“Isso é verdade”, disse Lebie. “Os policiais estão usando aeronaves de reconhecimento e helicópteros para tirar fotos dos campos onde eles estão plantando cânhamo.”

“OK”, disse Watkins. “Nós vamos ter que pegar esse cara. Kensington, você obviamente sabe o caminho para lá, e você, Holy, suponho que você não se oporia a conhecer um pouco mais da Austrália. Vou pedir para McCormack ligar para que o pessoal de Nimbin saiba que vocês estão a caminho.”

Lithgow

Eles misturaram-se com os turistas e pegaram o trem para Darling Harbour, desceram em Harbourside e encontraram uma mesa ao ar livre com vista para o cais.

Um par de pernas longas sustentadas por uns sapatos de salto altíssimos passou como se estivesse numa passarela. Andrew revirou os olhos e assobiou de um modo muito incorretamente político. Um par de cabeças no restaurante virou-se e olharam irritados. Harry balançou a cabeça.

“Como está o seu amigo Otto?”

“Bem, ele está arrasado. Ele foi trocado por uma mulher. Se seus amantes são bi eles sempre acabam com uma mulher, ele diz. Mas ele vai sobreviver novamente, como sempre.”

Para sua surpresa, Harry sentiu alguns pingos de chuva, e com certeza, a cobertura de nuvens pesadas tinha vindo do noroeste, quase sem que ele percebesse.

“Como é que você reconheceu aquela área de Nimbin com apenas uma foto da frente de uma casa?”

“Nimbin? Eu me esqueci de te dizer que eu sou um velho hippie” Andrew sorriu. “Dizem que qualquer um que pode se lembrar do Festival Aquarius certamente não esteve lá. Bem, eu me lembro das casas da rua principal, pelo menos. Parecia uma cidade fora da lei do Meio Oeste, pintada em amarelo e roxo psicodélico. Bem, para dizer a verdade, eu pensei que o amarelo e roxo tinha sido o resultado de ter tomado determinadas substâncias. Até que eu vi a foto no quarto de Inger.”

Quando retornaram do almoço Watkins convocou outra reunião. Yong Sue tinha desenterrado alguns casos interessantes no seu computador.

“Eu já passei por todos os casos de assassinato não resolvidos em Nova Gales do Sul ao longo dos últimos dez anos e encontrei quatro casos que têm semelhanças com este. Os corpos são encontrados em lugares pouco frequentados, dois em aterros sanitários, um em uma estrada à beira de uma floresta e um flutuando no Darling River. As mulheres foram

provavelmente mortas e abusadas sexualmente em outro lugar e, em seguida, despejadas. E crucialmente - todas elas foram estranguladas e tinham hematomas no pescoço provocados por dedos” Yong Sue sorriu.

Watkins pigarreou. “Vamos com calma pessoal. Afinal, estrangulamento não é um modo tão incomum de matar depois do estupro. Qual é a distribuição geográfica, Yong Sue? O Darling River está na porra do interior, mais de mil quilômetros de Sydney.”

“Sem sorte, senhor. Eu não encontrei nenhum padrão geográfico.” Yong Sue parecia realmente arrependido.

“Bem, quatro mulheres estranguladas espalhadas por todo o estado ao longo de um período de dez anos não é muito para . . .”

“Só mais uma coisa, senhor. Todas as mulheres eram loiras. Quero dizer, não o cabelo loiro, mas cabelos bem claros, quase brancos.”

Lebie lançou um assobio silencioso. Todos na mesa ficaram em silêncio.

Watkins ainda estava olhando ceticamente. “Você pode levantar números sobre isso, Yong? De uma olhada sobre a significância estatística e tudo isso, descubra se as probabilidades estão dentro de limites razoáveis, antes de sairmos a campo. Para termos mais informações, talvez você deva verificar por toda a Austrália. E incluir os estupros não resolvidos. Quem sabe podemos desenterrar alguma coisa disso tudo.”

“Isso vai levar um pouco de tempo. Mas vou tentar senhor.” Yong sorriu novamente.

“OK. Kensington e Holy, por que ainda não estão a caminho de Nimbin?”

“Nós vamos amanhã de manhã cedo, senhor”, disse Andrew. “Houve um caso de estupro recente em Lithgow que eu gostaria de investigar primeiro. Tenho a sensação de que pode haver uma conexão. Nós estávamos indo para lá agora.”

Watkins fez uma careta. “Lithgow? Estamos tentando trabalhar como uma equipe, Kensington. Isso significa que vamos discutir e coordenar e não vaguear por aí por conta própria. Que eu saiba, nunca falei sobre quaisquer casos de estupro em Lithgow.”

“Apenas um palpite, senhor.”

Watkins suspirou. “Bem, McCormack parece acreditar que você tem uma espécie de sexto sentido.”

“Nós, os negros, temos um contato mais próximo com o mundo espiritual do que vocês brancos, você entende, não é senhor.”

“No meu departamento não baseamos o nosso trabalho de polícia nesse tipo de coisa, Kensington.”

“Uma piada, senhor. Eu tenho estado tratando com seriedade este caso.”
Watkins balançou a cabeça. “Estejam no avião amanhã bem cedo, OK?”

Eles tomaram a estrada de Sydney. Lithgow é uma cidade industrial de 10 a 12000 habitantes, mas parecia mais como uma aldeia de tamanho médio para Harry. Em frente da delegacia havia uma luz azul piscando pregada em cima de um poste.

O chefe os recebeu calorosamente. Ele era um tipo com excesso de peso, jovial com uma pilha de papadas e atendia pelo nome de Larsen. Parentes distantes na Noruega.

“Você conhece algum dos Larsen noruegueses, cara?”, perguntou ele.

“Bem, há um bom número deles,” Harry respondeu.

“Sim, eu ouvi meu avo dizer que temos um monte de parentes por lá.”

“Pode ter certeza que tem.”

Larsen se lembrou do caso de estupro, facilmente.

“Felizmente, isso não acontece com tanta frequência aqui em Lithgow. Foi no início de novembro. Ela foi atacada numa área do subúrbio enquanto voltava para casa depois do turno da noite na fábrica onde trabalhava, foi colocada em um carro e levada. Ele a ameaçou com uma faca, levou-a até uma estrada isolada na floresta no sopé das Blue Mountains, onde foi estuprada no banco de trás. O estuprador estava com as mãos em volta do pescoço dela e estava apertando quando um carro buzinou atrás deles. O motorista estava a caminho de sua cabana e pensou que tinha surpreendido um casal transando na estrada deserta, e por essa razão não saíram do caminho. Quando o estuprador foi para o banco da frente para ligar o carro, a mulher conseguiu sair pela porta traseira e correu para o outro carro. O estuprador sabendo que o jogo estava perdido pisou fundo no acelerador e fugiu.”

“Algum deles anotou o número da placa?”

“Não, estava escuro e tudo aconteceu muito rápido.”

“Será que a mulher conseguiu olhar bem para o homem? Você conseguiu uma descrição?”

“Claro. Bem, mais ou menos. Como eu disse, estava escuro.”

“Nós temos uma foto. Você tem o endereço da mulher?”

Larsen foi até o arquivo e começou a folhear. Ele estava respirando pesadamente.

"Ah," Harry começou, "você sabe se ela é loira?"

"Loira?"

"Sim, de cabelos claros, quase brancos."

As papadas de Larsen começaram a balançar enquanto ele respirava ainda mais dificilmente. Harry percebeu que ele estava rindo.

"Acho que não, cara. Ela é uma Koori."

Harry procurou o rosto de Andrew.

Andrew olhou para o teto. "Ela é preta", disse ele.

"Como o carvão", disse Larsen.

"**Então** Koori é uma tribo, não é?" Harry perguntou enquanto eles estavam indo embora da estação de polícia.

"Bem, não exatamente", disse Andrew.

"Não é bem assim?"

"É uma longa história, mas quando os brancos vieram para a Austrália, havia 750 mil indígenas australianos espalhados entre muitas tribos. Eles falavam mais de 250 línguas, várias delas tão diferentes quanto o Inglês e Chinês. Muitas tribos estão agora extintas. Como a estrutura tribal tradicional desabou, povos indígenas começaram a usar termos mais gerais. Os grupos indígenas que vivem aqui no Sudeste são chamados Kooris."

"Mas por que diabos você não verificou se ela era loira antes?"

"Um deslize. Devo ter lido mal. Os computadores não piscam na Noruega?"

"Droga, Andrew, não temos tempo a perder com esses chutes de longa distância."

"Sim, nós temos. E nós temos tempo para algo que vai melhorar o seu humor também", disse Andrew, de repente virando à direita.

"Para onde vamos?"

"Para uma Feira Agrícola australiana, uma verdadeira."

"Uma Feira Agrícola? Eu tenho um jantar, Andrew."

"Oh? Com a Miss Suécia, presumo? Relaxe, isso tomará pouco tempo. Por falar nisso, eu imagino que você, como um representante das autoridades legais, está ciente das consequências de ter um relacionamento com uma testemunha em potencial?"

"Este jantar faz parte da investigação. Isso é evidente. Serão feitas perguntas importantes."

"Claro"

Um Boxeador

A Praça do Mercado ficava numa larga área livre com alguns edifícios fabris dispersos, garagens e oficinas como únicos vizinhos. A bateria final da corrida de tratores tinha acabado e os gases de escape ainda pairavam grossos sobre a área, e então eles chegaram defronte de uma grande tenda. O mercado zumbia com a atividade, das barracas vinham chamados e gritos e todo mundo parecia ter um copo de cerveja na mão e um sorriso no rosto.

"Festa e comércio em esplêndida união", disse Andrew. "Suponho que vocês não tenham algo assim na Noruega."

"Bem, nós temos mercados. Eles são chamados de *markeder*."

"Maaar ..." Andrew ensaiou.

"Esquece."

Na frente da barraca havia alguns cartazes enormes proclamando "The Jim Chivers Boxing Team" em grandes letras vermelhas. Abaixo havia fotos dos dez pugilistas que obviamente compunham a equipe. Nome, idade, local de nascimento e o peso de cada um estava listado também. Na parte inferior estava escrito: 'O Desafio. Você está pronto para isto?'

No interior, os jovens faziam fila em frente a uma mesa para assinar um pedaço de papel.

"O que está acontecendo?" perguntou Harry.

"São jovens da área, que vão tentar derrotar alguns dos pugilistas de Jimmy. Se eles conseguirem, haverá grandes recompensas, e ainda o mais importante, a honra local e a fama. Agora eles estão assinando uma declaração que eles estão em forma e saudáveis e concordam que o agenciador não vai assumir qualquer responsabilidade por qualquer deterioração repentina nas suas condições físicas", explicou Andrew.

"Nossa, isso é legal?"

"Bem ..." Andrew hesitou. "Houve uma espécie de proibição em 1971, por isso eles tiveram que alterar o procedimento um pouquinho. O Jim Chivers original liderou, após a Segunda Guerra Mundial, uma equipe de boxe que viajou ao redor de todo o país em comícios e feiras. Muitos daqueles que se tornaram campeões de boxe foram da equipe de Jimmy. Havia sempre uma variedade de nacionalidades - chineses, italianos, gregos.

E aborígines. Naqueles dias, os voluntários podiam escolher quem eles queriam enfrentar. Assim, por exemplo, se você fosse um antissemita, você poderia escolher um judeu. Mesmo que as chances de ser espancado por um judeu fossem bastante elevadas."

Harry riu. "Isso não tinha como consequência apenas insuflar o racismo?"

"Talvez. Talvez não. Os australianos estão acostumados a viver com diferentes culturas e raças, mas há sempre algum atrito. E então é melhor ter uma briga no ringue do que nas ruas. Um cara aborígine na equipe de Jimmy que fosse bem sucedido seria um herói seja lá de onde ele viesse. Ele criou um pequeno sentimento de solidariedade e honra acima de toda a humilhação. Eu não acho que ele alargou o abismo entre as raças, também. Se os meninos brancos levavam uma surra de um menino negro isto gerava mais respeito do que ódio. Os australianos são bastante esportivos nessa questão."

"Você soa como um caipira totalmente engajado politicamente."

Andrew riu. "Quase, eu sou um ocker. Um cara caipira e incivilizado do interior."

"Você não é."

Andrew riu ainda mais alto.

A primeira luta começou. Um cara baixo, compacto e com cabelos ruivos com suas próprias luvas e sua própria turma de apoio contra um homem muito menor da equipe Chivers.

"Mick contra Mick" (*), disse Andrew com uma expressão experiente.

"Seu sexto sentido?" Harry perguntou.

Dos meus dois olhos. Cabelo vermelho, é muito irlandês. Sujeitos com uma resistência dos diabos. Esta vai ser uma luta dura.

"Vai, Johnny, vai-vai-vai!" A turma gritava.

Eles conseguiram fazer mais dois coros antes da luta terminar. Até que Johnny tomou três socos no nariz e não quis ir em frente.

"Os irlandeses já não são mais como eram antes", Andrew suspirou.

Os alto-falantes estalaram, e o Apresentador introduziu Robin 'The Murri' Toowoomba da equipe Chivers e Bobby 'The Lobby' Pain, um gigante local, que entrou no ringue com um salto por cima das cordas e um rugido. Ele tirou sua camiseta e revelou um poderoso peito peludo e bíceps protuberantes. Uma mulher vestida de branco estava pulando para cima e para baixo perto do ringue, e Bobby soprou-lhe um beijo antes de dois assistentes amarrarem suas luvas de boxe. A plateia começou a zumbir

quando Toowoomba se esgueirou por entre as cordas. Ele tinha uma postura ereta, incrivelmente negro e de boa aparência.

"Murri?" Perguntou Harry.

"Aborígene de Queensland."

A gangue de Johnny se agitou quando eles perceberam que poderiam usar 'Bobby' nos seus refrões agora. O gongo soou e os dois pugilistas se aproximaram um do outro. O homem branco era maior, quase uma cabeça mais alto do que o seu adversário negro, mas mesmo para um olho destreinado, era fácil ver que ele não se movia com a elegância dos pés ágeis do Murri.

Bobby avançou e lançou um míssil de um soco em Toowoomba, que balançou para trás, para evitá-lo. O público gemeu e a mulher de branco gritou encorajando. Bobby socou o ar um par de vezes antes que Toowoomba deslizesse e colocasse um cuidadoso soco de direita no rosto do Bobby. Bobby cambaleou dois passos e parecia que seria o fim para ele.

"Eu deveria ter colocado duzentos nele," Andrew comentou.

Toowoomba circulou Bobby, jogou um par de jabs e oscilou de volta com a mesma facilidade quando Bobby atirou os braços como se fossem toras. Bobby estava ofegante e gritando de frustração enquanto Toowoomba nunca parecia estar no lugar onde tinha estado um momento antes. O público começou a assobiar. Toowoomba levantou a mão como se estivesse em saudação, em seguida, enterrou-a no estômago de Bobby. Ele se dobrou e ficou dobrado no canto do ringue. Toowoomba recuou alguns passos e pareceu preocupado.

"Acabe com ele, seu bastardo negro!" Andrew gritou. Toowoomba demonstrou surpresa, sorriu e acenou com a mão sobre sua cabeça.

"Não fique aí sorrindo, faça o seu trabalho, você é um idiota! Eu coloquei dinheiro em você."

Toowoomba virou-se para acabar com a coisa de uma vez, mas quando ele estava prestes a dar o golpe de misericórdia em Bobby, o gongo soou. Os dois pugilistas se aproximaram de seus cantos e o apresentador pegou o microfone. A mulher de branco já estava no canto de Bobby e dando-lhe uma bronca, enquanto um de seus assistentes passou-lhe uma garrafa de cerveja.

Andrew estava irritado. "Robin não quer machucar o branquelo, quer ser ético demais. Mas ele deve respeitar o fato de que eu coloquei dinheiro em cima dele, o desgraçado inútil."

"Você o conhece?"

"Sim, eu conheço Robin Toowoomba", disse Andrew.

O gongo tocou novamente e desta vez Bobby ficou esperando por Toowoomba no canto, que se aproximou em marcha decidida. Bobby estava segurando seus braços para o alto para proteger a cabeça e Toowoomba disparou um soco no corpo. Bobby desabou para trás, contra a corda. Toowoomba se virou e olhou suplicante para o apresentador - que também estava atuando como uma espécie de árbitro - para fazê-lo parar a luta.

Andrew gritou novamente, mas tarde demais.

O soco de Bobby arremessou Toowoomba, voando, e ele bateu no piso com um baque. Quando ele ficou de pé titubeante e atordoado, Bobby foi para cima dele como um furacão. Os golpes vieram diretos e verdadeiros, e a cabeça de Toowoomba foi golpeada para lá e para cá como uma bola de pingue-pongue. Uma faixa fina de sangue saía de uma narina.

“Droga! Um desonesto!” Andrew gritou. “Maldição, Robin, você foi derrubado por esse sujeito.”

Toowoomba estava com as mãos na frente do rosto e foi recuando enquanto Bobby ia atrás dele. O braço esquerdo de Bobby estava bombeando por dentro e por fora, seguido por socos poderosos e uppercuts certos. A multidão estava em êxtase. A mulher de branco estava de pé novamente, gritando a primeira sílaba de seu nome e segurando a vogal em um tom longo e estridente: “Boooo...”

O apresentador balançou a cabeça enquanto a gangue de torcedores rapidamente começou seu novo coro: “Vai, Bobby, vai-vai-vai, Bobby - é - o bom!”

“É isso. Acabou”, disse Andrew, desanimado.

“Toowoomba vai perder?”

“Você está louco? Toowoomba vai matar o desgraçado. Eu esperava que hoje ele não fosse cruel demais.”

Harry se concentrou, para tentar ver o que Andrew estava vendo. Toowoomba tinha caído de costas nas cordas; ele parecia quase relaxado enquanto Bobby martelava seu abdômen. Por um momento Harry pensou Toowoomba está indo dormir. A mulher de branco puxava as cordas por trás do Murri. Bobby mudou de tática e passou para a cabeça, mas Toowoomba evitava os socos, movendo seu corpo para frente e para trás com gingado preguiçoso e lento. Quase como uma serpente, Harry pensou, como uma...

Naja!

Bobby ficou enrijecido logo após o soco. Sua cabeça estava meio virada para a esquerda, com uma expressão que sugeria que ele tivesse acabado de se lembrar de algo, então seus olhos se reviraram, o protetor de boca

escorregou e o sangue jorrou em um fino jato de um pequeno orifício na ponta do nariz, onde o osso foi quebrado. Toowoomba esperou até Bobby cair para a frente antes de bater novamente. A plateia ficou silenciosa, e Harry ouviu o terrível som quando o golpe atingiu o nariz de Bobby pela segunda vez, e a voz da mulher enquanto ela gritava o que restava do seu nome:

“... bbyyyyy!”

Um jato pulverizado composto de suor e sangue voou da cara de Bobby e regou o canto do ringue.

O apresentador se aproximou para sinalizar, de forma redundante, que a luta tinha terminado. O ambiente permaneceu em silêncio, apenas o barulho da mulher de branco enquanto corria pelo corredor central e saía da tenda. Seu vestido estava sujo na frente, e ela tinha a mesma expressão de surpresa de Bobby.

Toowoomba tentou colocar Bobby em pé, mas os dois assistentes o empurraram. Houve aplausos dispersos, mas desapareceram. Os assobios aumentaram quando o apresentador aproximou-se e levantou a mão de Toowoomba no ar. Andrew balançou a cabeça.

"Devem ter sido poucos os caras que colocaram seu dinheiro no campeão local hoje," disse ele. "idiotas! Vamos, vamos recolher o nosso dinheiro e trocar algumas palavras sérias com este Murri estúpido!"

“Robin, seu bastardo. Você deveria ser preso - e é isso mesmo que eu quero dizer!”

O rosto de Robin ‘Murri’ Toowoomba se iluminou com um grande sorriso. Ele estava segurando uma toalha enrolada com gelo sobre um olho.

“Tuka! Eu podia ouvi-lo lá fora. Você voltou pros jogos de azar de novo?” Toowoomba falou numa voz baixa. Um homem que está acostumado a ser ouvido, Harry pensou instantaneamente. O som era agradável e suave, não como alguém que tinha acabado com o nariz de um homem com quase o dobro do seu tamanho.

Andrew bufou. “Azar? Nos meus velhos tempos apostar dinheiro num garoto de Chivers nunca poderia ser chamado de jogos de azar. Mas agora eu suponho que nada mais é como antes. Fingindo que está sendo dominado por um brutamonte caipira branquelo de merda. Onde tudo isso vai acabar?”

Harry limpou a garganta.

“Oh, sim, Robin, diga olá para um amigo meu. Este é Harry Holy. Harry, este é o pior bandido e sádico de Queensland, Robin Toowoomba.” Eles

apertaram as mãos e Harry sentiu como se sua mão tivesse sido presa numa porta. Ele gemeu um “Como vai você?” e recebeu um “absolutamente magnífico, cara - como vai você?” e um sorriso reluzente como resposta.

“Nunca estive melhor,” Harry disse, massageando sua mão.

Estes apertos de mão australianos estavam minando ele. De acordo com Andrew, era importante para dizer como inimaginavelmente bem as coisas estavam indo; um morno “bem, obrigado” poderia ser interpretado como muito frio.

Toowoomba apontou o polegar para Andrew. “Falando de arruaceiros, Tuka já te contou que ele já lutou na equipe de Jim Chivers?”

“Suponho que ainda há algumas coisas que eu não sei sobre . . . ahn, Tuka? Ele é um cara reservado.”

“Reservado?” Toowoomba riu. “Ele fala enigmaticamente. Tuka irá te contar tudo o que você precisa saber desde que você saiba o que você tem que perguntar. Claro, ele não te contou que ele teve que se demitir da equipe Chivers, porque ele foi considerado muito perigoso, já contou? Quantas maçãs do rosto, nariz e boca quebradas você tem em sua consciência, Tuka? Todo mundo via que ele era o melhor jovem talento de boxe em Nova Gales do Sul. Mas havia um problema. Ele não tinha qualquer autocontrole - sem disciplina. No final, ele derrubou um juiz porque achou que ele tinha terminado a luta muito cedo. E foi a favor de Tuka! Isso é o que eu chamo de sanguinário. Tuka foi suspenso por dois anos.”

“Três anos e meio, muito obrigado!” Andrew sorriu. “Ele era um babaca, dos grandes. Eu só cutuquei o bastardo, mas você não vai acreditar, ele caiu e quebrou a clavícula.”

Toowoomba e Andrew bateram as palmas das mãos e caíram na gargalhada.

“Robin mal havia nascido quando eu lutava. Ele só cita o que eu disse para ele”, disse Andrew. “Robin era um de um grupo de crianças desfavorecidas que eu treinava sempre que eu tinha tempo. Nós fizemos algumas sessões de boxe, e para ensinar os meninos sobre a importância do autocontrole eu contei-lhes um par de histórias com meia - verdades sobre mim mesmo. Como uma ilustração de comportamento. Obviamente Robin aqui não entendeu nada, ele age como se fosse eu.”

Toowoomba tornou-se sério. “Nós somos geralmente bons meninos, Harry. Nós os deixamos ter alguma ilusão antes de darmos um golpe inesperado para que eles possam ver quem é que manda, sabe o que eu quero dizer? Depois disso, não demora muito para eles desistirem. Mas este

cara sabia boxear, ele poderia ter machucado alguém. Caras como ele recebem o que eles pedem.“

A porta se abriu. "Foda-se, Toowoomba - como se já não tivéssemos problemas suficientes. Você só quebrou o nariz do genro do chefe de polícia local." O apresentador parecia furioso e salientou este fato cuspiendo no chão, com um sonoro *splash*.

"Foi só uma ação reflexa", disse Toowoomba, examinando o líquido marrom no chão. "Isso não vai acontecer novamente." Ele deu uma piscadela sub-reptícia para Andrew.

Levantaram-se. Toowoomba e Andrew se abraçaram e trocaram algumas observações finais em uma língua que deixou Harry intrigado. Ele deu um tapinha no ombro de Toowoomba para se esquivar de mais um redundante aperto de mão.

"Qual foi o idioma que você estava falando lá?" Harry perguntou, depois de terem entrado no carro.

"Oh, aquilo. É uma espécie de Creole, uma mistura de Inglês e palavras de origem aborígene. É falado por muitos aborígenes em todo o país. O que você achou do boxe?"

Harry levou seu tempo para responder. "Foi interessante ver você ganhar alguns dólares, mas poderíamos estar em Nimbin agora."

"Se não tivesse vindo aqui hoje você não poderia voltar para Sydney esta noite", disse Andrew. "Você não tem tido muitos encontros com mulheres como ela e simplesmente iria faltar ao encontro. Podemos estar falando da sua futura esposa e mãe de dois pequenos Holy, Harry."

Ambos sorriram enquanto passavam por árvores e casas baixas enquanto o sol se punha no hemisfério oriental.

A escuridão tinha caído antes de chegarem a Sydney, mas a antena da TV parecia um farol enorme no centro da cidade e mostrou-lhes o caminho. Andrew estacionou no Circular Quay, não muito longe da Opera House. Um morcego voava dentro e fora do fecho dos faróis do carro em grande velocidade. Andrew acendeu um charuto e fez sinal para Harry permanecer no carro.

"O morcego é o símbolo aborígene da morte. Você sabia?"

Harry não sabia.

"Imagine um lugar onde as pessoas ficaram isoladas por quarenta mil anos. Em outras palavras, eles não experimentaram o judaísmo, não tiveram

conhecimento do cristianismo e do islamismo, porque todo um oceano separava-os do continente mais próximo. No entanto eles têm a sua própria história da criação, o Dreaming. O primeiro homem foi Ber-rook - Boorn. Ele foi feito por Baiame, o não-criado, que foi o início de tudo, e que amou e cuidou de todos os seres vivos. Em outras palavras, um bom homem esse Baiame. Amigos o chamavam, o Grande Espírito Paternal. Após Baiame ter criado Ber-rook - Boorn e sua esposa em um bom lugar, ele deixou a sua marca em uma árvore sagrada - Yarran - nas proximidades, que era a casa de um enxame de abelhas.”

“ ‘Você pode pegar comida de qualquer lugar que você quiser, em todo este país que eu lhe dei, mas esta é a minha árvore’, ele advertiu o casal. ‘Se você tentar pegar comida dela, muito mal cairá sobre você e aqueles que virão depois de você.’ Algo assim. De qualquer forma, um dia a esposa de Ber-rook - Boorn estava coletando lenha e ela se aproximou da árvore Yarran. No início, ela estava assustada com a visão da árvore sagrada elevando-se acima dela, mas não havia tanta madeira por aí e então ela não seguiu seu primeiro impulso - que era de fugir tão rápido quanto suas pernas podiam levá-la. Além disso, Baiame não tinha dito nada sobre a madeira. Enquanto ela estava recolhendo a madeira ao redor da árvore, ouviu um baixo zumbido acima de sua cabeça, e ela olhou para o enxame de abelhas. Ela também viu o mel escorrendo do tronco. Ela só tinha provado mel uma vez antes, mas aqui havia o suficiente para várias refeições. O sol cintilava sobre as doces gotas brilhantes, e no final, a esposa de Ber-rook - Boorn não pôde resistir à tentação e subiu na árvore.”

“Naquele momento, um vento frio veio de cima e uma figura sinistra com enormes asas negras a envolveu. Era Narahdarn o morcego, a quem Baiame havia confiado como guardião da árvore sagrada. A mulher caiu no chão e correu de volta para sua caverna onde se escondeu. Mas era tarde demais, ela havia soltado a morte no mundo, simbolizado pelo morcego Narahdarn, e todos os descendentes de Ber-rook - Boorn ficaram expostos a sua maldição. A árvore Yarran chorou lágrimas amargas sobre a tragédia que havia ocorrido. As lágrimas corriam pelo tronco e ficaram espessas, e é por isso que você pode encontrar a borracha vermelha na casca da árvore hoje em dia.”

Andrew puxou feliz a fumaça do seu charuto.

“São um páreo duro para Adão e Eva, não são.”

Harry balançou a cabeça e admitiu que houvesse uma série de paralelos. “Talvez seja apenas porque as pessoas, onde quer que elas vivam

no mundo, de alguma forma compartilham as mesmas visões ou fantasias. Está em nossa natureza, gravado no disco rígido, por assim dizer. Apesar de todas as diferenças, mais cedo ou mais tarde, ainda dão as mesmas respostas.”

“Vamos esperar que sim”, disse Andrew. Ele olhou através da fumaça. “Vamos esperar que sim.”

(*) *Mick: palavra depreciativa para denominar os irlandeses.*

Uma Água-Viva provocante

Harry já estava acabando a sua segunda Coca quando Birgitta chegou à nove e dez. Ela estava usando um vestido de algodão branco liso, e seu cabelo vermelho estava juntado num rabo de cavalo impressionante.

"Eu estava começando a me preocupar que você não viria", disse Harry. Dizia como se fosse uma brincadeira, mas ele quis dizer isso mesmo. Ele tinha começado a se preocupar desde o momento em que eles concordaram em se encontrar.

"Sério?", ela disse em sueco. Ela enviou a Harry um olhar travesso. Ele tinha a sensação de que ia ser uma grande noite.

Pediram curry verde tailandês com carne de porco, frango com castanha de caju cozidos numa wok, um Chardonnay australiano e água Perrier.

"Devo dizer que estou muito surpreso ao encontrar uma sueca tão longe de casa."

"Você não deveria estar. Há cerca de noventa mil suecos na Austrália."

"O quê?"

"A maioria emigrou antes da Segunda Guerra Mundial, mas um monte de jovens veio na década de oitenta, quando o desemprego aumentou na Suécia."

"E lá estava eu pensando que os suecos estariam sentindo falta de suas almôndegas e das danças midsummer (*) antes de ter chegado a Helsingor."

"Você deve estar pensando nos noruegueses, isso sim. Você é louco, muito mesmo! Os noruegueses que eu conheci por aqui começaram a desejar voltar para casa depois de alguns dias, e depois de dois meses eles já estavam de volta na Noruega. De volta para casa com seus casacos de lã!"

"Mas Inger não?"

Birgitta ficou em silêncio. "Não, Inger não."

"Você sabe por que ela ficou aqui?"

"Provavelmente pela mesma razão que a maioria de nós. Você sai de férias, se apaixona pelo país, pelo clima, pelo estilo de vida fácil ou por um homem. Você solicita a extensão do seu visto de permanência. Meninas

escandinavas não têm muita dificuldade para conseguir emprego em bares e, de repente, o caminho para casa é longo e é tão fácil ficar.”

“É assim para você também?”

“Mais ou menos.”

Eles comeram em silêncio por um tempo. O curry tinha o caldo espesso, forte e bom.

“O que você sabe sobre o último namorado de Inger?”

“Como eu disse, ele apareceu no bar uma noite. Ela o conheceu em Queensland. Em Fraser Island, eu acho. Parecia com a versão do hippie que eu pensava ter morrido há muito tempo, mas continuam vivos e bem aqui na Austrália. O cabelo longo trançado, colorido, roupas largas, sandálias. Como se estivessem na praia de Woodstock.”

“Woodstock fica no interior. Nova Iorque.”

“Mas não tinha um lago onde costumavam nadar? Eu me lembro disso.”

Harry deu um olhar mais atento sobre ela. Ela estava sentada debruçada sobre sua comida, concentrada. As sardas estavam agrupadas em um aglomerado sobre o nariz. Ela era bonita, essa era a opinião de Harry.

“Você não deveria saber sobre esse tipo de coisa. Você é muito jovem.”

Ela riu. “E você é o que – um velhinho?”

“Eu? Bem, tem dias em que eu poderia ser. Isso vem com o trabalho - algum lugar dentro de você envelhece muito rápido. Mas eu imagino que não esteja tão desiludido e cansado que não possa me sentir vivo de vez em quando.”

“Oh, coitadinho . . .”

Harry teve que sorrir. “Você pode pensar o que quiser, mas eu não estou tentando apelar para o seu instinto maternal, apesar de que poderia não ter sido uma má ideia. É apenas do jeito que realmente é.”

O garçom passou pela mesa e Harry aproveitou a oportunidade para pedir outra garrafa de água.

“Você fica um pouco danificado cada vez que vai desvendar mais um caso de assassinato. Infelizmente, como regra, há mais destroços humanos e histórias muito tristes e menos motivos engenhosos, do que você pode imaginar depois de ter lido Agatha Christie. No começo eu me vi como uma espécie de cavaleiro distribuindo justiça, mas às vezes eu me sinto mais como um coletor de lixo. Assassinos são geralmente tipos muito lamentáveis, e é muito difícil apontar para pelo menos dez boas razões para que eles tenham feito o que fizeram. Então, geralmente, o que você mais sente é frustração. Frustração porque eles não conseguem ser felizes

destruindo somente suas próprias vidas em vez de arrastar a dos outros para baixo com eles. Isso provavelmente ainda soa com um toque sentimental..."

"Sinto muito - eu não queria parecer cínica. Eu entendo o que você quer dizer", disse ela.

Uma brisa suave veio da rua e fez a chama da vela em cima da mesa tremeluzir.

Birgitta contou para Harry sobre como ela e seu namorado tinha embalado suas mochilas na Suécia há quatro anos e partiram, como eles tinham viajado de ônibus e encarado o caminho de Sydney até Cairns, dormindo sob a lona de barracas e em hotéis de mochileiros, trabalhando como recepcionistas e cozinheiros, mergulharam na Grande Barreira de Corais e nadaram lado a lado com tartarugas e tubarões-martelo. Eles haviam meditado em Uluru, economizaram dinheiro para pegar o trem de Adelaide até Alice Springs, foram a um concerto do Crowded House em Melbourne e acabamos exaustos e desiludidos em um motel, em Sydney.

"É estranho como algo que funciona tão bem pode ser assim . . . de modo errado."

"Errado?"

Birgitta hesitou. Talvez ela estivesse pensando que tinha falado demais e tão diretamente para este norueguês.

"Eu realmente não sei como explicar isso. Perdemos algo pelo caminho, algo que existia e que pensávamos que era nosso. Paramos de olhar um para o outro e logo paramos de tocar um ao outro. Nós nos tornamos nada mais do que bons companheiros de viagem, alguém que era bom ter por perto, porque os quartos duplos eram mais baratos e acampar era mais seguro em dupla. Ele conheceu a filha de um homem rico, alemão, em Noosa e eu continuei viajando para que ele pudesse seguir com o caso em paz. Eu não dei a mínima. Quando ele chegou em Sydney eu lhe disse que tinha me apaixonado por um surfista americano maluco que acabara de conhecer. Eu não sei se ele acreditou em mim, talvez ele entendesse que eu realmente estava dando um pretexto para terminarmos as coisas. Tentamos argumentar num quarto de motel em Sydney, mas não dava para continuar. Então eu lhe disse para voltar para a Suécia em primeiro lugar e eu o seguiria depois."

"Ele deve estar com uma grande vantagem sobre você agora."

"Nós estivemos juntos por seis anos. Você acreditaria em mim se eu dissesse que eu mal consigo me lembrar do rosto dele?"

"Eu acreditaria."

Birgitta suspirou. "Eu não pensava que seria assim. Eu tinha certeza de que iria me casar e ter filhos e viver num pequeno subúrbio da cidade de Malmö, com um jardim e o Sydsvenska Dagbladet na soleira da porta, e agora - agora eu mal posso lembrar o som de sua voz, ou o que era fazer amor com ele, ou . . ." ela olhou para Harry. "Ou como ele era educado demais para me dizer para calar a boca enquanto eu estava tagarelando depois de alguns copos de vinho."

Harry sorriu. Ela não comentou sobre o fato de que ele não havia bebido do vinho.

"Eu não sou educado, eu estou interessado", disse ele.

"Nesse caso, você vai ter que me dizer algo mais pessoal sobre si, além do fato de você ser um policial."

Birgitta se inclinou sobre a mesa. Harry disse a si mesmo para não olhar o decote do vestido. Ele sentiu seu aroma e avidamente respirou o perfume. Ele não deve deixar-se enganar. Esses bastardos astutos como Karl Lagerfeld e Christian Dior sabem exatamente o que é necessário para prender um pobre homem.

Ela cheirava maravilhosamente.

"Bem," Harry começou, "Eu tenho uma irmã, minha mãe morreu, eu moro em um apartamento do qual não consigo me livrar em Tøyen, Oslo. Eu não tenho longos relacionamentos marcantes, e apenas um deixou marcas."

"Sério? E não há ninguém na sua vida agora?"

"Na verdade não. Eu tenho alguns relacionamentos sem sentido e sem complicações com mulheres para quem ligo ocasionalmente, se elas não me ligarem antes."

Birgitta franziu o cenho.

"Algo errado?"

"Eu não tenho certeza se eu aprovo esse tipo de homem. Ou mulher. Eu sou assim um pouco antiquada"

"Claro, eu deixei tudo isso para trás," Harry disse, erguendo o copo de Perrier.

"E eu não tenho certeza se eu gosto dessas respostas simplistas de vocês, também", disse Birgitta, levantando a taça.

"Então o que você procura em um homem?"

Ela apoiou o queixo na mão e olhou para o alto, considerando a questão. "Eu não sei. Eu acho que sei mais sobre o que eu não gosto em um homem do que o que gosto."

"O que você não gosta? Além de respostas simplistas."

"Os homens que tentam me examinar com os olhos."

"Você sofre muito?"

Ela sorriu. "Deixe-me dar uma dica, Casanova. Se você quer encantar uma mulher, você tem que fazê-la sentir-se única, fazê-la sentir que ela está tendo um tratamento especial, algo que ninguém mais faz. Homens que tentam pegar as meninas em bares não entendem isso. Mas suponho que não significa nada para um libertino como você."

Harry riu. "Por *alguns* quero dizer dois. Eu disse alguns porque isso soa um pouco mais selvagem, se parece com . . . três. Uma delas, por sinal, está voltando para seu ex de acordo com o que ela me disse na última vez que a vi. Ela me agradeceu porque fui tão descomplicado e o relacionamento tinha sido assim . . . bem , sem sentido, eu suponho. A outra é uma mulher com quem eu comecei um relacionamento e agora insiste que, desde que fui eu quem a deixou , é meu dever garantir que ela tenha um pouco de vida sexual até que qualquer um de nós encontre alguém. Espere - porque tenho que ficar na defensiva? Sou um homem normal, que não faria mal a uma pulga. Você está insinuando que eu estou tentando fazer charme?"

"Ah, sim, você está tentando me encantar. Não negue!"

Harry não negou. "Tudo bem. Como estou me saindo?"

Ela tomou um longo gole de sua taça de vinho e pensou um pouco.

"B, eu acho. Moderado de qualquer maneira. Não, eu acho que vai ter que ser um B . . . você está se saindo muito bem."

"Parece mais com B menos."

"Por aí ou quase."

Estava escuro perto do porto, quase deserto, e um vento fresco começava a soprar. Perto do iluminado Opera House uma noiva e um noivo com peso invulgarmente elevado posava para o fotógrafo. Ele os orientava para aqui e ali, e os recém-casados pareciam estar muito chateados por ter que movimentar seus grandes corpos. No final, porém, eles chegaram a um acordo e a sessão noturna de fotos em frente ao Opera House terminou em sorrisos, risadas e talvez um pouco de lágrimas.

"Isso é o que deve significar se arrebentar de felicidade", disse Harry. "Ou talvez você não diga isso em sueco?"

"Sim, nós dizemos, você pode ser tão feliz que você pode estourar em sueco, também." Birgitta tirou a bandana e ficou com o rosto ao vento pela grade do porto, olhando para o Opera House.

"Sim, você pode", ela repetiu, como que para si mesma. Ela virou o nariz sardento para o mar, e o vento soprava seu cabelo vermelho de volta.

Ela ficou parecida com uma provocante água-viva. Ele não sabia que uma água-viva podia ser tão formosa.

() Midsummer, também conhecido como Dia de São João (apesar de ser uma festa pré-cristã), celebra o solstício de verão, e, mais especificamente, é uma festa típica do Norte da Europa. São comemorados por muitas denominações cristãs. O Midsummer é especialmente importante nas culturas da Escandinávia e do Báltico.*

Um Vilarejo Chamado Nimbin

O relógio de HARRY indicava onze quando o avião pousou em Brisbane, mas a aeromoça ao microfone insistiu que eram apenas dez.

"Eles não têm horário de verão em Queensland," Andrew informou. "Foi uma grande questão política na época, culminando em um referendo e os agricultores votaram contra."

"Uau, parece que chegamos ao estado caipira."

"Eu acho que sim, cara. Até alguns anos atrás, homens de cabelos compridos não podiam entrar no Estado. Esta lei agora está banida."

"Você está brincando."

"Queensland é um pouco diferente. Logo eles provavelmente vão banir os skinheads."

Harry acariciou seu cabelo cortado rente. "Qualquer outra coisa que eu deva saber sobre Queensland?"

"Bem, se você tem alguma maconha nos seus bolsos é melhor deixá-la no avião. Em Queensland as leis contra drogas são mais rigorosas do que em outros estados. Não foi por acaso que o Festival Aquarius foi realizado em Nimbin. A cidade fica perto da fronteira, mas do lado da Nova Gales do Sul."

Eles encontraram o escritório da Avis onde um carro estava pronto e esperando por eles.

"Por outro lado, Queensland tem lugares como Fraser Island, onde Inger Holter conheceu Evans White. A ilha na verdade não é mais do que um enorme banco de areia, mas nele você pode encontrar uma floresta tropical e lagos com a mais clara água do mundo e areias tão brancas que as praias parecem como se tivessem sido feitas de mármore. Areia Siliciosa, como é chamada, porque o teor de silício é muito maior do que o da areia normal. Provavelmente, você pode derramá-la diretamente num computador."

"A terra da abundância, não é?", disse o cara atrás do balcão, entregando-lhes uma chave.

"Ford Escort? Andrew torceu o nariz, mas assinou. "Ainda está andando?"

"Taxa especial, senhor."

"Não duvido."

O sol estava fritando a Rodovia do Pacífico, e o horizonte de vidro e pedra de Brisbane brilhava como cristais em um lustre enquanto eles se aproximavam.

A partir da autoestrada para o leste eles dirigiram através de áreas verdes alternando-se entre florestas e campos cultivados.

"Bem-vindo ao interior australiano", disse Andrew.

Passaram por vacas que pastavam com olhares letárgicos.

Harry riu.

"O que foi?" Andrew perguntou.

"Você já ouviu a história em quadrinhos de Larson onde as vacas estão em pé sobre duas pernas conversando no prado, e um delas avisa: "Carro!"

Silêncio.

"Quem é Larson?"

"Deixa prá lá."

Passaram por casas baixas de madeira com varandas na frente, redes de tela para evitar as moscas nas portas e picapes do lado de fora. Eles passaram por cavalos de carga com costas largas a observá-los com olhos melancólicos, colmeias e porcos encurralados rolando alegremente na lama. As estradas tornaram-se mais estreitas. Na hora do almoço, pararam para abastecer o carro num pequeno povoado com uma placa informando que se chamava Uki, e que havia sido escolhida como cidade mais limpa da Austrália por dois anos consecutivos. Ela não informava quem havia vencido no ano passado.

"Santo macarrão," Harry disse quando eles entraram em Nimbin. (*)

O centro da cidade tinha cerca de cem metros de comprimento, casas pintadas de todas as cores do arco-íris, com uma safra de personagens que poderiam ter saído do filme *Easy Rider* da coleção de vídeos de Harry.

"Estamos de volta aos anos '70!", exclamou. "Quero dizer, olhe lá. Peter Fonda agarrado com Janis Joplin."

Eles cruzaram lentamente ao longo da rua enquanto olhos sonâmbulos os acompanhavam.

"Isso é ótimo. Eu pensava que lugares como este não existiam mais. Você simplesmente pode morrer de rir."

"Por quê?" perguntou Andrew.

"Você não acha que é engraçado?"

"Engraçado? Eu posso ver que é fácil rir desses sonhadores hoje em dia. Eu posso ver que a geração atual pensa que a geração *Flower Power* era um bando de maconheiros com mais nada a fazer a não ser tocar guitarra, ler seus poemas e transar loucamente conforme seus impulsos. Eu via que os organizadores de Woodstock davam entrevistas usando gravatas e falando com ironia sobre as ideias da época, o que, obviamente, soam muito ingênuas atualmente. Mas também posso ver que o mundo teria sido um lugar muito diferente, sem os ideais que essa geração representava. Slogans como a paz e o amor podem ser clichês agora, mas naquela época nós quisemos dizer isso. Com todo o fervor dos nossos corações."

"Você não é um pouco velho para ter sido um hippie, Andrew?"

"Sim. Eu era velho. Eu era um hippie veterano, um dissimulado", Andrew sorriu. "Muitas garotas receberam sua primeira introdução nos mistérios intrincados da arte de fazer amor com o tio Andrew."

Harry deu um tapinha no ombro dele. "Eu pensei que você estava falando apenas de idealismo, seu velho bode".

"Claro. Foi idealismo", disse Andrew com indignação. "Eu não poderia deixar aqueles botões florais frágeis nas mãos de um adolescente desajeitado, cheio de espinhas e arriscar a deixar a menina traumatizada pelo resto da década de setenta."

Andrew olhou para fora da janela do carro e deu uma risadinha. Um homem com cabelo comprido, barba e uma túnica estava sentado em um banco e fazendo o sinal de paz com dois dedos levantados. Um cartaz com um desenho de um velho VW Camper amarelo anunciava 'O Museu da Maconha'. Embaixo, em letras menores: 'Entrada: um dólar. Se você não pode pagar, venha mesmo assim.'

"Este é o museu da droga de Nimbin", explicou Andrew. "É no geral uma porcaria, mas eu me lembro de que eles têm algumas fotos interessantes das viagens ao México com Ken Kesey, Jack Kerouac e os outros pioneiros, quando eles estavam fazendo experimentos com drogas expansoras da consciência."

"Quando o LSD não era perigoso?"

"E o sexo era apenas saudável. Momentos maravilhosos, Harry Holy. Você deveria ter estado lá, cara."

Eles estacionaram mais acima na rua principal e caminharam de volta. Harry tirou os óculos Ray-Ban e tentou se parecer como um civil. Era um dia claro e tranquilo em Nimbin, e Harry e Andrew percorreram o desafio entre

os vendedores. "Grama da boa! . . . Melhor grama da Austrália, cara . . . grama de Papua Nova Guiné, barato total!"

"Papua Nova Guiné," Andrew bufou. "Mesmo aqui na capital da grama as pessoas andam por aí pensando que a melhor vem de algum lugar longe o suficiente. Compre a australiana, eu digo."

Uma garota grávida e magra estava sentada numa cadeira em frente ao "museu" e acenou para eles. Ela poderia ter qualquer coisa entre 20 e 40 anos e estava vestindo uma saia colorida e solta, e uma blusa com botões, fazendo sua barriga se destacar com a pele esticada como um tambor. Havia algo vagamente familiar nela, Harry pensou. E pelo tamanho de suas pupilas Harry pôde concluir que houve algo mais estimulante do que a maconha no cardápio do café da manhã dela naquele dia.

"À procura de algo mais?", ela perguntou. Ela observou que eles não haviam demonstrado qualquer interesse em comprar maconha.

"Não" Harry começou a dizer.

"Ácido. Você quer que LSD, não é." Ela se inclinou para frente e falou com urgência e paixão.

"Não, nós não queremos nenhum ácido", disse Andrew, em voz baixa e firme. "Estamos à procura de outra coisa. Entende?"

Ela sentou-se olhando para eles. Andrew fez um movimento para seguir em frente, mas depois ela se levantou, aparentemente não afetada pela grande barriga, e pegou-lhe o braço. "OK, mas não podemos fazer isso aqui. Você vai ter que me encontrar lá no bar em dez minutos."

Andrew balançou a cabeça, e ela virou-se e correu pela rua com seu grande barrigão, um cachorrinho correndo nos seus calcanhares.

"Eu sei o que você está pensando, Harry", disse Andrew, acendendo um charuto. "Não foi bom enganar Mamãe Coração Bondoso fazendo-a acreditar que iremos comprar um pouco de heroína. A delegacia está a uma centena de metros rua acima e nós poderíamos encontrar o que precisamos sobre Evans White lá. Mas eu tenho um palpite de que isto vai ser mais rápido. Vamos tomar uma cerveja e ver o que acontece."

Meia hora depois, Mamãe Coração Bondoso entrou no quase vazio pub com um homem que parecia pelo menos tão arruinado quanto ela. Ele se assemelhava a versão de Klaus Kinski de Conde Drácula: pálido, magro, vestido de preto com bolsas escuras sob os olhos.

"Lá vamos nós," Andrew sussurrou. "Você dificilmente pode acusá-lo de não testar o material que vende."

Mamãe Coração Bondoso e o clone de Kinski foram direto para eles. Este último não parecia querer passar mais tempo à luz do dia do que era absolutamente necessário e ignorou a conversa fiada.

“Quanto?”

Andrew sentou demonstrativamente, de costas para eles. “Eu prefiro que haja o menor número de pessoas presentes quanto possível antes de discutir as minúcias, senhor”, disse ele sem se virar.

Kinski sacudiu a cabeça e Mamãe Coração Bondoso ficou com uma expressão irritada. Ela provavelmente trabalhava na base da porcentagem, e Harry assumiu que a confiança entre ela e Kinski era como sempre foi entre os viciados: inexistente.

“Eu não tenho nada comigo, e se você é da polícia eu vou cortar suas bolas fora. Mostre-me o metal primeiro, então podemos sair daqui.” Ele falou rápido, ele estava nervoso e seus olhos ficaram saltados.

“É longe?” perguntou Andrew.

“É uma curta caminhada, mas uma viagem looo - oonga.” O que era para ser um sorriso era um breve vislumbre de dentes que já não existiam mais.

“Maneiro, cara. Sente-se e cale a boca”, disse Andrew, mostrando-lhe o distintivo da polícia. Kinski congelou. Harry levantou-se e deu um tapinha na parte de trás do próprio cinto. Não havia nenhuma razão para Harry verificar se realmente tinha uma arma.

“O que é essa coisa de teatro amador? Eu não tenho nada comigo, eu te disse, não disse?” Ele caiu desafiadoramente na cadeira em frente Andrew.

“Acho que você conhece o xerife local e seu assistente? E eles provavelmente te conhecem. Mas eles sabem que você começou a vender *cavalo*?”

O homem deu de ombros. “Quem falou em *cavalo*? Eu pensei que era grama que nós...”

“Claro. Ninguém disse nada sobre a droga, e é improvável que qualquer um de nós falará, desde que você nos forneça alguma informação.”

“Você está brincando, cara. Devo correr o risco de ser decapitado por dedurar só porque dois policiais de fora da cidade, que não têm sequer qualquer coisa contra mim, chegam arrebatando e...”

“Dedurar? Nós só nos reunimos aqui, e infelizmente não concordamos com o preço da mercadoria e foi tudo. Você ainda tem uma testemunha de que nos encontramos aqui a negócios, normalmente. Faça o que nós dizemos a você e você nunca mais vai nos ver de novo, e nem ninguém mais aqui.”

Andrew acendeu um charuto, olhou através dos olhos espremidos para o pobre viciado no outro lado da mesa, soprou a fumaça em seu rosto e continuou.

“Se não conseguirmos obter o que estamos procurando, no entanto, podemos colocar nossos distintivos quando sairmos daqui e fazer um par de prisões, o que não exatamente aumentaria sua popularidade na comunidade local. Eu não sei se cortar as bolas de delatores é costume por aqui em cima - afinal, via de regra, maconheiros são um povo pacífico. Mas eles sabem um truque estranho ou dois, e não me surpreenderia se por um grande acaso da vida o xerife não tropeçasse com o seu estoque inteiro, só por acaso. Os maconheiros não estão muito felizes com a concorrência do material pesado, entende, e menos ainda com dedos-duros drogados. E tenho certeza que você sabe tudo sobre as penalidades por lidar com grandes quantidades de heroína, não é?”

Mais fumaça azul de charuto no rosto de Kinski. Não é todo dia que você tem a chance de soprar fumaça no rosto de um idiota, pensou Harry.

“OK”, disse Andrew, depois de ter esperado por uma resposta que não veio. “Evans White. Diga-nos onde ele está, quem ele é e como posso chegar até ele. Responda!”

Kinski olhou em volta. Sua grande cabeça encovada girou sobre o pescoço fino, fazendo-o parecer um abutre pairando sobre alguma carcaça, verificando ansiosamente para ver se os leões estavam retornando.

“Só isso?”, ele perguntou. “Nada mais?”

“Nada mais”, disse Andrew.

“E como eu vou saber que você não vai voltar pedindo mais?”

“Você não vai.”

Ele balançou a cabeça como se soubesse que era a única resposta que ele teria.

“OK. Ele não é um peixe grande ainda, mas pelo que eu ouvi dizer ele está caminhando para cima. Ele trabalhou para Madame Rousseau, a rainha da grama aqui em cima, mas agora ele está tentando montar seu próprio negócio. Grama, ácido e talvez um pouco de morfina. A grama é do mesmo tipo que o resto que é vendido aqui, produção local. Mas ele deve ter conexões em Sydney e fornece grama para lá em troca de ácido bom, barato. O ácido é tudo agora.”

“Onde podemos encontrar Evans?” Perguntou Andrew.

“Ele fica em Sydney um pouco, mas eu o vi na cidade um par de dias atrás. Ele tem um filho com uma garota de Brisbane, que costumava andar

por aqui. Eu não sei onde ela está agora, mas o garoto está definitivamente no bloco de apartamentos onde ele fica quando está em Nimbin.”

Ele explicou onde o bloco ficava.

“Que tipo de cara White é?” Andrew pressionou.

“O que posso dizer?” Ele coçou a barba que não tinha. “Um cuzão encantador, não é assim que eles são chamados?”

Andrew e Harry não sabiam se era assim que eles eram chamados, mas acenaram com a cabeça de qualquer maneira.

“Ele é correto o suficiente para negociar, mas eu não queria ser sua garota, se você entende o que quero dizer.”

Eles balançaram a cabeça para dizer que não sabiam o que ele queria dizer.

“Ele é um playboy, não é exatamente conhecido por lidar com uma garota de cada vez. Está sempre brigando com suas mulheres, elas gritam e berram, por isso não é incomum alguma delas ostentar um olho roxo de vez em quando.”

“Hmm. Você sabe alguma coisa sobre uma garota loira norueguesa chamada Inger Holter? Ela foi encontrada morta na Watson Bay em Sydney na semana passada.”

“Sério? Nunca ouvi falar dela.” Ele claramente não era um leitor de jornal muito ávido, também.

Andrew apagou o charuto e ele e Harry se levantaram.

“Posso confiar em você manter suas bocas fechadas?” Kinski perguntou com um olhar duvidoso.

“É claro”, disse Andrew, caminhando em direção à porta.

“**Como** foi o jantar com a nossa testemunha sueca?” Andrew perguntou depois de terem feito uma parada de cortesia na delegacia, um prédio que parecia como qualquer outra casa na rua, com exceção de um pequeno sinal no gramado anunciando o seu propósito.

“Bom. A comida era picante, mas gostosa”, Harry respondeu petulante.

“Vamos lá, Harry. Sobre o que vocês conversaram?”

“Muita coisa. Noruega e Suécia.”

“Entendo. Quem ganhou?”

“Ela.”

“O que é que a Suécia tem que a Noruega não tem?” Andrew perguntou.

“As primeiras coisas primeiro: um par de bons diretores de cinema. Bo Widerberg, Ingmar Bergman...”

“Ah, diretores de cinema,” Andrew bufou. “Nós temos os nossos, também. Edvard Grieg, por outro lado, é um dos seus.”

“Uau”, disse Harry. “Eu não sabia que você era um conhecedor de música clássica, também”.

“Grieg era um gênio. Tomemos, por exemplo, o segundo movimento da *Sinfonia em C Menor*, onde ...”

“Desculpe Andrew,” Harry disse, “Eu cresci com os dois acordes do punk e o mais perto que eu estive de uma sinfonia foi *Yes* e *King Crimson*. Eu não escuto a música dos séculos anteriores, OK? Tudo antes de 1980 é da Idade da Pedra. Nós temos uma banda chamada *Dumdum Boys* que ...”

“A *Sinfonia em C Menor* foi apresentada pela primeira vez em 1981”, disse Andrew. “*Dumdum Boys*? Isso é um nome muito pretensioso.”

Harry desistiu e ouviu sobre Grieg durante todo o caminho até a residência de Evans White.

(*) No original **‘Holy macaroni’**. Expressão de espanto usada por Homer Simpson

Um traficante

Evans White considerava-os com os olhos semiabertos. Fios de cabelo pendiam sobre seu rosto. Ele coçou a virilha e arrotou deliberadamente. Ele não pareceu surpreso ao vê-los. Não porque ele estava esperando por eles, mas provavelmente porque ele não achava que visitas fossem algo especial. Afinal, ele estava sentado sobre o melhor ácido da região, e Nimbin era um lugar pequeno, onde rumores viajavam rápido. Harry imaginou que um homem como White não lidava com pequenas quantidades e, certamente, não a partir de sua casa, mas não era propenso a dissuadir as pessoas que apareciam para uma possível compra por atacado.

“Vocês vieram ao lugar errado. Tentem na cidade”, disse ele, fechando a porta de tela.

“Nós somos da polícia, Sr. White.” Andrew levantou seu distintivo. “Nós gostaríamos de falar com você.”

Evans virou as costas para eles. “Não hoje. Eu não gosto de polícia. Venham outra vez com um mandado de prisão, um mandado de busca ou o que quer que seja, então vamos ver o que podemos fazer por vocês. Até então, adeus.”

Ele bateu a porta interna também.

Harry encostou-se no batente da porta e gritou: “Evans White! Você pode me ouvir? Estamos querendo saber se é você nesta foto, senhor. E se for, se você conhecia a mulher loira sentada ao seu lado. Inger Holter é o nome dela. Ela está morta agora.”

Silêncio por um tempo. Em seguida, as dobradiças da porta rangeram. Evans olhou para fora.

Harry colocou a foto contra a tela.

“Ela não parecia tão bem quando a polícia de Sydney a encontrou, Sr. White.”

Na cozinha, jornais estavam espalhados por toda a bancada, a pia estava transbordando de pratos e copos, e o chão não tinha visto água e sabão há alguns meses. No entanto, Harry pôde ver de relance que o lugar não mostrava quaisquer sinais de decadência real, e que não tinha um quarto de

um viciado no andar superior. Não havia sobras de comida, não havia mofo, não havia cheiro de mijo e as cortinas não estavam fechadas. Além disso, havia uma espécie de ordem básica na sala que fez Harry perceber que Evans White ainda tinha o controle sobre as coisas.

Eles pegaram cadeiras por conta própria, e Evans foi buscar uma garrafa na geladeira que ele colocou direto na sua boca. O arroto ressoou em volta da cozinha e foi seguido por uma risada contente de Evans.

“Conte-nos sobre o seu relacionamento com Inger Holter, Sr. White,” Harry pediu, acenando para longe o cheiro do arroto.

“Inger era uma garota agradável, atraente e muito estúpida com a ideia de que ela e eu poderíamos ser felizes juntos.” Evans estudou o teto. Então ele riu contente novamente. “Eu acho que, de fato, isto resume tudo muito ordenadamente.”

“Tem alguma ideia de como ela poderia ter sido morta ou quem poderia ter feito isso?”

“Sim, temos jornais em Nimbin, também, então eu sei que ela foi estrangulada. Mas quem fez isso? Um estrangulador, eu suponho.” Ele jogou a cabeça para trás e sorriu. A franja de cabelos caiu sobre a testa, os dentes brancos brilhavam no rosto bronzeado e as linhas de riso ao redor seus olhos castanhos se estendiam em direção as orelhas com brincos de pirata.

Andrew pigarreou. “Mr White, uma mulher que conhecia bem e com quem você teve um relacionamento íntimo acaba de ser assassinada. O que você pode ou não pode sentir sobre isso não é o nosso negócio. No entanto, como você está sem dúvida consciente, estamos à procura de um assassino, e a não ser que você tente nos ajudar neste exato minuto, seremos obrigados a levar você para a delegacia de polícia de Sydney.”

“Eu estou indo para Sydney de qualquer maneira, se isso significa que você vai pagar a minha passagem de avião, por mim tudo bem.”

Harry não sabia o que pensar. Evans White era tão duro quanto ele estava tentando se mostrar, ou ele estava sofrendo das faculdades mentais? Ou uma alma inadequadamente desenvolvida, um conceito tipicamente norueguês? Harry se perguntou. Será que os tribunais em qualquer outro lugar no mundo julgariam a qualidade de uma alma?

“Como quiser, Sr. White, disse Andrew. Bilhete de avião, serviço de bordo livre, hospedagem 5 estrelas, advogado grátis e detenção por suspeita de assassinato.”

“Grande coisa. Eu estarei de volta no prazo de quarenta e oito horas.”

“E então nós vamos oferecer-lhe ocupação para o seu rabo o dia todo, um serviço de despertador gratuito, e talvez um banho de mangueira para curar ressaca. E quem sabe o que mais podemos inventar.”

Evans engoliu o resto da cerveja e sentou-se brincando com o rótulo da garrafa. “O que os senhores querem?”, perguntou. “Tudo o que sei é que um dia ela desapareceu de repente. Eu estava indo para Sydney, então eu tentei telefonar, mas ela não estava no trabalho ou em casa. O dia que eu cheguei a Sydney li no jornal que ela havia sido encontrada morta. Andei por aí como um zumbi por dois dias. Quero dizer, a-s-s-a-s-s-i-n-a-d-a? Quais são as chances estatísticas de você acabar com a sua vida sendo estrangulada até a morte, não é?”

“Não são elevadas. Mas você tem um álibi para o momento do assassinato? Seria bom . . .”, disse Andrew, tomando notas.

Evans começou com horror. “Álibi? O que quer dizer? Certamente você não pode achar que sou suspeito, pelo amor de Cristo. Ou você está me dizendo que os policiais estão trabalhando sobre o caso há uma semana e ainda não encontraram nenhuma pista de verdade?”

“Nós estamos olhando para todas as provas, Sr. White. Você pode me dizer onde você estava durante os dois dias antes de vir para Sydney?”

“Eu estava aqui, é claro.”

“Sozinho?”

“Não completamente.” Evans sorriu e atirou a garrafa vazia. Ela voou pelo ar em uma parábola elegante antes de pousar silenciosamente no lixo sobre a bancada. Harry assentiu em reconhecimento.

“Posso perguntar quem estava com você?”

“Você já devia imaginar. Mas tudo bem, eu não tenho nada a esconder. Era uma mulher chamada Angelina Hutchinson. Ela mora aqui na cidade.”

Harry anotou o nome.

“Amante”, perguntou Andrew.

“Mais ou menos”, respondeu Evans.

“O que você pode nos dizer sobre Inger Holter? Quem era ela?”

“Bem, não nos conhecíamos há tanto tempo assim. Eu a conheci em Fraser Island. Ela disse que estava indo até Byron Bay. Não é muito longe daqui, então eu dei-lhe o meu número de telefone em Nimbin. Poucos dias depois, ela me ligou e perguntou se ela poderia passar uma noite aqui em casa. Ela ficou aqui mais de uma semana. Depois nos encontramos em Sydney, quando eu estava lá. Isso deve ter acontecido duas ou três vezes.

Como você sabe, nós não nos tornamos exatamente um velho casal. E, além disso, ela já estava começando a ser um obstáculo.”

“Estava começando a grudar demais?”

“Sim, ela tinha um fraquinho por meu filho, Tom-Tom, e deixou sua imaginação vagar sobre uma família e uma casa no campo. Isso não combina comigo, mas eu a deixava tagarelar.”

“Tagarelar sobre o quê?”

Evans se contorceu. “Ela era do tipo difícil quando você a conhece inicialmente, mas depois fica tão suave quanto manteiga se você faz cócegas sob o queixo dela e diz que a ama. Então ela não mede esforços para agradar você”.

“Então, ela era uma jovem senhora atenciosa?”

Evans claramente não gostou do caminho essa conversa estava seguindo. “Talvez ela fosse. Eu não a conheci tão bem, como eu disse. Ela não via sua família na Noruega há algum tempo, talvez por isso ela estivesse faminta por . . . carinho, alguém que estivesse lá para ela, sabe o que eu quero dizer? Merda, quem sabe? Como eu disse, ela era uma garota estúpida, romântica, não havia maldade nela . . .”

A voz de Evans vacilou. A cozinha ficou em silêncio. Ou ele é um bom ator ou ele tem emoções humanas, afinal, Harry pensou.

“Se você não via nenhum futuro no relacionamento, por que não explicou para ela?”

“Eu já estava saindo. De pé na porta para dizer adeus, mais ou menos. Mas ela se foi antes que eu pudesse fazer qualquer coisa. Assim desse jeito . . .” ele estalou os dedos.

Sim, sua voz se embargou, não há dúvida sobre isso, Harry pensou.

Evans olhou para suas mãos. “Uma maneira muito chata de se despedir, não foi?”

Uma aranha relativamente grande

Eles dirigiam por uma estrada íngreme montanha acima. Um poste de sinalização indicava o caminho para o Crystal Castle.

"A questão é: Evans White está dizendo a verdade?", disse Harry.

Andrew desviou de um trator que se aproximava.

"Deixe-me compartilhar uma migalha da minha experiência com você, Harry. Por mais de vinte anos eu estive conversando com pessoas que tinham um montão de razões para mentir ou dizer a verdade. Culpados e inocentes, assassinos e batedores de carteira, nervos de aço e blocos de gelo, rostos de bebê de olhos azuis, vilões com cicatrizes no rosto, sociopatas, psicopatas, filantropos..." Ele procurou mais exemplos.

"Já entendi, Andrew."

"... Aborígenes e brancos. Todos eles contaram suas histórias com um objetivo: serem acreditados. E você sabe o que eu aprendi?"

"Que é impossível dizer quem está mentindo e quem não está?"

"Exatamente, Harry!" Andrew começou a se animar com o tema. "Na ficção policial tradicional cada detetive com alguma autoestima tem um nariz infalível para detectar quando as pessoas estão mentindo. É mentira! A natureza humana é uma vasta floresta impenetrável que ninguém consegue conhecer na sua totalidade. Nem mesmo a mãe conhece os segredos mais profundos de seu filho."

Eles entraram numa área de estacionamento em frente a um grande jardim verde, com um caminho de cascalho estreito e sinuoso por entre uma fonte, canteiros de flores e espécies exóticas de árvores. Uma enorme casa se destacava entre o jardim e era, obviamente, o castelo de cristal que o xerife de Nimbin tinha mostrado para eles num mapa.

Um sino acima da porta anunciou a sua chegada. Este era claramente um lugar popular, uma vez que a loja estava lotada de turistas. Uma mulher enérgica os cumprimentou com um sorriso radiante e os acolheu com tanto entusiasmo que parecia que eles eram as primeiras pessoas que ela via ali há meses.

"É a sua primeira vez aqui?" Ela perguntou, como se sua loja de cristais fosse um caso de formação de hábito nas pessoas, para se reunirem ali

regularmente, depois de terem sido fisgadas.

"Eu invejo vocês", disse ela depois de terem confirmado que era. "Vocês estão prestes a experimentar o Crystal Castle pela primeira vez! Sigam aquele corredor ali. À direita está o nosso maravilhoso café vegetariano com os pratos mais requintados. Depois de terem estado lá, sigam para a esquerda, para a sala de cristais e minerais. É lá que a verdadeira ação está! Agora, vai, vai, vai!"

Ela acenou-lhes. Após tanto entusiasmo, naturalmente, foi um anticlímax descobrir que o café era basicamente um quiosquezinho comum que vendia café, chá de alface, alface com iogurte e sanduiches de alface. Na sala de cristais e minerais havia uma exposição de cristais brilhantes, estatuetas de Buda com as pernas cruzadas, quartzo azul e verde e pedras brutas em exposição num mostruário bem iluminado. A sala estava inundada com um leve aroma de incenso, soporífera música instrumental e o som de água corrente. Harry considerou a loja boa o suficiente, apesar do toque de sofisticação era incapaz de tirar o fôlego. O que provocava dificuldades respiratórias, no entanto, eram os preços.

"Ha há," Andrew riu, ao ver algumas das etiquetas de preço. "A mulher é um gênio."

Ele apontou para os clientes em geral que estavam na loja, de meia-idade e evidentemente endinheirados. "A geração hippie cresceu. Agora eles têm bons empregos, boa renda, mas seu coração ainda está em algum lugar num planeta astral."

Eles caminharam de volta para o balcão. A mulher enérgica ainda estava usando seu sorriso radiante. Ela pegou a mão de Harry e colocou uma pedra azul-esverdeada na palma da mão.

"Você é de Capricórnio, não é? Coloque esta pedra debaixo do travesseiro. Ela irá remover toda a energia negativa do quarto. Custa sessenta e cinco dólares, mas você deve tê-la realmente, eu acho, então vamos dizer que cinquenta é o melhor que eu posso fazer."

Virou-se para Andrew.

"E você deve ser... de Leão?"

"Ah, não, minha senhora, eu sou um policial." Ele, discretamente, mostrou seu distintivo.

Ela empalideceu e olhou para ele com horror. "Que horrível. Espero que eu não tenha feito nada de errado."

"Não, até onde eu sei, minha senhora. Eu presumo que você é Margaret Dawson, ex-White? Se assim for, podemos ter uma palavra com você em

particular?"

Margaret Dawson rapidamente se recompôs e chamou uma das meninas para assumir o comando do caixa. Em seguida, ela acompanhou Andrew e Harry para o jardim onde se sentaram em volta de uma mesa de madeira branca. Uma rede estava esticada entre duas árvores. Numa primeira vista Harry pensou que era uma rede de pesca, mas depois de uma inspeção mais próxima, provou ser uma enorme teia de aranha.

"Parece que vai chover", ela disse, esfregando as mãos.

Andrew pigarreou.

Ela mordeu o lábio inferior.

"Eu sinto muito, inspetor. Isto me faz ficar tão nervosa."

"Tudo bem, senhora. Você tem uma teia bem razoável ali."

"Oh, isso. Essa é Billy, a nossa mouse-spider (*). Ela provavelmente está dormindo em algum lugar por aí."

Harry inconscientemente colocou as pernas debaixo dele . "Mouse-spider? Isso quer dizer que ela come . . . ratos?", perguntou ele.

Andrew sorriu. "Harry, da Noruega. Eles não estão acostumados com grandes aranhas."

"Oh, bem, eu posso tranquiliza-lo. As grandes não são perigosas", disse Margaret Dawson. "No entanto, temos uma pequena e letal criatura chamada de redback (**). Porém, ela gosta mais da cidade, onde pode se esconder no meio da multidão, por assim dizer . Em porões escuros e cantos úmidos."

"Parece alguém que eu conheço", disse Andrew. "Mas de volta aos negócios, senhora. Seu filho."

Agora a Sra. Dawson realmente empalideceu.

"Evans?"

Andrew olhou para Harry .

"Pelo que sabemos, ele não teve problemas com a polícia antes, Sra. Dawson," disse Harry.

"Não, não , ele não tem. Graças a Deus."

"Nós, na verdade, viemos até a sua casa porque fica no nosso caminho de volta para Brisbane. Nós queríamos saber se você sabe alguma coisa sobre uma garota chamada Inger Holter."

Ela vasculhou pelo nome através da sua memória. Em seguida, ela balançou a cabeça.

"Evans não conhece um monte de meninas. As que conhece ele traz aqui para me visitar. Depois de ter um filho com . . . com aquela menina

terrível, cujo nome eu não tenho certeza se quero me lembrar, eu o proibi . . . eu disse que achava que ele deveria esperar um pouco. Até que ele encontrasse a garota certa."

"Por que ele deveria esperar?" perguntou Harry.

"Porque eu disse isso."

"Por que você diz isso, minha senhora?"

"Porque sim . . . porque não é o momento certo" - ela olhou para a loja para sinalizar que o seu tempo era precioso - "e porque Evans é um garoto sensível que pode ser facilmente ferido. Tem havido uma grande quantidade de energia negativa em sua vida, e ele precisa de uma mulher em quem ele possa confiar cem por cento. Não estas . . . prostitutas que só atrapalham a vida dele."

Uma cobertura de nuvens cinza pairava sobre eles.

"Você vê o seu filho com frequência?" perguntou Andrew .

"Evans vem aqui o tanto quanto ele pode. Ele precisa de paz. Ele trabalha muito, coitado. Você já experimentou alguma das ervas que ele vende? De vez em quando ele traz algumas e eu coloco no chá do quiosque de café."

Andrew limpou a garganta novamente. Pelo canto do olho, Harry notou um movimento entre as árvores.

"É melhor irmos , senhora. Uma última pergunta , no entanto."

"Sim?"

Andrew parecia ter algo preso na garganta - ele continuou tossindo e tossindo. A teia começou a balançar.

"Você sempre teve esse cabelo loiro, Sra. Dawson?"

() Aranha-rato. Típica da Austrália, tem de 1 a 3 cm e fazem buracos no chão para se esconder, como os ratos, daí o seu nome popular.*

*(**) A aranha redback (costas vermelhas) tem cerca de 10 mm e pertence à família da letal viúva negra.*

Bubbur

Já era tarde quando eles desembarcaram em Sydney. Harry estava com seus pés dormentes e muitas saudades da sua cama de hotel.

"Uma bebida?" Andrew sugeriu.

"Você não precisa ir para casa?" Harry perguntou.

Andrew balançou a cabeça. "Eu não vou encontrar ninguém lá, exceto a mim mesmo, no momento."

"No momento?"

"Bem, nos últimos dez anos. Eu sou divorciado. A ex-esposa mora em Newcastle com as meninas. Eu tento vê-las o mais frequentemente que posso, mas é uma boa distância até lá e as meninas em breve serão grandes o suficiente para ter seus próprios planos para o fim de semana. Então eu vou descobrir, eu suponho, que eu não sou o único homem em suas vidas. Elas são umas diabinhas de boa aparência, entende. Quatorze e quinze. Droga, eu deveria afugentar cada admirador que escurece a porta."

Andrew sorriu. Harry não podia ajudar, mas gostou desta versão inusitada do colega.

"Bem, essa é desta maneira que as coisas caminham, Andrew."

"É isso mesmo, cara. E quanto a você?"

"Bem. Sem esposa. Sem filhos. Nenhum cão. Tudo o que tenho é um chefe, uma irmã, um pai e um par de caras que eu ainda chamo de amigos, mesmo que os muitos anos se passem entre seus telefonemas. Ou os meus."

"Em que ordem?"

"Nessa ordem." Eles riram.

"Vamos tomar umas. No Albury?"

"Isso soa como se fosse trabalho", disse Harry.

"Precisamente."

Birgitta sorriu quando eles entraram. Ela terminou de servir um cliente e se aproximou deles. Seus olhos estavam focados em Harry.

"Oi", disse ela.

Tudo o que Harry queria fazer era se enrolar no colo dela e ir dormir.

"Dois Gin Tônica duplo, em nome da lei", disse Andrew.

“Eu prefiro um suco de grapefruit,” disse Harry.

Ela serviu e inclinou-se sobre o bar.

“Obrigado por ontem”, ela sussurrou em sueco para Harry. No espelho atrás dela, Harry viu-se sentado com um sorriso idiota na cara.

“Hey, hey, nada de namoro escandinavo aqui e agora, muito obrigado. Se eu estou pagando pelas bebidas quero falar em Inglês. Andrew atirou-lhes um olhar severo. “E agora eu vou lhes dizer algo meus jovens. O amor é um mistério maior do que a morte.” Ele fez uma pausa para o efeito dramático. “Tio Andrew vai falar sobre uma antiga lenda australiana, a saber, a história da cobra gigante Bubbur e Walla.”

Eles se agruparam mais perto, e Andrew lambeu os lábios com prazer quando acendeu um charuto.

‘Era uma vez, um jovem guerreiro chamado Walla que havia se apaixonado por uma bela jovem chamada Moora. E ela por ele. Walla tinha completado com sucesso os ritos de iniciação de sua tribo, já era um homem e, portanto, poderia se casar com qualquer das mulheres da tribo que ele gostasse, desde que ele não tivesse sido casado antes e ela o quisesse. E Moora queria. Walla mal podia se afastar de sua amada, mas a tradição era que ele tinha que sair numa expedição de caça e o resultado seria uma espécie de dote para os pais da noiva. Em seguida, o casamento poderia se realizar. Uma bela manhã, o orvalho brilhando nas folhas, Walla partiu. Moora deu-lhe uma pena de cacatua branca, que ele colocou em seu cabelo.’

‘Enquanto Walla estava fora Moora saiu para coletar mel para a festa. No entanto, não foi tão fácil de encontrar, e ela teve que se afastar da aldeia mais do que ela estava acostumada. Ela chegou a um vale com pedras enormes. Um estranho silêncio pairava sobre o vale, não havia um pássaro ou um inseto para ser ouvido. Ela estava prestes a voltar quando avistou um ninho com alguns grandes ovos brancos, os maiores que ela já tinha visto.’ “Vou levá-los para a festa”, pensou ela e estendeu a mão.’

‘Naquele momento, ela ouviu algo deslizando sobre as pedras e, antes que ela tivesse tempo de correr ou abrir a boca, uma enorme serpente amarela e marrom se enrolou em volta da sua cintura. Ela lutou, mas não conseguiu libertar-se e, a cobra estava começando a exercer pressão. Moora olhou para o céu azul acima do vale e tentou chamar o nome de Walla, mas ela não tinha ar suficiente nos pulmões para proferir um som. O aperto da cobra aumentou, e, no final, toda a vida foi espremida para fora de Moora, e todos os ossos do seu corpo foram esmagados. Em seguida, a cobra deslizou

de volta para as sombras de onde tinha vindo - onde era impossível vê-la porque suas cores se mesclavam com a luz manchada das árvores e rochas do vale.'

'Dois dias se passaram antes que eles encontrassem o corpo esmagado entre as rochas. Seus pais estavam inconsoláveis e sua mãe chorou e perguntou ao marido o que diriam para Walla, quando ele voltasse para casa.'

Andrew olhou para Harry e Birgitta com os olhos brilhantes.

'A fogueira não era mais que brasas quando Walla retornou da caça na madrugada seguinte. Mesmo que tivesse sido uma caminhada árdua seus passos eram leves e os olhos brilhantes e felizes. Ele foi até os pais de Moora, que estavam sentados mudos perto do fogo. "Aqui estão os meus presentes para vocês", disse ele. E ele trazia uma boa caça: um canguru, um wombat e as coxas de um emu (*).

'Você chegou a tempo para o funeral, Walla, você quem teria sido o nosso filho, disse o pai de Moora. Walla olhou como se tivesse levado um tapa e mal podia esconder sua dor e tristeza, mas sendo o guerreiro destemido que era, ele conteve as lágrimas e perguntou friamente: "Por que você ainda não a enterrou?" "Porque só hoje nós a encontramos", disse o pai. "Então eu vou acompanhá-la e exigir o seu espírito. Nossa Wirinun pode curar seus ossos quebrados, então eu vou fazer seu espírito voltar e dar vida a ela." "É tarde demais", disse o pai. "Seu espírito já foi para onde os espíritos de todas as mulheres vão. Mas o assassino ainda está vivo. Você conhece o seu dever, meu filho?" '

'Walla partiu sem uma palavra. Ele vivia em uma caverna com os outros homens solteiros da tribo. Ele não falou com eles também. Vários meses se passaram. Walla sentava-se afastado e se recusava a tomar parte no canto e dança. Alguns achavam que ele estava endurecendo seu coração para tentar esquecer Moora. Outros pensavam que ele estava planejando seguir Moora para o reino da morte das mulheres. "Ele não vai ter sucesso", disseram eles. "Há um lugar para as mulheres e outro para os homens." '

'Uma velha mulher veio e sentou-se junto ao fogo. "Vocês estão errados", disse ela. "Ele está pensando profundamente, planejando como ele poderá vingar a morte de sua amada. Vocês acham que tudo que tem a fazer é pegar uma lança e matar Bubbur, a grande cobra amarela e marrom? Vocês nunca viram uma, mas eu vi uma vez, quando eu era jovem, e esse foi o dia em que meu cabelo ficou cinza. Foi a visão mais assustadora que se possa imaginar. Gravem minhas palavras, Bubbur só pode ser derrotada de uma

maneira, com coragem e astúcia. E eu acho que este jovem guerreiro tem esses atributos." ‘

‘No dia seguinte Walla foi até o fogo. Seus olhos brilhavam e ele parecia muito animado quando ele perguntou quem queria acompanhá-lo para coletar borracha. "Temos borracha", disseram eles, surpresos ao notar o bom humor de Walla. "Você pode pegar um pouco da nossa." "Eu quero borracha fresca", disse ele. Ele riu de seus rostos assustados e disse: "Juntem-se a mim e eu vou mostrar o que eu vou fazer com ela." Curiosos, eles se juntaram a ele, e depois de terem recolhido a borracha, ele os levou para o vale das enormes rochas. Lá, ele construiu uma plataforma na árvore mais alta e disse aos outros para recuar até a entrada do vale. Com seu melhor amigo, ele subiu na árvore, e de lá eles gritaram o nome de Bubbur e os ecos soaram pelo vale e o sol se levantou no céu.’

‘Então, ela apareceu - uma enorme cabeça amarela e marrom balançando para lá e para cá, procurando a origem do som. Em torno dela uma massa fervilhante de cobras pequenas amarelo-e-marrom, obviamente chocadas dos ovos que Moora tinha visto. Walla e seu amigo amassaram a borracha em pequenas bolas. Quando Bubbur os viu na árvore abriu suas mandíbulas, colocando para fora sua língua e esticou-se para eles. O sol agora estava em seu apogeu e as mandíbulas vermelho-e-branco de Bubbur brilhavam. Quando Bubbur lançou seu ataque Walla arremessou a maior bola de borracha para dentro da boca aberta da cobra e instintivamente ela cravou suas presas na bola.’

‘Bubbur rolou pelo chão, mas não conseguiu se livrar da borracha presa em sua boca. Walla e seu amigo conseguiram realizar o mesmo truque com as cobras menores, e logo elas foram neutralizadas com suas mandíbulas seladas. Então Walla chamou os outros homens, e eles não mostraram misericórdia, todas as cobras foram mortas. Afinal, Bubbur tinha matado a mais bela filha da tribo, e a descendência de Bubbur um dia iria crescer e se tornar tão grande quanto sua mãe. Daquele dia em diante a temida cobra amarelo e marrom tem sido uma raridade na Austrália. Mas nosso medo tornou-a maior e mais gorda a cada ano que se passou.’

Andrew tomou o último gole do seu Gin Tônica.

“E a moral é...?” perguntou Birgitta.

“O amor é um mistério maior do que a morte. E você tem que tomar cuidado com as cobras.”

Andrew pagou pelas bebidas, deu um tapinha de encorajamento nas costas de Harry e saiu.

(*) *Wombat*: Marsupial da Austrália. São quadrúpedes atarracados, com aproximadamente 1 metro de comprimento, com uma cauda curta e grossa. São encontrados em áreas florestais, montanhosas e em charnecas do Sul da Austrália, incluindo a Tasmânia. (assemelham-se a nossa capivara)

Emu: São aves de cor marrom (castanho), de penas macias, que alcançam de 1.5 a 2 metros de altura e pesam até 60 kg. (Assemelham-se ao Avestruz e a Ema)

MOORA

Um Roupão

Ele abriu os olhos. A cidade do lado de fora da janela zumbia e rosnavava quando ele acordou, e a cortina acenava preguiçosamente para ele. Ele estava deitado olhando um absurdo pendurado na parede do outro lado do quarto espaçoso - uma fotografia do casal real sueco. A rainha com sua calma, sorriso seguro e o rei olhando como se alguém estivesse segurando uma faca em suas costas. Harry sabia como ele se sentia - ele próprio tinha sido convencido a encenar o papel-título de O Príncipe Sapo na escola primária.

De algum lugar veio o som de água corrente, e Harry virou-se para o outro lado da cama e cheirou o travesseiro dela. Um tentáculo de água-viva - ou era um cabelo longo e vermelho? - estava no lençol. Ele lembrou-se de um título na página de esportes do Dagbladet: *ERLAND JOHNSEN, do MOSS F.C. - famoso por seu cabelo vermelho e bolas longas.*

Ele considerou como estava se sentindo. Leve. Leve como uma pena, na verdade. Tão leve que ele estava com medo que as cortinas esvoaçantes pudessem levá-lo da cama e sopra-lo pela janela, e ele iria flutuar sobre Sydney na hora do rush e descobrir que ele não estava usando nenhuma roupa. Ele concluiu que a leveza era resultado da drenagem dos seus vários fluidos corporais no meio da noite, com tanta impetuosidade que ele deve ter perdido muitos quilos.

"Harry Hole, Delegacia de Polícia de Oslo - famoso por suas ideias estranhas e bolas vazias", ele murmurou.

"Perdão?" ouviu uma voz em sueco.

Birgitta estava no quarto vestindo um roupão extraordinariamente horrível com uma toalha branca enrolada na cabeça como um turbante.

"Oh, bom dia, tão antiga, tão livre e grandiosa do Norte, tão quieta, oh! tu beleza alegre! Saúdo-te. Eu estava olhando para a foto do rei rebelde na parede ali. Você acha que ele preferiria ter sido um agricultor, cavando o solo? Isso é o que parece."

Ela estudou a imagem. "Nem sempre nós conseguimos encontrar nosso nicho adequado na vida. E quanto a você, então?" Ela deixou-se cair na cama ao lado dele.

“Uma questão muito séria para esta hora da manhã. Antes de responder, eu exijo que você tire esse roupão. Sem querer me mostrar de maneira muito negativa, eu acho que, como uma reação espontânea, seu roupão se qualifica para inclusão na minha lista top ten da *mais - feia - roupa - que - eu - já - vi.*”

Birgitta riu. “Eu o chamo de *assassino de paixões*. Ele executa uma função útil quando estranhos com cabeça de porco se tornam demasiado ousados.”

“Você já verificou se a cor dele tem um nome? Talvez seja uma tonalidade desconhecida, uma espécie de lacuna ainda não descoberta na paleta de cores, situada em algum lugar entre o verde e o marrom?”

“Não tente escapar de responder minha pergunta, seu teimoso fanfarrão norueguês!” Ela bateu na cabeça dele com o travesseiro, mas depois de uma breve luta livre ela acabou por baixo. Harry segurou suas mãos apertadas enquanto se dobrava e tentava abrir o cinto do roupão com a boca. Birgitta gritou quando percebeu o que ele estava fazendo e libertou um joelho e bateu firmemente no queixo dele. Harry gemeu e rolou para o lado. Em um flash , ela colocou os joelhos sobre seus braços e se sentou em cima dele.

"Responde-me!"

"Tudo bem, tudo bem, eu respondo. Sim, eu encontrei meu nicho na vida. Eu sou o melhor tira que você pode imaginar. Sim, eu prefiro pegar bad boys a ter que cavar o solo - ou ir para jantares de gala e ficar numa varanda acenando para as massas. E, sim, eu sei que isso é petulância.”

Birgitta beijou-o na boca.

"Você poderia ter escovado os dentes," Harry disse com os lábios comprimidos.

Quando ela se inclinou para trás e riu, Harry aproveitou a oportunidade. Ele levantou a cabeça, pegou o cinto com os dentes e puxou. O roupão se abriu e ele rolou para cima dela. Sua pele estava quente e úmida do chuveiro.

"Polícia!", ela gritou, envolvendo as pernas em torno dele. Harry sentiu a pulsação do corpo dela.

“Socorro”, ela sussurrou, e mordiscou lhe a orelha.

Depois eles ficaram quietos olhando para o teto.

“Eu desejo . . .” Birgitta começou.

"Sim?"

"Oh, nada."

Levantaram-se e se vestiram. Harry olhou para seu relógio e viu que já estava atrasado para a reunião da manhã. Ele ficou na frente da porta, com os braços em volta dela.

"Eu acho que sei o que você deseja", disse Harry. "Você deseja que eu diga algo mais profundo sobre mim."

Birgitta descansou a cabeça em seu pescoço. "Eu sei que você não gosta de fazer isso", disse ela. "Tenho a sensação de que a pouca coisa que eu sei sobre você, eu tive que arrancar a fórceps de você. Sua mãe foi uma espécie de mulher inteligente, alegre e brilhante, e você sente falta dela. Seu pai é um professor e não gosta do que está fazendo, mas não diz para ninguém. E a pessoa que você ama acima de tudo na Terra, sua irmã, tem 'um toque' de Síndrome de Down. Eu gosto de saber esse tipo de coisa sobre você. Mas eu quero que você me diga coisas que você queira me dizer espontaneamente."

Harry acariciou seu pescoço. "Você quer saber de uma coisa real? Um segredo?"

Ela assentiu com a cabeça.

"Entretanto, segredos compartilhados unem as pessoas" Harry sussurrou em seu cabelo. "E isso nem sempre é o que as pessoas querem."

Eles ficaram junto à porta sem falar. Harry respirou fundo.

"Toda a minha vida estive rodeado de pessoas que me amam. Eu recebi tudo o que eu pedi. Em suma, não tenho nenhuma explicação do por que eu me tornei no que sou." Um sopro de vento roçou o cabelo de Harry, tão gentilmente que ele fechou os olhos. "Por que eu me tornei um alcoólatra."

Ele disse com uma crueza brutal. Birgitta se agarrou a ele sem se mover.

"É preciso muito esforço para um funcionário público ser despedido na Noruega. Incompetência não é suficiente, a preguiça não é motivo e você pode abusar de seu chefe, tanto quanto quiser, não há problema. Para dizer a verdade, você pode fazer praticamente qualquer coisa - a legislação te protege contra a maioria das coisas. Exceto da bebida. Se você for trabalhar embriagado mais de duas vezes, principalmente no Departamento de Polícia, isso é motivo para demissão imediata. Por algum tempo era mais fácil contar os dias em que eu não estivesse bêbado."

Ele relaxou o aperto dela e segurou-a na frente dele. Ele queria ver como ela estava reagindo. Então, ele puxou-a para perto novamente.

"No entanto, eu recebi de alguma forma, vista grossa daqueles que adivinharam o que estava acontecendo. Alguém deveria ter reportado para

os superiores, mas a lealdade e a solidariedade são fortes na polícia. Uma noite, um colega e eu estávamos indo para um apartamento no Holmenkollen Ridge para interrogar um cara sobre um assassinato relacionado com as drogas. Ele não era nem um suspeito, mas enquanto estávamos tocando a campainha, vimos o carro dele saindo da garagem e nós saltamos para o nosso e fizemos a perseguição. Nós colocamos a luz azul no teto e estávamos fazendo 110 Kph pela Sørkedalsveien abaixo. A estrada era cheia de curvas para a esquerda e para a direita, nós freamos bruscamente varias vezes e meu colega perguntou se não era melhor ele assumir o volante. Eu estava tão decidido a pegar o nosso homem que eu rejeitei a sugestão.”

O que aconteceu depois ele só soube pelos relatórios. Em Vinderen um carro saiu de um posto de gasolina. Dirigido por um garoto que tinha acabado de passar no teste de habilitação e tinha ido até a loja de conveniência para comprar cigarros para o pai. Os dois policiais desviaram o carro para a cerca que margeava as linhas de trem, arrastando um abrigo de ônibus, onde dois minutos antes cerca de cinco ou seis pessoas estiveram de pé, e foram parar sobre a plataforma do outro lado dos trilhos. O colega de Harry foi arremessado pelo para-brisa e foi encontrado vinte metros mais abaixo de onde pararam. Ele bateu a cabeça num poste da cerca primeiro. A força foi tão grande que o poste ficou dobrado. Eles tiveram que tirar as impressões digitais para ter certeza absoluta da sua identidade. O garoto no outro carro ficou paralisado do pescoço para baixo.

“Fui visitá-lo em um lugar chamado Sunnås”, disse Harry. “Ele ainda está sonhando em voltar a dirigir um carro de novo um dia. Eles me encontraram em meio aos destroços com o crânio rachado e hemorragia interna. Eu fiquei na UTI por vários dias.”

Seu pai o visitava todos os dias com a irmã. Eles se sentavam em cada lado da cama, segurando sua mão. Porque uma grave concussão tinha afetado a sua visão, ele não tinha permissão para ler ou assistir TV. Então, seu pai tinha lido para ele. Sentava-se perto da cama e sussurrava em seu ouvido, para não desgastá-lo, enquanto lia Sigurd Hoel e Kjartan Fløgstad, autores favoritos de seu pai.

“Eu tinha matado um homem e destruído a vida de outra pessoa, mas eu estava encapsulado por um amor e devoção atenciosos. E a primeira coisa que fiz quando fui transferido para uma enfermaria foi subornar o homem na cama ao lado para pedir ao seu irmão para comprar uma garrafa de uísque.”

Harry fez uma pausa. A respiração de Birgitta estava calma e uniforme.

"Você está chocada?", ele perguntou.

"Eu sabia que você era um alcoólatra desde o primeiro momento que eu vi você", respondeu Birgitta. "Como o meu pai."

Harry não sabia o que dizer.

"Diga-me mais", disse ela.

"O resto é . . . o resto é sobre a polícia norueguesa . Talvez seja melhor você não saber."

"Nós estamos muito longe da Noruega agora", disse ela.

Harry lhe deu um aperto rápido.

"Você já ouviu o suficiente por um dia", disse ele. "Continua no próximo capítulo. Eu devo ser desligado. Tudo bem se eu for até o Albury e ficar aos seus pés hoje à noite também?"

Birgitta sorriu, um sorriso triste - e Harry percebeu que estava ficando mais envolvido do que deveria.

Significância Estatística

“Você está atrasado”, afirmou Watkins quando Harry chegou ao escritório. Ele colocou uma pilha de fotocópias em sua mesa.

“Jet lag. Alguma novidade?” Harry perguntou.

“Você tem um pouco de leitura aqui. Yong Sue desenterrou alguns casos antigos de estupro. Ele e Kensington estão fazendo uma apresentação no momento.”

Yong colocou uma transparência no retroprojektor.

“Na Austrália foram relatados, só neste ano, mais de cinco mil estupros. Obviamente, tentar encontrar um padrão dentro desta quantidade é impossível sem o uso de estatísticas. Estatísticas frias e concisas. Palavra-chave número um é a significância estatística. Em outras palavras, nós estamos olhando para um sistema que não pode ser explicado por acaso estatístico. Palavra-chave número dois é a demografia.”

“Eu procurei primeiro por relatórios sobre assassinatos não resolvidos e estupros durante os últimos cinco anos, contendo as palavras ‘estrangular’ ou ‘sufocar’. Eu encontrei doze assassinatos e algumas centenas de estupros. Em seguida, eu reduzi os números, acrescentando que as vítimas deviam ser loiras com idade entre dezesseis e trinta e cinco e vivendo na costa leste. As estatísticas oficiais e dados sobre a cor do cabelo divulgados pela Agencia Nacional de Identificação mostram que este grupo constitui menos de cinco por cento da população feminina. No entanto, encontrei sete assassinatos e mais de quarenta estupros.”

Yong mostrou outra transparência sobre as percentagens e mostrando um gráfico de barras. Ele deixou que os outros pudessem ler, sem fazer qualquer comentário. Um longo silêncio se seguiu. Watkins foi o primeiro a falar.

“Será que isso quer dizer . . . ?”

“Não”, disse Yong. “Não quer dizer que sabemos alguma coisa que não sabíamos antes. Os números são muito vagos.”

“Mas podemos imaginar”, disse Andrew. “Podemos, por exemplo, imaginar que há uma pessoa lá fora, estuprando mulheres loiras

sistematicamente e matando-as de forma um pouco menos sistemática. E é alguém que gosta de colocar suas mãos em torno da garganta de uma mulher.”

De repente, todo mundo começou a falar ao mesmo tempo e Watkins levantou as mãos pedindo silêncio.

Harry foi o primeiro a falar. “Por que essa conexão não foi descoberta antes? Estamos falando aqui de sete assassinatos e quarenta a cinquenta estupros com uma possível ligação entre eles.”

Yong Sue encolheu os ombros. “O estupro é, infelizmente, um evento diário na Austrália, e talvez por essa razão não seja dada a prioridade que você acha que devia.”

Harry balançou a cabeça. Ele não sentiu nenhum motivo para inchar o peito com orgulho por conta da Noruega.

“Além disso, a maioria dos estupradores encontram suas vítimas na cidade ou região onde vivem, e não fogem da área depois. É por isso que não há colaboração sistemática entre os vários estados em casos de estupro padrão. O problema nos casos que formam minhas estatísticas é a distribuição geográfica.”

Yong apontou para a lista de nomes de lugares e datas.

“Um dia, em Melbourne, um mês mais tarde, em Cairns e na semana seguinte, em Newcastle. Estupros em três estados diferentes em menos de dois meses. Às vezes, usando uma balaclava, às vezes uma máscara, pelo menos uma vez uma meia de nylon e algumas vezes as mulheres não viram o estuprador muito bem. As cenas do crime vão de ruelas escuras até parques. As vítimas foram arrastadas para carros, suas casas foram invadidas durante a noite. Em resumo, não há um padrão aqui, exceto que as vítimas são loiras, foram estranguladas e ninguém foi capaz de dar à polícia uma descrição do homem. Bem, há outra coisa. Quando ele leva a cabo o assassinato tudo é feito de modo extremamente limpo. Muito triste! Ele provavelmente lava as vítimas, remove todos os traços de si mesmo: impressões digitais, sêmen, fibras de roupas, cabelos, pele sob as unhas da vítima e assim por diante. Mas além desse detalhe não há nenhuma das coisas que geralmente associamos com um serial killer: não há sinais grotescos, atos rituais ou cartões telefônicos para a polícia dizendo: “Eu estive aqui”. Após três estupros em dois meses o resto do ano tem sido tranquilo. A menos que ele esteja por trás de alguns dos outros estupros. Mas não temos como saber isso.”

"E sobre os assassinatos?" Harry perguntou. "Isso não deveria ter tocado o sinal de alerta?"

Yong balançou a cabeça. "Como eu disse, distribuição geográfica. Se a polícia de Brisbane encontrar um corpo que foi abusado sexualmente, Sydney não é o primeiro lugar em que vai olhar. De qualquer forma, os assassinatos estão distribuídos ao longo de muito tempo o que torna difícil para qualquer um perceber uma ligação clara. Afinal, estrangulamento não é incomum em casos de estupro."

"Vocês não tem uma Polícia Federal eficaz na Austrália?" Harry perguntou.

Sorrisos em toda a volta da mesa. Harry mudou de assunto.

"Se é um serial killer..." Harry começou.

". . . Então ele muitas vezes tem um padrão, um tema," Andrew terminou. "Mas não há nenhum aqui, não é?"

Yong balançou a cabeça. "Alguns inspetores em algum ponto ao longo dos anos deve ter considerado a ideia de que um serial killer estava à solta. Ele provavelmente tirou relatórios antigos dos arquivos e comparou-os, mas as variações foram demasiado grandes para confirmar a suspeita."

"Se é um serial killer, será que ele não tem um desejo mais ou menos consciente de ser pego?" perguntou Lebie.

Watkins pigarreou. Esta foi a sua especialidade.

"Essa é a forma como é apresentado na ficção policial", disse ele. "As ações do assassino são um grito de socorro; ele deixa pequenas mensagens codificadas e provas como o resultado de um desejo inconsciente de que alguém possa impedi-lo de continuar matando. E às vezes é assim que acontece. Mas, infelizmente, a maioria dos serial killer é como a maioria das pessoas; eles não querem ser apanhados. E se este é realmente um serial killer ele não deixou alguma pista para irmos em frente. Há uma série de coisas que eu não gosto..."

Ele contraiu o rosto e revelou um conjunto superior de dentes amarelos.

"Primeiro ponto, não parece haver qualquer padrão para as mortes, além do fato de que as vítimas são loiras e ele as estrangula. Isso pode sugerir que ele vê os assassinatos como eventos isolados, como uma obra de arte que tem de ser diferente da que foi feita antes, ou há um padrão subjacente presente que não podemos ver ainda. Mas também pode significar que os assassinatos não são planejados, portanto, em alguns

casos, tornou-se uma necessidade; por exemplo, se a vítima viu o rosto dele, resistiu, gritou por socorro ou algum outro imprevisto aconteceu.”

"Talvez ele só mate quando ele não consegue a ereção?" Lebie sugeriu.

"Talvez nós devêssemos deixar alguns psicólogos darem um olhar mais atento sobre estes casos", disse Harry. "Eles podem ser capazes de chegar a um perfil que poderia nos ajudar."

"Talvez", disse Watkins. Ele parecia ter a mente em outros assuntos.

"Qual é o segundo ponto, senhor?" perguntou Yong.

"O quê?" Watkins estava de volta.

"Você disse antes, primeiro ponto. Qual é a segunda coisa que você não gosta?"

"Sua inatividade repentina", disse Watkins. "Claro, isso pode ser por razões puramente práticas. Ele pode estar viajando ou ele está doente. Mas também pode ser porque ele tem a sensação de que alguém vai suspeitar de uma conexão em algum lugar. Então, ele para por um tempo. Apenas assim!" Ele estalou os dedos. "Nesse caso, temos um homem realmente perigoso em nossas mãos. Aquele que é disciplinado e astucioso e não é impulsionado pelo tipo de paixão autodestrutiva que só pode aumentar e no final trair muito serial killer. Um assassino calculista e inteligente o qual é improvável nós pegarmos até que ele desencadeie um verdadeiro banho de sangue. Se é que alguma vez vamos conseguir."

"O que vamos fazer agora?" perguntou Andrew. "Devemos dizer a todas as loiras com a idade entre quinze e quarenta para ficar em casa à noite?"

"Fazer isso seria fazê-lo se esconder e nós nunca iríamos encontrá-lo depois", disse Lebie. Ele tinha tirado um canivete e estava cuidadosamente limpando as unhas.

"Por outro lado, vamos deixar todas as loiras na Austrália serem condenadas a servir de isca para esse cara?" Yong disse.

"Não adianta dizer às mulheres para ficarem em casa", disse Watkins. "Se ele está à espreita de uma vítima, ele vai encontrar uma. Ele invadiu algumas casas, não foi. Esqueça. Nós vamos ter que caça-lo."

"Como? Ele opera por todo o maldito o país, e ninguém sabe quando ele vai atacar em seguida. Os estupros normais e as mortes ao acaso." Lebie estava conversando com suas unhas.

"Isso não é correto", respondeu Andrew. "Para ter sobrevivido por tanto tempo não há nada de aleatório nisso. Há um padrão. Há sempre um padrão. Não porque você planeja, mas porque todos os seres humanos são criaturas de hábito, não há nenhuma diferença entre você e eu e o estuproador. É

apenas uma questão de encontrar quais são os hábitos desta criatura especial então."

"O homem deve ter a mente doente", disse Lebie. "Todos os serial killer não são esquizofrênicos, afinal de contas? Não ouvem vozes dizendo-lhes para matar? Concordo com Harry. Vamos colocar um psiquiatra na investigação."

Watkins estava coçando seu pescoço. Ele parecia confuso.

"Um psicólogo pode, provavelmente, nos dizer muito sobre um serial killer, mas não é de todo certo que isso é o que estamos procurando aqui", disse Andrew.

"Sete assassinatos. Eu chamo isso de assassinato em série", disse Lebie.

"Ouça", disse Andrew, inclinando-se sobre a mesa e segurando suas mãos grandes e negras. "Para um serial killer o ato sexual vem em segundo lugar, antes de tudo a matança. Estuprar sem matar não tem sentido. Mas, para o nosso homem o estupro é primordial. Nos casos em que ele mata, há, conseqüentemente, uma razão prática, como diz o inspetor Watkins. Talvez a vítima possa expô-lo - ela viu seu rosto" Andrew fez uma pausa. "Ou elas sabem quem ele é." ele colocou as mãos na frente dele.

O ventilador estava rangendo longe no canto, mas o ar estava mais quente do que nunca.

"As estatísticas são muito boas", Harry disse, "mas não devemos deixar-nos levar. O assassinato de Inger Holter pode ser um ato isolado. Algumas pessoas morreram de pneumonia comum durante a Peste Negra, não foi? Vamos supor que Evans White não é um serial killer. O fato de que há outro cara andando por aí matando loiras não significa que Evans White não pode ter tirado a vida de Inger Holter."

"Explicação complicada, mas eu entendo o seu ponto, Holy", disse Watkins e resumiu: "OK, pessoal, nós estamos à procura de um estuprador e um possível - repito - possível serial killer. Eu vou deixar para McCormack decidir se começamos a investigação. Enquanto isso nós vamos ter que continuar naquilo que estamos fazendo agora. Kensington, nada de novo para relatar?"

"Holy não estava na reunião da manhã, por isso, por causa dele eu vou repetir. Falei com Robertson, o maravilhoso senhorio de Inger Holter, e perguntei-lhe se o nome Evans White o fazia lembrar-se de algo. E o nevoeiro deve ter levantado temporariamente porque na verdade o nome o fez. Vamos até lá de novo esta tarde. Por outro lado, o xerife de Nimbin ligou.

Angelina Hutchinson confirmou que ela estava na casa de Evans White nas duas noites antes de Inger Holter ter sido encontrada.”

Harry praguejou.

Watkins bateu palmas. “OK, de volta ao trabalho, rapazes. Vamos pegar esse filho da puta.”

As palavras saíram sem muita convicção.

Um Peixe

Harry tinha ouvido uma vez que os cães têm uma memória média de curto prazo de três segundos, mas com estímulos repetidos ela pode ser expandida consideravelmente. A frase "o cão de Pavlov" vem do fisiologista russo Ivan Pavlov e seus experimentos com os cães em que ele examinou reflexos condicionados no sistema nervoso. Ele forneceu um estímulo especial (tocava um sino) a cada vez que ele colocava comida para os cães durante um período prolongado. Então um dia ele deu o estímulo sem colocar comida. Mesmo assim o pâncreas e o estômago dos cães produziram o suco para digerir os alimentos. Não muito surpreendente, talvez, mas de qualquer forma Pavlov ganhou o Prêmio Nobel. Ela tinha provado que depois de estímulos continuados e repetidos o corpo poderia 'lembrar'.

Quando Andrew, pela segunda vez em poucos dias, mandou o Tasmanian Devil de Robertson voando por sobre a cerca com um chute bem dirigido, havia, portanto, razão para acreditar que este pontapé iria ficar mais tempo na sua mente do que o primeiro. A próxima vez que o cachorro de Robertson ouvisse passos desconhecidos fora do portão - em vez de seu pequeno cérebro iniciar a formação de uma tempestade, as suas costelas talvez começassem a doer.

Robertson recebeu-os na cozinha e ofereceu-lhes uma cerveja. Andrew aceitou, mas Harry pediu um copo de água mineral. No entanto, Robertson não tinha água para servir, de modo que Harry pensou que teria que se contentar com fumaça.

"Se você não se importa", Robertson disse quando Harry tirou um maço de cigarros. "Fumar é proibido na minha casa. Cigarros prejudicam o nosso corpo", disse ele, bebendo de uma vez metade da garrafa de cerveja.

"Então você leva a sua saúde a sério, não é mesmo?", disse Harry.

"Claro que sim", disse Robertson, ignorando o sarcasmo. "Nesta casa nós não fumamos ou comemos peixe ou carne. Nós respiramos o ar fresco e comemos o que a natureza oferece."

"Será que isso se aplica ao cão também?"

"Meu cachorro não come carne ou peixe, desde que era um filhote. É um verdadeiro lacto-vegetariano", disse ele, com orgulho.

"Isso explica seus maus humores", Andrew murmurou.

"É de nosso conhecimento que você conheceu um tal de Evans White, Sr. Robertson. O que você pode nos dizer?" Harry disse, tirando seu bloquinho. Ele não tinha a intenção de anotar qualquer coisa, mas pela sua experiência as pessoas sentiam que sua declaração era mais importante se você tinha um bloco. Inconscientemente, eles eram mais precisos, levavam mais tempo para verificar se tudo estava correto e eles eram mais detalhistas com os fatos, tais como horários, nomes e lugares.

"O inspetor Kensington ligou para descobrir quem eram os visitantes de Inger Holter enquanto ela morou aqui. Eu disse a ele que eu tinha estado em seu quarto e vi a foto pregada na parede, e eu me lembrei de que eu tinha visto o rapaz com a criança no colo."

"Sério?"

"Sim, o cara veio aqui duas vezes conforme me recordo muito bem. A primeira vez que eles se trancaram no quarto dela ficaram lá por quase dois dias. Ela era muito, bem . . . barulhenta. Eu comecei a me preocupar com os vizinhos e coloquei música em alto volume para não constrangê-los. Inger e esse cara, quero dizer. Embora eles não parecessem estar muito preocupados com isso. A segunda vez que ele ficou aqui apenas duas abanadas de cauda de cachorro, então ele saiu intempestivamente."

"Será que eles tiveram uma briga?"

"Eu suponho que você poderia dizer que sim. Ela gritou para ele que ela diria para a cadela o tipo de bastardo que ele era. E que ela diria a um homem sobre seus planos."

"Um homem?"

"Ela disse um nome, mas eu não me lembro qual foi."

"E essa vadia. Quem poderia ter sido?" Andrew perguntou.

"Eu tento não interferir na vida dos inquilinos particulares, inspetor."

"Excelente cerveja, Sr. Robertson. Quem é vadia?", perguntou Andrew, ignorando o comentário anterior.

"Bem, esse é o ponto." Robertson hesitou enquanto seus olhos saltaram nervosamente de Andrew para Harry. Ele ensaiou um sorriso. "Acho que ela é importante para o caso, você não acha?" A questão ficou pendurada no ar, mas não por muito tempo. Andrew bateu a garrafa na mesa com força. E inclinou-se para o rosto de Robertson.

“Você tem assistido muita TV, Robertson. No mundo real, eu não empurro discretamente uma nota de cem dólares sobre a mesa, você então sussurra um nome e vamos cada um pelos nossos caminhos separados, sem nenhuma outra palavra. No mundo real, eu chamo um carro da polícia, ele chega aqui com as sirenes ligadas, eles vão algemá-lo, te levam para fora, você morrendo de vergonha, com todos os vizinhos assistindo. Então nós vamos acompanhá-lo até a delegacia e trancá-lo de um dia para o outro como suspeito, a menos que você cuspa um nome ou o seu advogado resolva aparecer. No mundo real, no cenário de pior caso, você será acusado de reter informações para encobrir um assassinato. Isso faz de você automaticamente cúmplice de um crime e acarreta numa pena de seis anos de prisão. Então como é que vai ser Sr. Robertson?”

Robertson ficou pálido e sua boca abriu e fechou algumas vezes sem emitir um som. Ele se parecia com um peixe em um tanque que tinha acabado de perceber que ele não ia ser alimentado, ele seria a comida.

“Eu . . . Eu não quero dizer que . . .”

“Pela última vez, quem é a vadia?”

“Eu acho que é aquela na foto . . . a mulher que esteve aqui . . .”

“Que foto?”

“Ela está de pé atrás de Inger o do cara na foto no quarto. Ela é a garota morena com uma bandana na cabeça. Eu a reconheci porque ela esteve aqui um par de semanas atrás, perguntando por Inger. Chamei-a e puseram-se a falar lá fora na porta. Suas vozes gradualmente ficaram mais alta e mais alta e elas realmente discutiram seriamente. Em seguida, a porta bateu, e Inger correu para cima para o quarto chorando. Eu não a vi desde então.”

“Você poderia, por favor, trazer-me a foto, Sr. Robertson? Eu tenho uma cópia no meu escritório.”

Robertson havia se tornado a própria utilidade e subiu para o quarto de Inger. Quando ele voltou, Harry não levou mais do que um piscar de olhos para ver qual das mulheres da foto Robertson informara.

“Eu achei que havia algo familiar naquele rosto quando a conhecemos”, disse Harry.

“Não é a Mamã Coração bondoso?” Andrew exclamou surpreso.

“Eu aposto que seu nome verdadeiro é Angelina Hutchinson.”

O Diabo da Tasmânia não estava em qualquer lugar, que eles pudessem ver, quando saíram.

“Alguma vez você já se perguntou por que todo mundo te chama de oficial, como se você fosse um policial local, numa ronda, inspetor?”

"Deve ser por causa da minha personalidade que inspira confiança. Oficial soa como um tio bondoso, não é?" Andrew disse com satisfação. "E agora eu não tenho o coragem para corrigi-los."

"Você é apenas um grande urso de pelúcia, isso é o que você é." Harry riu.

"Urso Koala", disse Andrew.

"Seis anos de prisão", disse Harry. "Seu mentiroso."

"Foi a primeira coisa que veio na minha cabeça", disse Andrew.

Terra Nullius

Chovia em Sydney. A chuva estava martelando no asfalto, espirrando contra as paredes das casas e em apenas um minuto transformou-se em rios correndo pelos meio-fio. Pessoas corriam atrás de abrigo chapinhando nas poças com os sapatos fazendo *splash*. Alguns que, obviamente, tinham ouvido a previsão do tempo no jornal da manhã estavam carregando guarda-chuvas. Agora, eles estavam surgindo como enormes cogumelos, colorindo as ruas. Andrew e Harry estavam no carro à espera dos semáforos na William Street perto do Hyde Park.

"Você se lembra do cara aborígine no parque perto do Albury naquela noite?" Harry perguntou.

"No Green Park?"

"Ele cumprimentou você, mas você não respondeu de volta. Por que não?"

"Eu não o conhecia."

As luzes do semáforo voltaram para o verde e Andrew pisou no acelerador.

O Albury não estava movimentado quando Harry entrou.

"Você está adiantado", disse Birgitta. Ela estava colocando copos limpos nas prateleiras.

"Eu pensei que o atendimento seria melhor antes do pico."

"Atendemos bem, qualquer um e todo mundo aqui, a qualquer hora." ela beliscou a bochecha de Harry. "O que você vai querer?"

"Apenas um café."

"É por conta da casa."

"Obrigado, querida."

Birgitta riu. "Querida? Isso é como meu pai chama minha mãe." Ela se sentou em um banquinho e se inclinou sobre o bar em direção a Harry. "E , na verdade, eu deveria ficar nervosa quando um cara que eu conheço há menos de uma semana começa a usar termos carinhosos comigo."

Harry aspirou seu aroma. Os cientistas ainda sabem muito pouco sobre a forma como o córtex olfativo do cérebro converte impulsos dos receptores

em sentidos conscientes de cheiro. Mas Harry não estava pensando muito sobre os *como*, ele só sabia que quando ele a cheirava, todos os tipos de coisas começavam a acontecer na sua cabeça e no corpo. Como as pálpebras se entrecerrando, como a boca se alargando num sorriso largo e seu humor melhorando - uma felicidade total.

"Relaxe", disse. " 'Querida' pertence à categoria de nomes inofensivos para animais de estimação."

"Eu nem sabia que existiam nomes inofensivos para animais."

"Sim , eles existem. Tem 'Amoreco', por exemplo . ' Docinho'. Ou ' mozinho ' ."

"E quais são os perigosos?"

"Bem, schnookiepooks é muito perigoso", disse Harry .

"O queeee?"

"Schnookiepooks. Muffiewuff. Sabe? nominhos-fofos-de ursinhos. O importante é que os nomes para bichinhos de estimação não tenham um som banal ou impessoal para eles. Eles têm que ser mais sob medida, palavras íntimas. E eles são geralmente pronunciados pelo nariz, então eles têm aquele som *cutch-cutch* que as pessoas usam com as crianças. Então não há razão para se sentirem claustrofóbicos."

"Você tem mais algum exemplo?"

"O que aconteceu com o café?"

Birgitta bateu-lhe com o pano. Em seguida, ela colocou um pouco de café em uma caneca grande. Ela estava em pé, de costas para ele, e Harry sentiu um desejo de estender a mão e tocar no seu cabelo.

Ela serviu-lhe o café e, em seguida, passou a servir outro cliente porque o movimento começou a esquentar. Sua atenção foi atraída pelo som da TV suspensa sobre as prateleiras do bar. Era um programa de notícias, e, eventualmente, Harry entendeu que se tratava de um grupo de aborígenes exigindo certos direitos territoriais.

" . . . no que diz respeito à nova legislação sobre Direitos de Propriedades Nativa", disse o locutor.

"Então a justiça prevaleceu . . . ", ele ouviu uma voz atrás dele dizer.

Harry se virou. No começo, ele não reconheceu a mulher de pernas longas, maquiada grosseiramente e com uma peruca loira muito alta. Mas, então, ele reconheceu o nariz gordo e a abertura entre os dentes.

"O palhaço!", exclamou. "Otto . . ."

"Otto Rechnagel, Sua Alteza , em pessoa, Harry Bonitão. Esse é o problema com estes saltos altos. Eu realmente prefiro que meus homens

sejam mais altos do que eu. Posso?" Ele sentou-se no banco do bar ao lado de Harry.

"Qual é o veneno que você vai beber?" Harry perguntou, tentando chamar a atenção de Birgitta.

"Relaxa, ela já sabe", disse Otto.

Harry lhe ofereceu um cigarro, que ele pegou, sem uma palavra de agradecimento e colocou em uma piteira rosa. Harry estendeu um fosforo, e Otto, rosto encovado e provocante, observou-o, enquanto acendia o cigarro. O vestido curto se agarrou nas suas coxas magras, cobertas de nylon. Harry teve que admitir que a maneira de se vestir era uma obra-prima secundária. Otto como *drag queen* era mais mulher do que muitas que ele já conheceu. Harry afastou os olhos e apontou para a tela da TV.

"O que você quer dizer com justiça que prevalece?"

"Você não ouviu sobre *terra nullius*? Eddy Mabo?"

Harry balançou a cabeça duas vezes. Otto franziu os lábios e soltou dois grossos anéis de fumaça, subindo lentamente no ar.

"*Terra nullius* é um pequeno conceito engraçado. O *Inglês* inventou a expressão quando chegou aqui e viu que não havia muitas terras cultivadas na Austrália. E só porque os aborígenes não ficavam em cima de campos de batata metade do dia, o *Inglês* considerou-os como de status inferior. No entanto, as tribos aborígenes sabiam uma coisa ou duas sobre a natureza; eles sabiam onde sempre havia comida, em qualquer temporada, e tinham uma vida de aparente abundância. Mas porque eles não eram fazendeiros, o *Inglês* determinou que ninguém era dono da terra. Era *terra nullius*. E de acordo com esse princípio o *Inglês* poderia simplesmente emitir títulos de propriedade para os novos colonos, sem dar qualquer satisfação, nem consideração, pelo que os aborígenes poderiam ter para dizer. Eles não puderam reivindicar sua própria terra."

Birgitta colocou uma grande margarita na frente de Otto.

"Há alguns anos atrás, Eddy Mabo, um cara das Torres Strait Islands, desafiou essa Legislação contestando o princípio *terra nullius* e afirmando que a terra naquele tempo tinha sido ilegalmente retirada dos aborígenes. Em 1992, a Suprema Corte aceitou o seu ponto de vista e confirmou que a Austrália tinha pertencido aos povos aborígenes. A decisão judicial determinou que as terras onde os habitantes indígenas viveram ou ocuparam antes dos brancos chegarem poderiam ser exigidas de volta. Naturalmente, que esta decisão criou uma terrível agitação com um montão

de brancos fazendo um clamor extravagantemente exagerado porque tinham medo de perder suas terras."

"E qual é a situação agora?"

Otto tomou um longo gole da sua margarita, fez uma careta, como se tivesse tomado vinagre e limpou a boca com cuidado e com uma expressão de menosprezo.

"Bem, a decisão está lá. E existem as leis sobre os Direitos de Propriedades Nativa. Mas ela é interpretada de uma forma que não parece ser muito despótica. Não é o caso em que um pobre agricultor, de repente descobre que sua propriedade está sendo confiscada. Então, o pior do pânico já passou, gradualmente."

Aqui estou sentado em um bar, Harry pensou, ouvindo de um travesti palestras sobre política australiana. Sentia-se em casa, um pouco como Harrison Ford na cena do bar em *Star Wars*.

A notícia foi interrompida por um intervalo comercial com sorridentes australianos com camisas de flanela e chapéus de couro. Era a publicidade de uma marca de cerveja cuja maior qualidade, aparentemente, era ser "orgulhosamente australiana."

"Bem, aqui está a terra nullius", disse Harry.

"Saúde, Bonitão. Ah, eu quase esqueci. Nossa nova apresentação será no Teatro St George em Bondi Beach. Exorto você e Andrew para vir e vê-lo. Traga um amigo, se quiser. OK para mim se você guardar todos os seus aplausos para os meus números."

Harry curvou a cabeça e agradeceu Otto pelos três bilhetes que ele estava segurando com seus pequenos dedos estendidos.

Um Cafetão

Passando pelo GREEN PARK indo do Albury para King's Cross, Harry involuntariamente procurou pelo aborígine cinza, mas nesta noite, havia apenas um par de bêbados brancos sentados no banco à luz pálida das lâmpadas do parque. As nuvens do início do dia tinham se afastado e o céu estava claro e estrelado. Na calçada ele passou por dois homens que estavam claramente discutindo - eles estavam em lados opostos da calçada aos gritos um para o outro, de modo que Harry teve que passar entre eles. "Você não disse que ia ficar fora a noite toda!" Gritou um deles com uma voz esganiçada, cheia de lágrimas.

Do lado de fora de um restaurante vietnamita um garçom estava encostado ao lado da porta, fumando. Ele tinha a aparência de quem já tinha tido um longo dia. A fila de carros e pessoas escorria lentamente pela Darlinghurst Road em King's Cross.

Na esquina da Bayswater Road Andrew estava mastigando uma *bratwurst*.(*1)

"Aí está você," disse ele. "Na hora. Muito alemão."

"Alemão?"

"Os alemães são germânicos. Você vem de uma tribo germânica do norte. Você até que se parece muito. Você não está negando a sua própria tribo, não é?"

Harry estava tentado a responder com a mesma pergunta, mas absteve-se.

Andrew estava em clima efusivo. "Vamos começar com alguém que eu conheço", disse ele .

Eles concordaram em iniciar a pesquisa para encontrar a proverbial agulha no meio do palheiro mais próximo que eles podiam imaginar - entre as prostitutas da Darlinghurst Road. Elas não eram difíceis de encontrar. Harry já reconhecia algumas delas.

"Mongabi, meu amigo, como vai o negócio?" Andrew parou e foi calorosamente recebido por um homem de pele escura vestindo um terno

apertado e grandes joias. Um dente de ouro brilhou quando ele abriu a boca.

"Tuka, você grande garanhão! Não posso reclamar, entende."

Ele se parece com um cafetão, se é que alguém parece, Harry pensou.

"Harry, diga olá a Teddy Mongabi, o pior cafetão de Sydney. Ele vem fazendo isso há vinte anos e ainda está com suas meninas na rua. Você não está ficando um pouco velho para isso agora, Teddy?"

Teddy levantou os braços e sorriu. "Eu gosto daqui, Tuka. Este é o lugar onde está acontecendo, entende. Se você se senta num escritório não demora muito antes de você perder a sua perspectiva e controle. E o controle é tudo neste jogo, você sabe. Controle das meninas e controle dos clientes. As pessoas são como os cães, você sabe. Um cão que você não tem sob controle é um cão infeliz. E cães infelizes mordem, entende."

"Se você diz, Teddy. Olha, eu gostaria de ter uma palavra com uma das suas meninas. Estamos à procura de um menino mau. Ele até poderia ter estado por aqui com seus truques sujos também."

"Tudo bem, com qual você ia gostar de conversar?"

"Sandra está aqui?"

"Sandra vai chegar a qualquer momento. Tem certeza que você não quer mais alguma coisa? Além de um bate-papo, eu quero dizer."

"Não, obrigado, Teddy. Estaremos no Palladium. Pode dizer-lhe para dar um pulinho por lá?"

Do lado de fora do Palladium estava um porteiro incentivando, com tentações lascivas, a multidão para entrar na boate. Ele se animou quando viu Andrew, que trocou duas palavras com o porteiro e passaram livremente pela bilheteria. Uma escada estreita descia para o porão do clube de strip mal iluminado onde um punhado de homens sentados em volta das mesas esperava a próxima apresentação. Eles encontraram uma mesa no fundo do salão.

"Parece que você conhece todo mundo por aqui", disse Harry.

"Todo mundo que precisa me conhecer. E eu preciso conhecer. Certamente você tem esta simbiose estranha entre a polícia e o submundo em Oslo, também, não é?"

"Claro. Mas parece que você tem um relacionamento mais quente com os seus contatos do que nós."

Andrew riu. "Eu acho que eu sinto certa afinidade. Se eu não estivesse entrado para o Departamento de Polícia eu poderia ter entrado neste *negócio*, quem sabe?"

A minissaia preta oscilou pelas escadas abaixo sobre saltos altíssimos. Por baixo da franja curta, ela olhou ao redor com olhos pesados e vidrados. Em seguida, ela se aproximou da mesa deles. Andrew empurrou uma cadeira para ela.

"Sandra, este é Harry Holy."

"Sério?", ela disse, com grandes lábios, vermelhos, abertos num sorriso torto. Faltava um canino nele. Harry apertou uma mão cadavérica e fria. Havia algo familiar nela. Será que ele a viu na Darlington Road alguma noite? Talvez ela estivesse usando uma maquiagem ou roupas diferentes?

"Então, sobre o que é isto? Você está atrás de alguns vilões, Kensington?"

"Estamos à procura de um vilão em particular, Sandra. Ele gosta de sufocar as meninas. Usando suas mãos. Te faz lembrar alguém?"

"Lembrar? Se parece com cinquenta por cento de nossos clientes. Ele machucou alguém?"

"Provavelmente apenas naquelas que seriam capazes de identificá-lo", disse Harry. "Você já viu este cara?" Ele mostrou a foto de Evans White.

"Não", ela respondeu sem olhar, e se virou para Andrew. "Quem é este cara Kensington?"

"Ele é da Noruega", disse Andrew. "Ele é um policial e sua irmã estava trabalhando no Albury. Ela foi estuprada e assassinada na semana passada. Vinte e três anos de idade. Harry tirou licença e veio aqui para encontrar o homem que fez isso."

"Sinto muito." Sandra olhou para a foto. "Sim", disse ela. Nada mais.

Harry ficou animado. "O que você quer dizer?"

"Quero dizer, sim, eu o vi."

"Você, ahn . . . se encontrou com ele?"

"Não, mas ele aparece em Darlington Road de vez em quando. Eu não tenho nenhuma ideia do que ele faz por ali, mas seu rosto é familiar. Eu posso perguntar um pouco por aí."

"Obrigado . . . Sandra", disse Harry. Ela deu-lhe um sorriso rápido.

"Eu tenho que ir trabalhar agora, rapazes. Ainda vejo vocês, eu acho." Com isso, a minissaia foi embora da mesma maneira que havia chegado.

"Simmm!" Harry gritou.

"Sim? Só porque alguém viu o cara em King's Cross? Aparecer na Darlington Road não é proibido. Nem transar com prostitutas, se é que ele fez isso. Não muito proibido, de qualquer maneira."

"Você não sente isso, Andrew? Há quatro milhões de habitantes em Sydney, e ela viu a única pessoa que estamos procurando. Claro, isso não prova nada, mas é um sinal, não é? Você não está sentindo que estamos ficando mais quentes?"

A música ambiente foi desligada e as luzes foram reduzidas. Os clientes do estabelecimento dirigiram a sua atenção para o palco.

"Você é com a mente fixa em Evans White, não está."

Harry balançou a cabeça. "Cada fibra do meu corpo me diz que foi o Evans White. Eu sinto nos meus intestinos, tenho um instinto, sim."

"Intestinos?"

"A intuição não é abracadabra quando você pensa sobre isso, Andrew."

"Eu estou pensando nisso agora, Harry. E eu não sinto nada no meu intestino. Explique-me como este seu intestino funciona, se você não se importar."

"Bem . . ." Harry olhou para Andrew para verificar que ele não estava com gozação. Andrew devolveu o olhar com uma expressão genuinamente interessada. "A intuição é apenas a soma de toda a sua experiência. A maneira como você vê as coisas, tudo o que você já experimentou, tudo o que você sabe, ou você pensa que sabe ou não sabe que você sabia, tudo está adormecido no seu subconsciente, por assim dizer. Como regra, você não percebe a criatura dormindo, ela só está lá, roncando e absorvendo coisas novas, certo? Mas de vez em quando ela pisca, estende-se e diz-lhe , hey , eu já vi esta imagem antes. E diz-lhe onde as coisas se encaixam na foto."

"Maravilhoso, Holy. Mas você tem certeza que a sua criatura adormecida realmente está vendo todos os detalhes nesta imagem? O que você vê depende de onde você está e do ângulo a partir do qual você está olhando."

"O que você quer dizer?"

"Olhe o céu. O céu que você vê na Noruega é o mesmo que o que você vê na Austrália. Mas agora você está aqui no sul, e você está, na sua cabeça, fazendo um raciocínio como se estivesse em casa, não está? Mas você está vendo as estrelas de cabeça para baixo. Se você não percebe que você está de cabeça para baixo você pode se confundir e cometer erros."

Harry olhou para Andrew. "De cabeça para baixo, hein?"

"Sim". Andrew fumava seu charuto.

"Na escola eu aprendi que o céu que você vê é bem diferente do que nós vemos. Se você estiver na Austrália a curvatura da terra cobre a visão das estrelas que vemos à noite, na Noruega."

"OK, então," Andrew disse, imperturbável. "Resumindo, é uma questão de a partir de onde você vê as coisas. A questão é que tudo é relativo, não é? E é isso que torna essa merda toda tão complicada."

Do palco veio um som de assobio e uma fumaça branca. No momento seguinte, ela mudou para vermelho e violinos foram ouvidos nos alto-falantes. Uma mulher usando um vestido reto e um homem de calças e camisa branca saíram da fumaça.

Harry já tinha ouvido aquela música antes. Era o mesmo zumbido que ele tinha ouvido dos fones de ouvido do seu vizinho no avião, durante todo o caminho de Londres até aqui. Mas só agora que ele ouviu a letra. Uma voz de mulher cantava que eles a chamavam de rosa selvagem e ela não sabia o por que.

O timbre de menina estava em nítido contraste com a voz profunda e sombria do homem:

*'Então é um beijo de despedida,
Dizem que toda a beleza deve morrer,
Abaixei-me e plantei uma rosa entre seus dentes...'*

Harry estava sonhando com estrelas e serpentes amarelas e marrons, quando foi acordado por uma suave batida na porta do seu quarto de hotel. Por um momento ele ficou imóvel, consciente apenas de como ele estava contente. Tinha começado a chover de novo, e os canos do lado de fora de sua janela estavam cantando. Levantou-se, nu, abriu a porta e esperava que sua ereção incipiente pudesse ser notada. Birgitta riu com surpresa e pulou em seus braços. Seu cabelo estava todo molhado.

"Eu pensei que você tivesse dito as três," Harry disse, fingindo estar ofendido.

"Os clientes não queriam ir embora", disse ela, levantando seu rosto sardento para ele.

"Estou loucamente, de forma incontrolável, com a cabeça totalmente perdida de paixão por você", ele sussurrou, segurando seu rosto entre as mãos.

"Eu sei", disse ela.

Harry estava perto da janela, bebendo suco de laranja do frigobar e examinando o céu. As nuvens tinham se afastado novamente, como se alguém tivesse enfiado um garfo no céu de veludo várias vezes para que a luz divina acima delas brilhasse através dos furos.

"O que você acha de travestis?" Birgitta perguntou da cama.

"Você quer dizer, o que eu acho de Otto?"

"Também."

Harry pensou. "Eu acho que eu gosto do estilo arrogante dele. As pálpebras abaixadas, a expressão descontente. O cansaço do mundo. Como devo explicar? É como um cabaret melancólico em que ele flerta com toda a gente. Uma autoparódia de um flerte superficial."

"E você gosta disso?"

"Eu gosto da sua atitude de *não - estou - nem - aí*. E que ele apoia tudo o que a maioria odeia."

"E o que é que a maioria odeia?"

"Fraqueza. Vulnerabilidade. Os australianos se gabam de que são uma nação liberal. Talvez eles sejam. Mas o meu entendimento é que o seu ideal é o australiano honesto, simples, e trabalhador com um bom senso de humor e um toque de patriotismo."

"Exatamente. *True blue*."

"O quê?"

"Eles chamam isso de ser uma *true blue*. Ou *fair dinkum*. Isso significa que alguém ou alguma coisa é genuína, decente, verdadeira".

"E por trás da fachada de decência jovial é fácil esconder tanta porcaria. Otto, por outro lado, com todos os seus modos esdrúxulos, representa a sedução, ilusão e falsidade, parece-me ser o melhor exemplo de sinceridade que eu conheci aqui. Nu, vulnerável e genuíno."

"Isso soa muito Politicamente Correto, se você me perguntar. Harry Holy, o melhor amigo do homem gay." Birgitta estava provocando.

"Porém, eu argumentei muito bem a questão, não foi?"

Deitou-se na cama, olhou para ela e piscou os inocentes olhos azuis. "Eu estou terrivelmente contente e eu não estou com disposição para mais uma rodada com você, *frøken* (*2). Nós temos que levantar cedo de manhã, eu quero dizer."

"Você acabou de falar como querendo que eu vá embora", disse Birgitta, e então eles lançaram-se um ao outro mais uma vez.

(*1) *Bratwurst*: salsicha de origem alemã, composta por carnes de porco, vaca e, por vezes, vitela. O nome *brät* significa carne cortada em pedaços pequenos e *wurst* significa salsicha. Apesar de a palavra *brät* em *bratwurst* descrever a forma com as salsichas são fabricadas, é frequentemente confundida como derivada do verbo *braten*, que significa

fritar ou assar. Fritar e assar são as formas mais comuns de preparação destas salsichas.

*(*2) frøken: senhorita em sueco.*

Uma Prostituta Simpática

Harry encontrou SANDRA na frente do Dez Go-Go. Ela estava de pé no meio-fio esquadrinhando seu pequeno reino no King's Cross, com as pernas cansadas de se equilibrar em saltos altos, os braços cruzados, com um cigarro entre os dedos e os olhos de Bela Adormecida que são convidativos e repelem ao mesmo tempo. Em suma, ela iria se parecer uma prostituta em qualquer parte do mundo.

"Bom dia", disse Harry. Sandra olhou para ele, sem um sinal de reconhecimento. "Lembra-se de mim?"

Ela levantou os cantos de sua boca. Poderia ser concebido como um sorriso. "Claro, amor. Vamos."

"Eu sou Holy, o policial."

Sandra olhou para ele. "Que droga. Sempre nesta hora as minhas lentes de contato estão começando a entrar em greve. Deve ser por cauda de todos esses gases de escapamento."

"Posso te pagar um café?" Harry perguntou educadamente.

Ela encolheu os ombros. "Não vamos ter muito mais movimento por aqui, então eu já posso encerrar o expediente."

Teddy Mongabi apareceu de repente na porta do Strip-Club mastigando um palito de fósforo. Ele acenou com a cabeça brevemente para Harry.

"**Como seus** pais estão indo?" Sandra perguntou quando o café chegou. Eles estavam sentados no Coffee Shop onde Harry costumava fazer o desjejum, Bourbon & Beef, e o garçom lembrou-se do pedido de sempre de Harry: Ovos Benedict, batatas fritas à inglesa, café com leite espumante. Sandra pediu café preto simples.

"Desculpe-me?"

"Sua irmã ..."

"Oh, sim, certo." Ele levou o copo à boca para ganhar tempo.

"Hum, sim, o melhor que podem. Obrigado por perguntar."

"É um mundo terrível este em que vivemos."

O sol ainda não estava brilhando sobre os telhados na Darlinghurst Road, mas o céu já estava azul celeste com alguns pompons de nuvens

brancas aqui e ali. Parecia papel de parede de quarto de criança. Mas isso não ajudava, porque o mundo era um lugar terrível.

"Eu conversei com algumas das meninas", disse Sandra. "O nome do cara na foto é White. Ele é um traficante. Speed e ácido. Algumas das meninas compram dele, mas nenhuma delas o teve como cliente."

"Talvez ele não tenha que pagar para ter suas necessidades atendidas", disse Harry.

Sandra bufou. "Necessitar de sexo é uma coisa. Necessidade de comprar o sexo é outra completamente diferente. Para muitos homens isto é o que excita. Podemos fazer muita coisa para que você não fique em casa, pode acreditar."

Harry olhou para cima. Sandra estava olhando diretamente para ele e o embaçado dos seus olhos se foi por um momento.

Ele acreditava nela.

"Você checkou as datas que falamos?"

"Uma das meninas diz que comprou ácido dele na noite anterior ao encontro do corpo da sua irmã."

Harry largou a xícara de café, derramando-o, e se inclinou sobre a mesa. Ele falou de forma rápida e suavemente. "Posso falar com ela? Ela é confiável?"

A ampla boca de Sandra, vermelha se abriu em um sorriso. Tinha uma cavidade preta onde o dente estava faltando. "Como eu disse, ela comprou o ácido, o que é proibido na Austrália. E ela é confiável? Ela é uma viciada . . ." Ela encolheu os ombros. "Eu só estou dizendo o que ela me disse. Mas ela perdeu o conceito do que uma quarta-feira ou quinta-feira significam, vamos dizer assim."

O clima na reunião da manhã estava irritante. Até mesmo o rosnado do ventilador estava mais forte do que o habitual.

"Desculpe, Holy. Estamos largando White. Nenhum motivo, e aquela mulher dele diz que ele estava em Nimbin no momento do crime", disse Watkins.

Harry levantou a voz. "Ouça, Angelina Hutchinson usa Speed e sabe Deus o que mais. Ela está grávida, provavelmente de Evans White. Ele é seu fornecedor, pelo amor de Deus! Deus e Jesus em um só! Ela vai fazer o que ele mandar. Falamos com o senhorio e a mulher odiava Inger Holter, e com razão. A menina norueguesa tentou roubar sua galinha de ouro."

"Talvez fosse melhor dar um olhada mais atenta nessa Hutchinson, disse Lebie calmamente. "Pelo menos ela tinha uma motivação clara. Talvez ela seja a única que precisa de White como um álibi e não o contrário."

"White está mentindo, não está? Ele foi visto em Sydney no dia anterior de Inger Holter ter sido encontrada." Harry se levantou e caminhou os dois passos possíveis na sala de reuniões.

"Por uma prostituta viciada em LSD e nem sabemos se ela vai dar uma declaração," Watkins comentou, voltando-se para Yong . "O que as companhias aéreas dizem?"

"Os próprios policiais de Nimbin viram White na rua principal três dias antes do assassinato. Nem a Ansett Airlines nem a Qantas tem White registrado nas listas de passageiros entre aquele dia e o assassinato."

"O que não quer dizer nada", Lebie rosnou. "Se você vende drogas não viaja com seu próprio nome. De qualquer forma, ele poderia ter pegado o trem. Ou dirigido se ele tivesse tempo."

Harry se sentiu estimulado. "Eu repito. Estatísticas americanas mostram que, em setenta por cento de todos os casos de assassinato a vítima conhece o assassino. No entanto, nós estamos focando a investigação sobre um assassino em série que todos nós sabemos que nós temos tanta chance de pegar quanto acertar na loteria. Não deveríamos fazer algo com melhores chances? Afinal de contas, temos um cara que tem um pouco de evidências circunstanciais contra ele. A questão é que agora temos de sacudi-lo. Agir enquanto as pistas ainda estão quentes. Traze-lo aqui dar-lhe uma pressão. Empurrá-lo para que cometa um erro. Agora ele nos tem onde ele quer: em . . . uma . . . uma . . .", ele procurou em vão a palavra em Inglês para *bakevja*. Estagnados.

"Hmm", disse Watkins, pensando em voz alta. Claro que não vai ser muito bom se alguém que esteve bem debaixo dos nossos narizes no final acaba sendo o culpado, e não fizemos nada."

Naquele momento, a porta se abriu e Andrew entrou. "Bom dia, pessoal, desculpe o atraso. Mas alguém tem que manter as ruas seguras. O que há, chefe? Você está com uma carranca pior do que máscara de Halloween."

Watkins suspirou.

"Nós estamos pensando em realocar alguns dos recursos aqui. Deixar a teoria do serial killer de lado por um tempo e colocar todas as nossas energias sobre Evans White. Ou Angelina Hutchinson. Holy parece pensar que o álibi deles não é lá grande coisa."

Andrew riu e arrancou uma maçã do bolso. “Eu gostaria de ver uma menina grávida de quarenta e cinco quilos espremer o pescoço de uma escandinava forte. E depois transar com ela.”

“Apenas uma ideia”, murmurou Watkins.

“E, quanto a Evans White, você pode esquecê-lo.” Andrew brilhou a maçã em sua manga.

“Ah, sim?”

“Eu só estive conversando com um contato. Ele estava em Nimbin comprando um pouco de grama no dia do crime, depois de ter ouvido falar sobre os produtos maravilhosos de White.”

“E?”

“Ninguém lhe disse que White não negociava em casa, então ele foi até o seu apartamento apenas para ser expulso por um lunático delirante com um rifle debaixo do braço. Mostrei-lhe a foto. Desculpe, mas não há dúvida de que Evans White estava em Nimbin no dia do assassinato.”

A sala ficou em silêncio. Apenas o zumbido do ventilador, e o *crunch* que Andrew fez quando deu uma grande mordida na maçã.

“Voltamos a estaca zero”, disse Watkins.

Harry tinha marcado um encontro com Birgitta no Opera House as cinco para um café antes dela ir para o trabalho. Quando chegaram o café estava fechado. Um aviso informava que tinha algo a ver com um espetáculo de balé.

“Sempre tem alguma coisa”, disse Birgitta. Ficaram contra a grade e olharam através do porto de Kirribilli do outro lado. “Eu quero o resto da história.”

“Ele se chamava Stiansen, meu colega. Ronny. Nome de criminoso na Noruega, mas ele não era um bandido. Ronny Stiansen era um bom menino, que gostava de ser um policial. Em boa parte do tempo, de qualquer maneira. O funeral aconteceu enquanto eu ainda estava no hospital. Meu chefe na delegacia me visitou mais tarde. Ele me repassou os desejos de melhora do Chefe de Polícia, e talvez, naquele momento eu devesse ter desconfiado. Mas eu estava sóbrio e meu humor estava no fundo do poço. A enfermeira tinha descoberto o álcool que eu tinha contrabandeado e mudou o meu vizinho para outra ala, então eu não tinha bebido nada há dois dias. ‘Eu sei o que você está pensando’, disse meu chefe. ‘Mas pode parar. Você tem um trabalho a fazer.’ Ele pensou que eu estava considerando o suicídio

como saída. Ele estava enganado. Eu estava pensando em como eu poderia conseguir alguma bebida.

“Meu chefe não é do tipo cheio de rodeios. ‘A morte de Stiansen . Não há nada que você possa fazer para ajudá-lo agora’, disse ele. ‘Tudo o que você pode fazer é ajudar a si mesmo e sua família. E a gente. Você já leu os jornais?’ Eu respondi que não tinha lido qualquer coisa - meu pai tinha lido livros para mim e eu lhe pedira para não mencionar uma palavra sequer sobre o acidente. Meu chefe disse que estava bem. Isso tornou as coisas mais fáceis. ‘Veja bem, não era você que estava dirigindo o carro’, disse ele. ‘Ou, dito de outra maneira, não era um policial bêbado da Polícia de Oslo que estava sentado ao volante.’ Ele me perguntou se eu havia entendido. Stiansen estava dirigindo. De nós dois ele era o único cujo exame de sangue mostrou que estava sóbrio e sério.”

"Ele mostrou alguns jornais velhos e eu pude ver com a minha visão ainda um pouco turva que tinham escrito que o motorista havia morrido instantaneamente, enquanto o colega no banco do passageiro havia sido gravemente ferido. ‘Mas eu estava no banco do motorista’, disse. ‘Eu duvido. Você foi encontrado no banco de trás’, disse o chefe. ‘Lembre-se que você teve uma concussão grave. Meu palpite é que você não consegue se lembrar de nada sobre a perseguição.’ Claro que eu sabia para onde isso estava se encaminhando. A imprensa estava interessada apenas no exame de sangue do motorista, e como isto estava esclarecido ninguém iria se preocupar com o meu. O incidente já tinha sido ruim o suficiente para a Departamento de Policia.”

Birgitta franziu as sobrancelhas e olhou abalada.

"Mas como você poderia dizer para os pais de Stiansen que ele estava dirigindo? Esses policiais não tinham nenhum sentimento. Como ... ?"

"Como eu disse, a lealdade dentro da polícia é muito forte. Em alguns casos, o Departamento de Policia pode vir antes das considerações familiares. Mas talvez desta vez a família de Stiansen tivesse recebido uma versão que fosse mais fácil de digerir. Na versão do chefe, Stiansen tinha assumido um risco calculado para perseguir um traficante de drogas e assassino em potencial , e os acidentes podem acontecer com qualquer um durante uma ocorrência. Afinal, o menino no outro carro era inexperiente e qualquer outro motorista na mesma situação teria reagido mais rapidamente, e não teria entrado na nossa frente. Lembre-se que estávamos com a sirene ligada.”

"E estavam dirigindo a 110 km por hora.”

"Numa área em que o limite era de 50 km por hora. Bem, o menino não poderia ser responsabilizado, é claro. O ponto era a forma de apresentar o caso. Por que dizer para a família que seu filho era o passageiro? Seria melhor para os pais que seu filho fosse o responsável por ter passivamente permitido que um colega bêbado dirigisse o carro? O chefe insistiu com esses argumentos várias vezes. Minha cabeça doía tanto que eu pensei que ia explodir. No final, eu me inclinei sobre a borda da cama e estava vomitando quando a enfermeira entrou no quarto. No dia seguinte, a família Stiansen veio me visitar. Os pais e uma irmã mais nova. Eles trouxeram flores e desejaram que em breve eu estivesse totalmente recuperado. O pai disse que ele se culpava por não ter sido rigoroso o suficiente com seu filho sobre o excesso de velocidade. Eu chorei como um bebê. Cada segundo era como uma execução lenta. Eles se ficaram comigo por mais de uma hora."

"Deus, o que você disse a eles?"

"Nada. Eles dirigiram toda a conversa. Sobre o Ronny. Sobre todos os planos que ele tinha, sobre o que ele iria ser e fazer. Sobre sua namorada, que estava estudando nos Estados Unidos. Ele havia contado sobre mim. Disse que eu era um bom policial e um bom amigo. Alguém em quem você podia confiar."

"O que aconteceu então?"

"Eu fiquei no hospital por mais dois meses. Meu chefe retornou varias vezes. Mais de uma vez ele repetiu o que havia dito antes. 'Eu sei o que você está pensando. Pare com isso.' E desta vez ele estava certo. Eu só queria morrer. Talvez houvesse um traço de altruísmo em manter a verdade escondida; pensando bem não foi a pior parte. A pior parte foi que eu tinha salvado minha própria pele. Isto pode soar estranho, e eu refletia sobre isso com bastante frequência, então me deixe explicar."

"Nos anos cinquenta havia um jovem professor universitário chamado Charles Van Doren, que era famosa em todo os EUA por suas aparições em um game show. Semana após semana, ele venceu todos os adversários. As perguntas eram, por vezes incrivelmente difíceis e todo mundo ficava sem fala com admiração por esse cara ser capaz de responder a todas elas. Ele recebeu cartas com propostas de casamento, ele tinha seu próprio fã-clube e a audiência de suas aulas na universidade foram enormes, é claro. No final, ele anunciou publicamente que os produtores lhe tinham mostrado todas as perguntas de antemão."

"Quando perguntado por que ele tinha se exposto ao golpe ele lhes contou sobre um tio que havia admitido para a sua esposa, a tia de Van

Doren, que ele tinha sido infiel. Ele causou uma grande celeuma na família e, posteriormente, Van Doren havia perguntado ao seu tio por que ele contou para ela. O caso, afinal de contas, tinha ocorrido muitos anos antes, e ele não tinha tido qualquer contato aquela mulher posteriormente. O tio respondeu que ser infiel não tinha sido a pior parte. Foi guardar a culpa consigo que ele não podia suportar. E assim foi com Charles Van Doren também."

"Eu acho que as pessoas sentem uma espécie de necessidade de punição quando eles não podem mais aceitar suas próprias ações. De qualquer forma, eu ansiava por isso: ser punido, ser chicoteado, ser torturado, ser humilhado. Qualquer coisa, desde que eu sentisse que as contas foram liquidadas. Mas não havia ninguém para me punir. Eles não podiam sequer me demitir; oficialmente eu estava sóbrio, não estava? Pelo contrário, recebi o reconhecimento do Chefe de Polícia na imprensa, porque eu tinha sido gravemente ferido em serviço ativo. Então eu me castiguei por conta própria. Eu me dei o pior castigo que eu poderia imaginar: eu decidi viver e eu decidi parar de beber."

"E depois?"

"Eu fiquei de pé novamente e comecei a trabalhar. Trabalhei mais dias do que todos os outros. Treinava. Fiz longas caminhadas. Lia livros. Alguns sobre leis. Parei de me encontrar com os maus amigos. Os bons também, por precaução. Os que eu tinha abandonado durante a fase de toda aquela bebedeira. Eu não sei por que agi assim, na verdade, era como uma grande limpeza. Tudo na minha vida antiga tinha que ser esquecido, tanto as boas como as ruins. Um dia, sentei-me e liguei para todos aqueles que eu achava que eu tinha conhecido na minha vida anterior e disse: "Oi, não me liguem mais. Foi bom ter conhecido vocês." A maioria aceitou. Uns poucos ficaram até felizes, eu suponho. Alguns acharam que eu estava me emparedando. Bem, eles estavam com a razão. Nos últimos três anos tenho passado mais tempo com a minha irmã do que com qualquer outra pessoa."

"E as mulheres em sua vida?"

"Isso é outra história, e pelo menos tão longa quanto. E antiga. Após o acidente nada valia o esforço para me fazer suspirar. Acho que eu me tornei um lobo solitário preocupado com os meus próprios interesses. Quem sabe, eu poderia simplesmente ter sido mais encantador quando eu estava bêbado."

"Por que eles te mandaram para aqui?"

"Alguém nas altas esferas deve pensar que sou útil. Provavelmente é uma espécie de prova de fogo para ver como eu funciono sobre pressão. Se

eu conseguir isso sem fazer de mim mesmo um idiota, pode me abrir algumas possibilidades de voltar para casa, melhor do que era.”

“E você acha que isso é importante?”

Harry encolheu os ombros. “Não há muita coisa que seja importante.”

Um navio hediondo e enferrujado, com bandeira russa, estava em curso, e ainda longe de Port Jackson viram velas brancas adiante, mas agindo como se não estivessem vendo nada.

“O que você vai fazer agora?” ela perguntou.

“Não há muito que eu possa fazer aqui. O caixão de Inger Holter foi enviado para casa. O agente funerário me ligou de Oslo hoje. Disseram-me que a embaixada tinha organizado o transporte. Eles falaram sobre um “cadáver”. Uma criança amada tem muitos nomes, mas é estranho para um falecido ter tantos.”

“Então, quando você vai retornar?”

“Assim que todos os contatos de Inger Holter que conhecemos sejam eliminados do caso. Eu vou falar com McCormack amanhã. Eu provavelmente vou antes do fim de semana. Se nada de concreto vier à luz. Por outro lado, este caso pode tornar-se longo e arrastado, e nós concordamos que a embaixada vai nos manter informados.

Ela assentiu com a cabeça. Um grupo de turistas estava em pé ao lado deles e o zumbido das câmeras misturava-se com a cacofonia da língua japonesa, os gritos de gaivotas e a vibração de barcos passando.

“Você sabia que a pessoa que desenhou a Opera House virou as costas para a coisa toda?” Birgitta disse do nada. Quando os valores gastos superaram o orçamento do Sydney Opera House e atingiram o seu pico, o arquiteto dinamarquês Jørn Utzon abandonou todo o projeto e demitiu-se em protesto. “Imagine alguém se afastando de algo que começou. Algo que você realmente acreditava que seria bom. Eu não acho que poderia fazer isso.”

Eles já tinham decidido que Harry iria acompanhar Birgitta ao Albury ao invés dela pegar o ônibus. Mas eles não tinham muito a dizer e caminharam em silêncio ao longo da Oxford Street para Paddington. Um trovão distante retumbou, e Harry olhou com espanto para o céu limpo, azul. Em um canto havia um homem distinto, grisalho, impecavelmente vestido num terno e com um cartaz pendurado em seu pescoço dizendo: ‘A polícia secreta tomou o meu trabalho, minha casa, e eles arruinaram minha vida. Oficialmente, não existem, eles não têm endereço ou número de telefone e eles não estão

relacionados no orçamento do Estado. Eles acham que não podem ser cobrados. Ajudem-me a encontrar os bandidos e vê-los condenados por seus crimes. Assine aqui ou faça uma doação.' Ele segurava um livro com páginas de assinaturas.

Passaram por uma loja de discos, e no impulso Harry entrou. Atrás do balcão estava um homem usando óculos. Harry perguntou se ele tinha qualquer disco de Nick Cave.

"Claro, ele é australiano", disse o homem tirando os óculos. Ele tinha uma águia tatuada na frente.

"Um dueto. Algo sobre uma rosa selvagem..." Harry começou a dizer.

"Sim, sim, eu sei o que você quer dizer. 'Onde as rosas selvagens crescem' do álbum Murder Ballads. Canção de merda. Álbum de merda. Você faria melhor se comprasse um dos seus bons discos."

O homem colocou os óculos de volta e desapareceu atrás do balcão.

Harry ficou surpreso novamente e piscou na escuridão.

"O que há de tão especial sobre essa música?" Birgitta perguntou quando eles saíram para a rua.

"Nada, obviamente." Harry riu. O cara na loja tinha lhe devolvido o bom humor. "Cave e esta mulher cantam sobre um assassinato. Eles a fazem parecer bonita, quase como uma declaração de amor. Mas é realmente uma música de merda." Ele riu de novo. "Estou começando a gostar desta cidade."

Eles caminharam adiante. Harry olhou para cima e para baixo na rua. Eram quase o único casal misto na Oxford Street. Birgitta segurou sua mão.

"Você deve ver a parada do orgulho gay durante o Mardi Gras", disse Birgitta (*). "Percorre a Oxford Street por aqui. No ano passado, eles disseram que mais de meio milhão de pessoas vieram de toda a Austrália para assistir e participar. Foi uma loucura."

Rua Gay. Rua de Lésbicas. Foi só agora que ele percebeu as roupas expostas nas vitrines. Látex. Couro. Tops apertados e calcinhas de seda minúsculas. Zíperes e rebites. Exclusivo, porém, e muito elegante, não o material suado, vulgar que se usava nos clubes de strip em King's Cross.

"Havia um homem gay que morava perto de casa quando eu era garoto," Harry contou. "Ele devia ter mais ou menos quarenta anos, vivia sozinho, e todo mundo no bairro sabia que ele era gay. No inverno, nós jogávamos bolas de neve nele, gritávamos 'bicha' então corríamos como loucos, convencidos de que ele nos daria um chute no traseiro se ele nos pegasse. Mas ele nunca veio atrás de nós, apenas puxava o chapéu mais para

baixo sobre as orelhas e ia para casa. Um dia, de repente, ele se mudou. Ele nunca fez nada para mim, e eu sempre me perguntei por que eu o odiava tanto.”

“As pessoas têm medo do que eles não entendem. E odeiam o que provoca medo neles.”

“Você é tão sábia,” Harry disse e ela deu-lhe um soco no estômago. Ele caiu na calçada gritando, ela riu e pediu-lhe para não fazer uma cena, e ele se levantou e perseguiu-a pela Oxford Street.

“Espero que ele tenha se mudado para cá,” Harry disse depois.

Tendo deixado Birgitta (ele estava preocupado porque tinha começado a pensar que cada separação dela, curta ou longa, era como uma despedida), ele foi para a fila no ponto de ônibus. Um menino com uma bandeira da Noruega em sua mochila estava na frente dele. Harry queria saber se devia se apresentar quando o ônibus chegou.

O motorista do ônibus ficou enfurecido quando Harry deu-lhe uma nota de vinte dólares.

“Suponho que você não tem cinquenta centavos, não?” Ele disse sarcasticamente.

“Se eu tivesse um, eu teria dado a você, seu bastardo estúpido”, disse ele em eloquente norueguês, enquanto sorria inocentemente. O motorista do ônibus encarou-o ferozmente enquanto lhe entregava o troco.

Ele decidiu seguir a rota que Inger fez a pé para casa, na noite do assassinato. Não porque não tivesse sido percorrido por outros - Lebie e Yong tinham visitado os bares e restaurantes na rota e mostraram a foto de Inger Holter, sem qualquer sucesso, é claro. Ele havia tentado levar Andrew junto com ele, mas ele tinha recusado e disse que era um desperdício de tempo valioso, melhor gasto em frente à TV.

“Eu não estou brincando, Harry. Assistir TV dá-lhe confiança. Quando você vê como as pessoas geralmente ficam estúpidas naquela caixa você se sente inteligente. E os estudos científicos mostram que as pessoas que se sentem inteligentes produzem melhor do que pessoas que se sentem estúpidas.

Havia pouco que Harry poderia argumentar contra essa lógica, mas Andrew tinha de qualquer modo lhe dado o nome de um bar em Bridge Road, onde poderia repassar saudações de Andrew para o proprietário. “Duvido que ele tenha alguma coisa a dizer-lhe, mas ele poderia abater

cinquenta por cento do valor da coca que você vai tomar”, Andrew disse com um sorriso alegre.

Harry desceu do ônibus na prefeitura da cidade e caminhou na direção de Pyrmont. Ele olhou para os altos edifícios e as pessoas andando em volta deles como o povo da cidade costuma fazer, sem parecer ter conhecimento a respeito de como Inger Holter encontrou seu fim naquela noite. No mercado de peixe ele entrou em um café e pediu uma baguete com salmão defumado e alcaparras. Da janela, podia ver a ponte sobre Blackwattle Bay e Glebe do outro lado. Eles haviam começado a montagem de um palco ao ar livre na praça, e Harry viu pelos cartazes que tinha a ver com o Dia da Austrália, que seria naquele fim de semana. Harry pediu ao garçom um café e começou a lutar com o *Sydney Morning Herald*, o tipo de jornal que você pode usar para embrulhar toda um carregamento de peixes, e é um trabalho de verdade para folhear, mesmo se você só olhar para as imagens. Mas ainda havia uma hora de luz do dia e Harry queria ver que criaturas surgiam em Glebe após o início da escuridão.

(*) Mardi Gras: ‘Terça-feira gorda’ em francês. Último dia do carnaval.

Cricket

O **proprietário** do Cricket também era o orgulhoso proprietário da camisa que Allan Border usou quando a Austrália derrotou a Inglaterra por quatro vezes durante a série Ashes 1989. Ela estava em exibição atrás uma moldura de madeira e vidro fixada acima da máquina de pôquer. Na outra parede havia dois bastões e uma bola utilizados na série 1979, quando a Austrália empatou com o Paquistão. Depois que alguém surrupiou as balizas do jogo com a África do Sul, que ficavam penduradas sobre a porta de saída, o proprietário julgou muito seriamente que era necessário pregar seus tesouros firmemente - depois disso um par de protetores de pernas pertencente ao lendário Don Bradman foi quebrado em pedaços por um cliente que foi incapaz de arrancá-lo da parede.

Quando Harry entrou e viu a combinação de tesouros nas paredes e os ostensivos fãs de críquete que formavam a clientela do Cricket, a primeira coisa que lhe chamou a atenção foi que ele deveria rever sua percepção de que o cricket era um esporte de pessoas elegantes e refinadas. Os clientes não estavam bem arrumados nem particularmente perfumados, nem mesmo Borroughs, atrás do balcão.

"Boa noite", disse ele. Sua voz soava como uma foice contundente contra uma pedra de amolar.

"Tonica, sem gin," Harry pediu, e disse-lhe para ficar com o troco da nota de dez dólares.

"Muito para uma gorjeta, parece mais como um suborno", disse Borroughs, acenando com a nota. "Você é um policial?"

"Eu sou tão fácil de detectar?" Harry perguntou com uma expressão conformada.

"Além do fato de você parecer um merda de um turista, sim."

Borroughs colocou o troco sobre o balcão e se afastou.

"Sou amigo de Andrew Kensington", disse Harry.

Borroughs girou tão rápido quanto um raio e pegou o dinheiro de volta.

"Por que você não disse imediatamente?", ele murmurou.

Borroughs não conseguia se lembrar de ter visto ou ouvido falar de Inger Holter, o que na verdade Harry já sabia, pois Andrew já tinha falado

com ele. Mas, como seu antigo tutor na polícia de Oslo, 'Lumbago' Simonsen, sempre disse: "É melhor perguntar muitas vezes do que poucas."

Harry olhou em volta. "O que você tem aqui?", perguntou ele.

"Kebab com salada grega", respondeu Borroughs. "Hoje é especial, sete dólares."

"Desculpe, deixe-me reformular", disse Harry. "Quero dizer, que tipo de pessoas você serve? Como é a sua clientela?"

"Eu acho que é o que você chamaria de subclasse." Ele deu um sorriso indulgente. Ele dizia muito sobre a vida adulta de Borroughs e seu sonho de transformar o bar em algo melhor.

"Eles são habituais?" Harry perguntou, apontando para um canto escuro da sala e os cinco homens bebendo cerveja numa mesa.

"Yup. A maioria aqui é. Nós não estamos listados no Guia Turístico."

"Você se importaria se eu lhes fizer algumas perguntas?" Harry perguntou.

Borroughs hesitou. "Esses caras não são exatamente uns menininhos comportados. Eu não sei como eles ganham o seu dinheiro, e não tenho a intenção de perguntar-lhes, também. Mas eles não trabalham das nove as cinco, falando claramente."

"Ninguém gosta de meninas inocentes sendo estupradas e estranguladas no distrito, eles gostariam? Nem mesmo as pessoas com um pé de cada lado da lei. Isso assusta as pessoas ao longe e não é bom para os negócios, independente do que se está vendendo."

Borroughs esfregava e polia um copo. "Eu pisaria com cuidado, se eu fosse você."

Harry assentiu para Borroughs, e caminhou lentamente em direção à mesa do canto para que eles tivessem tempo de vê-lo. Um deles levantou-se antes que ele chegasse perto demais. Ele cruzou os braços e revelou um punhal tatuado em um bíceps saliente.

"Neste canto, apresentamos, blondie!", disse ele numa voz tão rouca que parecia ser apenas ar.

"Eu tenho uma pergunta . . ." Harry começou, mas o homem grosseiro já estava balançando a cabeça. "Apenas uma. Alguém aqui conhece este homem, Evans White?" Harry ergueu a foto.

Até agora, os dois que estavam de frente para ele estavam apenas olhando para ele, mais entediados do que abertamente hostis. À menção do nome de White, passaram a examina-lo com interesse renovado, e Harry

notou que os pescoços dos dois homens que estavam de costas para ele começaram a se crispar.

"Nunca ouvi falar dele", disse o homem grosseiro. "Nós estamos no meio de uma . . . conversa particular aqui, cara. Até mais."

"Essa conversa não envolveria o volume de negócios de substâncias que são ilegais de acordo com a lei australiana, não é?" Perguntou Harry.

Longo silêncio. Ele havia adotado uma estratégia arriscada. Indisfarçável provocação era uma tática que você poderia usar se você tivesse uma retaguarda decente ou boas rotas de fuga. Harry não tinha nenhum dos dois. Ele apenas achou que era tempo das coisas começarem a acontecer.

Um pescoço começou a se levantar. E não parava. Tinha quase alcançado o teto quando ele se virou e mostrou sua cara, feia e esburacada. Um bigode sedoso sublinhava as características orientais do homem.

"Genghis Khan! Que bom te ver. Pensei que estivesse morto!" Harry exclamou, estendendo a mão.

Khan abriu a boca. "Quem é você?"

Soou como um estertor. Qualquer banda Death-Metal teria matado por um vocalista com esse tipo de murmúrio baixo.

"Eu sou um policial e eu não acredito . . ."

"Ayy-dii." Khan olhou lá de cima para Harry. (*)

"Perdão?"

"O distintivo."

Harry estava ciente de que a situação exigia mais do que o seu cartão de plástico com uma foto de passaporte emitido pelo Departamento de Polícia de Oslo.

"Alguém já lhe disse que você tem a mesma voz que o cantor do Sepultura. . . qual é o nome do atual?"

Harry colocou um dedo sob o queixo e olhou como se estivesse pesquisando sua memória. O homem grosseiro estava começando a dar a volta ao redor da mesa. Harry apontou para ele.

"E você é Rod Stewart, não é? Aha, você está sentado aqui e planejando Live Aid 2 e . . ."

O soco atingiu Harry nos dentes. Ele ficou oscilando com mão na boca.

"Posso imaginar que você não acha que eu tenho um futuro como comediante?" Harry perguntou. Ele estudou os dedos. Havia sangue, saliva e algo macio que só poderia ser a polpa do interior do seu dente.

"A polpa não deveria ser vermelha?", ele perguntou para Rod, levantando os dedos.

Rod examinou Harry com ceticismo antes de se inclinar mais e olhar mais de perto os pedaços brancos.

"Isso é o osso, de debaixo do esmalte", ele opinou. "O velhinho aqui é um dentista", ele explicou aos outros. Em seguida, ele deu um passo para trás e atacou novamente. Por um momento tudo ficou escuro para Harry, mas ele ainda se encontrava de pé quando a luz do dia voltou.

"Veja se você pode encontrar alguma polpa agora", disse Rod com curiosidade.

Harry sabia que era uma estupidez, a soma de toda a sua experiência e bom senso lhe dizia que era estupidez, seu maxilar doendo disse que era estupidez, mas, infelizmente, a mão direita achou que era uma ideia brilhante e naquele momento ele estava no comando. Ele bateu na ponta do queixo de Rod e Harry ouviu o ruído do fechamento da mandíbula de Rod antes dele cambalear dois passos para trás, que é a consequência inevitável de um uppercut perfeitamente colocado.

Um golpe deste tipo é transferido ao longo do maxilar para o cerebelo, ou pequeno cérebro, um termo adequado neste caso, Harry pensou, provocando um movimento ondulante responsável por uma série de curtos-circuitos menores, mas também, se você tiver sorte, perda imediata de consciência e/ou danos cerebrais de longo prazo. No caso do Rod, o cérebro parecia estar sem saber o que seria, uma perda de consciência ou apenas concussão.

Genghis Khan não tinha a intenção de esperar pelo resultado. Ele agarrou Harry pelo colarinho, levantou-o à altura do ombro e atirou-o para longe como um saco de farinha. Um casal que tinha acabado de pedir o especial do dia por sete dólares saltaram para trás quando Harry caiu com um estrondo em sua mesa. Cristo, espero que eu desmaie logo, Harry pensou enquanto ele sentia a dor e via Khan avançando em sua direção.

A clavícula é um osso frágil e muito exposto. Harry mirou e atacou com o pé, mas o tratamento que ele tinha recebido de Rod deve ter afetado sua visão porque ele chutou ar.

"Dor!" Khan prometeu, levantando os braços acima da cabeça. Ele não precisava de uma marreta. O golpe atingiu Harry no peito e imediatamente paralisou todas as funções coronarianas e respiratórias. Assim ele não viu nem ouviu o homem de pele escura entrando e pegando a bola que a Austrália tinha usado contra o Paquistão, em 1979, uma "pedra" do

fabricante Kookaburra pesando 160 gramas e medindo 7,6 centímetros de diâmetro. Seu braço chicoteou através do ar com poder fenomenal e a bola zumbiu em linha reta em direção a sua meta.

Ao contrário do cerebelo de Rod, o de Khan não teve qualquer dúvida, quando o míssil acertou-o na testa, logo abaixo a linha do cabelo. Foi um *Boa Noite Cinderela* instantâneo. Khan começou a tombar, então ele caiu como um arranha-céu atingido por uma explosão.

Agora, no entanto, os outros três em volta da mesa se levantaram e olharam irritados. O recém-chegado avançou com os braços erguidos em uma guarda baixa indiferente. Um dos homens correu para ele, e Harry, que, através da névoa, aparentemente reconheceu o recém-chegado, adivinhou certo: o homem moreno gingou para trás, avançou e executou dois jabs de esquerda bem colocados, como se para testar a distância, então a direita subiu em um uppercut esmagador. Felizmente o espaço naquele canto era tão apertado que eles não puderam ir todos para cima dele ao mesmo tempo. Com o primeiro homem caído para a contagem, o segundo lançou seu ataque, com um toque mais cauteloso, segurando os braços de uma forma que sugeria que ele tinha um cinto de alguma cor de uma arte marcial qualquer pendurado na parede de casa. A primeira tentativa de assalto, foi recebida pela guarda do recém-chegado, e quando ele girou para concluir o karate obrigatório, o homem havia se mudado. O chute encontrou apenas o ar.

No entanto, a combinação rápida, esquerda-direita-esquerda, arremessou o imponente carateca contra a parede. O homem de pele escura dançava atrás dele e acertou-o com um direto de esquerda, na parte de trás da cabeça produzindo um sonoro *crunch*. Ele escorreu suavemente como se fosse restos de comida jogados contra a parede. O jogador de críquete acertou-o mais uma vez enquanto ele deslizava parede abaixo, embora fosse desnecessário.

Rod estava sentado em uma cadeira acompanhando a sequência dos acontecimentos com os olhos vidrados.

Houve um clique, quando o canivete do terceiro homem foi acionado. Quando ele avançou sobre o homem escuro com o corpo curvado para trás e os braços para os lados, Rod vomitou sobre seus sapatos - um sinal claro de que ele tinha uma concussão, Harry observou com prazer. Ele se sentiu um pouco enjoado, especialmente quando viu que o primeiro oponente de Andrew tinha pegado o bastão de cricket da parede e estava se atirando

sobre o pugilista por trás. O Homem da Faca estava de pé ao lado de Harry agora, mas não tomava conhecimento dele.

“Atrás de você, Andrew!” Harry gritou, lançando-se contra o braço do Homem da Faca. Ele ouviu o baque seco do bastão quando fez contato com seu alvo e mesas e cadeiras foram derrubadas, mas ele tinha que se concentrar no Homem da Faca, que tinha deslizado para fora de seu alcance e agora estava circulando em volta de Harry, varrendo os braços teatralmente, um insano sorriso em seus lábios.

Com os olhos fixos no Homem da Faca, Harry tateou na mesa atrás dele por algo que pudesse usar. Ele ainda podia ouvir o som do bastão de cricket em ação da área do bar.

O Homem da Faca riu quando se aproximou, jogando a faca de uma mão para a outra.

Harry se lançou para frente, apunhalou e afastou-se. O braço direito do Homem da Faca caiu ao seu lado e a faca caiu no chão. Ele olhou para o ombro com espanto, para um saliente espeto de Kebab com um pedaço de cogumelo nele. O braço direito parecia paralisado, e ele puxou cautelosamente no espeto com a mão esquerda para verificar se realmente estava lá, ainda com a mesma expressão atordoada no rosto. Devo ter atingido um feixe de músculos ou nervos, Harry pensou enquanto soltou um soco.

Tudo o que sentia era que ele bateu em algo duro, e um flash de dor correu pelo seu braço. O Homem da Faca cambaleou para trás, olhando para Harry com os olhos magoados. Uma linha grossa de sangue escuro escorria de uma narina. Harry estava segurando sua mão direita. Ele levantou o punho para atacar novamente, mas mudou de ideia.

“Esmurrar é uma atividade dolorosa. Você não pode simplesmente desistir?”, ele perguntou.

O Homem da Faca concordou e deixou-se cair ao lado de Rod, que ainda tinha a cabeça entre as pernas.

Quando Harry se virou, ele viu Borroughs em pé no meio da sala com uma arma apontada para o primeiro adversário de Andrew, e ele próprio se encontrava entre mesas viradas, sem vida. Alguns dos clientes foram embora, alguns olhavam atentos, mas a maioria ainda estava no bar assistindo TV. Estava passando um jogo treino.

Quando as ambulâncias chegaram para lidar com os feridos, Harry assegurou-se que eles cuidariam de Andrew em primeiro lugar. Eles o

levaram para fora com Harry ao seu lado. Andrew estava sangrando de um ouvido e havia um chiado na sua respiração, mas pelo menos estava alerta.

"Eu não sabia que você jogou críquete, Andrew. Grande arremesso, mas era necessário tornar tudo tão difícil?"

"Você está certo. Eu julguei toda a situação muito mal. Você tinha tudo sobre controle."

"Bem," Harry disse, "Eu tenho que ser honesto e admitir que não tinha."

"OK," disse Andrew, "eu vou ser honesto e dizer que eu tenho uma terrível dor de cabeça e me arrependo pela bagunça. Teria sido mais justo se você estivesse deitado aqui. E é isso que eu tenho a dizer."

As ambulâncias iam e vinham, e só Harry e Borroughs foram deixados no bar.

"Eu espero que nós não tenhamos destruído muito do mobiliário e acessórios", disse Harry.

"Não, não foi tão ruim assim. De qualquer forma, os meus clientes apreciam um pouco de entretenimento ao vivo de vez em quando. Mas é melhor você olhar por cima do ombro de agora em diante. O chefe desses meninos não vai ficar satisfeito quando ele começar a ouvir sobre isto", disse Borroughs.

"Sério?", disse Harry. Ele tinha um pressentimento de que Borroughs estava tentando lhe dizer alguma coisa. "E quem é o chefe?"

"Eu não disse uma palavra, mas o cara em questão não está a um milhão de milhas de distância."

Harry balançou a cabeça lentamente. "Então é melhor eu ficar em guarda. E armado. Se importa se eu levar um espeto extra comigo?"

(*) Ayy-dii: som similar a pronuncia de ID (identificação) em ingles.

Um Bêbado

Harry encontrou um dentista em King's Cross, que deu uma olhada nele e decidiu que um bocado de trabalho de preparação teria de ser feito para reconstruir um dente da frente que tinha quebrado no meio. Ele fez um reparo temporário e aceitou um adiantamento que Harry esperava que o Chefe de Polícia de Oslo fosse caridoso o suficiente para reembolsar.

Na delegacia, ele foi informado de que o bastão de cricket tinha quebrado três costelas de Andrew e lhe provocou uma concussão. Era pouco provável que sairia do hospital nesta semana.

Depois do almoço, Harry perguntou para Lebie se ele poderia ir com ele para fazer umas visitas no hospital. Eles se dirigiram ao St Etienne Hospital, onde tiveram que registrar seus nomes no livro dos visitantes - um volume grosso, pesado, que estava aberto na frente de uma freira, também pesada, sentada por trás da janela de vidro do guichê com os braços cruzados, mas ela apenas mostrou-o para eles, balançando a cabeça.

"Ela não fala Inglês," Lebie explicou.

Eles entraram na área de recepção, onde um jovem sorridente registrou imediatamente seus nomes no computador e indicou-lhes os números dos quartos e explicou por onde deviam ir.

"Da Idade Média para a Idade do computador em dez segundos," Harry sussurrou.

Eles trocaram algumas palavras com um Andrew amarelo e azul, mas ele estava de mau humor e disse-lhes para cair fora depois de cinco minutos. No piso acima, encontraram o Homem da Faca sozinho num quarto. Ele estava deitado na cama com o braço na tipoia e um rosto inchado, e olhando para Harry com o olhar magoado da noite anterior.

"O que você quer seu tira bastardo?", perguntou.

Harry se sentou numa cadeira ao lado da cama. "Eu quero saber se Evans White deu ordens para alguém assassinar Inger Holter, quem recebeu a ordem e o porquê."

O Homem da Faca tentou rir, mas em vez disso começou a tossir. "Eu não tenho nenhuma ideia do que você está falando, policial, e eu acho que você também não."

"Como está o ombro?" Harry perguntou.

Os globos oculares do Homem da Faca pareceram crescer em seu crânio. "Você tentou..."

Harry puxou um espeto do bolso. Um grosso vaso sanguíneo azul apareceu na testa do homem.

"Você está brincando."

Harry não disse nada.

"Você está fora de si, porra! Certamente você não pensa que pode ir longe com isso! Se eles encontrarem uma marca no meu corpo depois que você sair, seu maldito trabalho de merda irá por água abaixo, seu bastardo!"

O Homem da Faca tinha falado tudo aquilo num falsete.

Harry colocou um dedo sobre os lábios. "Faz um favor. Shh. Você está vendo aquele careca corpulento na porta? Não é tão fácil ver a semelhança, mas na verdade ele é o primo do homem cujo crânio vocês meninos quebraram com o bastão ontem. Ele pediu permissão especial para se juntar a mim hoje. Seu trabalho será colocar uma fita na sua boca e segura-lo, enquanto eu solto o curativo e enfio esta beleza num lugar onde não ficará nenhuma marca. Porque já existe um buraco lá, não é?"

Ele pressionou suavemente o ombro direito do Homem da Faca. Lágrimas apareceram nos olhos do homem e seu peito arfava violentamente. Seus olhos saltaram de Harry para Lebie e de volta. A natureza humana é uma floresta impenetrável e selvagem, mas Harry pensou ter visto uma clareira na floresta quando o Homem da Faca abriu a boca. Ele ia, sem dúvida, dizer a verdade.

"Você não pode fazer nada comigo que Evans White não possa fazer dez vezes pior se ele descobrir que eu o delatei. Mas deixe-me dizer o seguinte: você está latindo para a caravana errada. Você está tornando as coisas muito erradas."

Harry olhou para Lebie. Ele sacudiu a cabeça. Harry pensou por um momento, então se levantou e colocou o espeto na mesa de cabeceira.

"Fique bom logo."

"Hasta la vista", disse o Homem da Faca, mostrando uma arma imaginária com o dedo indicador.

No hotel havia uma mensagem para Harry na recepção. Ele reconheceu o número do telefone da Delegacia de polícia de Sydney e ligou imediatamente de seu quarto. Yong Sue respondeu.

"Nós já repassamos todos os registros novamente", disse ele. "E fizemos análises mais detalhadas. Alguns delitos são removidos dos registros oficiais, depois de três anos. Essa é a lei. Nós não estamos autorizados a manter registro de contravenções prescritas. No entanto, se é um delito sexual então. . . bem, deixe-me colocar desta forma, mantemos o registro em um arquivo de backup altamente não oficial. Eu desenterrei algo interessante."

"Então?"

"O registro oficial do senhorio de Inger Holter, Hunter Robertson, era sem mácula. Mas quando cavamos mais fundo, descobrimos que ele tinha sido multado duas vezes por exibicionismo. Exposição Indecente."

Harry tentou imaginar exposição indecente.

"Como indecente?"

"Mostrando seus órgãos sexuais em lugar público. Não quer dizer nada, é claro, mas há mais. Lebie passou por lá, mas ninguém estava em casa, apenas um vira-lata mal-humorado latindo atrás da porta. No entanto, um vizinho veio atender. Parece que ele tinha um acordo com Robertson para deixar o cão para fora e alimentá-lo todas as noites de quarta-feira, e ele tem a chave. Então, é claro, Lebie perguntou se ele destrancou a porta e deixou o cão para fora na noite da quarta-feira antes de encontrarem o corpo de Inger. Ele tinha."

"Então?"

"Robertson disse em sua declaração que ele tinha estado em casa durante toda a noite antes de Inger ser encontrada. Achei que você gostaria de saber."

Harry podia sentir seu pulso começar a acelerar.

"O que você vai fazer agora?"

"Um carro de polícia vai te buscar mais cedo, antes de sair para o trabalho amanhã."

"Hmm. Quando e onde esses delitos terríveis aconteceram?"

"Deixe-me ver. Acho que foi em um parque. Aqui está. Green Park, diz aqui. É um pequeno . . ."

"Eu sei." Ele pensou rapidamente. "Eu acho que eu poderia dar uma caminhada. Parece que há uma clientela habitual perambulando por lá. Talvez eles saibam alguma coisa."

Harry anotou as datas dos crimes de exposição indecente, numa agenda preta que seu pai lhe dava todos os anos no Natal.

"Só por curiosidade, Yong. O que é uma exposição decente?"

"Ter dezoito anos de idade, estar bêbado e mostrar a bunda para uma patrulha da polícia no Dia da Independência, na Noruega."

Ele ficou tão espantado que não conseguiu pronunciar uma palavra.

Yong estava rindo ironicamente na outra extremidade.

"Como...?" Harry começou.

"É inacreditável o que você pode descobrir com algumas senhas e um colega dinamarquês na mesa ao lado." Yong estava quase estourando de tanto rir.

Harry podia sentir uma raiva começando a crescer.

"Eu espero que você não se importe." Yong de repente demonstrou ficar preocupado que tivesse ido longe demais. "Eu não contei a ninguém."

Ele parecia tão arrependido que Harry não podia ficar com raiva.

"Um dos policiais era uma mulher", disse Harry. "Depois ela me elogiou pelas minhas nádegas firmes."

Yong riu com alívio.

As fotocélulas no parque consideraram que estava escuro o suficiente e as lâmpadas se acenderam automaticamente enquanto Harry caminhava em direção a um banco. Ele reconheceu o homem grisalho sentado lá ao mesmo tempo.

"Boa noite."

A cabeça que estava com o queixo no peito foi se levantou lentamente, e dois olhos castanhos olharam para Harry - ou, para ser mais preciso, através de Harry - e fixou-se num ponto muito distante.

"Ci...?", ele perguntou com uma voz coaxante.

"Desculpe-me?"

"Ci..., ci...", ele repetiu, acenando dois dedos no ar.

"Oh, quer um cigarro?"

Harry acendeu dois cigarros e ficou com um deles. Ficaram em silêncio por um momento, desfrutando da fumaça. Eles estavam sentados em um pulmão verde no meio de uma grande cidade, mas Harry teve a sensação de que ele estava em uma área remota e deserta. Talvez fosse porque a noite tinha caído, acompanhado pelo som elétrico de pernas de gafanhotos invisíveis sendo esfregadas uma contra a outra. Ou talvez fosse a sensação de algo ritualista e atemporal, este fumar juntos, o policial branco e o negro com o rosto largo, estranho descendente da população indígena neste vasto continente.

"Você quer comprar a minha jaqueta?"

Ele estudou a jaqueta do homem, que era uma espécie de blusão feito de material plástico fino em vermelho e preto vibrante.

"A bandeira aborígene", explicou a Harry, mostrando-lhe a parte de trás do casaco. "Meu primo fabrica."

Harry polidamente, recusou a oferta.

"Qual é o seu nome?" O homem aborígene pediu.

"Harry."

"É um nome Inglês. Eu tenho um nome em Inglês, também. É Joseph. Com um "p" e "h". Na verdade, é um nome judeu. O pai de Jesus, sacou? Joseph Walter Roderigue. Ngardagha é o meu nome tribal. N-gar-dag-ha."

"Fica muito tempo aqui no parque, Joseph?"

"Sim, muito." Joseph clicou de volta para o seu olhar de meia-distância e *foi embora*. Ele puxou uma grande garrafa de suco de sua jaqueta, ofereceu a bebida para Harry e tomou, ele mesmo, um gole antes de fecha-la. Seu casaco se abriu e Harry viu as tatuagens em seu peito. 'Jerry' estava escrito acima de uma grande cruz.

"Tatuagem bonitas você tem, Joseph. Posso perguntar quem é Jerry?"

"Jerry meu filho. Meu filho. Ele é o quarto." Joseph estendeu os dedos enquanto contava até quatro.

"Quatro. Eu entendo. Onde está Jerry agora?"

"Em casa". Joseph acenou com a mão de forma a sugerir uma direção onde estava a casa. "Em casa com sua mãe."

"Ouça, Joseph. Estou atrás de um homem. Hunter Robertson é o seu nome. Ele é branco, muito pequeno e não tem muito cabelo. Às vezes ele vem para o parque. Às vezes, ele expõe. . . a si mesmo. Você sabe que eu quero dizer? Você o viu, Joseph?"

"Sim, sim. Ele está vindo", Joseph disse, esfregando o nariz, como se ele considerasse que Harry estava falando sobre um evento de todos os dias. "Apenas espere. Ele está vindo."

Dois Exibicionistas

UM SINO de igreja tocou na distância quando Harry acendeu o oitavo cigarro e inalou profundamente. Sis tinha dito que ele deveria parar de fumar na última vez que ele a levou ao cinema. Eles tinham visto *Robin Hood: Príncipe dos Ladrões*, com o pior elenco que Harry tinha visto desde *Plan 9 from Outer Space*. Mas Sis não se incomodou que o Robin Hood de Kevin Costner respondeu ao xerife de Nottingham com sotaque americano. Em geral havia muito pouco que incomodasse Sis; ela gritou de alegria quando Costner limpou a floresta de Sherwood e fungou quando Marian e Robin finalmente encontraram um ao outro.

Depois, eles tinham ido a um café, onde ele tinha comprado um chocolate quente para ela. Ela tinha-lhe dito como se sentia tão feliz com seu novo apartamento no Sogn Residential Centre, apesar de um par de pessoas que moravam no mesmo corredor serem 'idiotas da cabeça'. E ela queria que Harry parasse de fumar. 'Ernst diz que é perigoso. Você pode morrer por causa disso.'

"Quem é Ernst?" Harry perguntou, mas foi recebido com um ataque de risos. Então ela ficou séria novamente. 'Você não deve fumar Harald. Você não tem que morrer, você me escutou? 'Ela falava o 'Harald' e o 'você me escutou?' igualzinho a sua mãe.

O nome *Harry* foi o resultado de seu pai ter conseguido o que queria. Olav Hole, um homem que normalmente cedia à sua esposa em tudo, tinha levantado a voz e insistido que o garoto devia ter o nome do avô dele, que tinha sido um marinheiro e, aparentemente, um bom sujeito. Sua mãe tinha se rendido num momento de fraqueza, para usar suas palavras, e depois ela se lamentou amargamente.

"Por acaso você já ouviu falar de alguém chamado *Harry* ter se tornado alguém importante?", ela havia dito. (Quando o pai de Harry estava com um gênio provocativo ele questionava ela por causa de todos os *ses* e *porques*.)

De qualquer forma, a mãe de Harry o chamou Harald como o tio dela, mas todo mundo o chamava de Harry. E, depois que ela morreu, Sis tinha começado a chamá-lo de Harald. Talvez tenha sido o modo como Sis tentou preencher a lacuna deixada por ela. Harry não sabia; tantas coisas estranhas

se passaram na cabeça da menina. Por exemplo, ela sorriu com lágrimas nos olhos e creme no seu nariz quando Harry tinha prometido a ela que ele iria parar, se não imediatamente, pelo menos com o tempo.

Agora ele estava sentado e imaginando a ondulação da fumaça que subia como uma cobra enorme. Bubbur.

Joseph se contorceu. Ele estivera dormindo.

"Meus antepassados eram do Povo Corvo", disse ele sem preâmbulos e se endireitou. "Eles podiam voar." O sono pareceu tê-lo acalmado. Ele esfregou o rosto com as duas mãos.

"Coisa maravilhosa, ser capaz de voar. Você tem uma nota de dez libras?"

Harry tinha apenas uma nota de vinte dólares.

"Isso vai servir", disse Joseph, agarrando-a.

Como se tivesse sido uma pausa temporária no tempo, as nuvens entraram novamente em todo o cérebro de Joseph e ele murmurou em numa língua ininteligível parecida com a que Andrew tinha falado com Toowoomba. Andrew tinha chamado de crioulo. No final, o queixo do homem embriagado caiu de volta para seu peito.

Harry tinha acabado de decidir que terminaria seu cigarro e iria embora quando Robertson apareceu. Harry meio que esperava que Robertson aparecesse vestindo um casaco comprido, que ele imaginava era o padrão para um exibicionista, mas Robertson estava vestindo apenas jeans e uma camiseta. Ele olhava para a esquerda e para a direita e caminhava com um estranho andar saltitante, como se estivesse cantando mentalmente e adaptando o seu movimento ao ritmo. Ele não reconheceu Harry até ter atingido os bancos, e havia muito pouco na cara de Robertson que sugerisse que ele estava muito satisfeito com o encontro.

"Boa noite, Robertson. Nós andamos tentando encontrar você. Sente-se."

Robertson olhou em volta e mudou o peso de um pé para o outro. Parecia que ele estava pensando se queria fazer aquela pausa, mas no final, sentou-se com um suspiro de desespero.

"Eu já lhe disse tudo o que sei", disse ele. "Por que você está me perturbando?"

"Porque você tem um histórico de assediar os outros."

"Assediar os outros? Eu não tenho assediado ninguém!"

Harry estudou-o. Robertson era um homem difícil de se gostar, mas com a melhor - ou pior - imaginação do mundo Harry não conseguia pensar que estava sentado ao lado de um serial killer. Um fato que serviu para deixá-lo muito mal-humorado, porque isso significava que ele estava perdendo seu tempo.

"Você sabe quantas meninas não conseguem dormir por causa de você?" Harry disse, tentando colocar o máximo de desprezo no seu tom de voz, quanto era capaz. "Quantas não podem esquecer e ter que viver com a imagem de um punheteiro depravado estuprando-as mentalmente? Você entrou em suas mentes, as fez sentir-se vulneráveis e com medo de sair no escuro; você as humilhou e fez elas se sentirem usadas."

Robertson teve de rir. "Isso é o melhor que você tem contra mim, inspetor? Sobre todas as vidas sexuais que eu arruinei? E os medos que ainda têm, reduzindo-as a uma vida de tranquilizantes? Aliás, acho que o seu colega deve ficar atento. Aquele que disse que eu poderia ser condenado a seis anos por ser um cúmplice, se eu não ficasse em pé e fizesse uma declaração para vocês, seus rufiões. Acabei de falar com meu advogado, e ele vai levar o assunto ao seu chefe, só para você saber. Então não tente jogar areia nos meus olhos novamente."

"OK, nós podemos fazer isso de duas maneiras, Robertson," Harry disse, notando que ele não tinha a mesma autoridade, no papel de policial brutal, que Andrew tinha. "Você pode me dizer o que eu quero saber, aqui e agora, ou ..."

". . . Ou nós podemos ir até a delegacia. Obrigado, eu já ouvi isso antes. Por favor, espere um pouco, até meu advogado chegar e me pegar em uma hora, e você e seu colega serão indiciados por ameaçar civis para fazerem declarações. Seja meu convidado!"

"Isso não era bem o que eu tinha em mente," Harry respondeu calmamente. "Eu imaginei mais num vazamento discreto, impossível de ser descoberto naturalmente, para um dos jornais famintos e sensacionalistas de domingo. Você pode visualizá-lo?" *'Senhorio de Inger Holter, veja a foto, acusado de exposição indecente, com a polícia novamente . . .'*

"Acusado! Fui multado. Quarenta dólares!" a voz de Hunter Robertson tinha saído em falsete.

"Sim, eu sei, Robertson, foi um delito menor," Harry disse com simpatia fingida. "Tão menor que foi fácil para você mantê-lo escondido da comunidade local. Uma vergonha quando eles lerem os jornais de domingo

lá onde você mora, não é? E no trabalho. . . E seus pais? Eles também podem ler, não?"

Robertson desmontou. O ar saiu dele como de uma bola de praia furada, e ele sabia que, obviamente, tinha tocado na ferida quando mencionou os pais.

"Você é um bastardo cruel", Robertson sussurrou com voz rouca, e de dor. "Como é que as pessoas conseguem gostar de você?" e depois de algum tempo: "O que você quer saber?"

"Primeiro de tudo eu quero saber onde você estava na noite anterior ao encontro do corpo de Inger."

"Eu já disse à polícia que estava em casa sozinho e . . ."

"Essa conversa acabou. Espero que os editores encontrem uma bela foto de você."

Levantou-se.

"OK, OK. Eu não estava em casa!" Robertson gritou. Ele se inclinou para trás e fechou os olhos.

Harry sentou-se novamente.

"Quando eu era estudante e morava em uma quitinete em uma das áreas mais finas da cidade havia uma viúva que morava do outro lado da rua", disse Harry. "Às sete horas, sete em ponto, todas as noites de sexta-feira, ela abria as cortinas. Eu morava no mesmo andar e a janela do meu quarto dava diretamente para sua sala de estar. Especialmente às sextas-feiras, quando ela acendia o enorme lustre. Se você a via em qualquer outro dia da semana, ela era uma senhora grisalha velha com óculos e um casaco de lã, o tipo de mulher que você vê no bonde e na fila da farmácia o tempo todo."

"Mas às sextas-feiras as sete, quando o desempenho começava, você poderia imaginar tudo, menos velhinhas mal-humoradas tossindo e de bengala. Ela usava um roupão de seda com um desenho com padrão japonês e sapatos de salto alto pretos. Às sete e meia, ela recebia um visitante masculino. As sete e quarenta e cinco ela tinha tirado o roupão e estava ostentando seu espartilho preto. Às oito horas, ela estava meio fora do espartilho e transava na poltrona Chesterfield. As oito e meia o visitante tinha ido embora, as cortinas estavam fechadas e o desempenho tinha sido *o máximo*."

"Interessante", disse Robertson, sem rodeios.

"O que era interessante foi que nunca houve nenhum problema. Se você morasse no meu lado da rua, você não poderia deixar de ver o que se

passava, e muita gente no quarteirão deve ter visto as seguidas performances. Mas isso nunca foi comentado, até onde eu sei, ela nunca foi denunciada à polícia e não houve queixas entre os vizinhos. A outra coisa interessante foi a regularidade do evento. No começo eu pensei que tinha algo a ver com o parceiro, quando ele estava disponível, ele poderia estar vindo do trabalho, ou ser casado, ou algo parecido. Mas logo percebi que ela mudava os parceiros sem alterar o calendário. E então me dei conta: ela obviamente sabia o que qualquer programador de TV sabe: depois de ter atraído uma audiência com um quadro fixo é muito prejudicial se você alterar o horário da transmissão. E era o público que temperava sua vida sexual. Entendeu?"

"Eu entendo", respondeu Robertson.

"A uma questão supérflua, é claro. Agora, por que eu contei esta história? Pareceu-me que o nosso amigo em coma aqui, Joseph, tinha tanta certeza de que você viria hoje que eu verifiquei no meu calendário e muitas datas se encaixam. Esta noite é uma quarta-feira, a noite que Inger desapareceu foi uma quarta-feira e nas duas vezes que você foi pego se exibindo eram quartas-feiras também. Você tem horários fixos, não é?"

Robertson não respondeu.

"Portanto, a minha próxima pergunta é: por que você não foi preso recentemente? Afinal, são quatro anos desde o último incidente. E homens, expondo-se a pequenas meninas no parque não é algo que as pessoas geralmente apreciam."

"Quem disse que eram meninas pequenas?" Robertson perguntou de estalo. "E quem disse que não foi apreciado?"

Se Harry tivesse sido capaz de assobiar, ele teria feito isso em voz baixa. Lembrou-se de repente, do casal discutindo na calçada das proximidades no início da noite.

"Então você faz isso para os homens", disse ele, quase para si mesmo. "Para os gays da área. Isso explica por que você tem que esconder muito bem. Você tem uma multidão de expectadores também?"

Robertson deu de ombros. "Eles vêm e vão. Mas eles certamente sabem quando e onde eles podem me ver."

"O que aconteceu quando você foi preso?"

"Transeuntes casuais. Estamos mais cuidadosos agora."

"Então eu poderia encontrar uma testemunha disposta a afirmar que você estava aqui na noite que Inger desapareceu?"

Robertson assentiu.

Ficaram em silêncio ouvindo o ronco leve de Joseph.

"Mas ainda tem um detalhe que não se encaixa", disse Harry em complemento. "Tem estado no fundo da minha mente, mas eu não conseguia colocar o dedo sobre ele até que eu ouvi que toda quarta-feira o seu vizinho alimenta o seu cão e o deixa passear."

Dois homens passaram lentamente e pararam na borda da luz lançada pela lâmpada da rua.

"Então eu me perguntei: por que é que ele o alimenta uma vez que Inger estava retornando do Albury com algumas sobras de carne? No começo eu descartei a ideia, pensando que vocês provavelmente conversaram sobre isso. Talvez a carne fosse para o dia seguinte. Mas depois me lembrei de algo que deveria ter me impressionado de imediato: o seu cão não come . . . pelo menos você não permite que ele coma carne. Neste caso, o que Inger fazia com ela? Ela disse para os colegas no bar que era para o cão. Por que ela mentiria?"

"Eu não sei."

Harry notou Robertson olhando para o seu relógio. A hora do show estava próxima.

"Uma última coisa. O que você sabe sobre Evans White?"

Robertson virou-se e olhou para ele com olhos azuis claros, lacrimejantes. Isso foi um pequeno brilho de medo?

"Muito pouco", disse ele.

Harry desistiu. Ele não tinha feito muito progresso. Borbulhando por dentro, ele podia sentir uma vontade de caçar, perseguir e prender, mas esse cenário continuava escorregando para mais longe o tempo todo. Dentro de alguns dias ele estaria voltando para a Noruega. Estranhamente, no entanto, esse pensamento não o fez se sentir melhor.

"Sobre as testemunhas", disse Robertson. "Eu gostaria que você . . ."

"Eu não quero estragar seu show, Robertson. Eu sei que quem vier vai se beneficiar." Ele olhou para o seu maço de cigarros, tirou um, e colocou o resto no bolso do casaco de Joseph quando se levantou para ir. "Eu certamente apreciei o desempenho semanal da viúva."

A Serpente Negra

Como sempre, o Albury estava a todo vapor. Eles estavam bombando 'It's Raining Men'. No palco, três dos rapazes usavam botas até o joelho e não muito mais, e o público estava aplaudindo e cantando junto. Harry observou mais do show, antes de ir para o bar de Birgitta.

"Por que você não canta junto, Bonitão?", disse uma voz familiar. Harry se virou. Otto não estava *montado* esta noite; no entanto, uma camisa rosa de seda com decote aberto e uma pitada de rímel e batom mostrou que ele ainda se preocupava com a sua aparência.

"Eu não tenho a voz para isto, Otto. Sinto muito."

"Bah, vocês escandinavos são todos iguais. Não se soltam até que tenham derramado tanta bebida goela abaixo que ficam inúteis para . . . sim, você sabe o que quero dizer."

Harry sorriu para as pálpebras abaixadas. "Não flerte comigo, Otto. Eu sou uma causa perdida."

"Hetero incorrigível, não é?"

Harry concordou com a cabeça.

"Deixe-me pagar uma bebida de qualquer jeito, Bonitão. O que você deseja?" Ele pediu um suco de grapefruit para Harry e um Bloody Mary para si mesmo. Bateram os copos e Otto bebeu metade do cocktail de uma vez.

"A única coisa que ajuda com as dores de amor", disse ele, drenando o resto, tremendo, pedindo outro e olhando para Harry. "Então, você nunca fez sexo com um homem? Acho que nós vamos ter que fazer algo sobre isso um dia."

Harry podia sentir suas orelhas ficando quentes. Como este palhaço gay podia fazer com que ele, um homem adulto, ficasse tão envergonhado que parecia um inglês depois de seis horas numa praia espanhola?

"Vamos fazer uma aposta de mau gosto e maravilhosamente vulgar", disse Otto, seus olhos brilhando com diversão. "Aposto cem dólares que essa sua mão macia e esguia vai ter tocado meu corpo antes de retornar para a Noruega. Você tem coragem de aceitar a aposta?"

Otto bateu palmas com a visão do rosto vermelho de Harry.

"Se você insistir em distribuir dinheiro, por mim tudo bem", disse Harry. "Mas eu entendi, Otto, que você está sofrendo de dores de amor. Você não deveria estar em casa pensando em outras coisas, em vez de flertar homens heterossexuais tentadores?" Ele lamentou o que tinha dito no mesmo instante. Ele nunca tinha gostado de ser provocado.

Otto se retraiu e atirou-lhe um olhar ferido.

"Desculpe, eu só estava tagarelando. Eu não quis dizer isso", disse Harry.

Otto deu de ombros. "Nada de novo no caso do assassinato?", perguntou.

"Não", disse Harry, aliviado porque tinham mudado de assunto. "Parece que nós teremos que procurar além do seu círculo de conhecidos. Por falar nisso, você a conhecia?"

"Todo mundo que aparece por aqui conhecia Inger."

"Alguma vez você falou com ela?"

"Bem, acho que eu devo ter trocado algumas palavras com ela. Ela era um pouco complicada para o meu gosto."

"Complicada?"

"Ela virou a cabeça de um bocado de clientes hetero. Vestia-se de forma provocativa, enviava longos olhares e sorrisos um pouco longos demais, se isso pudesse aumentar suas gorjetas. Esse tipo de coisa pode ser perigoso."

"Você acha que qualquer um dos clientes possa ter . . .?"

"Eu só quero dizer que pode ser que você não tenha que procurar muito longe, inspetor."

"O que você está insinuando?"

Otto ergueu os olhos com ar arrependido e terminou sua bebida. "Eu sou uma boca enorme, Bonitão." Ele se preparou para ir. "Agora eu vou fazer o que você sugeriu. Ir para casa e pensar em outras coisas. Não foi isso o que o médico receitou?"

Ele acenou para um dos rapazes vestido somente com uma estola atrás do bar, que lhe trouxe um saco de papel marrom.

"Não se esqueça do show!" Otto gritou por cima do ombro enquanto saía.

Harry estava sentado em um banquinho no bar de Birgitta observando discretamente seu trabalho. Ele seguia as mãos rápidas servindo canecas de chope, dando troco e preparando coquetéis, a forma como ela se movia atrás do bar, porque todos os movimentos eram fluidos, naturais: da

torneira de chope para o balcão, dali para a gaveta do caixa. Ele via as mechas de cabelo caindo na frente do seu rosto, o movimento rápido para removê-lo e seu olhar ocasional através dos clientes para identificar novos pedidos - e Harry.

O rosto sardento se iluminou, e ele sentiu o coração pulsar no peito, pesado, maravilhoso.

"O amigo de Andrew apareceu por aqui algum tempo atrás", disse ela, caminhando até Harry. "Ele o visitou no hospital e queria dizer olá. Perguntou por você. Acho que ele ainda está sentado por aí. Sim, lá está ele.

Ela apontou para uma mesa e Harry reconheceu o homem negro elegante no mesmo instante. Era Toowoomba, o boxeador. Ele foi até sua mesa.

"Estou incomodando?", perguntou, e foi recebido com um sorriso largo.

"Nem um pouco. Sente-se. Eu estava sentado aqui para ver se um velho amigo meu iria aparecer."

Harry sentou-se.

Robin 'The Murri' Toowoomba continuou a sorrir. Por alguma razão, pairou no ar uma daquelas pausas embaraçosas que ninguém admite que é embaraçoso, mas que realmente é.

Harry disse apressadamente: "Eu estava conversando com um cara do Povo Corvo hoje. Qual é a sua tribo?"

Toowoomba olhou-o com surpresa nos olhos. "O que quer dizer, Harry? Eu sou de Queensland."

Harry podia ouvir quão tola sua pergunta soou. "Desculpe, isso foi uma pergunta estúpida. Minha língua está com uma tendência a se mover mais rápido do que o meu cérebro, hoje. Eu não queria . . . Eu não conheço muito sobre a sua cultura. Eu queria saber se você veio de uma determinada tribo . . . ou algo assim."

Toowoomba deu um tapinha no ombro dele. "Eu só estou brincando com você, Harry. Relaxe." Ele riu baixinho e Harry se sentiu ainda mais estúpido.

"Você reage como a maioria dos branquelos", disse Toowoomba. "O que mais se pode esperar? Escusado será dizer que você está cheio de preconceitos."

"Preconceito?" Harry podia sentir-se ficar irritado. "Eu disse alguma coisa . . ."

"Não é o que você diz", disse Toowoomba. "É o que você, inconscientemente, espera de mim. Você imagina que disse algo errado, e

não lhe ocorreu que eu sou inteligente o suficiente para levar em conta que você é um estrangeiro. Eu suponho que você não ficaria pessoalmente ofendido se turistas japoneses na Noruega não soubessem tudo sobre o seu país. Tal como o seu rei chamado Harald.” Toowoomba piscou. “Não é só você, Harry. Até mesmo os australianos brancos são histericamente cautelosos procurando não dizer algo inconveniente. Isso é que é tão paradoxal. Antes de tudo, eles tiraram o orgulho do nosso povo, e quando o nosso orgulho se foi eles ficaram morrendo de medo de pisar nele.”

Ele suspirou e abriu os grandes palmas brancas sobre a mesa. Como um linguado, Harry pensou.

A voz quente e profunda de Toowoomba parecia vibrar numa frequência própria, tornando desnecessário falar alto para abafar todo o barulho em torno deles.

“Mas me diga algo sobre a Noruega, Harry. Eu li que parece ser muito bonito por lá. E frio.”

Harry falou. Sobre fiordes, montanhas e pessoas vivendo entre os dois. Sobre os sindicatos, a repressão, Ibsen, Nansen e Grieg. E sobre o país do norte que se via como empreendedor e voltado para o futuro, mas parecia mais uma república de bananas. Que tinha florestas e portos quando os Holandeses e Ingleses precisavam de madeira, que tinha cachoeiras quando a eletricidade foi inventada e que, melhor que tudo, descobriu o petróleo na sua porta da frente.

“Nós nunca fabricamos carros Volvo ou cerveja Tuborg,” disse Harry. “Acabamos exportando nossa natureza e evitamos pensar. Somos uma nação com cabelo dourado até nas nossas bundas,” Harry disse, nem mesmo tentando selecionar palavras apropriadas do idioma Inglês.

Então ele contou sobre Åndalsnes, um pequeno assentamento em Romsdalen Valley, cercado por altas montanhas que eram tão bonitas que sua mãe sempre disse que era ali que Deus tinha começado quando ele estava criando o mundo, e que Ele tinha passado tanto tempo em Romsdalen que o resto do mundo teve que ser feito as pressas para ser concluído até o domingo.

E a pesca com o pai no fiorde de manhã cedo, em julho, e deitar-se na praia e sentir o cheiro do mar - enquanto as gaivotas gritavam e as montanhas ficavam silenciosas, vigiando imóveis em torno de seu pequeno reino.

“Meu pai é de Lesjaskog, um pequeno povoado mais acima do vale, e ele e minha mãe se conheceram em um baile na aldeia Åndalsnes. Eles sempre

falavam sobre voltar para Romsdalen quando se aposentassem.”

Toowoomba assentiu e bebeu cerveja, e Harry tomou um gole de outro suco de toranja. Ele podia sentir a acidez no estômago.

"Eu gostaria de poder dizer-lhe de onde eu venho, Harry. Apenas acontece que pessoas como eu não tem nenhuma conexão real com um lugar ou uma tribo. Eu cresci em uma cabana em uma autoestrada na periferia de Brisbane. Ninguém sabe de qual tribo meu pai veio. Ele veio e se foi tão rápido que ninguém teve tempo de perguntar. E minha mãe não dá um pio sobre o lugar de onde ela veio, contanto que ela possa raspar dinheiro suficiente para uma garrafa de vinho. Sendo uma Murri é o que terá que fazer.”

"E o que dizer de Andrew?”

"Ele não te contou?”

"Contou-me o quê?”

Toowoomba recolheu suas mãos. Uma carranca profunda apareceu entre os olhos. “Andrew Kensington é ainda mais sem raízes do que eu.”

Harry não quis questioná-lo mais, mas depois de mais uma cerveja Toowoomba voltou ao tema.

“Acho que eu deveria deixá-lo dizer isso por si mesmo, porque Andrew teve uma educação muito especial. Veja, ele pertence à geração sem-família de aborígenes, as Gerações Roubadas.”

“O que você quer dizer?”

"É uma longa história. Tudo gira em torno de uma consciência pesada. Desde o final do século XIX, a política em torno dos povos indígenas tem sido governada pela consciência pesada das autoridades sobre o terrível tratamento que recebemos. Apenas é uma vergonha que boas intenções nem sempre levam a bons resultados. Se você quer governar uma nação você tem que entender isso.”

“E os aborígenes não tem sido compreendidos?”

"Houve fases diferentes, políticas diferentes. Eu pertencço à geração forçosamente urbanizada. Após a Segunda Guerra Mundial, as autoridades consideraram que tinham de mudar as políticas anteriores e tentar assimilar, em vez de isolar os habitantes indígenas. Eles tentaram fazer isso por meio do controle sobre onde vivemos e até com quem nos casamos. Muitos foram enviados para as cidades para se adaptar à cultura urbana europeia. Os resultados foram catastróficos. Dentro de muito pouco tempo, superou todas as estatísticas erradas: alcoolismo, desemprego, casamentos desfeitos, prostituição, criminalidade, violência, drogas – você escolhe o

nome, nós estávamos lá. Aborígenes foram e têm sido sempre os perdedores sociais da Austrália."

"E Andrew?"

"Andrew nasceu antes da guerra. Naquela época, a política das autoridades era para nos "proteger" como se fossemos algum tipo de espécie ameaçada de extinção. Portanto oportunidades para possuir terras ou procurar emprego foram limitados. Mas a legislação mais bizarra foi a lei que permitia às autoridades retirar uma criança de uma mãe aborígene se havia uma suspeita de que o pai não era aborígene. Posso não ter a história mais agradável do mundo sobre as minhas origens, mas pelo menos eu tenho uma. Andrew não tem nada. Ele nunca viu seus pais. Quando ele nasceu, as autoridades o pegaram e colocaram em um lar para crianças. Tudo o que ele sabe é que, depois de terem roubado sua mãe, ela foi encontrada morta em um abrigo de ônibus em Bankstown, 50 km ao norte da casa das crianças, e ninguém sabia como ela foi parar lá ou quais eram as causas de sua morte. O nome do pai branco foi escondido até que Andrew não se importou mais."

Harry lutou para absorver tudo isso. "Foi realmente legal? E a ONU e a Declaração Universal dos Direitos Humanos?"

"Nada disso existia antes da guerra. E não se esqueça de que a política sobre os aborígenes tinha a melhor das intenções. O objetivo era preservar a cultura, não destruí-la."

"O que aconteceu com Andrew, então?"

"Eles perceberam que ele era estudioso e enviaram-no para uma escola particular na Inglaterra."

"Achei que a Austrália era muito igualitária para enviar as crianças para as escolas privadas."

"Tudo isso foi administrado e pago pelas autoridades. Suponho que a intenção era que Andrew devia se tornar um exemplo brilhante de uma experiência política que no entanto causou tanta dor e tantas tragédias humanas. Quando retornou ele foi para a Universidade de Sydney. Foi quando eles começaram a perder o controle sobre ele. Ele acabou tendo problemas, tinha uma reputação de ser violento e suas notas eram sofríveis. O meu entendimento é que havia um caso de amor infeliz em algum lugar na história, uma mulher branca que o deixou porque sua família não estava muito entusiasmada, mas Andrew nunca demonstrou muito interesse em falar sobre isso. Foi, no entanto, um período difícil em sua vida, e que poderia facilmente ter sido pior do que foi. Enquanto ele estava na

Inglaterra, ele aprendeu boxe - ele alegou que era como ele tinha sobrevivido no internato. Em Sydney, ele retomou o boxe novamente e quando lhe foi oferecida a oportunidade de viajar com Jim Chivers ele saiu da universidade e fugiu por um tempo."

"Eu o vi boxeando", disse Harry. "Ele não se esqueceu de muita coisa."

"Na verdade, ele só pensava em boxe como uma ruptura de seus estudos, mas ele foi bem sucedido com Chivers, a imprensa começou a mostrar algum interesse e ele continuou. Quando ele boxeou seu caminho até o final dos campeonatos australianos, havia até mesmo alguns agentes profissionais dos EUA observando-o. No entanto, algo aconteceu em Melbourne na noite anterior à final. Eles estavam em um restaurante, e alegou-se que Andrew tentou transar com a namorada do outro finalista. Seu nome era Campbell, e ele estava com uma menina muito bonita de North Sydney, que mais tarde tornou-se a Miss New South Wales. Houve uma briga na cozinha e todos lá, Andrew, o treinador de Campbell, o agente e outro cara, quebraram tudo à vista."

"Eles encontraram Andrew apoiado sobre o lavatório com um lábio cortado, cortes na testa e um pulso torcido. Ninguém foi indiciado - e é provavelmente por isso que o boato se espalhou que ele tinha flertado com a namorada de Campbell. Em todo o caso, Andrew teve que desistir da final, e depois a sua carreira no boxe começou a afundar. Para ser justo, ele derrotou um par de bons lutadores em alguns torneios, mas a imprensa tinha perdido o interesse e os agentes profissionais nunca mais apareceram."

"Pouco a pouco, ele parou de boxear em torneios - outro boato sobre ele ter começado a beber, e depois de um torneio, na costa oeste, ele foi convidado a deixar a equipe Chivers, aparentemente porque ele tinha infligido ferimentos graves em alguns amadores. Depois disso, ele desapareceu. Tem sido difícil tirar dele exatamente o que ele esteve fazendo, mas de qualquer forma ele ficou à deriva em torno da Austrália por um par de anos, até que ele voltou para a universidade."

"Então o boxe chegou ao fim?", Disse Harry.

"Sim", respondeu Toowoomba.

"O que aconteceu então?"

"Bem". Toowoomba sinalizou que ele queria a conta. "Andrew estava provavelmente mais motivado quando voltou a estudar e por um tempo as coisas foram bem. Mas era o início da década de 1970, os hippies, tempo de festa e amor livre, e ele pode muito bem ter ingerido várias substâncias que

não eram úteis para seus estudos, e seus resultados nos exames foram assim-assim”.

Ele riu para si mesmo.

"Então, um dia Andrew acordou, saiu da cama, olhou-se no espelho e fez um balanço. Ele estava com uma terrível ressaca, um olho roxo - Deus sabe de onde - provavelmente num vício crescente de certos compostos químicos, e tinha mais de trinta anos e sem qualquer qualificação. Atrás dele ficou uma carreira arruinada como boxeador e pela frente, para dizer o mínimo, um futuro incerto. Então o que você faz? Você se inscreve na Academia de Polícia."

Harry caiu na risada.

"Eu estou apenas citando Andrew," disse Toowoomba. "Inacreditavelmente, ele entrou apesar dos seus antecedentes e da idade avançada - talvez porque as autoridades queriam mais aborígenes no Departamento de Polícia. Então, Andrew cortou o cabelo, tirou o brinco da sua orelha, abandonou os produtos químicos, e você sabe o resto. Claro, no que concerne a subir os degraus da carreira ele não está ligando a mínima, mas, entretanto, ele é considerado como um dos melhores inspetores no Departamento de Polícia de Sydney."

"Ainda citando Andrew?"

Toowoomba riu. "Naturalmente."

No bar do palco podiam ouvir o final do Drag Queens Show da noite e 'YMCA', com a versão do *Village People*, sob os spotlights.

"Você sabe muito sobre Andrew", disse Harry.

"Ele é um pouco como um pai para mim", disse Toowoomba. "Quando me mudei para Sydney eu não tinha planos, além de ficar o mais longe de casa possível. Eu fui literalmente pego na rua por Andrew que começou comigo e um par de outros meninos que também tinham perdido o seu rumo. Foi Andrew quem me fez entrar para a universidade também."

"Uau, outro boxeador com formação universitária."

"Inglês e História. Meu sonho é ensinar meu povo um dia." Ele afirmou, com orgulho e convicção.

E nesse meio tempo você nocauteia essa merda de marinheiros bêbados e caipiras grosseiros?

Toowoomba sorriu. "Você precisa de capital para abrir o seu caminho neste mundo, e eu não tenho ilusões sobre ganhar muito como professor. Mas eu não apenas luto com amadores; eu me inscrevi para o Australian Championships este ano."

"Para ganhar o título que Andrew não conseguiu?"

Toowoomba ergueu o copo para um brinde. "Talvez."

Após o show o bar começou a diluir. Birgitta havia dito que tinha uma surpresa para Harry, e ele estava esperando impacientemente o horário de fechamento.

Toowoomba ainda estava sentado à mesa. Ele tinha pagado, e agora estava girando o copo de cerveja. Harry teve uma sensação indefinível que Toowoomba queria algo; ele não queria só contar velhas histórias.

"Você conseguiu ir mais longe com este caso, Harry?"

"Eu não sei", respondeu Harry. "De vez em quando você sente que está procurando com um telescópio e a solução está tão perto de você, não mais do que um borrão na lente."

"Ou você está de cabeça para baixo."

Harry observou-o secar o copo.

"Eu tenho que ir, mas deixe-me primeiro lhe contar uma história que pode contribuir para a correção da sua ignorância sobre a nossa cultura. Você já ouviu falar sobre a serpente negra?"

Harry balançou a cabeça. Antes de viajar para a Austrália ele leu algo sobre os répteis com os quais você devia ser cauteloso. "Se a memória não me falha a serpente negra não é muito impressionante em tamanho, mas é mais venenosa apesar de tudo."

"É isso mesmo, mas de acordo com a fábula, não foi sempre assim." 'Há muito tempo atrás, no Dreamtime (*), a cobra preta era inócua. No entanto, a iguana era venenosa e muito maior do que é hoje. Comia seres humanos e animais, e um dia o canguru chamou todos os animais para uma reunião para encontrar uma maneira de superar o assassino feroz - Mungoongali, o grande chefe dos iguanas. Ouyoubooloey - a serpente negra - a pequena cobra destemida, imediatamente aceitou a tarefa.'

Ele continuou em voz baixa, calma, mantendo os olhos fixos em Harry.

'Os outros animais riram da pequena cobra e disseram que iriam precisar de alguém maior e mais forte para lutar contra Mungoongali. "Você só deve esperar para ver", disse Ouyoubooloey, e deslizou para o acampamento do chefe iguana. Quando ele chegou lá, ele cumprimentou a enorme fera bruta e disse que era apenas uma pequena cobra, não era particularmente boa para ser comida, estava apenas à procura de um lugar onde ela poderia ser deixada em paz, longe dos outros animais que a provocavam e atormentavam. "Certifique-se de que você não vai ficar no

meu caminho ou será pior para você", disse Mungoongali, não parecendo prestar muita atenção para a cobra preta.'

'Na manhã seguinte Mungoongali foi caçar, e Ouyouboolooy deslizou atrás dela. Havia um homem sentado perto de uma fogueira. Ele mal piscou antes de Mungoongali se atirar sobre ele e esmagar sua cabeça com um poderoso golpe certo. Em seguida, a iguana colocou o homem em suas costas e levou-o para o seu acampamento, onde descarregou o seu saco de veneno e começou a consumir a carne humana fresca. Tão rápido como um relâmpago, Ouyouboolooy saltou, pegou o saco de veneno e desapareceu nos arbustos. Mungoongali saiu a procura da pequena cobra, mas não conseguiu encontrá-la. Os outros animais ainda estavam na reunião quando Ouyouboolooy retornou.'

"Olhe para isso", ele gritou e abriu suas mandíbulas para que todos pudessem ver o saco de veneno. Todos os animais se reuniram em torno dele e felicitaram-no por salvá-los de Mungoongali. Depois que os outros animais tinham ido para casa, o canguru foi até Ouyouboolooy e disse que ele deveria cuspir o veneno dentro do rio, para que pudessem dormir a salvo no futuro. Mas Ouyouboolooy respondeu mordendo o canguru, que caiu no chão, paralisado.'

"Você sempre me desprezou, mas agora é a minha vez", disse Ouyouboolooy para o canguru moribundo. "Enquanto eu tiver este veneno você nunca será capaz de chegar perto de mim novamente. Nenhum dos outros animais vão saber que ainda tenho o veneno. Eles vão pensar que eu, Ouyouboolooy, sou seu salvador e protetor, enquanto isso eu vou me vingar de um por um no meu próprio tempo." Com isso, ele empurrou o canguru para o rio e ele afundou e sumiu de vista. Ouyouboolooy deslizou de volta para o mato. E é aí que você vai encontrá-la hoje. Nos arbustos.'

Toowoomba levou o copo até seus lábios, mas ele estava vazio, então ele se levantou.

"É tarde."

Harry levantou-se, também. "Obrigado pela história, Toowoomba. Eu volto em breve para a Noruega, por isso, se eu não te ver mais, boa sorte no campeonato. E com os seus planos para o futuro."

Toowoomba estendeu a mão, e Harry se perguntou se nunca iria aprender. Sua mão parecia um pedaço de bife batido, depois.

"Espero que você descubra o que é o borrão na lente", disse Toowoomba. Ele já tinha ido embora quando Harry percebeu sobre o que ele estava falando.

() Dreamtime: Na mitologia aborígine australiana, Dreamtime é um lugar além do tempo e espaço no qual o passado, o presente e o futuro existem integralmente como um só. Pessoas poderiam entrar neste universo alternativo através de sonhos ou vários estados de consciência alterada, assim como na morte. Dreamtime é considerado o destino final antes da reencarnação.*

O Grande Tubarão Branco

O vigia entregou uma lanterna para Birgitta.

"Você sabe onde me encontrar, Birgitta. Certifique-se de não ser comida", disse ele, mancando de volta para o seu escritório com um sorriso.

Birgitta e Harry caminharam ao longo dos corredores escuros e sinuosos do grande edifício que é o Sydney Aquarium. Eram quase duas horas da manhã, e Ben, o vigia noturno, tinha deixado eles entrarem.

Uma pergunta ocasional de Harry - por que todas as luzes estavam apagadas - levou a uma explicação detalhada do velho vigia.

"Claro que economiza energia, mas essa não é a razão mais importante - a razão mais importante é que estamos informando aos peixes que já é noite. Acho que é isso, de qualquer maneira. Antes, costumávamos desligar as luzes com um interruptor padrão, e você podia ouvir o choque quando, de repente, tudo ficava escuro. Um *whoosh* soava por todo o aquário quando centenas de peixes disparavam em busca de esconderijo ou nadavam em pânico cego."

Ben silenciou a voz até um quase sussurro e imitou os peixes com movimentos da mão em ziguezague.

"Havia um monte de respingos e ondas, e alguns peixes, a cavala, por exemplo, agitavam-se loucamente e batiam no vidro e se matavam. Então começamos a usar dimmers, que reduzem gradualmente a luz de acordo com as horas do dia, imitando a natureza. Depois disso houve muito menos doenças entre os peixes também. A luz diz ao seu corpo quando é dia e noite, e pessoalmente eu sinto que os peixes precisam de um ritmo diário natural para evitar o estresse. Eles têm um relógio biológico da mesma forma que nós, e não devemos bagunçar com ele. Eu sei que alguns criadores de perca-gigante na Tasmânia, por exemplo, dão aos peixes luz extra no Outono. Eles os enganam fazendo pensar que ainda é verão para que desovem mais."

"Ben gosta de falar muito quando ele se entusiasma com um tema," Birgitta explicou. "Ele fica quase tão feliz em falar com as pessoas quanto é feliz com seus peixes." Ela tinha trabalhado nos dois últimos verões como

ajudante no aquário e tinha feito amizade com o vigia, que alegava sempre ter trabalhado no aquário desde a sua abertura.

"É tão calmo aqui à noite", disse Birgitta. "Muito calmo. Olha!" Ela dirigiu a lanterna para a parede de vidro, onde uma moreia preta-e-amarela deslizou para fora de sua toca revelando uma fileira de dentes pequenos e afiados. Mais abaixo no corredor ela iluminou duas arraias pintadas deslizando através da água atrás do vidro verde com movimentos ondulantes em slow-motion. "Isso não é lindo?", ela sussurrou com os olhos brilhando. "É como ballet sem a música."

Harry sentiu como se estivesse andando na ponta dos pés no meio de um dormitório. Os únicos sons eram os seus passos e um murmúrio fraco, mas normal, dos aquários.

Birgitta parou na frente de um alto muro de vidro. "Este é o aquário de *salties*, Matilda de Queensland," disse ela, dirigindo o cone de luz para o vidro. Havia um tronco de árvore seco deitado em uma margem de rio reconstruído lá dentro. E na água um pedaço de madeira flutuando.

"O que é um *saltie*?" Harry perguntou, tentando avistar algo vivo. Naquele instante, o pedaço de madeira abriu dois cintilantes olhos verdes. Acenderam-se no escuro como refletores.

"É um crocodilo que vive em água salgada, ao contrário dos *freshies*. *Freshies* se alimentam só de peixe e você não precisa ter medo deles."

"E os *salties*?"

"Definitivamente você deve ter medo deles. Muitos dos chamados predadores perigosos atacam seres humanos apenas quando se sentem ameaçados, estão com medo ou você invadiu o seu território. O *saltie*, no entanto, é uma alma simples, sem complicações. Ele só quer o seu corpo. Vários australianos morrem a cada ano nos pântanos ao norte."

Harry inclinou-se contra o vidro. "Isso não leva . . . a . . . ahn, uma certa antipatia? Em algumas áreas da Índia eles acabaram com os tigres sob o pretexto de que estavam comendo crianças. Por que esses devoradores de homens não foram exterminados?"

"A maioria das pessoas aqui têm uma atitude relaxada com os crocodilos igual ao modo como encaram os acidentes de trânsito. Quase, de qualquer maneira. Se você quer estradas, você tem que aceitar as mortes, certo? Bem, se você quiser crocodilos, é a mesma coisa. Estes animais comem seres humanos. Assim é a vida."

Harry estremeceu. Matilda tinha fechado suas pálpebras de forma semelhante às capas de farol de alguns modelos da Porsche. Nem uma

ondulação na água traia o fato de que a madeira flutuando a meio metro dele por trás do vidro era na realidade mais de uma tonelada de músculos, dentes e mau humor.

“Vamos continuar”, sugeriu.

“Aqui temos Mr Bean”, disse Birgitta, focando a lanterna num pequeno peixe, marrom claro, parecido com uma arraia. “Este é um *Fiddler Ray* (*1), é assim que chamamos Alex no bar, o homem que Inger chamava de Mr Bean.”

“Por que *Fiddler Ray*?”

“Eu não sei. Já o chamavam assim antes de eu começar lá.”

“Nome engraçado. Esse peixe, obviamente, gosta de ficar deitado no fundo.”

“Sim, e é por isso que você tem que ter cuidado quando você estiver na água. É venenoso, entende, e ele vai picar você, se você pisar nele.”

Desceram uma escada que serpenteava até um dos grandes tanques.

“Os tanques não são realmente aquários, no verdadeiro sentido da palavra, eles apenas anexaram uma parte do porto de Sydney”, disse Birgitta quando eles entraram.

Do teto uma luz esverdeada caía sobre eles em faixas ondulantes, e fez Harry se sentir como se estivesse em pé sob um espelho curvo. Foi só quando Birgitta apontou a lanterna para cima que ele viu que estavam rodeados de água por todos os lados. Eles estavam em um túnel de vidro no fundo do mar, e a luz vinha de fora, filtrada através da água. Uma enorme sombra deslizou por eles, e ele instintivamente recuou.

“*Mobulidae*,” disse ela. “Arraia Diabo.” (*2)

“Meu Deus, é enorme!” Harry respirou.

Toda a arraia era um único movimento ondulante, como uma cama de água enorme, e Harry se sentiu sonolento apenas olhando para ela. Em seguida, ela se virou de lado, acenou para eles e flutuou para o mundo aquático escuro como um fantasmagórico lençol negro.

Sentaram-se no chão e de sua mochila Birgitta tirou um tapete, dois copos, uma vela e uma garrafa sem rótulo de vinho tinto. Presente de um amigo que trabalha em um vinhedo em Hunter Valley, disse ela, abrindo-a. Em seguida, eles sentaram-se lado a lado no tapete olhando para a água.

Era como estar deitado num mundo virado de cabeça para baixo, como olhar para um céu invertido cheio de peixes com todas as cores do arco-íris e estranhas criaturas inventadas por alguém com uma imaginação fértil. Um peixe azul cintilante com uma inquisidora face de lua, finas barbatanas ventrais tremelicando, pairou na água acima deles.

"Não é maravilhoso ver quanto tempo eles demoram, quão aparentemente sem sentido são as suas atividades?" Sussurrou Birgitta. "Você pode senti-los fazer o tempo parar?" Ela colocou uma mão fria no pescoço de Harry e apertou suavemente. "Você pode sentir seu pulso quase parando?"

Harry engoliu em seco. "Eu não me importo se o tempo ficar mais lento. Não agora", disse ele. "Não nos próximos dias."

Birgitta apertou com mais força. "Nem sequer fale sobre isso", disse ela.

"**Às vezes** eu penso, 'Harry, afinal de contas, você não é tão estúpido assim.' Percebo, por exemplo, que Andrew sempre fala sobre os povos aborígenes como 'eles'. É por isso que eu tinha imaginado um monte de coisas sobre a vida de Andrew antes de Toowoomba ter contado detalhes específicos. Eu tinha mais ou menos imaginado que Andrew não tinha crescido com sua própria família, que não pertencia a lugar algum, apenas flutuava na superfície e via as coisas do lado de fora. Como nós aqui, observando um mundo do qual não podemos participar. Após o bate-papo com Toowoomba percebi outra coisa: ao nascer Andrew não recebeu o dom desse orgulho natural que temos de fazer parte de um povo. É por isso que ele teve que encontra-lo por si mesmo. No começo eu pensei que ele tinha vergonha de seus irmãos, mas agora eu sei que ele está lutando contra sua própria vergonha."

Birgitta resmungou. Harry continuou.

"Às vezes eu acho que compreendi alguma coisa, para justo no minuto seguinte ser confundido mais uma vez. Eu não gosto de ser confundido; eu não tenho nenhuma tolerância para isto. Por isso eu gostaria que não tivesse essa capacidade de captar detalhes, ou que tivesse uma maior capacidade de montá-los de modo a formar uma imagem que fizesse algum sentido."

Ele se virou para Birgitta e escondeu o rosto em seu cabelo.

"É uma maldade da parte de Deus dar para um homem com tão pouca inteligência um bom olho para o detalhe", disse ele, tentando encontrar na sua memória uma coisa que tinha o mesmo cheiro do cabelo de Birgitta. Mas foi a tanto tempo que ele já tinha esquecido o que era.

"Então, o que você pode ver?", perguntou ela.

"Todo mundo está tentando chamar minha atenção para algo que eu não entendo."

"Como o quê?"

"Eu não sei. Eles são como as mulheres. Eles me contam histórias que significam algo mais. O que há nas entrelinhas pode ser óbvio, mas, como eu digo, eu não tenho a capacidade de perceber. Porque vocês mulheres não podem dizer as coisas apenas como elas são? Vocês superestimam a capacidade que os homens possuem para interpretar."

"É minha culpa agora?", Birgitta exclamou com um sorriso e deu um tapa nele. O eco rolou através do túnel subaquático.

"Shh, não acorde o grande tubarão branco", disse Harry.

Demorou um bom tempo para Birgitta detectar que ele não havia tocado no seu copo de vinho.

"Um pouco de vinho não pode fazer mal, pode?", ela perguntou.

"Sim, pode", respondeu Harry. "Ele pode prejudicar." Ele a puxou em direção a ele com um sorriso. "Mas não vamos falar sobre isso." Então ele a beijou, e ela deu um suspiro longo e trêmulo, como se ela estivesse esperando por esse beijo por uma eternidade.

Harry acordou com um sobressalto. Ele não sabia de onde tinha vindo a luz verde na água, se era a lua sobre Sydney ou holofotes sobre a terra, mas agora ela se fora. A vela tinha queimado, e estava escuro como breu. No entanto, ele tinha a sensação de que estava sendo observado. Ele localizou a lanterna ao lado de Birgitta e ligou - ela estava enrolada em sua metade do tapete, nua e com uma expressão satisfeita. Ele focou a luz sobre o vidro.

A princípio pensou que era o seu próprio reflexo que ele via, então seus olhos se acostumaram à luz e ele sentiu seu coração registrar uma última batida antes de congelar. O grande tubarão branco estava ao lado dele, observando-o com olhos frios e sem vida. Harry espirou e uma condensação formou-se sobre o vidro na frente da pálida e aguada face, a aparição de um afogado que era tão grande que parecia encher todo o tanque. Os dentes se projetavam da mandíbula, como se tivessem sido desenhadas por uma criança, uma linha em ziguezague de triângulos, punhais brancos, dispostos aleatoriamente em duas fileiras sem gengivas.

Em seguida, ele flutuou acima dele, o tempo todo com seus olhos mortos fixos nele, um duro olhar de ódio, um corpo de um branco cadavérico deslizando pelo feixe da lanterna em movimentos lentos e ondulantes, aparentemente intermináveis.

(*1) *Fiddler Ray*: Arraia Violinista ou tubarão banjo é uma espécie encontrada ao longo das costas leste e sul da Austrália. Eles vivem no fundo de baías arenosas e recifes rochosos entre 120 e 180 metros de profundidade. O corpo é similar a uma arraia porém a cauda é similar a dos tubarões. Chegam a atingir 1,2 m de comprimento.

Ao contrário do que Birgitta afirma, ela não é venenosa.

(*2) *Mobulidae* (*Devil Rays*): Arraia manta ou arraia diabo. Arraias marinhas de grande porte. A maior delas (manta gigante), pode ultrapassar 6 m de "envergadura". A cor do ventre é branca e as costas são pretas. É uma espécie inofensiva, que se alimenta principalmente de plânctons.

Mr Bean

"Então você partirá em breve?"

"Sim". Harry sentou-se com uma xícara de café no colo, sem saber muito bem o que fazer com ela. McCormack se levantou da mesa e começou a andar até a janela.

"Então você acha que ainda estamos muito longe de desvendar o caso, não é? Você acha que há algum psicopata lá fora nas massas, um assassino sem rosto que mata por impulso e não deixa pistas. Enquanto isso nós vamos ter que esperar e rezar para que ele cometa um erro na próxima vez que atacar?"

"Eu não disse isso, senhor. Eu só não acho que tenho alguma coisa para acrescentar aqui. Além disso, eu recebi uma chamada dizendo que precisam de mim em Oslo."

"Tudo bem. Vou informá-los que você saiu-se muito bem aqui, Holy. Eu imagino que você está sendo considerado para uma promoção lá em casa."

"Ninguém me disse nada, senhor."

"Aproveite o resto do dia de folga e visite alguns dos pontos turísticos de Sydney antes de ir, Holy."

"Eu só vou eliminar esse Alex Tomaros de nossas investigações primeiro, senhor."

McCormack ficou olhando pela janela para um nublado e abafado dia quente de Sydney.

"Anseio voltar para casa também, Holy. Do outro lado do lindo mar."

"Senhor?"

"Kiwi.(*) Eu sou um Kiwi, Holy. Meus pais vieram para cá quando eu tinha dez anos. As pessoas são mais simpáticas uns com os outros por lá. Pelo menos é assim que eu me lembro."

"Nós ainda vamos demorar muito para abrir", disse a mulher mal-humorada na porta com uma vassoura na mão.

"Está tudo bem. Eu tenho um compromisso com o Sr. Tomaros," Harry disse, perguntando-se se ela seria convencida por um distintivo da polícia norueguesa. Não foi necessário. Ela abriu a porta apenas o suficiente para

Harry entrar. Havia um cheiro de cerveja velha e sabão, e por incrível que pareça o Albury parecia menor, agora que ele o via vazio e à luz do dia.

Ele encontrou Alex Tomaros, aliás, Mr Bean, aliás, Fiddler Ray, dentro de seu escritório atrás do bar. Harry se apresentou.

"Como posso ajudá-lo, Sr. Holy?" ele falou de forma rápida e com um sotaque inconfundível, da maneira como os estrangeiros, mesmo quando já moram em um país há anos, costumam ter.

"Obrigado por ter concordado com esta reunião em tão pouco tempo, Sr. Tomaros. Sei que outros inspetores estiveram aqui e lhe pediram um monte de informações, por isso não vou detê-lo por mais tempo do que o necessário. Eu . . ."

"Isso é bom. Como você pode ver, eu tenho muita coisa para fazer. Conferir as contas, você sabe . . ."

"Eu entendo. Li no seu depoimento que você estava conferindo as contas na noite que Inger Holter desapareceu. Havia alguém aqui com você?"

"Se você tivesse lido o meu depoimento completamente eu tenho certeza que você teria visto que eu estava só. Eu estou sempre sozinho . . ." Harry estudou o rosto arrogante de Tomaros e sua boca babando. Eu acredito em você, ele pensou. ". . . fazendo contas. Completamente e totalmente. Se eu quisesse, eu poderia ter fraudado este lugar em milhares de dólares sem que ninguém percebesse nada."

"Tecnicamente, então, você não tem um álibi."

Tomaros tirou os óculos. "Tecnicamente, eu liguei para minha mãe as duas e disse que tinha terminado e estava indo para casa."

"Tecnicamente, foi um grande negócio que você fez ao ligar entre uma, quando o bar fechou, e duas, Sr. Tomaros. Não que eu esteja dizendo que você esteja sob suspeita ou qualquer coisa."

Tomaros olhou para ele sem pestanejar.

Harry folheou o seu bloco de notas vazio e fingiu estar procurando algo.

"Por que você ligou para a sua mãe, a propósito? Não é um pouco incomum ligar para alguém, às duas horas da manhã, com esse tipo de mensagem?"

"Minha mãe gosta de saber onde estou. A polícia falou com ela também, então eu não sei por que temos que passar por isso de novo."

"Você é grego, não é?"

"Eu sou um australiano e vivo aqui há vinte anos. Minha mãe é uma cidadã australiana agora. Mais alguma coisa?" Ele estava se controlando

muito bem.

"Você mostrou um interesse pessoal em Inger Holter. Como você reagiu quando ela o rejeitou?"

Tomaros lambeu os lábios, e ele estava prestes a dizer algo, mas parou. A língua apareceu novamente. Como uma cobra, Harry pensou. Uma pobre cobra negra que todo mundo despreza e acredita que é inofensiva.

"Miss Holter e eu conversamos sobre jantar juntos, se é sobre isso que você está aludindo. Ela é a única pessoa aqui que eu convidei para sair. Você pode verificar com qualquer uma das outras. Cathrine e Birgitta, por exemplo. Eu dou muita importância em ter um bom relacionamento com os meus funcionários."

"Seus funcionários?"

"Bem, tecnicamente, sou . . ."

"O gerente do bar. Bem, Senhor Gerente do Bar, o que você achou do namorado dela ter feito uma aparição por aqui?"

Os óculos de Tomaros tinham começado a se embaçar. "Inger tinha um bom relacionamento com muitos dos clientes, de modo que era impossível para eu saber qual deles era o namorado dela. Então, ela tinha um namorado? Bom para ela. . ."

Harry não precisava ser um psicólogo para perceber a tentativa de Tomaros soar indiferente.

"Você não tinha ideia, então, com quem ela estava tendo intimidade, Tomaros?"

Ele revirou os ombros. "Havia o palhaço, é claro, mas as inclinações dele estavam em outro lugar. . ."

"O palhaço?"

"Otto Rechnagel, um cliente habitual. Ela costumava dar-lhe comida para . . ."

"O cachorro!" Harry gritou. Tomaros saltou na cadeira.

Harry levantou-se e bateu o punho na palma da mão.

"É isso aí! Otto pegou um saco ontem. Sobras para o cão! Lembro-me agora, ele disse que tinha um cão. Inger disse para Birgitta que estava pegando sobras para o cão, na noite em que ela desapareceu, e todo esse tempo assumimos que eram para o cão do locador. Mas o Diabo da Tasmânia é um vegetariano. Você sabe para onde as sobras foram? Você sabe onde Rechnagel mora?"

"Meu Deus, como eu vou saber?" Tomaros disse, horrorizado. Ele empurrou a cadeira de volta contra a estante de livros.

“OK, me escute. Mantenha silêncio sobre essa conversa, nem sequer comente com a sua querida mãe, caso contrário, eu voltarei para cortar sua cabeça fora. Entendeu, Sr. Be . . . Sr. Tomaros?”

Alex Tomaros apenas balançou a cabeça.

"E agora eu preciso fazer uma ligação telefônica."

O ventilador rangia miseravelmente, mas ninguém na sala notava. A atenção de todos estava voltada para Yong, que havia colocado uma transparência, mostrando um mapa da Austrália sobre o retroprojeto. Ele tinha colocado no mapa pequenos pontos vermelhos com datas próximas a eles.

"Estas são as datas e locais das violações e assassinatos que pensamos ser responsabilidade do nosso homem", disse ele. "Nós havíamos tentado antes encontrar algum padrão geográfico ou temporal, sem qualquer sucesso. Agora parece que Harry encontrou um para nós."

Yong colocou outra transparência sobre a primeira com o mesmo mapa. Este tinha pontos azuis, que cobriam quase todas as vermelhas embaixo.

"O que é isso?" perguntou Watkins de mau humor.

"Este foi retirado da lista de shows realizados pelo Australian Travelling Show Park, um circo, e indica onde estavam nas datas relevantes."

O ventilador continuou seu lamento, mas por outro lado a sala de reuniões estava completamente parada.

"Caramba, pegamos ele!" Lebie gritou.

"As chances de isso ser uma coincidência são, estatisticamente falando, cerca de um em quatro milhões," Yong sorriu.

"Espere, espere, quem é que nós estamos procurando agora?" Watkins interrompeu.

"Nós estamos olhando para este homem", disse Yong, colocando uma terceira transparência no retroprojeto. Dois olhos tristes num rosto pálido, ligeiramente inchado com um sorriso hesitante olhavam da tela. "Harry pode dizer quem é ele."

Harry levantou-se.

"Este é Otto Rechnagel, um palhaço profissional, 42 anos de idade, que esteve na estrada com o Australian Travelling Show Park durante os últimos dez anos. Quando o circo não está funcionando ele vive sozinho em Sydney e faz apresentações freelance. No momento ele se juntou com uma pequena trupe fazendo espetáculos pela cidade. Ele tem uma ficha limpa, tanto

quanto podemos ver, nunca foi o centro das atenções em relação a quaisquer crimes sexuais e é considerado uma pessoa calma e de bom convívio, embora um pouco excêntrica. A questão é que ele conhecia a falecida, ele era um cliente habitual no bar onde Inger Holter trabalhava e eles se tornaram bons amigos ao longo do tempo. Ela provavelmente estava indo se encontrar com Rechnagel na noite em que foi morta. Com comida para seu cachorro."

"Comida para o seu cão?" Lebie riu. "A uma e meia da manhã? Acho que o nosso palhaço tinha outra coisa em sua mente."

"E aí você coloca o dedo sobre o lado bizarro do caso", disse Harry. "Otto Rechnagel manteve uma fachada, desde a idade de dez anos, de ser cem por cento homossexual, de carteirinha e tudo o mais."

Esta informação ocasionou resmungos em volta da mesa.

Watkins gemeu. "Você acredita que um homossexual como ele poderia ter matado sete mulheres e estuprado outras seis?"

McCormack entrou na sala. Ele foi informado resumidamente. "Mesmo se você seja um homo feliz, com amigos homo por toda a sua vida, não é, talvez, tão surpreendente que você fique ansioso no dia que descobre que a visão de um par de mamas bem torneadas faz seu *passarinho* querer voar. Cristo, estamos vivendo em Sydney, a única cidade no mundo onde as pessoas são hetero no armário."

A risada de McCormack afogou o zurrar de Yong, que estava rindo tanto que seus olhos tinham se tornado duas fendas estreitas em seu rosto.

Watkins não se deixou levar por todo aquele bom humor. Ele coçou a cabeça. "No entanto, há um par de coisas aqui que não se encaixa. Por que alguém que sempre foi tão frio e calculista de repente revela-se assim? Por que convidar uma vítima para casa desta maneira? Quero dizer, ele não poderia saber se Inger havia comentado com outras pessoas para onde ela estava indo. Se ela tivesse, ela teria nos levado diretamente até ele. Além disso, parece que as outras vítimas foram escolhidas ao acaso. Por que, de repente, quebrar o padrão e escolher uma garota que ele conhecia?"

"A única coisa que sabemos sobre este pobre coitado é que ele não tem nenhum padrão claro", disse Lebie, soprando num de seus anéis. "No entanto, parece que ele gosta de variedade. Só que as vítimas têm de ser loiras - ele poliu o anel em sua camisa - e geralmente são estranguladas depois."

"Um em cada quatro milhões," Yong repetiu.

Watkins suspirou. “OK, eu estou dentro. Talvez nós estejamos simplesmente tendo nossas orações respondidas. Talvez ele finalmente tenha cometido o erro mais importante.”

“O que você vai fazer agora?” perguntou McCormack.

Harry falou. “Otto Rechnagel não deve estar em casa, ele tem uma apresentação com sua trupe de circo em Bondi Beach esta noite. Sugiro ir e assistir o show e prendê-lo logo em seguida.”

“Vejo que o nosso colega norueguês tem uma tendência para o dramático”, disse McCormack.

“Se a apresentação for interrompida a mídia vai cair em cima imediatamente, senhor.”

McCormack balançou a cabeça lentamente. “Watkins?”

“Por mim tudo bem, senhor.”

“OK, vamos faça-lo, rapazes.”

() Kiwi: É uma das espécies de pequenas aves endêmicas da Nova Zelândia. Têm o tamanho de um pequeno frango, não voa, e se encontra em extinção. É um símbolo nacional na Nova Zelândia. As pessoas da Nova Zelândia definem-se a si próprias como Kiwis.*

Outro Paciente Inabalável

ANDREW tinha puxado o edredom até o queixo e parecia que já estava morto no velório. Os inchaços no lado de seu rosto tinham adquirido um espectro de cores divertidas, e quando ele tentou sorrir para Harry o rosto se contorceu de dor.

"Nossa, dói muito para sorrir?" Harry perguntou.

"Tudo dói. Pensar dói."

Havia um buquê de flores em sua mesa de cabeceira.

"De uma admiradora secreta?"

"Se você quer saber. Seu nome é Otto. E amanhã Toowoomba virá, e hoje você está aqui. É bom sentir-se amado."

"Eu trouxe uma coisa para você, também. Você vai ter que fumar quando não tiver ninguém olhando." Harry levantou um charuto longo e escuro.

"Ah, um Maduro. Claro. De meu querido norueguês *rubio*." Andrew sorriu e depois deu uma risada cuidadosa.

"Há quanto tempo eu te conheço, Andrew?"

Andrew acariciou o charuto como se fosse um gatinho. "Deve ser cerca de uma semana, companheiro. Em breve vamos ser como irmãos."

"E quanto tempo leva para realmente se conhecer alguém?"

"Bem, Harry, necessariamente não leva muito tempo para se conhecer as trilhas batidas através da grande floresta escura. Algumas pessoas são como excelentes caminhos retos com iluminação e sinais de trânsito. Eles parecem dizer-lhe tudo. Mas é aí que você deve ter mais cuidado, você não pode tomar nada como garantido. Porque se você não encontrar animais da floresta em caminhos iluminados, você vai encontrá-los nos arbustos e no matagal."

"E quanto tempo leva para conhecê-los?"

"Depende de quem está lá. E da floresta. Algumas florestas são mais escuras do que outras."

"E como é a sua floresta?"

Andrew colocou o charuto na gaveta da mesa de cabeceira. "Escura. Como um charuto Maduro." Ele olhou para Harry. "Mas é claro que você já

descobriu isso ...”

“Sim. Mas eu conversei com um amigo seu que está jogando um pouco mais de luz sobre quem Andrew Kensington é.”

“Bem, então você sabe do que estou falando. Sobre não se deixar ser enganado pelos caminhos iluminados. Mas você mesmo também tem um par de manchas escuras, então eu não preciso explicar isso para você.”

“Como assim?”

“Vamos apenas dizer que eu reconheço um homem que desistiu de algumas coisas. Beber, por exemplo.”

“Eu suponho que todo mundo faz sacrifícios”, Harry murmurou.

“Tudo o que fazemos deixa vestígios, não é. A vida que você viveu está escrita em você, para aqueles que sabem ler.”

“E você pode ler?”

Andrew colocou seu grande punho no ombro de Harry. Ele se animou com uma rapidez impressionante, pensou Harry.

“Eu gosto de você, Harry. Você é meu amigo. Eu acho que você sabe que coisas deve procurar, portanto, não procure no lugar errado. Eu sou apenas um dos muitos milhões de almas solitárias tentando viver sobre a face da Terra. Eu estou tentando me absolver, sem cometer muitos erros. De vez em quando eu posso até estar no topo das coisas para tentar fazer algo de bom. Isto é tudo. Eu não sou importante aqui, Harry. Informar-se sobre mim, não vai levar você a lugar nenhum. Merda, eu nem estou particularmente interessado em saber muito sobre mim mesmo.”

“Por que não?”

“Quando a floresta é tão escura que nem você reconhece, é sábio não sair em viagens exploratórias. Você pode se descobrir pisando em gelo fino.”

Harry acenou com a cabeça e sentou-se olhando para as flores no vaso. “Você acredita em sorte?”, perguntou ele.

“Bem”, disse Andrew, “a vida consiste em uma série conectada de ocorrências ao acaso bastante improváveis. Quando você compra um bilhete de loteria e recebe o número 822531, por exemplo, as chances de você ter seu número sorteado é uma em um milhão.”

Harry acenou com a cabeça novamente. “O que me incomoda”, disse ele, “é que o meu número de loteria foi sorteado muitas vezes seguidas.”

“Sério?” Andrew sentou-se na cama com um gemido. “Conte para o tio Andrew.”

“Quando cheguei a Sydney a primeira coisa que aconteceu é que eu ouvi que você na verdade, não estava encarregado deste caso, mas você

insistiu em trabalhar no assassinato de Inger Holter e, além disso, pediu especificamente para trabalhar comigo, o estrangeiro. Naquela época, eu deveria ter me questionado algumas coisas. A próxima coisa que você faz é apresentar-me a um dos seus amigos, sob o pretexto de assistir a um número de circo para matar o tempo. Dentre quatro milhões de habitantes em Sydney eu encontro este cara na primeira noite que passei aqui. Um cara! Um em cada quatro milhões. O mesmo cara aparece novamente, por sinal, a gente até faz uma aposta muito íntima de cem dólares, mas o ponto é que ele aparece no bar onde Inger Holter trabalhou e se constata que ele a conheceu! Um em cada quatro milhões de novo! E enquanto nós estamos tentando focar sobre um assassino provável, Evans White para ser mais preciso, de repente você descobriu um contato que viu White, um dentre dezoito milhões de pessoas neste continente, um contato que por acaso está em Nimbin entre todos os lugares possíveis na mesma noite do assassinato!"

Andrew parecia ter caído em um profundo devaneio. Harry continuou.

"Então, é claro, é natural para você, me dar o endereço do pub onde a gangue de Evans White por acaso é cliente habitual, para que, sob pressão, possam confirmar a história que todo mundo quer que eu acredite: Que White não está envolvido"

Duas enfermeiras entraram e uma delas agarrou o final cama. A outra disse em um tom amigável, mas firme: "Lamento dizer que o tempo da sua visita acabou agora. Sr. Kensington tem que fazer um exame de EEG e os médicos estão esperando."

Harry inclinou-se para o ouvido de Andrew. "Sou na melhor das hipóteses um homem de inteligência mediana, Andrew. Mas eu sei que há algo que você está tentando me dizer. Eu só não sei por que você não pode dizer isso diretamente. Ou por que você precisa de mim. Alguém está te dominando, Andrew?"

Ele correu ao lado da cama, enquanto as enfermeiras passavam pela porta e continuavam pelo corredor. Andrew tinha se deitado de volta no travesseiro e fechado os olhos.

"Harry, você disse que branquelos e aborígenes tinham mais ou menos a mesma história sobre as primeiras pessoas a viver nesta terra, porque tínhamos chegado as mesmas conclusões sobre as coisas das quais nada sabemos, que nós temos alguns processos mentais inatos. Por um lado, isso é provavelmente a coisa mais estúpida que eu já ouvi, mas por outro eu

espero que você esteja certo. Neste caso é apenas uma questão de fechar os olhos e ver . . .“

“Andrew!” Harry sussurrou em seu ouvido. Eles diante do elevador e uma das enfermeiras segurando a porta.

“Não brinque comigo, Andrew, você está ouvindo?! É Otto? Otto é o Bubbur?”

Andrew abriu os olhos. “Como . . .?”

“Vamos prendê-lo esta noite. Após o show.”

“Não!” Andrew se ergueu na cama, mas uma enfermeira pressionou-o com cuidado, mas com firmeza, para baixo.

“O médico lhe disse para ficar quieto, Sr. Kensington. Lembre-se, você tem uma concussão séria.” ela virou-se para Harry. “Aqui é o mais longe que você pode ir.”

Andrew lutou para se levantar novamente. “Ainda não, Harry! Dê-me dois dias. Ainda não. Prometa-me que vai esperar dois dias! Irmã, vá para o inferno!” Ele afastou a mão que tentava empurrá-lo para baixo.

Harry ficou ao lado da cabeceira da cama segurando a cama. Ele se inclinou e cochichou com uma intensidade de fogo, quase cuspiendo as palavras, “Por enquanto, nenhum dos outros está ciente de que Otto te conhece, mas é claro que é apenas uma questão de tempo antes que eles descubram. Eles vão começar a se perguntar sobre o seu papel em tudo isso, Andrew. Não posso adiar esta detenção sem uma boa razão, droga.”

Andrew agarrou o colarinho da camisa de Harry. “Olhe mais de perto, Harry. Use seus olhos! Veja . . .”, ele começou, então desistiu e afundou no travesseiro.

“Ver o quê?” Harry insistiu, mas Andrew tinha fechado os olhos e estava acenando para ele parar. De repente, ele pareceu tão antigo e pequeno, Harry pensou. Velho, pequeno e preto em uma cama grande e branca.

Uma enfermeira empurrou Harry bruscamente para longe, e a última cena que ele viu antes da porta do elevador se fechar foi a grande a mão de Andrew, negra, ainda acenando.

Uma Execução

Um fino véu de nuvens, trazido pelo vento, abafou o sol da tarde sobre as colinas que envolvem Bondi Beach. As areias e o mar estavam começando a se esvaziar, e da direção dela vinha um fluxo constante dos personagens que povoam a famosa e glamurosa praia da Austrália: surfistas com creme protetor solar nos lábios e narizes, fisiculturistas gingando, meninas em jeans cortados com Patins, celebridades de segunda classe queimados de sol e ninfas com a parte de cima do biquíni com enchimento de silicone; em suma, as pessoas bonitas, jovens e - pelo menos na aparência - as bem sucedidas. Campbell Parade, a avenida onde as lojas de moda *in* e pequenos, simples, mas caros restaurantes construídos lado a lado, era nessa hora do dia uma massa efervescente de pessoas. Carros esportivos conversíveis se moviam lentamente no tráfego, acelerando seus motores com gritos impacientes de cio enquanto os motoristas observavam a atividade nas calçadas detrás de óculos de sol espelhados.

Harry pensou em Kristin.

Ele estava lembrando o tempo em que ele e Kristin tinham ido de trem até Cannes. Era a alta temporada e não havia um único quarto com preços razoáveis em toda a cidade. Eles tinham saído de casa a tanto tempo que já estavam raspando o fundo do cofrinho, e seu orçamento de viagem certamente não permitia esticar num pernoite em qualquer um dos inúmeros hotéis de luxo. Então eles perguntaram quando o próximo trem partia para Paris, guardaram suas mochilas no armário de bagagem na estação e desceram até o Boulevard La Croisette. Eles passearam para lá e para cá olhando para as pessoas e animais, todos igualmente belos e ricos, e os iates opulentos, cada um com sua própria tripulação, lanchas velozes com cabine amarradas à popa para pequenos passeios pela orla e heliporto no teto, o que os fez jurar, que dali em diante só iriam votar no Partido Socialista pelo resto de suas vidas.

No final, o passeio os deixou tão suados que tiveram que dar um mergulho. Toalhas e roupas de banho estavam nas mochilas, então eles foram forçados a nadar com suas roupas íntimas. As calcinhas limpas de Kristin tinham acabado e ela estava usando uma das cuecas reforçadas de

Harry. Eles mergulharam no Mediterrâneo, entre biquínis caros e joias volumosas, rindo alegremente nas suas cuecas brancas.

Harry lembrou-se que depois se deitou na areia e assistiu Kristin de pé numa camiseta folgada tirando as cuecas molhadas. Ele gostava de vê-la com gotas de água na pele brilhando ao sol, da camiseta subindo e revelando uma coxa longa e bronzeada, seu quadril suavemente curvo, dos longos olhares dos franceses, ele gostava de como ela olhou para ele, pegando-o no ato, como ela sorriu e manteve o olhar enquanto demoradamente vestia sua calça jeans, como ela colocou a mão sob sua camiseta para puxar o zíper, mas deixou-a lá, recostou-se e fechou os olhos. . . em seguida, passou a língua vermelha provocante em torno dos lábios, balançou-se e caiu, rígida, em cima dele com uma gargalhada.

Depois eles comeram em um restaurante exorbitantemente caro, com vista para o mar, e ao pôr do sol eles estavam sentados entrelaçados na areia com Kristin derramando algumas lágrimas pela beleza da paisagem e eles concordaram que iriam se registrar no Hotel Carlton e escapular sem pagar, e talvez cancelassem os dois dias que haviam planejado ficar em Paris.

Aquele verão foi sempre a primeira coisa que lembrava quando sua memória se voltava para Kristin. Tinha sido tão intenso, e depois foi fácil dizer que havia o cheiro de separação no ar. Mas naquele momento Harry não conseguia se lembrar de pensar nisso.

Naquele outono Harry fez o serviço militar, e antes do Natal Kristin conheceu um músico e foi para Londres.

Harry, Lebie e Watkins estavam sentados em um café na calçada da esquina da Campbell Parade com Lamrock Avenue. A mesa estava na sombra, era final da tarde, mas não tão tarde que os seus óculos de sol parecessem deslocados no ambiente. Suas jaquetas naquele calor eram inadequadas, mas a alternativa era manga de camisa e coldres de armas. Eles não falavam muito, eles apenas esperavam.

No meio da avenida, entre a praia e a Campbell Parade, ficava o Teatro St George, um belo prédio amarelo onde Otto Rechnagel estava prestes a se apresentar.

"Você já usou uma Browning Hi-Power antes?" perguntou Watkins.

Harry balançou a cabeça. Eles lhe haviam mostrado como carregar e acionar a trava de segurança, quando lhe equiparam na Seção de Armas, e isso foi suficiente. Não era um problema; Harry não estava exatamente imaginando que Otto iria puxar uma metralhadora e corta-los ao meio.

Lebie consultou o relógio. “Hora de ir andando”, disse ele. O suor brilhava em sua cabeça.

“OK, último ensaio: enquanto todos estão no palco para o agradecimento após o final, Harry e eu entramos pela porta lateral. Arranjei com o zelador para deixá-la aberta. Ele também colocou uma placa na porta do camarim de Rechnagel. Nós ficamos do lado de fora até que Rechnagel saia, e então o prendemos lá. Fechar as algemas, sem armas a menos que haja uma emergência. Saímos pela porta dos fundos, onde um carro de polícia estará esperando por nós. Lebie ficará no meio da multidão com um walkie-talkie e ligará para nós quando Rechnagel estiver a caminho. E informará também se Rechnagel desconfiar e tentar fugir através da multidão até a entrada principal. Vamos assumir nossas posições e fazer uma oração silenciosa para que eles tenham ar condicionado.”

O pequeno e informal auditório do Teatro St George estava cheio e a atmosfera estava animada quando a cortina subiu. Na verdade, porém, a cortina não subiu, ela caiu. Os palhaços ficaram olhando para o teto, onde a cortina se soltara, então eles discutiram o assunto gesticulando freneticamente, correndo desordenadamente, empurrando a cortina do palco, tropeçando uns sobre os outros e se desculpando com o público tirando o chapéu. Tudo isso foi saudado com risos e gritos bem-humorados. No auditório parecia haver um grande número de amigos e conhecidos dos artistas. O palco foi esvaziado e convertido em uma cena de andaime, e Otto entrou ao som de uma marcha fúnebre pesada tocada por um tambor.

Harry viu a guilhotina e imediatamente percebeu que era uma variação do mesmo número que ele tinha visto na Powerhouse. Obviamente, a rainha seria o papel dele hoje à noite, Otto estava usando um vestido de baile vermelho com uma peruca branca imensamente longa e o rosto todo branco de maquiagem. O carrasco também tinha um novo figurino: uma roupa preta apertada com grandes abas e correias em seus braços, o que o fazia parecer um demônio.

Ou um morcego, Harry refletiu.

A lâmina da guilhotina foi levantada, uma melancia foi colocada debaixo dela e a lâmina caiu. Houve um baque e a melancia não estava mais lá. O carrasco triunfalmente recolheu as duas metades do chão e as ergueu no ar enquanto o público aplaudia e assobiava. Depois de algumas cenas de cortar o coração, durante o qual a rainha chorou e implorou por misericórdia e tentou em vão insinuar-se com o homem de preto, ela foi

arrastada para a guilhotina com as pernas balançando ao redor sob seu vestido, para grande deleite do público.

A guilhotina foi levantada novamente e o rufar de tambores começou, ficando cada vez mais alto e as luzes foram reduzidas.

Watkins se inclinou. "Então as loiras são mortas no palco, também?"

O rufar de tambores continuou. Harry olhou em volta: as pessoas estavam na borda de seus assentos; alguns estavam dobrados para frente com as bocas escancaradas, outros tinham as mãos sobre os ouvidos. Gerações de pessoas tinha sentado assim durante mais de cem anos, permitindo-se ser encantadas e aterrorizadas com o mesmo show. Como se em resposta aos seus pensamentos, Watkins se inclinou novamente.

"A violência é como a Coca-Cola e a Bíblia. Um clássico."

O rufar de tambores continuou, e Harry percebeu que isso estava tomando tempo. Não levou muito tempo para a lâmina cair antes, levou? O carrasco estava preocupado; ele foi até a frente e olhou para o topo da guilhotina, como se houvesse algo de errado. Então, de repente, sem que ninguém fizesse nada, aparentemente, a lâmina despencou zunindo. Harry endureceu involuntariamente, e um suspiro atravessou o auditório quando a lâmina atingiu o pescoço. O tambor parou de repente, e a cabeça rolou pelo chão com um baque. Um silêncio ensurdecedor se seguiu, antes de um grito rasgar o ar de algum lugar defronte Watkins e Harry. Um som de alarme se propagou pelo teatro e Harry olhou através da escuridão para ver o que estava acontecendo. Tudo o que ele podia ver era as costas do carrasco à distância.

"Oh meu Deus!" Watkins sussurrou.

Um som vinha do palco, como se alguém estivesse batendo palmas. Então Harry viu. A partir do pescoço da rainha decapitada a espinha se projetava como um verme branco, balançando lentamente a cabeça para cima e para baixo. O sangue jorrava do buraco e caía no palco.

"Ele sabia que estávamos chegando!" Watkins sussurrou. "Ele sabia que estávamos indo para cima dele! Ele até vestiu-se como uma de suas vítimas de estupro, porra!" Ele se inclinou para o rosto de Harry. "Merda, merda, merda, Holy!"

Harry não sabia o que estava fazendo ele se sentir tão enjoado, se era o sangue, a frase de mau gosto juntando 'porra' com 'vítimas de estupro', ou simplesmente o mau hálito do homem.

Uma poça vermelha havia se formado e o carrasco escorregou nela quando, aparentemente, ainda em estado de choque, correu para pegar a

cabeça. Ele caiu no chão com um estrondo, e dois dos palhaços correram para o palco gritando um com o outro.

“Mantenham as luzes acesas!”

“Subam a cortina!”

Dois dos outros palhaços correram com a cortina do palco e todos os quatro ficaram olhando um para o outro e para o teto alto. Um grito foi ouvido de trás do palco, houve um flash do equipamento de iluminação e um grande estrondo, e o teatro ficou na escuridão total.

“Isto fede, Holy. Vamos!” Watkins agarrou o braço de Harry e começou a se mover.

"Sente-se," Harry sussurrou, puxando-o de volta ao seu lugar.

“O quê?”

As luzes se acenderam, e o palco, que apenas alguns segundos antes tinha sido uma confusão de sangue, cabeças, guilhotinas, palhaços e cortinas, estava vazio, exceto pelo carrasco e por Otto Rechnagel que estava na beira do palco com a cabeça da Rainha loira debaixo do braço. Eles foram recebidos com um rugido de aplausos selvagens da audiência, à qual eles responderam com mesuras profundas.

"Bem, que merda", disse Watkins.

O Caçador

No intervalo Watkins permitiu-se uma cerveja. "Esse número quase me matou", disse ele. "Eu ainda estou tremendo. Talvez devêssemos pegar o bastardo agora. Essa espera está me deixando nervoso."

Harry encolheu os ombros. "Por quê? Ele não vai a lugar nenhum, e ele não suspeita de nada. Vamos manter o plano."

Watkins discretamente apertou o walkie-talkie para verificar se ele estava em contato com Lebie, que, por garantia, tinha ficado sentado no auditório. O carro da polícia já estava em posição na porta dos fundos.

Harry teve que admitir que o estratagema do número da guilhotina foi eficaz, mas ele ainda estava pensando por que Otto tinha trocado Louis XVI pela mulher loira que ninguém teria identificado. Talvez Otto contasse com a presença de Harry, uma vez que ele tinha os bilhetes gratuitos. Foi esta a sua maneira de jogar com a polícia? Harry sabia que não era incomum que os serial killers se sentissem mais e mais confiantes com o tempo passando sem serem presos. Ou ele estava implorando para que alguém o parasse? E, claro, havia uma terceira possibilidade - eles tinham simplesmente modificado o truque.

Um sino tocou.

"Aqui vamos nós de novo", disse Watkins. "Espero que ninguém mais seja morto esta noite."

No meio do segundo ato Otto apareceu vestido como um caçador e rastejou pelo palco com uma pistola na mão enquanto espiava entre árvores que haviam sido montadas sobre rodas. Das folhagens veio um canto de pássaros que Otto tentou imitar enquanto mirava nos ramos. O estalo de um disparo foi ouvido, uma pequena nuvem de fumaça subiu e algo preto caiu e bateu no palco com um baque. O caçador correu e, para sua surpresa, ergueu um gato preto! Otto deu uma profunda reverência e deixou o palco sob aplausos dispersos.

"Não entendi essa," Watkins sussurrou.

Harry poderia ter apreciado o desempenho se ele não estivesse tenso. No entanto, como estava, ele olhava para o relógio mais do que para os

acontecimentos no palco. Além disso, vários dos números eram sátira política com um sabor mais local e passou por sua cabeça sem causar efeito, mas o público apreciou muito. No final, a música aumentou, as luzes se acenderam e todos os artistas apareceram no palco.

Harry e Watkins se desculparam com a fileira de pessoas que tiveram de ficar sentadas para deixá-los sair, e correram para a porta ao lado do palco. Conforme combinado, estava aberta e eles entraram em um corredor que seguia em semicírculo para trás do palco. Foi no final do corredor que encontraram a porta com uma placa '*Otto Rechnagel, palhaço*' nela e esperaram. A música e a barulheira do auditório estavam fazendo as paredes tremer. Então veio um breve crepitar do walkie-talkie de Watkins. Ele o pegou.

"Já?", disse. "A música ainda está tocando. Cambio." Seus olhos se arregalaram. "O quê? Repita! Cambio."

Harry sabia que algo tinha dado errado.

"Fique onde está e mantenha um olho na porta do palco. Cambio e desligando!" Watkins colocou o walkie-talkie no bolso e pegou a arma do coldre no ombro.

"Lebie não consegue ver Rechnagel no palco."

"Talvez ele não pode reconhecê-lo. Eles usam muita maquiagem, quando eles ..."

"O Demônio não está no palco", ele repetiu, puxando a maçaneta da porta do camarim, mas estava trancada. "Merda, Holy. Eu posso sentir que isso não é nada bom. Merda!"

O corredor era estreito, então Watkins apoiou suas costas contra a parede e chutou a fechadura da porta. Depois de três chutes ela se abriu com uma chuva de estilhaços. Eles entraram em um camarim vazio cheio de vapor branco. O chão estava molhado. A água e o vapor saiam por uma porta semiaberta que conduzia obviamente a um banheiro. Eles estavam em cada lado da porta; Harry também tinha tirado a arma dele, e tateou procurando a trava de segurança.

"Rechnagel!" Watkins gritou. "Rechnagel!"

Nenhuma resposta.

"Eu não estou gostando disso", ele rosou baixinho.

Harry tinha visto muitos programas policiais na TV e não estava gostando muito, também. Água corrente e gritos sem resposta tinham uma tendência a pressagiar sinais nada agradáveis.

Watkins apontou para Harry com o dedo indicador e o chuveiro com o polegar. Harry sentiu vontade de sinalizar de volta com o seu dedo do meio, mas reconheceu que agora era a sua vez. Ele chutou a porta aberta, deu dois passos para dentro de um banheiro inundado de vapor muito quente e ficou molhado em um segundo. Diante dele, vislumbrou uma cortina de chuveiro. Ele empurrou-a de lado com o cano de sua arma.

Nada.

Ele queimou seu braço quando desligou a água, e praguejou em voz alta em norueguês. Seus sapatos chapinharam enquanto movia-se para uma posição melhor para enxergar através do vapor.

"Nada aqui!", ele gritou.

"Por que existe toda essa merda de água, então?"

"Há alguma coisa bloqueando o dreno. Só um momento."

Harry colocou a mão na água, onde ele pensou que o bloqueio poderia estar. Ele remexeu, mas, em seguida, seus dedos encontraram algo macio e liso preso no ralo. Ele agarrou-o e puxou-o para fora. Náuseas subiram em sua garganta, ele engoliu em seco e lutou para respirar, mas era como se o vapor que estava inalando o sufocasse mais ainda.

"O que foi?" perguntou Watkins. Ele estava de pé na soleira da porta olhando para Harry agachado no chuveiro.

"Eu acho que acabei de perder uma aposta e devo cem dólares para Otto Rechnagel", Harry disse calmamente. "Pelo menos para o que sobrou dele."

Mais tarde, Harry lembrou o resto do que aconteceu no Teatro St George através de uma névoa, como se o vapor do chuveiro de Otto houvesse se espalhado e invadido todos os lugares: para dentro do corredor onde o contorno nebuloso do zelador tentava abrir a porta da sala de figurinos e equipamentos; através das frestas onde a luz vazava com um filtro avermelhado num prenúncio do que estava por vir; através da porta quando foi arrombada e viram a guilhotina pingando sangue; para dentro dos canais auditivos onde o som de gritos estranhamente abafados e distorcidos entraram, quando eles não foram capazes de impedir que os outros artistas entrassem e vissem Otto Rechnagel espalhado por toda a sala.

As extremidades tinham sido penduradas nos cantos, como os braços e pernas de uma boneca. As paredes e o piso estavam salpicados com o sangue real, viscoso que coagulava e ficava quase preto. Um torso sem

membros estava no bloco da guilhotina, de carne e osso com os olhos bem abertos, um nariz de palhaço e a boca e bochechas manchadas de batom.

O vapor tinha aderido à pele, boca e palato de Harry. Como se estivesse em câmera lenta viu Lebie emergir da névoa, se aproximar e sussurrar em seu ouvido: "Andrew fugiu do hospital"

Birgitta se revela

Com certeza alguém tinha lubrificado o ventilador. Ele estava zunindo alegremente sem outros ruídos.

"A única pessoa que os inspetores no carro viram saindo pela porta dos fundos foi um carrasco vestido de preto, não é mesmo?"

McCormack convocara a todos para o seu escritório.

Watkins assentiu. "É, senhor. Nós vamos ter que esperar para ouvir o que os artistas e os seguranças viram - estão sendo entrevistados agora. Ou o assassino estava na plateia e entrou pela porta do palco, que estava aberta ou ele entrou pela porta dos fundos antes do carro da polícia entrar em posição."

Ele suspirou.

"O zelador diz que a porta dos fundos estava fechada durante a execução, então, nesse caso, o assassino devia ter uma chave, entrou e se infiltrou despercebido entre os artistas e, em seguida, escondeu-se em algum lugar. Em seguida, ele bateu na porta do camarim após o número do gato enquanto Otto estava se preparando para o final. Ele provavelmente o drogou - os meninos da Pericia encontraram vestígios de éter etílico - temos que aguardar de qualquer maneira - tanto no vestiário como na sala de figurinos. Seja como for, o cara deve ser um bastardo de coração muito frio. Depois de decepar os órgãos sexuais, retornou ao camarim e abriu as torneiras para que qualquer um que se aproximasse do camarim ouvisse a água e acharia que Otto estava no chuveiro."

McCormack pigarreou. "E sobre esta guilhotina? Existem maneiras mais simples de matar um homem ..."

"Bem, senhor, eu acho que a guilhotina foi uma ideia de momento. O assassino mal podia ter sabido que ela seria transferida para a sala de figurinos no intervalo."

"Um homem muito, muito doente," Lebie disse para suas unhas.

"E as portas? Elas estavam todas trancadas, não estavam? Como eles entraram na sala de figurinos?"

"Eu falei com o zelador", disse Harry. "Como líder do grupo Otto tinha um molho de chaves em seu quarto. Elas sumiram."

"E o que sabemos sobre o . . . traje do diabo?"

"Estava na caixa ao lado da guilhotina, junto com a cabeça falsa e a peruca, senhor. O assassino vestiu-o, após o assassinato e usou como um disfarce. Muito esperto também. É pouco provável que tenha sido planejado."

McCormack apoiou a cabeça nas mãos.

"O que foi isso, Yong?"

Yong estava no computador, enquanto os outros estavam falando.

"Vamos esquecer o diabo na roupa preta por um tempo", disse ele. "A lógica nos diz que alguém da trupe foi o assassino."

Watkins bufou alto.

"Deixe-me terminar, senhor", disse Yong. "Estamos à procura de alguém que conhecia o roteiro do show, então ele sabia que Otto não tinha mais o que fazer depois do número do gato e, portanto, não voltaria ao palco até o final, cerca de vinte minutos depois. Um membro da trupe não teria que se esgueirar, também, o que eu duvido que um estranho teria conseguido sem ser notado. Presumivelmente, pelo menos um de vocês teria notado se ele tivesse usado a porta ao lado do palco."

Os outros só podiam assentir.

"De qualquer forma, eu verifiquei e descobri que existem três outros membros da trupe que também atuam no Australian Travelling Show Park. O que significa que nesta noite há três outras pessoas que poderiam ter estado na cena dos crimes que discutimos antes. Talvez Otto fosse simplesmente um inocente que sabia demais. Vamos começar a procurar onde temos a chance de encontrar algo. Sugiro começar com a trupe em vez de procurar um *fantasma da ópera* que, provavelmente, está além das colinas e muito longe já."

Watkins balançou a cabeça. "Não podemos ignorar o óbvio - uma pessoa desconhecida que deixa a cena de um crime vestindo uma roupa que estava ao lado de uma arma do crime. É impossível que ela não tenha nada a ver com o assassinato."

Harry concordou. "Acho que podemos esquecer os outros atores da trupe. Primeiro, nada mudou o fato de que Otto pode ter estuprado e matado todas as meninas. Pode haver uma série de razões para alguém querer matar um assassino em série. O indivíduo podia estar envolvido de alguma maneira, por exemplo. Talvez soubesse que Otto ia ser preso pela polícia e não quis arriscar uma confissão e ser preso também em seguida. Em segundo lugar, não é certeza que o assassino sabia de antemão quanto

tempo ele tinha - ele pode ter forçado Otto para dizer-lhe quando ele ia estar no palco novamente. E em terceiro lugar, ouçam os seus sentimentos!" ele fechou os olhos. "Vocês podem sentir isso, não podem? O cara do traje de morcego é o nosso homem. Narahdarn!"

"O quê?", Disse Watkins.

McCormack riu. "Parece que o nosso amigo norueguês entrou no vácuo deixado pelo nosso tão conhecido inspetor Kensington", disse ele.

"Narahdarn," Yong repetiu. "O símbolo aborígene da morte, o morcego."

"Tem mais uma coisa que me preocupa", continuou McCormack. "O cara podia escapar pela porta traseira despercebido e depois de dez passos de distância estar nas ruas mais movimentadas de Sydney, onde ele podia ter a certeza de desaparecer em segundos. No entanto, ele gasta um tempo vestindo um traje que obrigatoriamente atrairia atenção. Mas o que também significa que não temos a descrição dele. Você quase tem a sensação de que ele sabia que o carro da polícia estava lá fora de olho na porta. E, em caso afirmativo, como isso é possível?"

Silêncio.

"Como está Kensington lá no hospital, por falar nele?" McCormack pegou uma pastilha e começou a chupar.

A sala ficou em silêncio. O ventilador soprava sem ruído.

"Ele não está mais lá", disse Lebie lentamente.

"Caramba, essa foi uma convalescença rápida!", Disse McCormack. "Bem, não importa, precisamos de todas as unidades disponíveis o mais rápido possível, porque agora eu posso dizer-lhe isto: palhaços picados geram manchetes maiores do que meninas estupradas. E como eu já disse antes, meninos, aqueles que pensam que não precisamos dar uma satisfação para os jornais estão enganados. Jornais já demitiram e nomearam chefes de polícia em outras ocasiões neste país. Então, a não ser que vocês queiram que eu seja expulso, já sabem o que tem que ser feito. Mas vão para casa e durmam primeiro. Sim, Harry?"

"Nada, senhor."

"OK. Boa noite."

As coisas eram diferentes. As cortinas no hotel não estavam fechadas, e, no brilho das luzes de néon de Kings Cross, Birgitta se despiu na frente dele.

Ele estava deitado na cama enquanto ela estava no meio da sala, tirando peça por peça, o tempo todo mantendo o seu olhar com uma expressão séria, quase triste. Birgitta tinha pernas longas, magras e brancas

como a neve na luz pálida. Através da janela semiaberta podiam ser ouvidos os sons da intensa vida noturna - carros, motos, máquinas de jogos de azar tocando música de realejo e sons pulsantes de música de discoteca. E debaixo de tudo isso - como grilos humanos - o som de conversas espalhafatosas, gritos indignados e gargalhadas.

Birgitta se desfez da blusa, não com um 'prolongado' consciente ou sensual, mas lentamente. Ela terminou de se despir.

Para mim, Harry pensou.

Ele já tinha visto Birgitta nua antes, mas esta noite foi diferente. Ela era tão linda que ele sentiu um nó na garganta. Antes, ele não tinha entendido sua timidez, por que ela não tirava sua camiseta e calcinha até que estivesse sob o lençol e por que ela se cobria com uma toalha quando ia da cama para o banheiro. Mas, aos poucos, ele se deu conta de que não era sobre ficar constrangida ou envergonhada de seu corpo, mas sobre a revelação de si mesma. Foi sobre primeiro construir uma base sólida de sentimentos, a construção de um pequeno ninho de segurança, era a única maneira que daria a ele aquele *direito*. Foi por isso que as coisas foram diferentes hoje. Havia algo de ritualístico sobre o despir-se, como se com a sua nudez, ela queria mostrar-lhe como ela era vulnerável. Mostrar-lhe que ela se atreveu, porque ela confiava nele.

Harry podia sentir seu coração batendo, em parte porque ele estava orgulhoso e feliz que esta mulher forte e bonita lhe dava uma prova de confiança, e em parte porque ele estava aterrorizado de que podia não ser digno dela. Mas acima de tudo, porque ele sentia que tudo o que pensava e sentia estava do lado de fora, para que todos pudessem ver no brilho do néon, vermelho, em seguida azul e depois verde. Ao despir-se ela também estava despindo ele mesmo.

Quando ficou nua, ela ainda estava de pé e a sua pele branca parecia iluminar a sala.

"Venha", disse ele em uma voz que era mais grossa do que pretendia, e dobrou o lençol para o lado, mas ela não se moveu.

"Olhe", ela sussurrou. "Olhe."

Genghis Khan

Eram oito horas da manhã, e Genghis Khan ainda estava dormindo quando a enfermeira deixou Harry entrar no seu quarto do hospital. Ele abriu os olhos quando Harry raspou a cadeira no chão ao movê-la para perto da cama.

"Bom dia", disse Harry. "Espero que tenha dormido bem. Você se lembra de mim? Eu era o único na mesa com dificuldades respiratórias."

Genghis Khan gemeu. Ele tinha uma grande atadura branca em torno de sua cabeça e olhou muito menos perigosamente do que quando ele estava inclinado sobre Harry no Cricket.

Harry pegou uma bola de críquete de seu bolso.

"Eu conversei com o seu advogado. Ele disse que não vai denunciar o meu colega."

Harry jogou a bola da mão direita para a esquerda.

"Considerando-se que você estava a ponto de me matar, eu teria ficado muito chateado se você tivesse denunciado o cara que salvou minha pele. Mas esse seu advogado pensa que é evidente que vocês têm um *caso*. Primeiro, ele diz que você *não* me atacou, você só me *afastou* das proximidades do seu amigo a quem eu estava no processo de infligir ferimentos graves. Em segundo lugar, ele afirma que foi um milagre que lhe permitiu escapar com apenas uma fratura no crânio em vez de ser morto por esta bola de críquete."

Ele jogou a bola no ar e pegou de novo na frente do rosto pálido do Príncipe Guerreiro.

"E você sabe de uma coisa? Eu concordo. Uma bola atirada diretamente no rosto a uma distância de quatro metros – foi um grande milagre realmente você ter sobrevivido. O seu advogado me ligou no trabalho hoje querendo saber o curso preciso dos eventos. Ele acha que há motivos para pedir uma indenização, pelo menos se você tiver danos a longo prazo. O seu advogado pertence a essa raça de urubu que fica com um terço das indenizações, mas ele provavelmente lhe disse isso, não foi? Perguntei-lhe por que ele não tinha conseguido convencê-lo a nos processar. Ele pensa que

é apenas uma questão de tempo. Então agora eu estou me perguntando: é apenas uma questão de tempo, Genghis?"

Genghis balançou a cabeça cautelosamente. "Não. Por favor, vá embora", disse num murmúrio.

"Mas por que não? O que você tem a perder? Se você ficar incapacitado haverá muito dinheiro num caso como este. Lembre-se, você não está processando um pobre indivíduo, está processando o Estado. Eu verifiquei e vi que você ainda conseguiu manter a sua cara mais ou menos limpa. Então, quem sabe, um júri pode aceitar o seu pedido e fazer de você um milionário. Mas você nem quer tentar?"

Genghis não respondeu, apenas olhou para Harry com seus olhos tristes sob a bandagem.

"Estou cansado de ficar sentado neste hospital, Genghis, então eu vou ser breve. Seu ataque a mim resultou em duas costelas quebradas e um pulmão perfurado. Como eu não estava de uniforme, não mostrei meu distintivo e não estava trabalhando sob as ordens do departamento de polícia, o que na Austrália está além da minha jurisdição, as autoridades declararam que, do ponto de vista legal, eu estava agindo como uma pessoa privada e não como um funcionário público. Em outras palavras, eu posso decidir se eu vou denunciá-lo por agressão violenta ou não. O que nos traz de volta ao seu registro relativamente limpo. Você percebe, há uma possibilidade de uma condenação condicional por lesão corporal grave pairando sobre sua cabeça, está correto? São seis meses por isso e talvez até um ano. Um ano, ou você poderia me dizer . . .", ele se aproximou da sua orelha, que sobressaía da cabeça enfaixada de Genghis Khan como um cogumelo cor-de-rosa e gritou: ". . . QUE PORRA É ESSA QUE ESTÁ ACONTECENDO!"

Harry voltou para trás em sua cadeira.

"Então o que você me diz?"

Uma Mulher Gorda

McCormack estava de costas para Harry, com os braços cruzados e uma mão sustentando o queixo enquanto olhava para fora da janela. A névoa espessa tinha apagado as cores e congelado os movimentos de modo que a vista era mais como uma imagem turva em preto-e-branco da cidade. O silêncio foi quebrado por um ruído parecido com pancadinhas. Harry finalmente percebeu que eram as unhas de McCormack tamborilando sobre os dentes da sua mandíbula superior.

"Então Kensington conhecia Otto Rechnagel. E você estava ciente disso o tempo todo."

Harry encolheu os ombros. "Sei que eu deveria ter dito antes, senhor. Mas eu não sentia ..."

"... Que era seu dever informar o que Andrew Kensington sabia ou não sabia. Muito justo. Mas agora Kensington é um fugitivo, ninguém sabe onde ele está e você é suspeito de ter agido de má fé "

Harry acenou confirmando com a cabeça para as suas costas.

McCormack estava vendo pelo reflexo na janela. Então ele girou em uma semipirqueta para ficar cara a cara com Harry.

"Você parece um pouco ...", ele completou a pirueta e ficou de costas novamente, "... inquieto, Holy. Algo te incomodando? Há mais alguma coisa que você gostaria de me contar?"

Harry balançou a cabeça.

O flat de Otto Rechnagel ficava em Surry Hills; para ser mais exato, no caminho entre o Albury e o quarto de Inger Holter em Glebe. Uma montanha de uma mulher estava bloqueando o caminho até as escadas quando eles chegaram.

"Eu vi o carro. Vocês são da polícia?", ela perguntou com uma voz aguda, estridente, e continuou sem esperar por uma resposta. "Vocês podem ouvir o cão por si próprios. Tem sido assim desde esta manhã."

Eles ouviram o latido rouco de trás da porta com uma placa informando 'Otto Rechnagel'.

"É triste tudo isso sobre Mr Rechnagel, é, mas agora vocês tem que levar seu cachorro. Está latindo sem parar e está nos deixando loucos. Não é permitido manter cães aqui. A menos que vocês façam algo seremos forçados a . . . ahn, bem, você sabe o que quero dizer."

A mulher revirou os olhos e estendeu dois braços rechonchudos. Imediatamente surgiu um cheiro penetrante de suor e perfume compensatório. Harry antipatizou com ela intensamente.

"Cães sabem", disse Lebie, correndo dois dedos sobre a balaustrada e examinando o dedo indicador com desaprovação.

"O que você quer dizer com isso, meu jovem?", perguntou a mulher gorda, deixando cair os braços para os lados e ainda olhando como se ainda não tivesse intenção de se mover.

"Ele sabe que o seu dono está morto, senhora", disse Harry. "Os cães têm um sexto sentido sobre coisas assim. Ele está de luto."

"Luto?" Ela olhou para eles com desconfiança. "Um cão? Que bobagem."

"O que você faria se alguém cortasse os braços e pernas de seu dono, minha senhora?" Lebie olhou para a mulher. O queixo dela caiu.

Após a senhoria ter se afastado eles pegaram as várias chaves que tinham encontrado nos bolsos das calças de Otto no camarim. Os latidos haviam mudado para rosnados, o cão de Otto Rechnagel provavelmente tinha percebido a aproximação de estranhos.

O Bull Terrier estava de pé no corredor quando a porta se abriu, as pernas posicionadas prontas para a ação. Lebie e Harry ficaram imóveis, sinalizando para o cômico cão branco que ele devia se decidir. O rosnar mudou para latidos fracos, então ele desistiu de qualquer a ideia e se esgueirou para a sala. Harry o seguiu.

O sol inundava, através das grandes janelas, a sala de estar, que era ricamente e exageradamente mobiliada: um sofá vermelho sólido coberto com enormes almofadas coloridas, pinturas enormes nas paredes e uma mesa de vidro verde, baixa mas vibrante. Nos cantos da sala havia dois leopardos de porcelana.

Sobre a mesa havia um abajur que não pertencia àquele lugar.

O cão estava com seu nariz sobre uma mancha úmida no meio do chão. Um par de sapatos de homem estava pendurado acima dela no ar. Havia um fedor de urina e excrementos. Harry seguiu o sapato e a meia e viu a pele negra entre o local onde o meia terminava e as calças começavam. Ele deixou seu olhar vagar mais para cima além das calças, para as enormes mãos frouxamente penduradas para baixo e teve que forçar os olhos para

cima, para a camisa branca. Não porque ele não tivesse visto um homem pendurado antes, mas porque ele tinha reconhecido os sapatos.

A cabeça descansava contra um ombro, e a extremidade de um cabo elétrico com uma lâmpada cinza pendia de seu peito. O cabo havia sido amarrado em torno de um sólido gancho no teto - talvez um lustre estivesse pendurado lá, em algum momento - e enrolado em torno do pescoço de Andrew três vezes. Sua cabeça estava quase tocando o teto. Sonhadores, os olhos opacos olhavam para o nada e uma língua preto-azulada saía de sua boca como se estivesse fazendo um gesto de desafio com a morte. Ou vida. Uma cadeira derrubada estava no chão.

"Merda", Harry murmurou através da sua respiração. "Merda, merda, merda." Ele caiu em uma cadeira, a energia se esvaindo dele. Lebie entrou e um curto grito escapou de seus lábios.

"Procure uma faca," Harry sussurrou. E chame uma ambulância. Ou para qualquer porra que você costuma ligar nestes casos.

De onde Harry estava sentado a luz vinha pelas costas de Andrew, e o corpo balançando era apenas uma silhueta alienígena, preto contra a janela. Harry implorou ao Criador para colocar outro homem na extremidade do cabo, antes que ele se levantasse novamente. Ele prometeu não dizer uma palavra a ninguém sobre o milagre. Ele até iria rezar, se fosse ajudar.

Ele ouviu passos no corredor e Lebie gritando da cozinha: "Sai daqui, sua vaca gorda!"

Depois de terem enterrado a mãe de Harry, ele tinha ficado cinco dias sem sentir nada, a não ser que ele devia ter sentido alguma coisa. Foi, portanto, uma enorme surpresa quando ele caiu entre as almofadas no sofá e seus olhos se encheram de lágrimas e os soluços forçaram caminho até a sua garganta.

Não que ele não tivesse chorado em outros momentos. Ele sentiu um nó na garganta quando se sentou sozinho no seu alojamento no quartel em Bardufoss lendo a carta de Kristin que dizia "esta é a melhor coisa que já aconteceu comigo em toda a minha vida". Não ficou claro a partir do contexto se ela queria dizer *deixando-o* ou satisfeita por ter conhecido o músico Inglês. Ele só sabia que foi uma das piores coisas que aconteceram com ele em toda a sua vida. No entanto, os soluços tinha parado ali, de alguma forma na sua garganta. Como náuseas ou quase vômitos.

Ele levantou-se e olhou para cima. Andrew ainda estava lá. Harry tentou dar alguns passos pelo chão, para puxar uma cadeira para ter algo para subir

quando fosse cortar o cabo, mas foi incapaz de se mover. Ele permaneceu imóvel até Lebie entrar com uma faca de cozinha na mão. Quando Lebie começou olhar para ele de modo estranho Harry percebeu que lágrimas quentes corriam pelo seu rosto.

Caramba, tudo acabou mesmo? Harry pensou, perplexo.

Sem dizer uma palavra, eles abaixaram Andrew, deitaram-no no chão e vasculharam seus bolsos. Havia dois molhos de chaves, um grande e um pequeno, bem como uma chave solta que Lebie imediatamente confirmou que se encaixava na fechadura da porta da frente do flat.

"Não há sinais de violência externa", disse Lebie, depois de uma rápida inspeção.

Harry desabotoou a camisa de Andrew. Ele tinha um crocodilo tatuado em seu peito. Harry também puxou para cima as pernas das calças de Andrew e verificou.

"Nada", disse ele. "Não tem nada."

"Nós vamos ter que esperar e ver o que o médico diz", disse Lebie.

Harry sentiu as lágrimas chegando novamente e mal conseguiu encolher os ombros.

Chatwick

Como Harry suspeitava, havia uma atividade febril no escritório.

“Está na Reuters,” disse Yong. “A Associated Press enviou um fotógrafo, e ligaram do gabinete do prefeito dizendo que a NBC enviou uma equipe de TV por avião para fazer uma reportagem in loco.”

Watkins balançou a cabeça. “Seis mil pessoas morrem em um maremoto na Índia e são mencionados num rodapé da primeira página. Um palhaço homossexual tem alguns membros cortados e é um evento mundial.”

Harry pediu-lhes para irem até a sala de reuniões. Ele fechou a porta.

“Andrew Kensington está morto”, disse ele.

Watkins e Yong olharam para ele, incrédulos. Em termos diretos e resumidos Harry contou-lhes como tinham encontrado Andrew pendurado no teto, no apartamento de Otto Rechnagel.

Ele olhou-os diretamente nos olhos e sua voz era firme. “Nós não ligamos, porque queríamos ter certeza de que não haveria qualquer vazamento. Talvez devêssemos manter segredo sobre isso por enquanto.”

Pareceu-lhe que era mais fácil falar sobre isso como uma questão de polícia. Ele podia ser objetivo e ele sabia como lidar com isso. Um corpo, a causa da morte e uma série de acontecimentos, que eles gostariam de manter em segredo. Isso mantinha a Morte - a estranha que ele não sabia como enfrentar - a certa distância por enquanto.

“OK”, disse Watkins, perturbado. “Cuidado agora. Não vamos tirar conclusões precipitadas.”

Ele limpou o suor de seu lábio superior. “Vou informar McCormack. Merda, merda, merda. O que você fez, Kensington? Se a imprensa sentir um cheirinho disso...” e Watkins tinha ido embora.

Os três ficaram para trás sentados ouvindo o lamento do ventilador.

“Ele trabalhava com a gente aqui na Homicídios de vez em quando”, disse Lebie. “Ele não era realmente um de nós, suponho, no entanto, que ele era...”

“Um homem bom”, disse Yong, estudando o chão. “Um homem gentil. Ele me ajudou quando eu era novo aqui. Ele era... um homem gentil.”

McCormack concordou que deviam manter a situação sob sigilo. Ele não estava de todo feliz, andando para cima e para baixo, com os passos mais pesados do que o habitual, e as sobrancelhas espessas franzidas como uma calha cinza acima de seu nariz.

Após a reunião Harry sentou-se na cadeira de Andrew e folheou suas notas. Ele não descobriu muito, apenas alguns endereços, um par de números de telefone que acabaram sendo de oficinas mecânicas e alguns rabiscos incompreensíveis em uma folha de papel. As gavetas eram de boa qualidade mas vazias, equipamento de escritório apenas. Então Harry examinou os dois molhos de chaves que tinha encontrado com ele. Um tinha as iniciais de Andrew no suporte de couro, portanto ele deduziu que eram suas chaves particulares.

Ele pegou o telefone e ligou para Birgitta. Ela ficou chocada, fez algumas perguntas, mas deixou a conversa por conta de Harry.

"Eu não entendo", disse Harry. "Um cara que eu conheço há pouco mais de uma semana morre e eu choro como um bebê, enquanto eu não pude soltar uma lágrima sequer por minha mãe por cinco dias. A minha mãe, a melhor mulher do mundo! Onde está a lógica disso?"

"Lógica?", disse Birgitta. "Eu duvido que tenha muito a ver com a lógica."

"Bem, eu só queria que você soubesse. Mantenha segredo. Vou receber uma visita após você terminar o seu trabalho?"

Ela hesitou. Ela estava esperando um telefonema da Suécia esta noite. De seus pais.

"É o meu aniversário", disse ela.

"Muitos anos de vida."

Harry desligou. Ele sentiu um velho inimigo rosnar em seu estômago.

Lebie e Harry foram para a casa de Andrew Kensington em Chatwick.

"O número era o homem caça o pássaro . . ." Harry começou.

A frase ficou no ar enquanto o semáforo mudava para verde.

"Você estava dizendo . . .?", Disse Lebie.

"Nada. Eu estava pensando sobre o show. Estou perplexo com o número das aves. Não parece ter nada a ver. Um caçador que pensa que está caçando um pássaro e de repente descobre que a presa é um gato, por isso, um caçador é caçado. OK, mas e daí?"

Depois de meia hora de carro chegaram na Sydney Road, uma rua agradável em um bairro agradável.

"Caramba, isto está certo?" Harry perguntou ao verem o número da casa fornecido pelo Departamento de RH. Era uma grande casa de tijolos com uma garagem para dois carros, um gramado bem cuidado e uma fonte na frente. A caminho de cascalho levava até uma porta de mogno impressionante. Um menino abriu depois de terem tocado. Ele balançou a cabeça gravemente, quando eles mencionaram Andrew, apontou para si mesmo e cobriu a boca com a mão para mostrar-lhes que ele era mudo. Em seguida, levou-os em volta da casa até os fundos e apontou para uma construção baixa e pequena de tijolo do outro lado do enorme jardim. Se aquela fosse uma propriedade Inglesa se poderia chamar aquela pequena casa de chalé do porteiro.

"Nós vamos entrar," Harry disse e percebeu que estava falando devagar. Como se houvesse algo de errado com a audição do menino também. "Nós somos... éramos colegas de Andrew. Andrew está morto."

Ele mostrou o molho de chaves com o suporte do couro de Andrew. Por um instante, o menino olhou confuso para as chaves, com falta de ar.

"Ele morreu subitamente na noite passada", disse Harry. O menino ficou na frente deles com os braços pendurados e seus olhos se umedecendo lentamente. Harry percebeu que os dois deviam se conhecer bem. Tinham dito que Andrew morava neste endereço há quase vinte anos, e ocorreu-lhes que o menino provavelmente tinha crescido na casa grande. Uma imagem involuntária surgiu na mente de Harry: o menino e o homem negro jogando bola no jardim, o menino ganhando dinheiro para correr e comprar um sorvete. Talvez ele estivesse sendo criado com conselhos bem-intencionados e histórias semiverdadeiras feitos pelo policial no chalé, e, quando ele tivesse idade suficiente, teria descoberto como lidar com as meninas e dar um direto de esquerda, sem abrir a guarda.

"Na verdade, isso é errado. Nós éramos mais do que colegas. Nós éramos amigos, éramos amigos também", disse Harry. "Está tudo bem, se entrarmos?"

O menino piscou, mordeu a boca e assentiu.

A primeira coisa que o atingiu ao entrar no pequeno apartamento de solteiro foi o quão limpo e arrumado estava. Na sala de estar, mobilada de modo simples, não havia jornais espalhados sobre a mesa de café em frente à TV portátil, e na cozinha não havia pratos esperando para serem lavados.

No corredor, sapatos e botas estavam alinhados com os laços virados para dentro. A ordem estrita recordou-lhe de algo.

No quarto, a cama estava arrumada imaculadamente, lençóis brancos dobrados com tanta força no lado que ficar debaixo dos cobertores requeria uma manobra acrobática. Harry já tinha amaldiçoado este arranjo em seu quarto de hotel. Ele espiou no banheiro. Navalha e sabão estavam dispostos em ordem militar ao lado da loção pós-barba, creme dental, escova de dentes e xampu na prateleira em cima da pia. Isso era tudo. Nenhum item de toalete extravagante, Harry observou - e de repente tornou-se claro o que esta meticulosidade lhe lembrava: o seu próprio apartamento depois que ele parou de beber.

A nova vida de Harry na verdade começou assim, com o simples exercício de disciplina, com base em que tudo tem o seu lugar, prateleira ou gaveta e serão recolocados novamente após o uso. Nem uma caneta era deixada de fora, e nenhum fusível queimado largado na caixa de fusíveis. Além da aplicação prática havia, naturalmente, um significado simbólico: com ou sem razão, ele usava o nível de caos em seu apartamento como um termômetro para o estado do resto de sua vida.

Harry pediu para Lebie revistar o guarda-roupa e a cômoda no quarto, e esperou até ele sair para abrir o armário ao lado do espelho. Elas estavam na prateleira de cima, bem empilhadas em fila e apontando para ele, como um armazém de mísseis em miniatura: dezenas de seringas descartáveis embaladas a vácuo.

Genghis Khan não estava mentindo quando disse que Andrew era um drogado. Sobre essa matéria, Harry tinha tirado qualquer dúvida quando encontraram Andrew no flat de Otto. Ele sabia que num clima que geralmente necessita de mangas curtas e camisetas um policial não pode andar por aí com um antebraço cheio de buracos de agulha. Portanto, ele tinha que inserir a seringa onde as marcas não seriam vistas, tal como, por exemplo, na parte de trás das pernas. A panturrilha de Andrew e a parte de trás dos joelhos estavam cheios delas.

Andrew tinha sido um cliente do cara com a voz de Rod Stewart há tanto tempo quanto Genghis conseguia se lembrar. Ele avaliou que Andrew era do tipo que poderia consumir heroína e continuar a funcionar quase normal tanto socialmente quanto profissionalmente. “Isso não é tão incomum como muitos gostam de pensar,” Genghis tinha dito.

“Mas quando Speedy descobriu que esse cara era um policial ele ficou paranoico e queria matá-lo. Pensei que ele era um policial disfarçado. Mas nós conversamos com ele sobre isso. O cara tinha sido um dos melhores clientes do Speedy há anos. Nunca sequer barganhava, sempre tinha o dinheiro na mão, mantinha os acordos, sem conversar, nenhuma merda. Eu nunca vi um aborígine lidar com drogas tão bem. Caramba, eu nunca vi *ninguém* lidar com a droga tão bem!”

Nem tinha visto ou ouvido qualquer rumor sobre Andrew conversando com Evans White.

“White não tem mais nada a ver com clientes consumidores. Ele é um atacadista agora, isso é tudo. Ele distribuiu o material em King’s Cross por um bom tempo - eu não tenho ideia por que parou, ele ganhava muito. De repente ele parou - teve alguns problemas com umas prostitutas, eu ouvi”.

Genghis tinha falado abertamente. Mais abertamente do que era necessário para salvar a sua pele. Na verdade, ele parecia achar que era divertido. Ele deve ter acreditado que não havia grande perigo de Harry ir atrás deles, enquanto eles tinham pelo menos um de seus colegas em seus registros.

"Diga Olá e fale para o cara que ele é bem-vindo de volta. Não guardamos rancor," Genghis deu um sorriso largo. "Aconteça o que acontecer eles sempre voltam, você sabe, não? Sempre."

Um Patologista

O zelador do Teatro St George estava na sala de refeições e se lembrou de Harry da noite anterior. Ele parecia aliviado.

"F-finalmente alguém que não vai fuçar e fazer perguntas sobre o aconteceu. Tivemos jornalistas zumbindo por aqui o d-dia todo", disse ele. "Além disso, tem esses caras da Perícia de vocês. Mas eles já têm trabalho suficiente para fazer por si próprios; eles não m-me incomodam."

"Sim, eles têm muito trabalho em suas mãos."

"S-Sim. Não dormi muito na noite passada. A esposa teve que me dar uma de suas p-pílulas para dormir. Eu não deveria ter que experimentar esse tipo de coisa. S-Suponho que você está acostumado a isso, não é?"

"Bem, este caso é um pouco mais forte do que o habitual."

"Eu não sei se vou ser capaz de entrar naquela s-sala novamente."

"Oh, você vai superar isso."

"Não, ouça-me, eu nem consigo mais chamá-la de sala de f-figurinos, eu digo que *é aquela sala*." O zelador balançou a cabeça em desespero.

"O tempo cura", disse Harry. "Confie em mim, eu sei um pouco sobre isso."

"Eu espero que você esteja certo, inspetor."

"Me chame de Harry."

"Café, Harry?"

Harry disse, por favor, e colocou o molho de chaves sobre a mesa entre eles.

"Ah, aí estão elas", disse o zelador. "O molho de chaves que Rechnagel pegou emprestado. Eu fiquei r-receoso que não iriam encontra-las e nós teríamos que trocar todas as fechaduras. Onde você encontrou?"

"Na casa de Otto."

"O quê? Mas ele usou as chaves ontem à noite, não foi? Sua porta do camarim ..."

"Não se preocupe com isso. Eu me pergunto se não havia mais ninguém além dos artistas por trás do palco ontem."

"Ah, sim. Vamos ver. O engenheiro de i-iluminação, dois ajudantes e o gerente de som estavam lá, é claro. Nenhum maquiador ou costureira, esta

não é uma produção g-grande. Bem, isso é tudo. Durante o show, havia apenas os ajudantes e outros artistas. E eu.”

“E você não viu alguém zanzando por aí?”

“Nenhuma alma”, o zelador respondeu sem qualquer hesitação.

“Alguém poderia ter conseguido de alguma forma entrar pela porta traseira ou pela porta do palco?”

“Bem, há um corredor ao lado da galeria. Agora, a g-galeria está fechada, mas a porta estava aberta porque o engenheiro de iluminação estava sentado lá em cima. Fale com ele.”

Os olhos proeminentes do engenheiro de iluminação eram inchados como os de um peixe de profundidade que tinha acabado de ser trazido para a superfície.

“Sim, espere. Havia um cara sentado lá antes do intervalo. Se podemos antecipar que não vamos ter uma casa cheia vendemos apenas bilhetes do auditório, mas não havia nada de estranho com ele sentado lá. A galeria não estava fechada, mesmo que os bilhetes não estivessem à venda. Ele estava só, na fileira de trás. Eu lembro que fiquei surpreso que ele gostasse de se sentar ali, tão longe do palco. Hum, não havia muita luz, mas, sim, eu o vi. Quando voltei depois do intervalo, ele tinha ido embora, como eu disse.”

“Será que ele foi por trás do palco pela mesma porta que você?”

“Bem”. O engenheiro de iluminação coçou a cabeça. “Eu suponho que sim. Se ele entrou na sala de figurinos ele não poderia ser visto por ninguém. Pensando nisso agora, eu diria que o homem realmente não parecia muito bem. É. Eu sabia que havia alguma coisa por trás da minha mente, me incomodando, algo que não se encaixam perfeitamente ...”

“Ouça”, Harry disse, “Eu vou mostrar-lhe uma foto ...”

“Espere, havia algo mais sobre o homem ...”

“Isso é ótimo,” Harry o interrompeu: “Eu gostaria que você imaginasse o homem que você viu ontem, e quando você vir a foto você não deve pensar, é só dizer a primeira coisa que lhe ocorre. Depois, você vai ter mais tempo e talvez mudar de ideia, mas por agora eu quero a sua reação instintiva. OK?”

“OK”, disse o engenheiro de iluminação e fechou os olhos protuberantes, fazendo-o parecer um sapo. “Estou pronto.”

Harry mostrou-lhe a fotografia.

“É ele!” disse, rápido como um flash.

“Tome um pouco mais de tempo e me diga o que você pensa.”

"Não há nenhuma dúvida. É isso que eu estava tentando dizer a você, policial, o homem era negro. . . um aborígene. Esse é o seu homem!"

Harry estava desgastado. Ele já tinha tido um longo dia, e ele estava tentando não pensar sobre o resto. Quando ele foi levado até a sala de autópsia por um assistente, a pequena figura gorda do Dr. Engelsohn estava inclinada sobre um corpo grande, uma mulher gorda deitada numa espécie de mesa de operação iluminada por enormes spots suspensos. Harry achava que não poderia enfrentar qualquer outra mulher gorda hoje.

Grumpy Engelsohn parecia um professor maluco. O pouco cabelo que tinha era espetado em todas as direções e esparsas cerdas loiras estavam espalhados aleatoriamente pelo seu rosto.

"Sim?"

Harry percebeu que o homem tinha esquecido a conversa telefônica de cerca de duas horas antes.

"Sou Harry Holy. Liguei-lhe para saber dos resultados iniciais da autópsia em Andrew Kensington."

Ainda que a sala estivesse cheia de cheiros estranhos e de soluções químicas Harry ainda podia detectar o odor inconfundível de gin em seu hálito.

"Oh, sim. Claro. Kensington. Caso triste. Falei com ele várias vezes. Quando ele estava vivo, sabe? Agora ele está tão silencioso como um molusco naquela gaveta."

Engelsohn gesticulou para trás dele com o polegar.

"Ouça, Mr. . . como é mesmo? . . . Holy, sim! Temos uma fila de corpos aqui, todos me chateando para ser o primeiro. Bem, não os corpos, é claro, os inspetores. Mas todos eles vão ter de se sentar e esperar sua vez. Essas são as regras aqui, nenhum fura-fila, entendeu? Então, quando o Big Boss, o próprio McCormack ligou nesta manhã e disse que temos que priorizar um suicídio, então eu começo a me perguntar. Eu não consegui perguntar ao McCormack, mas talvez você, Sr. Horgan, possa me dizer o que neste mundo torna este Kensington tão especial?"

Ele balançou a cabeça em sinal de desprezo e respirou mais gin sobre Harry.

"Bem, nós estamos esperando, é você quem pode nos dizer, doutor. Ele é especial?"

"Especial? O que você quer dizer com especial? Que ele tem três pernas, quatro pulmões ou mamilos em suas costas, ou o quê?"

Harry estava exausto. O que ele menos precisava agora era um patologista bêbado tentando ser sarcástico, porque achava que alguém estava pisando nos seus calcanhares. E as pessoas com formação universitária tinham uma tendência a ter calcanhares mais sensíveis que outros.

"Havia alguma coisa . . . incomum?" Harry arriscou, tentando outra formulação.

Engelsohn olhou-o com os olhos enevoados. "Não", disse ele. "Não havia nada de incomum. Nada incomum mesmo!"

O médico continuou a olhá-lo com a cabeça balançando de um lado para o outro, e Harry sabia que havia mais por vir. Ele acabava de inserir uma pausa dramática, que, para o cérebro encharcado de álcool, provavelmente não parecia tão longa, como parecia para Harry.

"Para nós, não é incomum", o médico continuou em complemento, "um corpo cheio de drogas até a borda. Ou, como no caso presente, com heroína. O que é incomum é que ele é um policial, mas como temos tão poucos de seus colegas em nossas mesas eu não poderia dizer o quão incomum que é."

"A causa da morte?"

"Você não disse que você foi a pessoa que o encontrou? Do que você acha que alguém morre se está pendurada do teto com um cabo em volta do seu pescoço? Coqueluche?"

Por dentro, Harry sentia o fusível começando a queimar, mas por enquanto ele mantinha a máscara.

"Então ele morreu de asfixia, não uma overdose?"

"Bingo, Horgan."

"OK. Próxima pergunta, qual foi a hora da morte."

"Vamos dizer que em algum momento entre a meia-noite e as duas da manhã."

"Você não pode ser mais preciso?"

"Você seria mais feliz se eu dissesse 1 hora e 5 minutos?" As bochechas do médico, já rosadas naturalmente, ficaram ainda mais vermelhas agora. "OK, vamos dizer 1 hora e 5 minutos."

Harry respirou profundamente algumas vezes. "Peço desculpas se estou me expressando . . . se eu pareço rude, doutor. Meu Inglês não é sempre . . ."

"... Como deveria ser," Engelsohn concluiu.

"Exatamente. Você é, sem dúvida, um homem muito ocupado, Doutor, então não vou atrasa-lo mais. Espero, no entanto, que você tome muito

cuidado, como prometeu para McCormack, que o relatório da autópsia não passará pelos canais oficiais de costume, mas vai ser entregue diretamente a ele.”

“Isso não é possível. Minhas instruções são claras, Horgan. Você pode passar os meus cumprimentos a McCormack e contar-lhe isso, OK?”

O professor meio maluco enfrentou Harry com as pernas firmes no chão e os braços cruzados. Havia um brilho de batalha em seus olhos.

"Instruções? Eu não sei qual o status das instruções na polícia de Sydney, mas de onde eu venho instruções existem para dizer às pessoas o que fazer", disse Harry.

“Esqueça, Horgan. A ética profissional não é, obviamente, um assunto com o qual você está familiarizado nas suas relações, por isso duvido que seja capaz de ter uma discussão frutífera sobre isso. O que você acha? Vamos passar uma linha sobre este assunto e dizer adeus, Sr. Horgan?”

Harry não se mexeu. Ele estava olhando para um homem que acreditava que não tinha nada a perder. Um alcoólatra, patologista de meia-idade e meia capacidade que já não tinha qualquer perspectiva de promoção ou de chegar ao topo e que, portanto, não tinha medo de nada nem ninguém. O que eles poderiam realmente fazer com ele? Para Harry este tinha sido um dos dias mais longos e dos piores de sua vida. E neste momento ele já tinha tido o suficiente. Ele agarrou as lapelas do casaco branco e levantou-o.

As costuras quase estouraram.

"O que eu acho? Acho que devemos fazer-lhe um exame de sangue e, em seguida, conversar sobre ética profissional, Dr. Engelsohn. Acho que devemos falar sobre como muitas pessoas podem testemunhar que você estava bêbado quando realizou a autópsia de Inger Holter. Então eu acho que nós deveríamos falar sobre alguém que pode lhe dar um pontapé no traseiro, e não apenas por causa deste trabalho, mas de qualquer trabalho que exige qualificações médicas. O que você acha, Dr. Engelsohn? O que você acha sobre o meu Inglês agora?"

Dr. Engelsohn pensou que o Inglês de Harry foi simplesmente perfeito, e após reflexão madura considerou que só desta vez o relatório poderia, talvez, passar por canais não oficiais.

O Trampolim do Balneário Frogner

McCormack estava sentado de costas para Harry de novo e olhando para fora da janela. O sol estava se pondo, mas ainda assim você podia ter um vislumbre do mar tentadoramente azul entre os arranha-céus e os verde-escuros do Royal Botanic Gardens. A boca de Harry estava seca e ele sentia uma dor de cabeça chegando. Ele expos num monólogo fundamentado e quase ininterrupto, por mais de 45 minutos, toda a situação. Falou sobre Otto Reichtnagel, Andrew Kensington, a heroína, o Cricket, o engenheiro de iluminação, Engelsohn; em suma, tudo o que tinha acontecido.

McCormack escutava com as pontas dos dedos unidas. Ele ficou calado por um longo tempo.

"Você sabia que lá fora, na Nova Zelândia, vivem as pessoas mais estúpidas do mundo? Eles vivem sozinhos em uma ilha, sem vizinhos para incomodá-los, apenas uma massa de água em volta. No entanto, essa nação participou de praticamente todas as grandes guerras que aconteceram no século XX. Nenhum outro país, nem mesmo a Rússia durante a Segunda Guerra Mundial, perdeu tantos jovens proporcionalmente à população. O excesso de mulheres é lendário. E por que toda esta luta? Para ajudar. Para apoiar os outros. Esses simplórios nem sequer lutaram em seus próprios campos de batalha, não senhor, eles embarcaram em barcos e aviões para viajar o mais longe possível e morrer. Eles ajudaram os Aliados contra os alemães e os italianos, os sul-coreanos contra os norte-coreanos e os norte-americanos contra os japoneses e os norte-vietnamitas. Meu pai era um daqueles simplórios."

Ele se afastou da janela e olhou para Harry.

"Meu pai me contou uma história sobre um artilheiro dos canhões do seu barco durante a batalha de Okinawa contra os japoneses, em 1945. Os japoneses mobilizaram pilotos kamikazes, e eles atacaram em formação usando táticas que eles chamavam de 'caindo como folhas secas da árvore sobre a água'. E isso foi exatamente o que fizeram. Primeiro veio um avião, e se ele foi abatido, outros dois apareceram por trás dele, depois quatro e assim por diante, em uma pirâmide aparentemente interminável de aviões em mergulho. Todos a bordo do barco do meu pai estava assustados e fora

de seu juízo. Era uma loucura total, os pilotos estavam dispostos a morrer para se certificar de que suas bombas aterrissariam onde deveriam. A única maneira que havia para serem parados era montando o muro mais denso possível à prova de aviões, uma parede de mísseis antiaéreos. Um pequeno buraco na parede e os japoneses estavam em cima deles. Calculou-se que se um avião não era abatido dentro de vinte segundos depois que ele aparecia no campo de tiro já era tarde demais. Com toda a probabilidade ele teria sucesso em colidir com o navio. Os artilheiros sabiam que tinham de acertar todas as vezes, e às vezes os ataques aéreos poderia durar o dia todo. Meu pai descreveu o pom-pom-pom típico dos canhões e os lamentos cada vez mais agudos dos aviões quando eles mergulhavam. Ele disse que desde então ouvia todas as noites esse matraquear e zunir.”

“No último dia da batalha, ele estava de pé sobre a ponte quando viram um avião saindo da barragem e indo direto para o seu navio. A artilharia martelava enquanto o avião se aproximava, aparecendo maior segundo após segundo. No final, eles puderam ver claramente o cockpit e os contornos do piloto dentro. As metralhadoras do avião começaram a varrer o convés. Então, os canhões antiaéreos do seu navio acertaram as asas e a fuselagem do avião. A cauda quebrou-se, e de forma gradual, em câmera lenta, o avião se desintegrou em suas partes básicas e no final tudo o que restava era um pequeno pedaço ligado à hélice, que atingiu o convés com um rastro de fogo e fumaça preta. Os outros artilheiros já estavam entrando em ação contra novos alvos quando um cara na torre logo abaixo da ponte, um jovem cabo que meu pai conhecia porque ambos vieram de Wellington, subiu o convés com dificuldade, acenou para meu pai com um sorriso e disse: ‘Está quente hoje.’ Então ele pulou no mar e desapareceu.”

“Talvez fosse a luz, mas de repente, Harry teve a impressão que McCormack parecia mais velho.

“Está quente hoje,” McCormack repetiu.

“A natureza humana é uma vasta e escura floresta, senhor.”

McCormack assentiu. “Sim eu já ouvi isso, Holy, e isso pode ser verdade. Eu vi que vocês tiveram tempo para se conhecerem um ao outro, você e Kensington. Eu também ouvi que as atividades de Andrew Kensington neste caso deveriam ser investigadas. Qual é a sua opinião, Holy?”

“Eu não sei o que quer dizer, senhor.”

McCormack se levantou e começou a andar na frente da janela, um procedimento com que Harry agora estava familiarizado.

"Eu tenho sido policial toda a minha vida, Holy, mas ainda vejo meus colegas à minha volta e me pergunto o que é que os motiva a fazer o seu trabalho, lutar em guerras de outras pessoas. O que os motiva? Quem quer passar por tanto sofrimento para que os outros possam ter o que eles percebem como justiça? Eles são uns estúpidos, Holy. Nós somos. Somos abençoados com uma estupidez tão grande que acreditamos que podemos conseguir algo."

"Nós somos dilacerados por um tiro, somos esmagados e um dia nós saltamos no mar, mas, enquanto isso, em nossa estupidez sem fim, acreditamos que alguém precisa de nós. E se um dia você ainda conseguir ver através da ilusão, já será tarde demais, porque nós nos tornamos policiais, estamos nas trincheiras e não há nenhum caminho de volta. Podemos apenas questionar por que essa porra aconteceu, quando foi exatamente que tomamos a decisão errada. Estamos condenados a sermos benfeitores para o resto de nossas vidas e fadados ao fracasso. Mas, felizmente, a verdade é um negócio relativo. E é flexível. Nós a dobramos e torcemos até que ela ganhe espaço em nossas vidas. Algumas delas, de qualquer maneira. Pegar um vilão de vez em quando é o suficiente para ganharmos um pouco de paz de espírito. Mas todo mundo sabe que não é saudável lidar com a extinção de animais nocivos por um longo período de tempo. Você começa a provar o seu próprio veneno."

"Então, qual é o ponto, Holy? O homem tem estado na torre de artilharia toda a sua vida, e agora ele está morto. O que mais há para dizer? A verdade é relativa. Não é tão fácil entender o que um estresse extremo pode fazer com uma pessoa, para quem ainda não experimentou por si próprio. Temos psiquiatras forenses que tentam traçar uma linha entre aqueles que estão doentes e aqueles que são criminosos, e eles dobram e torcem a verdade para torná-lo aptos para o seu mundo de modelos teóricos. Nós temos um sistema jurídico que, no seu melhor, esperamos que possa retirar a, ocasional, pessoa destrutiva das ruas, e os jornalistas que gostariam de ser vistos como idealistas enquanto eles fazem suas reputações expondo a dos outros na crença de que estão estabelecendo algum tipo de justiça. Mas e a *verdade*?"

"A verdade é que ninguém vive da verdade e é por isso que ninguém se preocupa com a verdade. A verdade que fazemos para nós mesmos é apenas a soma do que é do interesse de alguém, em relação ao poder que possuem."

Seus olhos se fixaram nos de Harry.

"Então, quem se preocupa com a verdade em relação a Andrew Kensington? Quem se beneficiaria se criássemos uma verdade distorcida e feia com pedaços de dentes afiados e perigosamente arreganhados que não se encaixará em qualquer lugar? Não o Chefe de Polícia. Nem os políticos na Câmara Municipal. Não aqueles que lutam pela causa aborígene. Não o sindicato dos policiais. Nem nossas embaixadas. Ninguém. Ou estou errado?"

Harry desejou responder que os pais de Inger Holter gostariam, mas absteve-se. McCormack parou em frente do retrato de uma jovem rainha Elizabeth II.

"Eu ficaria grato se o que você me disse permanece entre nós dois, Holy. Tenho certeza que você percebe que as coisas ficarão melhores se deixadas com estão."

Harry pegou um cabelo longo e vermelho da perna da calça.

"Eu discuti este assunto com o prefeito", disse McCormack. "Para que não pareça muito evidente, o caso Inger Holter será priorizado por um pouco mais de tempo. Se não pudermos cavar mais, as pessoas logo vão ficar felizes para viver com a noção de que foi o palhaço que matou a menina norueguesa. Quem matou o palhaço pode ser mais problemático, mas há muita coisa para sugerir que foi um crime passional, ciúme, talvez um amante secreto rejeitado, quem sabe? Nesses casos, as pessoas podem aceitar que o autor sugere. Nada está confirmado, é claro, mas as evidências circunstanciais são claras, e depois de alguns anos, a questão toda será esquecida. Um serial killer à solta era apenas uma teoria com que a polícia estava brincando por algum tempo, mas depois mostrou-se apenas teoria."

Harry fez menção de sair. McCormack tossiu.

"Eu estou escrevendo o relatório sobre você, Holy. Vou enviá-lo para o seu chefe da Polícia em Oslo depois que você for embora. Você está indo embora amanhã, não é?"

Harry fez um breve aceno de cabeça e saiu.

A brisa suave da noite não aliviou a dor de cabeça. E sua tristeza pessoal não tornava a situação mais agradável. Harry vagou sem rumo pelas ruas. Um pequeno animal cruzou seu caminho perto do Hyde Park. A princípio, ele pensou que fosse um grande rato, mas ao passar por ele viu um animal peludo olhando malandramente para ele com reflexos brilhantes das luzes do parque em seus olhos. Harry nunca tinha visto um animal como ele, mas achou que devia ser um gambá. O animal não pareceu ter medo dele, muito

pelo contrário, ele cheirou o ar inquisitivo e fez alguns sons lamentosos e bizarros.

Harry se agachou. "Você está se perguntando o que você está realmente fazendo nesta cidade grande também?", disse.

O animal levantou a cabeça como uma resposta.

"O que você acha? Vamos para casa amanhã ou não? Você para a sua floresta, e eu para a minha?"

O gambá saiu correndo, ele não queria ser convencido a ir a nenhum lugar. Ele tinha sua casa aqui no parque, entre os carros, as pessoas e as lixeiras.

Em Woolloomooloo ele passou por um bar. A embaixada tinha ligado. Ele havia dito que iria ligar de volta. O que Birgitta estaria pensando? Ela não falou muito. E ele não pediu muito. Ela não disse nada sobre seu aniversário, talvez porque ela sabia que ele viria com alguma ideia idiota. Vá adiante. Dê-lhe um presente muito caro ou diga algo supérfluo pela simples razão de que seria a última noite e, no fundo, ele se sentia mal porque estava indo embora. "*E agora?*" Ela poderia ter pensado.

Como Kristin quando ela voltou da Inglaterra.

Eles se encontraram no terraço externo do Frogner Kafé e Kristin lhe tinha dito que ela ficaria *em casa* por dois meses. Ela estava bronzeada e delicada e sorriu seu velho sorriso com um copo de cerveja, e ele sabia exatamente o que ele ia dizer e fazer. Era como tocar uma velha canção no piano que você pensou que tinha esquecido - sua cabeça estava vazia, mas seus dedos sabiam o que fazer. Os dois haviam se embebedado, mas isso foi antes de ficarem bêbados significar o ser-tudo e o fim de tudo, por isso Harry podia lembrar todo o resto também. Eles pegaram o bonde para a cidade, e Kristin tinha sorrido por todo o caminho e enquanto entravam na fila do Sardines Club. No fim da noite, suados da dança, tomaram um táxi de volta para Frogner, pularam a cerca do balneário, e no topo do trampolim, dez metros acima do parque deserto, eles compartilharam uma garrafa de vinho que Kristin tinha trazido na bolsa, com vista sobre Oslo e dizendo um ao outro o que eles queriam ser, e era diferente do que havia sido dito nos velhos tempos. Em seguida, eles haviam se dado as mãos, correram e saltaram para fora da borda. Enquanto eles caíam ele ouviu seu grito estridente como um maravilhoso alarme de incêndio fora de controle. Ele estava deitado à beira da piscina morrendo de rir quando ela saiu da água e veio em direção a ele com seu vestido agarrado ao corpo.

Na manhã seguinte, tinham acordado abraçados na cama, suados, de ressaca e excitados, e ele abriu a porta da varanda e voltou para a cama com uma ereção pós-bebida balançando, o que ela recebeu com alegria. Ele a fodeu estupidamente, inteligentemente e com paixão, e os sons de crianças brincando no quintal se apagaram quando o alarme de incêndio disparou novamente.

Foi só depois que ela fez a pergunta enigmática.

"E agora?"

E agora, se não poderia haver mais nada entre eles? Se ela estava voltando para a Inglaterra, se ele era tão egoísta, se eles eram tão diferentes e nunca iriam se casar, ter filhos e construir uma casa juntos? Se tudo aquilo não ia à lugar nenhum?

"As últimas 24 horas não foram boas razões e suficientes por si mesmas?" Harry tinha dito. "E se descobrissem um nódulo em sua mama amanhã, *e agora*, então? E se você estiver em sua casa com seus filhos e com um olho preto, esperando que seu marido vá dormir antes de você ir para a cama, *e agora*, então? Você está realmente tão certa que pode capturar a felicidade com o seu plano genial?"

Ela o chamou de imoral, hedonista pilantra e disse que havia mais coisas na vida além de apanhar do marido.

"Eu sei que você quer toda aquela merda diferente", Harry disse, "mas será que você precisa estar um passo adiante no caminho para atingir o nirvana conjugal? Quando você estiver numa casa de idosos você terá esquecido a cor do serviço de jantar que você ganhou de presente de casamento, mas eu juro que você vai se lembrar do trampolim e de fazer amor na piscina depois."

Dos dois ela era a única que realmente deveria ter sido *descolada*, não convencional, mas as últimas palavras que ela disse quando saiu porta afora, batendo a porta, foi a de que ele não entendeu nada e era hora dele crescer.

"E agora?" Harry gritou, e um casal que passava na Harmer Street se virou para olhá-lo.

Birgitta também não saberia o que fazer agora? Ela teria medo das coisas saindo de controle porque ele estava indo embora amanhã? Foi por isso que ela preferiu ter uma festa de aniversário pelo telefone com a Suécia? Claro que ele deveria ter perguntado diretamente, mas, como antes, *e agora?*

Harry podia sentir o quanto ele estava cansado e sabia que não ia conseguir dormir. Ele se virou e voltou para o bar. Havia luzes de neon no teto com insetos mortos no interior e máquinas de pôquer ao longo das paredes. Ele encontrou uma mesa perto da janela, esperou pelo atendente e decidiu não pedir nada, se ninguém viesse. Ele só queria sentar.

O homem aproximou-se e perguntou a Harry o que ele queria, e Harry olhou para o menu de bebidas demoradamente antes de pedir uma Coca-Cola. Na janela ele viu seu reflexo, e desejou que Andrew pudesse estar aqui neste momento para que ele tivesse com quem discutir o caso.

Andrew tinha tentado lhe dizer que Otto Rechnagel havia assassinado Inger Holter? E, em caso afirmativo, por quê? Por que Harry não conseguia entender o que Andrew queria que ele entendesse? A introdução, os relatórios inteligentes, a mentira óbvia sobre a testemunha ocular em Nimbin ter visto White - tudo isso foi para desviar a sua atenção de White e fazê-lo ver?

Andrew tinha assegurado que ele seria designado para o caso e juntou-se com um estrangeiro a quem ele achava que seria capaz de controlar. Mas por que Andrew não parou Rechnagel? Teriam sido amantes, Otto e Andrew, foi por isso? Andrew foi a fonte de desgosto de Otto? Se assim foi, por que matar Otto, justo quando eles estavam indo prendê-lo? Harry rejeitou uma mulher bêbada que cambaleou para a sua mesa e queria sentar.

E por que se matar após o crime? Andrew poderia ter fugido. Ou não? O engenheiro de iluminação o tinha visto, Harry sabia sobre sua amizade com Otto e ele não tinha um álibi para o momento do assassinato.

Certo, talvez fosse a hora dos créditos finais, afinal. Merda.

Os cachorros estavam latindo no estômago de Harry.

Andrew tinha corrido riscos insanos para conversar com Otto antes de Harry e os outros terem suas mãos sobre ele. A latejante dor de cabeça de Harry tinha piorado, e agora parecia que alguém estava usando sua cabeça como uma bigorna. Na chuva de faíscas por trás de seus olhos, ele tentou se agarrar a um pensamento de cada vez, mas havia novos a todo o tempo, cada um empurrando para fora o último. Talvez McCormack tivesse razão - talvez tivesse sido apenas um dia quente para uma alma disfuncional. Harry não conseguia enfrentar a hipótese da alternativa - que podia ser pior. Que Andrew Kensington tinha coisas piores para esconder e mais motivos para escapar do que, ocasionalmente, um homem comum poderia desfrutar.

Uma sombra caiu sobre ele, e ele olhou para cima. A cabeça do garçom estava obscurecendo a luz, e na silhueta Harry pensou que estava vendo a

língua preto-azulada de Andrew esticada para fora.

"Mais alguma coisa, senhor?"

"Eu vi que você tem um drink chamado Black Snake ..."

"Jim Beam e Coca-Cola." (*)

Os cães foram à loucura lá embaixo.

"Tudo bem. Um Black Snake duplo sem nenhuma gota de Coca."

() Jim Beam: marca americana de Bourbon Whiskey (uísque de milho) produzido em Clermont, Kentucky, EUA.*

O Despertar de um Velho Inimigo

HARRY estava perdido. Na frente dele havia alguns degraus e atrás água e mais degraus. O nível de caos estava subindo, os mastros na baía estavam balançando de um lado para o outro, e ele não tinha ideia de como veio parar aqui. Ele decidiu subir. "Avante e para cima", para citar o pai.

Não foi fácil, mas com as paredes servindo de apoio ele lutou pelos degraus acima. Challis Avenue, uma placa informava, mas isso não significava nada para ele, então ele continuou em frente. Ele tentou olhar para o relógio, mas não conseguiu encontrá-lo. As ruas estavam escuras e vazias, por isso Harry presumiu que fosse tarde. Depois de subir ainda mais degraus ele percebeu que tinha que ser o fim deles e virou à esquerda pela Macleay Street. Ele devia ter andado um longo caminho, porque as solas dos seus pés estavam suadas. Ou será que ele esteve correndo? Uma mancha no joelho esquerdo das calças sugeria uma possível queda.

Ele passou por alguns bares e restaurantes, mas todos eles estavam fechados. Mesmo que fosse tarde, devia ser possível tomar uma bebida em uma grande cidade como Sydney. Ele caminhou até a pista e fez sinal para um táxi com uma luz no teto. Ele freou, mas mudou de ideia e seguiu em frente.

Merda, eu estou tão ruim assim? Harry perguntou com uma risada.

Mais adiante, na rua começou a aparecer algumas pessoas, ele ouviu um burburinho crescente de vozes, carros e música, e virando a esquina de repente, ele reconheceu onde estava novamente. Que sorte, ele estava em King's Cross! Darlinghurst Road estava diante dele, ousada e barulhenta. Agora todas as opções estavam abertas. No primeiro bar proibiram a sua entrada, deixaram-no entrar numa pequena espelunca chinesa, e lá eles lhe serviram uísque em um copo de plástico alto. Era apertado e escuro no interior, com um matraquear insuportável de muitas máquinas de jogo, então ele ressurgiu na rua depois de engolir de uma vez o conteúdo do copo. Ele segurava um poste observando os carros passando e tentando apagar uma leve lembrança de ter vomitado no chão de um bar no início da noite.

Aí está, ele sentiu um tapinha nas costas. Ele virou-se e viu uma grande boca vermelha aberta e a ausência de um canino.

"Eu ouvi sobre Andrew. Eu sinto muito," ela disse. Em seguida, ela continuou a mascar seu chiclete. Era Sandra.

Harry tentou dizer alguma coisa, mas sua dicção deve ter sido pobre, porque Sandra ficou olhando com uma cara de incompreensão.

"Você está livre?", ele perguntou, por fim.

Sandra riu. "Sim, mas eu não acho que você está preparado para isso."

"Isso é necessário?" Harry conseguiu dizer depois de algum esforço.

Sandra olhou em volta. Harry teve um vislumbre de um terno brilhante nas sombras. Teddy Mongabi não estava longe.

"Olha, eu estou trabalhando agora. Talvez você devesse ir para casa e dar um cochilo, para que possamos conversar amanhã."

"Eu posso pagar", Harry disse, tirando a carteira.

"Guarde isso!" Sandra disse, empurrando sua carteira de volta. "Eu vou com você e você vai ter que me pagar alguma coisa, mas não aqui, OK?"

"Vamos para o meu hotel, é só virar a esquina, o Crescent Hotel", disse Harry.

Sandra deu de ombros. "Tanto faz."

No caminho eles passaram por uma loja de bebidas, onde Harry comprou duas garrafas de Jim Beam.

O porteiro da noite no Crescent estudou Sandra da cabeça aos pés quando eles entraram na área de recepção. Ele parecia estar a ponto de dizer alguma coisa, mas Harry atacou antes.

"Você nunca viu um policial à paisana antes?"

O porteiro da noite, um jovem asiático mal encarado, sorriu timidamente.

"Bem, esqueça que você me viu e entregue a minha chave do quarto, por favor. Temos trabalho a fazer."

Harry duvidava que o porteiro fosse comprar sua desculpa esfarrapada, mas ele entregou chave sem qualquer objeção.

No quarto, Harry abriu o minibar e retirou toda a bebida.

"Eu vou ficar com isto," Harry disse, pegando as garrafas miniatura de Jim Beam. "Você pode ficar com o resto."

"Você deve realmente gostar de uísque", disse Sandra, abrindo uma cerveja.

Harry olhou para ela e parecia confuso. "Tão evidente assim?"

"A maioria das pessoas gostam de alternar o seu veneno. Para variar, não é mesmo?"

"Ah, sim? Você bebe?"

Sandra hesitou. "Na verdade não. Estou tentando cortar. Estou fazendo dieta."

"Na verdade não," Harry repetiu. "Então você não sabe do que está falando. Assistiu *Despedida em Las Vegas*, com Nicolas Cage?"

"Como?"

"Esqueça. Era sobre um alcoólatra que decidiu beber até morrer. Eu posso acreditar nisso, sem dúvida. O problema é que o cara bebia de tudo. Gin, vodka, uísque, bourbon, rum . . . a mercadoria toda. Muito correto se não existem alternativas. Mas esse cara estava no melhor e mais abastecido mercado de bebidas do mundo, em Las Vegas, tinha muito dinheiro e nenhuma preferência! Nenhuma porra de preferência! Eu nunca conheci um alcoólatra que não se importasse com o que bebia. Depois de encontrar o seu veneno você se mantém fiel, não é? Ele até ganhou um Oscar."

Harry se inclinou para trás, esvaziou uma minigarrafa e foi abrir a porta da varanda.

"Pegue uma garrafa da sacola e venha aqui. Quero que se sente aqui na varanda com vista para a cidade. Acabei experimentar um *déjà vu*". (*1)

Sandra pegou dois copos e a garrafa e sentou-se ao lado dele, de costas para a parede.

"Vamos esquecer por um momento o que o desgraçado fez quando ele estava vivo. Vamos fazer um brinde para Andrew Kensington." Harry encheu os copos.

Ficaram bebendo em silêncio. Harry começou a rir.

"Veja o Richard Manuel, músico do The Band. (*2) Ele tinha sérios problemas, não só com a bebida, mas com . . . bem, com a vida. No final, ele não conseguiu suportar, se enforcou num quarto de hotel. Em sua casa foram encontradas duas mil garrafas, tudo a mesma marca - Grand Marnier. Isso era tudo. Você entende? A porra do licor de laranja! Eis um homem que tinha encontrado o seu veneno. Nicolas Cage - bah! É um estranho universo este em que vivemos . . ."

Ele estendeu a mão para o céu estrelado de Sydney, e beberam um pouco mais. Os olhos de Harry começaram a piscar quando Sandra colocou uma mão em seu rosto.

"Ouça, Harry, eu tenho que voltar a trabalhar. Eu acho que você está pronto para a cama."

"Quanto custa a noite inteira?" Harry serviu-se de mais uísque.

"Eu não acho que . . ."

"Fique aqui. Vamos beber, depois então vamos fazê-lo. Comprometome a ficar pronto rapidamente". Harry riu.

"Não, Harry. Eu estou indo agora." Sandra levantou-se e ficou com os braços cruzados. Harry lutou para ficar de pé, perdeu o equilíbrio e deu dois passos para trás em direção ao balcão da varanda. Sandra o pegou, ele colocou os braços em volta dos ombros delgados dela, inclinou-se sobre ela pesadamente e sussurrou: "Você não pode ficar de olho em mim, Sandra? Apenas esta noite. Por causa de Andrew. Porra, o que estou dizendo? Por minha causa."

"Teddy vai começar a se perguntar onde eu . . ."

"Teddy vai receber o seu dinheiro e manter a boca fechada. Por favor?"

Sandra fez uma pausa, suspirou e disse: "Tudo bem, mas vamos tirar esses trapos de cima de você em primeiro lugar, Sr. Holy."

Ela levou-o até a cama, tirou os sapatos e puxou para baixo suas calças. Milagrosamente, ele conseguiu a desabotoar a camisa sozinho. A minissaia preta de Sandra foi parar sobre sua cabeça num flash. Ela era ainda mais magra, sem roupas, os ombros e os quadris se projetavam para fora, e suas costelas eram como uma tábua de lavar debaixo de seus seios pequenos. Quando ela foi desligar a luz do quarto Harry viu que ela tinha hematomas nas costas e atrás de suas coxas. Ela se deitou ao lado dele e acariciou seu peito sem pelos e o estômago.

Sandra cheirava levemente a suor e alho. Harry olhou para o teto. Ele ficou surpreso que, em seu estado atual, ele tivesse qualquer sentido do olfato, ainda.

"O cheiro", ele perguntou. "É você ou os homens que teve esta noite?"

"Ambos, eu admito," Sandra respondeu. "Isso te incomoda?"

"Não", respondeu Harry, sem saber ao certo se ela quis dizer o cheiro ou os outros homens.

"Você está bem curtido, Harry. Nós não precisamos . . ."

"Sinta," Harry disse, pegando a mão úmida quente dela e colocando-a entre as pernas.

Sandra riu. "Caramba". E a minha mãe dizia que os homens que bebem só têm garganta.

"Comigo é o contrário", disse Harry. "Bebida paralisa minha língua, mas infla meu pau. É verdade. Eu não sei por que, mas tem sido sempre assim."

Sandra estava sentada sobre ele, tirou sua calcinha barata e encaixou-o sem qualquer problema.

Ele observou enquanto ela saltava para cima e para baixo. Ela encontrou seu olhar, deu-lhe um breve sorriso e desviou o olhar. Era o tipo de sorriso que você dá quando você está no bonde e, inadvertidamente, olha para alguém por muito tempo.

Harry fechou os olhos, ouviu o rangido rítmico da cama e pensou que não era exatamente verdade. Bebida faz paralisar tudo. A sensação que o fez pensar que seria rápido, como ele havia prometido, tinha desaparecido. Sandra trabalhava animadamente enquanto os pensamentos de Harry saíram de debaixo dos lençóis, para fora da cama e para fora da janela. Ele viajou sob um céu estrelado de cabeça para baixo através do mar até chegar a uma faixa branca de areia na costa.

Quando ele desceu na areia viu o mar batendo em uma praia, e adiante, uma cidade que ele tinha visitado antes e havia uma garota que ele conhecia deitada na areia. Ela estava dormindo, e ele sentou-se suavemente a seu lado, para não acordá-la. Em seguida, deitou-se e fechou os olhos. Quando acordou o sol estava se pondo e ele estava sozinho. Na calçada pessoas que ele pensou ter reconhecido estavam passeando. Não tinha sido em filmes que ele as tinha visto? Algumas usavam óculos escuros e estavam passeando com pequenos cães magros pela correia defronte os pequenos hotéis do outro lado da rua.

Harry foi até a beira da água e estava prestes a ir para a água quando viu que estava cheio de águas-vivas. Esticadas na superfície estendendo os longos fios vermelhos, e no macio e, gelatinoso reflexo de espelho ele podia ver os contornos de rostos. Uma lancha estava batendo contra o mar, chegando cada vez mais perto, e de repente Harry estava acordado. Sandra estava sacudindo-o.

"Tem alguém lá fora!", ela sussurrou. Harry ouviu alguém batendo na porta.

"Recepcionista filho da puta!", disse ele, pulando da cama com um travesseiro na frente dele e foi abrir a porta.

Era Birgitta.

"Oi!" ela disse, mas seu sorriso se congelou quando viu a expressão atormentada de Harry.

"Qual é o problema? Há algo errado, Harry?"

"Sim", disse Harry. "Há algo errado." Sua cabeça latejava e cada batida de seu pulso fazia a sua mente ficar em branco. "Por que você está aqui?"

"Eles não ligaram. Eu esperei e esperei e depois liguei para casa, mas ninguém atendeu. Eles provavelmente se confundiram com o horário e

ligaram enquanto eu estava no trabalho. Horário de verão e tudo o mais. Eles devem ter ficado confusos com o fuso horário. Típico do papai.”

Ela falava rapidamente, obviamente tentando agir como se fosse a coisa mais natural do mundo ficar num corredor de hotel no meio da noite, conversando sobre trivialidades com um homem que, evidentemente, não ia deixá-la entrar.

Eles ficaram olhando para o outro.

“Tem alguém aí?”, ela perguntou.

“Sim”, disse Harry. O tapa soou como um galho seco se quebrando.

“Você está bêbado!”, disse ela. As lágrimas encheram seus olhos.

“Ouça, Birgitta”

Ela empurrou-o com força e o fez voar através do quarto, e seguiu-o para dentro. Sandra já tinha sua minissaia no lugar; ela estava sentada na cama, tentando colocar os seus sapatos. Birgitta dobrou-se como se tivesse dores abdominais repentinas.

“Você é prostituta!”, ela gritou.

“Acertou,” Sandra respondeu secamente. Ela estava aceitando a cena com muito mais calma do que os outros dois, mas ainda tentando uma saída inteligente.

“Pegue suas coisas e saia!” Birgitta gritou com uma voz estrangulada, jogando a bolsa que estava na cadeira em Sandra. Ela bateu na cama e o seu conteúdo se espalhou. Harry estava no meio do quarto, nu e cambaleando, e viu, para sua surpresa um pequinês sentado em sua cama. Ao lado do objeto fofo estava uma escova de cabelo, cigarros, chaves, um pedaço de cintilante kryptonita verde e a maior seleção de preservativos que Harry já tinha visto. Sandra revirou os olhos, pegou o pequinês pelo cangote e colocou-o de volta na bolsa.

“E sobre a grana, querido?”, perguntou ela.

Harry não se mexeu, então ela pegou a calça dele e tirou a carteira. Birgitta desabou em uma cadeira e por um momento tudo o que podia ser ouvido era a contagem concentrada em voz baixa de Sandra e os soluços meio sufocados de Birgitta.

“Estou saindo”, disse Sandra, enquanto seguia feliz o seu caminho.

“Espere!” Harry disse, mas já era tarde demais. A porta estava totalmente fechada.

“Espere!”, Disse Birgitta. “Você disse para ela esperar?”, ela gritou, levantando-se da cadeira. “Você é um devasso, você é um merda. Você não tem o direito ...”

Harry tentou colocar o braço em volta dela, mas ela lhe deu um soco. Eles enfrentaram um ao outro como dois lutadores. Birgitta parecia estar em algum tipo de transe; seus olhos estavam vidrados e cegos de ódio e sua boca tremendo de fúria. Ocorreu a Harry que, se ela quisesse matá-lo, ela já o teria feito e sem qualquer hesitação.

“Birgitta, eu ...”

“Beba até morrer e saia da minha vida!” Ela girou nos calcanhares e saiu. O quarto inteiro tremeu quando ela bateu a porta.

O telefone tocou. Era da recepção. “O que está acontecendo, Sr. Holy? A senhora do quarto ao lado tocou e ...”

Harry desligou o telefone. Uma, fúria incontrolável e súbita surgiu nele, e ele procurou em volta por algo para quebrar. Ele pegou a garrafa de uísque da mesa e estava prestes a lançá-la na parede, mas mudou de ideia no último momento.

Treinamento em autocontrole ao longo da vida, pensou, abrindo a garrafa e colocando-a na boca.

(1) Déjà vu: pronuncia-se Déjà vi, é um termo da língua francesa, que significa “já visto”. É uma reação psicológica que faz com que o cérebro transmita para o indivíduo que ele já esteve naquele lugar, sem jamais ter ido, ou que conhece alguém, mas que nunca a viu antes. O déjà vu aparece como um “replay” de alguma cena, onde a pessoa tem certeza que já passou por aquele momento, mas realmente isso nunca ocorreu.*

(2) The Band: The Band foi um conjunto de rock ativo entre 1967 a 1976 e de 1983 a 1999. O grupo original era formado por quatro canadenses, Robbie Robertson, Richard Manuel, Garth Hudson e Rick Danko — e um estadunidense, Levon Helm.*

Serviço de Quarto

Houve um chacoalho de chaves e Harry foi acordado pela porta sendo aberta.

"Não quero serviço de quarto agora. Por favor, volte mais tarde!" Harry gritou do travesseiro.

"Mr Holy, eu represento a direção deste hotel."

Harry virou-se. Dois indivíduos mal encarados tinham entrado no quarto. Eles ficaram a uma distância respeitosa da cama, mas pareciam muito determinados, no entanto. Harry reconheceu um deles como o recepcionista da noite anterior. O outro continuou.

"Você violou as regras do hotel, e lamento dizer que somos obrigados a pedir-lhe para pagar a sua conta o mais rápido possível e deixar o local, o Sr. Holy."

"Regras do hotel?" Harry podia sentir que estava prestes a vomitar.

O sujeito tossiu. "Você trouxe para seu quarto uma mulher que, suspeitamos, era uma . . . bem, uma prostituta. Não só isso, você acordou metade dos hóspedes deste andar com sua discussão. Somos um hotel respeitável e não podemos tolerar este tipo de comportamento. Tenho certeza que você entende, Sr. Holy."

Harry grunhiu como resposta e virou-lhes as costas.

"Tudo bem, Senhor Representante da Direção. Estou partindo hoje de qualquer maneira. Deixe-me dormir em paz até a hora do check-out."

"Você já devia ter feito o check-out, Sr. Holy", disse o recepcionista.

Harry olhou para o relógio. Eram duas e quinze.

"Viemos para tentar acordá-lo."

"O meu avião . . ." Harry disse, jogando as pernas para fora da cama. Depois de duas tentativas ele conseguiu ter terra firme sob seus pés e se levantou. Ele havia esquecido que estava nu, e o recepcionista e o gerente retiraram-se com receio. Harry sentiu-se tonto, o teto começou a girar e ele teve que se sentar na beira da cama de novo. Então, vomitou.

BUBBUR

Dois Seguranças

O **garçom** no Bourbon & Beef tirou os Ovos Benedict intocados e olhou o cliente com simpatia. Há uma semana ele vinha todos os dias, lia o jornal e comia seu café da manhã. Alguns dias ele parecia cansado, é verdade, mas o garçom nunca o tinha visto num estado tal como hoje. Além disso, eram quase duas e meia quando ele chegou.

"Noite difícil, senhor?"

O cliente estava sentado com a mala ao lado dele na mesa olhando a meia distância, com os olhos vermelhos e a barba por fazer.

"Sim. É, foi uma noite difícil. Eu fiz . . . muito."

"Legal. King's Cross é feito para isso. Mais alguma coisa, senhor?"

"Não, obrigado. Eu tenho que pegar um avião . . ."

O garçom ouviu com pesar. Ele tinha começado a gostar do norueguês tranquilo que parecia um pouco solitário, mas foi amigável e dera gorjetas consideráveis.

"Sim, eu posso ver a mala. Se isso significa que é a última vez que você vai estar por aqui, isso é por minha conta. Tem certeza que não posso oferecer-lhe um bourbon, um Jack Daniel's? A saideira, por assim dizer?"

O norueguês olhou para ele, surpreso. Como se o garçom tivesse apenas sugerido algo que o cliente não tinha conseguido pensar por si mesmo e que tinha sido o desejo óbvio o tempo todo.

"Duplo, por favor."

Kristin tinha voltado para Oslo, alguns anos depois. Pelos amigos Harry deduziu que ela tinha uma menina de dois anos, mas que o sujeito Inglês havia ficado em Londres. Então, uma noite, ele a viu no Sardines. Se aproximando, ele viu como ela estava mudada. Sua pele estava pálida e seu cabelo escorrido e sem brilho. Quando ela o percebeu o rosto dela se crispou numa espécie de aterrorizado sorriso. Ele disse oi para Kjartan ao seu lado, um 'amigo músico', que ele pensou ter reconhecido. Ela falou rapidamente e nervosamente sobre todos os tipos de coisas sem importância, não deixando Harry fazer as perguntas que ela sabia que ele faria. Em seguida, ela falou sobre seus planos futuros, mas seus olhos não tinham *faíscas* e os

braços gesticulando descontroladamente da Kristin que ele se recordava muito bem, foram substituídos por movimentos lentos e apáticos.

Por um momento Harry pensou que ela estava chorando, mas então ele já estava tão bêbado que não podia afirmar com certeza.

Kjartan tinha ido embora, mas voltou e murmurou algo no ouvido dela, libertou-se de seu abraço, e deu um sorriso condescendente para Harry. Então, todo mundo já tinha ido embora, e Harry e Kristin ficaram sentados na sala vazia entre maços de cigarros e cacos de vidro, até que foram expulsos. Não é fácil dizer quem apoiou quem ao saírem pela porta ou quem tinha sugerido um hotel, mas de qualquer forma eles acabaram no Savoy, onde tiveram muito pouco trabalho com o minibar e se arrastaram até a cama. Harry havia obedientemente feito uma tentativa ineficaz para penetrá-la, mas era tarde demais. Claro que era tarde demais. Kristin se deitou com a cabeça enterrada no travesseiro e chorou. Harry saiu furtivamente quando acordou e pegou um táxi para o Postcafé, que abria uma hora mais cedo do que os outros botecos. Onde ele se sentou meditando sobre o quão tarde já era.

O proprietário do Springfield Lodge se chamava Joe, um cara simpático, com sobrepeso, que com parcimônia e prudência vinha dirigindo o seu pequeno, um pouco pobre e desgastado, estabelecimento em King's Cross por quase vinte anos. Não era nem melhor nem pior do que qualquer outro hotel na faixa inferior de preço neste distrito, e ele tinha poucos, se houvessem, motivos para reclamações. Uma das razões para isso é que, como mencionado anteriormente, Joe era um cara muito simpático. Outra era que ele sempre insistia para que hóspedes vissem o quarto primeiro e ele concedia desconto de cinco dólares se eles pagassem por mais de uma noite. Uma terceira e talvez conclusiva razão era que ele conseguia manter o lugar razoavelmente livre de mochileiros, bêbados, viciados em drogas e prostitutas...

Mesmo aqueles que eram rejeitados achavam difícil não gostar de Joe. No Springfield Lodge ninguém era recebido com olhares ou ordens para sair; não havia mais do que um sorriso pesaroso e um pedido de desculpas porque o hotel estava cheio, podia haver um cancelamento na semana seguinte e eles seriam bem-vindos novamente. Graças à capacidade considerável de Joe para ler rostos e sua rápida e certa classificação dos candidatos, ele executava essa tarefa, sem um momento de hesitação, e, portanto, raramente tinha qualquer incômodo com sujeitos cheios de

argumentos. Apenas em pouquíssimas ocasiões Joe cometeu um erro de avaliação de um cliente em potencial, e ele se arrependeu amargamente.

Ele se lembrou de um par desses incidentes enquanto ele rapidamente resumia as impressões contraditórias dadas pelo homem alto e loiro diante dele. Sua roupa simples mas de qualidade sugeria que ele tinha dinheiro, mas não se sentiu forçado a se convencer por isso. O fato de que ele era um estrangeiro era uma grande vantagem; eram, geralmente, os australianos quem criava problemas. Mochileiros com sacos de dormir muitas vezes significava festas e toalhas que sumiam, mas este homem tinha uma mala, e parecia estar em bom estado, o que sugeria que ele não estava em constante movimento. É verdade que ele não tinha feito a barba, entretanto não fazia muito tempo que seu cabelo tinha visto o interior de uma barbearia. Além disso, suas unhas estavam limpas e bem cuidadas, e suas pupilas estavam com dimensões relativamente normais.

O resultado de todas essas impressões e o fato de que o homem acabara de colocar um cartão VISA no balcão junto com a Identidade da Polícia Norueguesa foi o que fez o seu habitual *'Me desculpe, mas'* ficar preso na sua garganta, em grande dúvida.

Porém, não havia dúvidas de que o homem estava bêbado. Chapado, mesmo.

"Eu sei que você sabe que eu bebi um pouco", disse o homem num surpreendentemente bom Inglês arrastado, quando notou a hesitação de Joe. "Vamos supor que eu fique louco no quarto. Vamos assumir isso. Quebre a TV e o espelho do banheiro e vomite sobre o tapete. Esse tipo de coisa já aconteceu antes. Será que um depósito de mil dólares cobre os danos? De qualquer forma, tenho a intenção de me manter tão bêbado que mal vou ser capaz de fazer muito barulho, incomodar os outros hóspedes ou mostrar meu rosto nos corredores ou na recepção."

"Eu receio que estejamos com as reservas totalmente completas esta semana. Talvez..."

"Greg no Bourbon & Beef recomendou este lugar e me disse para dar suas lembranças para Joe. É você?"

Joe estudou o homem.

"Espero que você não me faça ficar arrependido", disse Joe, dando-lhe a chave do quarto 73.

"Alo?"

"Oi, Birgitta, sou eu, Harry. Eu..."

"Eu estou com visitas, Harry. Não é uma boa hora."

"Eu só queria dizer que eu não ..."

"Ouça, Harry. Eu não estou com raiva e nenhum dano foi feito. Felizmente, a mágoa é limitada quando você conhece um cara só por quase uma semana, mas eu prefiro que você não entre em contato comigo nunca mais. OK?"

"Bem, não, na verdade, não é ..."

"Como eu disse, eu tenho visitas, por isso desejo-lhe sorte durante o resto da sua estadia e espero que você volte para a Noruega são e salvo. Adeus."

...

"Adeus."

Teddy Mongabi não gostou de Sandra ter passado a noite com o policial escandinavo. Ele pensou que cheirava a encrenca. Quando ele viu o homem andando pela Darlinghurst Road com os joelhos dobrados e os braços caídos, seu primeiro instinto foi dar um passo atrás e sumir no meio da multidão. No entanto, sua curiosidade o venceu e ele cruzou os braços e barrou o caminho do louco da Noruega. O homem tentou passar por ele, mas Teddy agarrou seu ombro e virou-o.

"Não diz olá para velhos amigos, cara?"

O cara olhou para ele com os olhos embotados. "O cafetão ..."

"Espero que Sandra tenha correspondido às expectativas, inspetor."

"Sandra? Deixe-me ver. . . Sandra foi boa. Onde ela está?"

"Ela está fora esta noite. Mas talvez eu possa tentar o inspetor com alguma outra coisa?"

Harry deu uma balançada para encontrar o equilíbrio.

"Certo. Certo. Vamos, cafetão. Tente-me."

Teddy riu. "Por aqui, inspetor." Ele ajudou o policial bêbado descer as escadas para o clube e o sentou em uma mesa com vista para o palco. Teddy balançou seus dedos e uma senhora com pouca roupa apareceu imediatamente.

"Duas cervejas, por favor, Amy. E peça para Peri dançar para nós."

"O próximo desempenho será as oito, Sr. Mongabi."

"Peça-lhe uma apresentação extra. Agora, Amy!"

"Certo, Sr. Mongabi."

O policial tinha um sorriso bobo no rosto. "Eu sei quem está vindo", disse ele. "O assassino. O assassino está vindo."

"Quem?"

"Nick Cave."

"Nick quem?"

"E a cantora loira. Ela provavelmente usa uma peruca também. Ouça. . ."

A batida da disco music havia sido desligada e o policial levantou os dedos indicadores no ar pronto para reger uma orquestra sinfônica, mas nenhum som surgiu.

"Eu ouvi sobre Andrew", disse Teddy. "Muito terrível para exprimir com palavras. Apenas horrível. Meu entendimento foi que ele se enforcou. Porque nesta terra um homem tão alegre . . ."

"Sandra usa uma peruca", disse o policial. "Ela caiu da sua bolsa. Foi por isso que eu não a reconheci quando a encontrei. Bem aqui! Andrew e eu estávamos sentados lá. Eu a tinha visto um par de vezes na Darlinghurst antes, mas, na ocasião, ela estava usando uma peruca. Uma peruca loira. Por que ela não usa mais a peruca?"

"Aha, o policial prefere loiras. Então eu acho que posso ter algo que você vai gostar . . ."

"Por quê?"

Teddy deu de ombros. "Sandra? Bem, ela levou umas chacoalhadas de um cara recentemente. Sandra achou que tinha algo a ver com a peruca e decidiu dar-lhe uma folga por um tempo. No caso do sujeito aparecer de novo."

"Quem?"

"Eu não sei, inspetor. E se conhecesse, eu não diria. Em nossa área de trabalho discrição é uma virtude. O que eu tenho certeza que você também aprecia. Eu sou tão ruim com nomes, mas o seu nome é Ronny, não?"

"Harry. Eu tenho que falar com Sandra." Ele lutou para ficar de pé e quase derrubou a bandeja de cerveja que Amy estava carregando. Ele caiu sobre a mesa. "Você tem o número do telefone dela, cafetão?"

Teddy acenou com a mão para Amy se afastar. "A princípio nós não damos aos clientes os endereços ou números de telefone de nossas meninas. Por razões de segurança. Você entende, não é". Teddy estava lamentando não ter seguido seus primeiros instintos - ele deveria ter ficado bem longe do norueguês bêbado e difícil.

"Eu entendo. Dê-me o número."

Teddy sorriu. "Como eu disse, nós não damos . . ."

"Agora!" Harry agarrou a gola da jaqueta brilhante do terno cinza e soprou uma bafo fedorento - mistura de uísque com vômito - no rosto de

Teddy. Um arranjo de cordas insinuante vinha dos alto-falantes.

"Vou contar até três, inspetor. Se você não me largar e ir embora imediatamente eu vou chamar o Ivan e o Geoff. Isso implicará numa saída aérea pela porta dos fundos. Depois da porta traseira há um lance de escadas. Vinte passos íngremes de concreto."

Harry sorriu e apertou ainda mais. "Isso é para me assustar, seu bastardo cafetão de merda? Olhe para mim. Estou tão puto que eu não posso sentir nada. Eu sou um porra indestrutível, cara. Geoff! Ivan!"

Sombras agitaram-se atrás do bar. Quando ele virou a cabeça para olhar, Teddy se livrou das mãos de Harry. Ele empurrou e Harry cambaleou para trás. Ele levou sua cadeira e a mesa quando caiu no chão. Em vez de levantar-se, ele ficou onde estava, rindo, até Geoff e Ivan chegarem e olhar para Teddy com ar indagador.

"Atirem-no pela porta dos fundos", disse Teddy, observando como o policial foi erguido como uma boneca de pano e jogado sobre o ombro de um brutamontes negro de smoking.

"Eu não sei o que está errado com a porra das pessoas hoje", disse Teddy, endireitando o paletó sem vinco.

Ivan foi na frente e abriu a porta.

"O que diabos esse cara tomou?", Disse Geoff. "Ele está rindo tanto que está tremendo."

"Temos que ver quanto tempo ele vai rir depois", disse Ivan. "Coloque-o aqui."

Geoff baixou Harry a seus pés, e ele ficou balançando na frente dos dois homens.

"Você pode guardar um segredo, senhor?", disse Ivan com um sorriso tímido. "Eu sei que isso é um clichê de gangster, mas eu odeio violência."

Geoff riu.

"Corta essa, Geoff. Eu também. Basta perguntar a qualquer um que me conhece. Ele não pode suportar isso, eles vão te dizer. Ivan não consegue dormir, fica deprimido. O mundo é um lugar bastante difícil para qualquer pobre coitado sem nós piorando as coisas, quebrando braços e pernas, não é isso. Então. Então, basta ir para casa, e não criaremos mais problemas aqui. OK?"

Harry balançou a cabeça e se atrapalhou nos bolsos procurando alguma coisa.

"Além disso você é o gangster esta noite", disse Ivan. "Você!"

Ele enfiou um dedo no peito de Harry.

"Você!" Ivan repetiu e empurrou um pouco mais forte. O policial loiro balançou perigosamente.

"Você!"

Harry ficou balançando nos calcanhares e agitando os braços. Ele não se virou para ver o que estava atrás dele, ele parecia já saber. Um sorriso surgiu em seu rosto quando seus olhos vidrados encontraram os de Ivan. Ele caiu para trás e gemeu quando bateu nos primeiros degraus. Nem um som surgiu durante o resto do caminho até lá embaixo.

Um Cara Chamado Speedy

JOE ouviu o arranhado na porta da frente, e viu através do vidro o novo hóspede, dobrado em dois, ele soube que tinha feito um de seus raros erros. Quando ele abriu a porta o hóspede desmoronou contra ele. Se não fosse pelo baixo centro de gravidade de Joe, ambos teriam levado um tombo. Joe ergueu o braço de Harry sobre seu ombro e arrastou-o para uma cadeira na recepção, para que ele pudesse examiná-lo mais de perto. Não que o bêbado loiro tivesse sido uma visão bonita quando se registrou, mas agora ele realmente estava muito mal. Ele tinha um corte profundo no cotovelo - Joe podia ver a carne vermelha reluzente aparecendo - um lado do rosto estava inchado e o sangue pingava de seu nariz nas calças sujas. Sua camisa estava rasgada e seu peito se agitava sempre que ele respirava. Mas pelo menos isso ele fazia - respirar.

"O que aconteceu?", perguntou Joe.

"Cai pelas escadas abaixo. Nenhum dano sério, só preciso descansar um pouco."

Joe não era médico, mas a julgar como a respiração soava ele achava que uma costela ou duas tinham se partido. Ele encontrou pomada antisséptica e ataduras, remendou o hóspede da melhor maneira possível e, finalmente empurrou um algodão numa narina. Harry balançou a cabeça quando Joe tentou dar-lhe um analgésico.

"Tem coisas contra a dor no meu quarto", ele ofegou.

"Você precisa de um médico", disse Joe. "Eu vou . . ."

"Nada de médico. Eu vou ficar bem daqui a um par de horas."

"Sua respiração não soa bem."

"Nunca soou. Asma. Dê-me um par de horas na cama e eu não vou aborrecê-lo mais."

Joe suspirou. Ele sabia que estava prestes a cometer o erro número dois.

"Esqueça isso", disse ele. "Você precisa de mais do que um par de horas. De qualquer forma, não é sua culpa que os degraus são tão íngremes e duros em Sydney. Eu vou voltar de manhã."

Ele ajudou o hóspede até o quarto, colocou-o sobre a cama e tirou os sapatos. Em cima da mesa havia três garrafas vazias e duas lacradas de Jim Beam. Joe era abstinente, mas tinha vivido o suficiente para saber que você não pode discutir nada com um alcoólatra. Ele abriu uma das garrafas e colocou-a na mesa de cabeceira. O cara estaria se sentindo horrível quando acordasse depois daqueles eventos.

"Crystal Castle. Alo."

"Alo, posso falar com Margaret Dawson?"

"Sou eu."

"Eu posso ajudar o seu filho se você me disser que ele matou Inger Holter."

"O quê? Quem é você?"

"Um amigo. Você tem que confiar em mim, Sra. Dawson. Se não, seu filho estará perdido. Você entendeu? Ele matou Inger Holter?"

"O que é isso? Isto só pode ser uma piada? Quem é Inger Holter?"

"Você é a mãe de Evans, Sra. Dawson. Inger Holter também tinha uma mãe. Você e eu somos os únicos que podem ajudar o seu filho. Diga-me se ele matou Inger Holter! Você está me ouvindo?"

"Eu posso ouvir que você andou bebendo. Agora eu vou ligar para a polícia."

"Diga!"

"Estou colocando o telefone no gancho agora."

"Diga! ... Vaca maldita!"

Alex Tomaros colocou os braços atrás da cabeça e recostou-se na cadeira quando Birgitta entrou no escritório.

"Sente-se, Birgitta."

Ela sentou-se na cadeira em frente da mesa simples de Tomaros e ele aproveitou a oportunidade para estudá-la mais de perto. Ele notou que ela parecia cansada. Ela tinha bolsas escuras sob os olhos, parecia irritada e estava ainda mais pálida do que o normal.

"Eu fui entrevistado por um policial há poucos dias, Birgitta. Um certo senhor Holy, um estrangeiro. No decorrer da conversa, verificou-se que ele teria falado com alguns membros da equipe aqui e obteve informações de ... ahn, uma pessoa indiscreta. Estamos todos interessados, naturalmente, que a pessoa que matou Inger Holter, seja encontrada, mas eu gostaria apenas de chamar a sua atenção para o fato de que quaisquer declarações

semelhantes no futuro serão interpretadas como . . . deslealdade. E eu não preciso vos dizer que, o comércio está difícil atualmente, e não podemos nos dar ao luxo de pagar pessoas em quem não podemos confiar."

Birgitta não disse nada.

"Um homem ligou hoje cedo e aconteceu de eu atender o telefone. Ele tentou disfarçar a sua voz, mas eu reconheci o sotaque. Foi o Sr. Holy novamente, e ele pediu para falar com você, Birgitta."

A cabeça de Birgitta disparou. "Harry? Hoje?"

Alex tirou os óculos. "Você sabe que eu tenho um fraquinho por você, Birgitta, e eu admito que eu tenho deixado isso. . . ahn, vazar um pouco. Eu imagino que com o tempo possamos nos tornar bons amigos. Então, não seja estúpida e destrua tudo."

"Será que ele ligou da Noruega?"

"Eu gostaria de poder confirmar, mas é triste dizer que soava como uma ligação extremamente local. Você sabe muito bem que não tenho nada a esconder, Birgitta, nada com qualquer relevância sobre este caso, de qualquer modo. E é isso que eles estão atrás, não é? Não vai ajudar Inger se alguém alardeia sobre todas as outras coisas. Então, eu posso confiar em você, minha querida Birgitta?"

"O que significa todas as outras coisas, Alex?"

Ele apareceu surpreso. "Eu pensei que Inger podia ter lhe contado. Sobre a pressão."

"Qual pressão?"

"Depois do trabalho. Pensei que Inger estava me incentivando e as coisas ficaram um pouco fora de controle. Tudo o que eu ia fazer era levá-la para casa e eu não queria assustá-la, mas ela entendeu a minha brincadeira um pouco demasiado literalmente, estou com medo."

"Eu não tenho nenhuma ideia do que você está falando, Alex, e eu não tenho certeza se quero, também. Será que Harry disse onde ele estava? Ele ficou de ligar de volta?"

"Ei, ei, espere um momento. Você está chamando o homem pelo primeiro nome e suas bochechas até mudaram de cor quando eu o mencionei. O que está realmente acontecendo aqui? Há algo entre vocês dois, ou o quê?"

Birgitta esfregou as mãos em angústia.

Ele se inclinou sobre a mesa e estendeu a mão para dar um tapinha na cabeça dela, mas ela deu um tapa para afasta-la com um gesto irritado.

"Pare com isso, Alex. Você é um idiota, e eu já lhe disse isso antes. Seja menos idiota da próxima vez que ele ligar, por favor. E pergunte onde eu posso encontra-lo, certo?" Ela levantou-se e saiu pisando forte.

Speedy mal pode acreditar em seus olhos quando entrou no Cricket. Borroughs, atrás do bar, deu de ombros.

"Ele está sentado lá há duas horas", disse ele. "Ele está seriamente bêbado."

Lá no canto e na sua mesa de sempre estava o homem que foi a causa indireta de dois de seus amigos acabarem no hospital. Speedy sentiu a nova pistola HK .45 ACP no coldre da panturrilha e foi até a mesa. O queixo do homem havia caído sobre seu peito e ele parecia estar dormindo. Uma garrafa meio vazia de uísque estava sobre a mesa à sua frente.

"Olá," Speedy gritou.

O homem levantou lentamente a cabeça e deu-lhe um sorriso imbecil.

"Eu estive esperando por você", ele falou arrastado.

"Você está sentado na mesa errada", disse Speedy, e se manteve firme. Ele teria uma noite movimentada pela frente e não podia correr o risco de ser atrasado por esse idiota. Os clientes poderiam chegar a qualquer momento.

"Eu quero que você me diga uma coisa primeiro," disse o homem.

"Por que eu deveria?" Speedy sentiu a pistola pressionando contra a perna da calça.

"Porque este é o lugar onde você faz negócios, porque você acabou de chegar e, portanto, este é o momento do dia em que está mais vulnerável, porque você tem a mercadoria consigo e porque você não quer ser revistado na frente de todas essas testemunhas. Fique onde está."

Foi só nesse momento que Speedy viu o cano da Hi-Power que o homem estava segurando no colo e despreocupadamente apontando diretamente para ele.

"O que você quer saber?"

"Eu quero saber quantas vezes Andrew Kensington andou comprando de você e quando ele fez sua última compra."

"Você tem um gravador com você, policial?"

O policial sorriu. "Relax. Testemunhos feitos sob a ameaça de uma arma não contam. O pior que pode acontecer é eu precisar atirar em você."

"OK, OK."

Speedy podia sentir o suor começando a escorrer. Calculou a distância para o coldre na panturrilha.

"Se o que eu ouvi não é mentira, ele está morto. Portanto, já não pode ser prejudicado, pode? Ele era cauteloso, ele não queria muito. Ele comprava duas vezes por semana, um saco de cada vez. Rotina fixa."

"Quando foi a última vez que ele comprou antes de jogar cricket aqui?"

"Três dias antes. Ele estava vindo comprar naquele dia."

"Alguma vez ele comprou de outros?"

"Nunca. Que eu saiba. Esse tipo de coisa é pessoal - um assunto confidencial, por assim dizer. Além disso, ele era um policial e não podia se arriscar a muita exposição."

"Então, quando ele vinha aqui, ele estava quase sem material? No entanto, vários dias depois, ele tinha o suficiente para uma overdose que provavelmente o teria matado se um cabo enrolado no pescoço não tivesse feito o trabalho. Como você consegue explicar este detalhe?"

"Ele esteve no hospital. Foi a necessidade da droga que fez ele sair correndo. Quem sabe, talvez ele tivesse alguma reserva para emergências."

O policial suspirou, exausto. "Você está certo", disse ele, colocando a pistola no bolso interno do paletó e pegando o copo na frente dele. "Tudo neste mundo é permeado com estes *talvez*. Por que não podemos apenas deixar de procurar as minúcias e dizer que é assim que é, e ponto final, dois e dois são o que sabemos o que é. Tornaria a vida mais fácil para um monte de pessoas, acredite em mim."

Speedy começou a levantar a perna da calça, mas mudou de ideia.

"E o que aconteceu com a seringa?" o policial murmurou, como que para si mesmo.

"O quê?", disse Speedy.

"Nunca encontrei uma seringa na cena do crime. Talvez ele jogou-a na privada. Como você disse - um homem cauteloso. Mesmo quando ele estava prestes a morrer."

"Você está compartilhando?" Speedy perguntou, tomando um assento.

"O fígado é seu", disse o policial, oferecendo a garrafa.

O País Afortunado

Harry corria através da fumaça pela passagem estreita. A banda estava tocando tão alto que tudo ao seu redor estava vibrando. Havia um cheiro azedo de enxofre, e as nuvens estavam penduradas tão baixo que ele estava batendo nelas com a cabeça. Através daquela parede de ruídos outro som ainda podia ser ouvido, uma moagem intensa que tinha encontrado uma frequência desocupada. Era o ranger de dentes contra dentes e correntes sendo arrastadas ao longo do asfalto. Uma matilha de cães ladrava atrás dele.

A passagem se tornou mais estreita e mais estreita, e no final ele teve que correr com os braços esticados na frente para não ficar preso entre as altas paredes vermelhas. Ele olhou para cima. Das janelas acima nas paredes de tijolo cabeças pequenas se projetavam. Eles estavam agitando bandeiras verdes e douradas e cantando a música ensurdecadora.

“Este é um país afortunado, este é um país afortunado, vivemos num país afortunado.”

Harry ouviu o rangido atrás dele. Ele gritou e caiu. Para sua surpresa tudo ao seu redor estava escuro e, em vez de uma aterrissagem dura no asfalto, ele continuou a cair. Ele devia ter caído em um poço. E, ou Harry estava se movendo muito lentamente ou poço era muito profundo, porque ele ainda estava em movimento. A música na superfície tornou-se cada vez mais distante, e quando seus olhos se adaptaram à escuridão, ele viu que os lados do poço tinham janelas através do qual ele podia ver outras pessoas.

Caramba, eu vou cair direto por todo o caminho através da terra? Harry se perguntou.

“Você é sueco”, disse uma voz de mulher.

Harry olhou ao redor, e quando ele fez isso, a luz e a música voltaram. Ele estava parado em uma praça aberta, era noite, e uma banda estava tocando em um palco atrás dele. Ele estava diante de uma vitrine de loja, uma vitrine com televisores, para ser mais preciso, com uma dúzia de diferentes modelos sintonizados numa variedade de canais.

“Então você está comemorando o Dia da Austrália, também, não é?”, disse outra voz, um homem, desta vez, em uma linguagem familiar.

Harry se virou. Um casal estava sorrindo francamente. Ele deu ordens a sua boca para manter o sorriso, esperando que a ordem fosse obedecida. Certa tensão facial sugeria que ele ainda tinha o controle sobre essa função corporal. De algumas outras ele tivera que desistir antes. Seu subconsciente havia se rebelado e neste momento houve uma batalha por sua visão e audição. Seu cérebro estava trabalhando a plena capacidade para descobrir o que estava acontecendo, mas não foi fácil, porque ele estava sendo bombardeado o tempo todo por informações distorcidas e por vezes absurdas.

“Nós somos dinamarqueses, por falar nisso. Meu nome é Poul e esta é a minha esposa, Gina.”

“Por que você acha que sou sueco?” Harry ouviu-se dizer. O casal dinamarquês se entreolhou.

“Você estava falando para si mesmo. Você não estava ciente disso? Você estava assistindo TV e se perguntando se Alice cairia direto pelo caminho através da terra. E ela o fez, não foi? Ha ha!”

“Ah, sim, ela fez”, disse Harry, completamente perplexo.

“Não é como um Midsummer escandinavo, não é mesmo. Este é apenas risível. Você pode ouvir foguetes explodindo, mas você não pode ver muita coisa por causa da neblina. Pelo que sabemos, os foguetes podem atear fogo em alguns dos arranha-céus. Ha ha! Você pode sentir o cheiro da pólvora? É a umidade que faz com que ela permaneça no chão. É um turista aqui também?”

Harry teve que pensar. Deve ter sido realmente um bom pensamento, porque quando ele estava pronto para responder os dinamarqueses tinham se afastado.

Ele redirecionou sua atenção para as telas de TV. Árvores queimando em uma tela e tênis na outra. Num noticiário estavam mostrando imagens de windsurfe, uma mulher chorando e peças de roupa de borracha amarela com grandes marcas de mordida. Na TV adjacente fitas da polícia, azul-e-branca, demarcavam uma área e balançavam com o vento, na borda da floresta com policiais uniformizados indo e voltando com sacolas. Depois, um rosto pálido grande encheu a tela. Era uma foto ruim de uma jovem garota loira e atraente. Havia uma expressão triste em seus olhos como se estivesse chateada porque ela já não era mais atraente.

“Atraente”, disse Harry. “Negócio estranho. Você sabia que ...?”

Lebie passou por trás de um policial que estava sendo entrevistado pela câmera.

"Merda," Harry gritou. "Maldição!" Ele bateu com a palma da mão na janela da loja. "Aumente o som! Aumente o volume aí! Alguém ..."

A cena tinha mudado para um mapa do tempo da costa leste da Austrália. Harry pressionou o nariz contra o vidro até que ficou esmagado e, refletido numa tela apagada ele viu o rosto de John Belushi.

"Aquilo foi algo que eu estava imaginando, John? Lembre-se de que estou sob a influência de uma forte droga alucinógena neste momento."

"Deixe-me entrar! Eu tenho que falar com ela."

"Vá para casa e vá dormir. Nós não deixamos bêbados... Hey!"

"Deixe-me entrar! Eu estou lhe dizendo que sou um amigo de Birgitta. Ela trabalha no bar."

"Nós sabemos, mas o nosso trabalho é manter pessoas como você do lado de fora, você entende, loirinho?"

"Droga!"

"Vá em silêncio agora, ou eu vou ser obrigado a quebrar seu braço, você ... Droga! Bob! Bob!"

"Desculpe, mas eu estou cansado de ser maltratado. Tenha uma boa noite."

"O que aconteceu, Nicky? Foi aquele ali?"

"Deixe-o ir. Merda! Ele só escapou para fora da minha guarda e me deu um soco na barriga. Dê-me uma mão, sim?"

"Esta cidade está caindo aos pedaços. Acho que vou voltar para Melbourne. Você viu as notícias? Outra menina estuprada e estrangulada. Eles a encontraram esta tarde no Centennial Park."

Paraquedismo

Harry acordou com uma tremenda dor de cabeça. A luz machucava seus olhos, ele mal percebeu que estava deitado debaixo de um cobertor e teve que jogá-lo para o lado. O vômito veio em jorros rápidos e o conteúdo de seu estômago espirrou no chão de pedra. Ele caiu de costas no banco e sentiu o fel picar o nariz quando ele fez a si mesmo a pergunta clássica: onde, diabos, eu estou?

A última coisa que ele conseguia se lembrar era que ele tinha ido para o Green Park, a cegonha tinha olhado para ele com um ar de acusação. Agora, ele parecia estar em uma sala circular com alguns bancos e um par de grandes mesas de madeira. Ao longo das paredes pendiam ferramentas, pás, ancinhos e uma mangueira de jardim, e no meio do chão havia um ralo.

"Bom dia, irmão branco", disse uma voz profunda que ele reconheceu. "Irmão *muito* branco", disse ele enquanto ele se aproximava. "Fique onde você está."

Era Joseph, o aborígene cinzento do Povo Corvo.

Foi até uma torneira perto da parede, pegou a mangueira e pulverizou o vômito para o ralo.

"Onde estou?" Harry perguntou, para começar por alguma coisa.

"No Green Park."

"Mas ..."

"Relaxe. Eu tenho as chaves daqui. Esta é a minha segunda casa." Ele olhou através de uma janela. "Está um lindo dia lá fora. O que restou dele."

Harry olhou para Joseph. Ele parecia estar com um ótimo bom humor para um vagabundo.

"O guarda do parque e eu nos conhecemos há algum tempo, e nós temos uma espécie de acordo especial," Joseph explicou. "Às vezes ele fica '*doente*' e eu cuido do que tem que ser feito – recolho o lixo do chão, esvazio as lixeiras, corto a grama, esse tipo de coisa. Em troca posso dormir aqui sempre que quiser. Às vezes ele me deixa um pouco de comida também, mas não hoje, infelizmente."

Harry tentou pensar em outra coisa que não 'mas' para dizer, porém desistiu. Joseph, por outro lado, estava com um humor falador.

"Prá ser honesto, o que eu mais gosto neste acordo é que ele me dá algo para fazer. Ele preenche o dia e me faz pensar em outras coisas, mais ou menos. Às vezes eu até acho que estou me tornando útil."

Joseph sorriu e balançou a cabeça. Harry não conseguia compreender que esta era a mesma pessoa que estava sentada em um estado de coma no banco pouco tempo atrás e com quem ele tinha tentado em vão se comunicar.

"Eu não pude acreditar quando eu te vi ontem", disse Joseph. "Que você era o mesmo cara que estava sentado tão sóbrio e reto, e até me deu cigarros, alguns dias antes. E ontem foi impossível prá caramba falar com você. Ha ha!"

"Bingo", disse Harry.

Joseph saiu e voltou com um saco de batatas fritas e um copo de Coca-Cola. Ele observou Harry consumir cautelosamente a refeição simples, mas surpreendentemente eficaz.

"O precursor da Coca-Cola foi descoberto por um químico americano que queria inventar um remédio para a ressaca", disse Joseph. "Mas ele achava que tinha falhado e vendeu a receita por oito dólares. Se você me perguntar ninguém descobriu nada melhor."

"Jim Beam," Harry respondeu entre garfadas.

"Sim, além do Jim. Do Jack e do Johnnie e um par de outros caras. Ha ha. Como você se sente?"

"Melhor."

Joseph colocou duas garrafas sobre a mesa. "O vinho tinto mais barato de Hunter Valley, disse ele. "Será que você quer tomar um copo comigo, branquelo?"

"Obrigado, Joseph, mas o vinho tinto não é do meu . . . Tem mais alguma coisa? Uma coisa marrom, por exemplo?"

"Pensa que eu tenho um estoque variado, não é?"

Joseph parecia um pouco ofendido porque Harry recusou sua oferta generosa.

Harry levantou-se com dificuldade. Ele tentou reconstruir a lacuna em sua memória entre o momento em que apontava a arma para Rod Stewart e quando, literalmente, caíram no pescoço um do outro e compartilharam um pouco de ácido. Ele foi incapaz de identificar o que levou a esta atração mútua e sentimento de felicidade total, com exceção do óbvio e autoexplicativo - Jim Beam. No entanto, ele foi capaz de se lembrar que tinha dado um soco no segurança do Albury.

“Harry Hole, você é um patético bêbado de merda”, ele murmurou.

Eles foram para fora e deitaram-se na grama. O sol ardia nos olhos e o álcool do dia anterior ardia através dos poros de sua pele, mas fora isso, não era, de fato, tão mau de todo. Uma leve brisa soprava, e eles ficaram deitados de costas olhando para as baforadas brancas das nuvens à deriva pelo céu.

“Está um dia muito bom para saltar hoje”, disse Joseph.

“Não tenho a intenção de ficar saltando”, disse Harry. “Eu vou ficar perfeitamente imóvel ou, quando muito, andar na ponta dos pés por aí.”

Joseph olhou para a luz. “Eu não estava pensando nesse modo de *saltar*, eu estava pensando em saltar no céu, paraquedismo.”

“Uau, você é um paraquedista?”

Joseph concordou.

Harry protegeu os olhos e olhou para o céu. “E as nuvens? Eles não são um problema?”

“Nem um pouco. São nuvens cirrus, nuvens de penas, cerca de quinze mil pés acima.”

“Você me surpreende, Joseph. Não que eu saiba como é que um paraquedista deve se parecer, mas eu não teria imaginado que ele seria...”

“Um bêbado?”

“Por exemplo.”

“Ha ha. São dois lados da mesma moeda.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Alguma vez você já esteve sozinho no ar, Harry? Você já voou? Você já pulou de uma altura grande e sentiu o ar tentando segurá-lo, pegá-lo e acariciar o seu corpo?”

Joseph já estava na metade da primeira garrafa, e sua voz assumiu um tom mais quente. Seus olhos brilhavam quando ele descreveu a beleza da queda livre para Harry.

“Ele abre todos os seus sentidos. Seu corpo inteiro grita que você pode voar. ‘E eu não tenho asas’, ele grita com você, tentando afogar o vento assobiante passando pelos seus ouvidos. Seu corpo está convencido de que vai morrer e entra em modo *alarme total* - abre todos os seus sentidos ao máximo para ver se algum deles pode encontrar uma saída. Seu cérebro é o maior computador do mundo, ele registra tudo: sua pele sente o aumento da temperatura enquanto você cai, seus ouvidos notam o aumento da pressão e você se torna consciente de cada sulco e matiz no mapa abaixo. Você pode até sentir o cheiro da terra, enquanto se aproxima. E se você puder

empurrar o medo mortal para o fundo da sua mente, Harry, por um instante você é um anjo. Você está vivendo uma vida em quarenta segundos.”

“E se você não puder?”

“Você não pode afastá-lo totalmente, apenas o joga para a parte de trás de sua mente. Porque ele tem que estar lá, como uma nota clara e estridente, como água fria em sua pele. Não é a queda, mas o medo mortal que abre os seus sentidos. Ele começa como um choque, uma adrenalina em suas veias quando você salta do avião. Como uma injeção. Em seguida, ele se mistura com o sangue e faz você se sentir feliz e forte. Se você fechar os olhos, você pode vê-lo como uma cobra venenosa maravilhosa, deitada e assistindo com seus olhos de cobra.”

“Você está fazendo isso soar como drogas, Joseph.”

“É droga!” Joseph estava gesticulando descontroladamente agora. “Isso é apenas o que é. Você quer que a queda dure para sempre, e se você pratica paraquedismo por um tempo, você percebe que puxar a corda torna-se cada vez mais difícil. No final, você está com medo de que um dia você vai ter uma overdose, que você não vai puxá-la, e assim você para de saltar. E é quando você sabe que está viciado. A abstinência corrói você, a vida parece sem sentido, trivial, e no final você se encontra espremido atrás do piloto de um pequeno Cessna, antigo, levando uma eternidade para subir para 10 mil pés e consumindo todas as suas economias.”

Joseph respirou fundo e fechou os olhos.

“Em poucas palavras, Harry, isso tudo são os dois lados da mesma moeda. A vida se torna um inferno, mas a alternativa é ainda pior. Ha ha.”

Joseph levantou-se nos cotovelos e tomou um gole de vinho.

“Eu sou um pássaro que não voa. Você sabe o que é um emu, Harry?”

“Um avestruz australiano.”

“Menino inteligente.”

Quando Harry fechou os olhos, ele ouviu a voz de Andrew. Porque, claro, era Andrew deitado ao seu lado na grama e seus sermões moralistas sobre o que era importante e o que era menos importante.

“Você já ouviu a história sobre por que o emu não pode voar?”

Harry balançou a cabeça.

“OK, ouça então, Harry. No Dreamtime os emu tinham asas e podiam voar. Ele e sua esposa viviam perto de um lago, onde sua filha tinha casado com Jabiru, uma cegonha. Um dia Jabiru e sua esposa tinham saído para pescar e trouxeram para casa uma maravilhosa e grande pescaria; eles comeram quase tudo e na pressa esqueceram de deixar as melhores partes

para seus pais, como eles normalmente faziam. Quando a filha levou os restos do peixe para o seu pai, Emu, ele ficou furioso. 'Eu sempre dei-lhe os melhores pedaços quando ia caçar, não é verdade?', disse. Ele agarrou sua clava e uma lança, e voou para Jabiru para dar-lhe uma surra."

"Jabiru, no entanto, não era um tolo para deixar-se apanhar sem oferecer qualquer resistência, então ele pegou um enorme ramo e bateu na clava jogando-a a distância. Em seguida, ele bateu no seu sogro primeiro à esquerda e depois à direita, quebrando ambas as asas. Emu arrastou-se nos pés e atirou a lança contra o marido de sua filha. Ela perfurou as costas e saiu pela boca. Fora de si com a dor, a cegonha voou para os pântanos onde aconteceu da lança ser útil para a captura de peixe. Emu foi para as planícies secas, onde você pode vê-lo correndo por aí com os tocos de asas quebradas, incapazes de voar."

Joseph colocou a garrafa nos lábios, mas sobrara apenas algumas gotas. Ele olhou para a garrafa com uma expressão ofendida e colocou a rolha. Então ele abriu a segunda.

"Isso é mais ou menos a sua história, Joseph?"

"Bem, ahn . . ."

A garrafa gorgolejou, e ele continuou.

"Eu trabalhei como instrutor de paraquedismo em Cessnok por oito anos. Nós éramos um grande grupo, um excelente ambiente de trabalho. Ninguém ficou rico, nem nós, nem os proprietários; o clube era dirigido por puro entusiasmo. Na maior parte o dinheiro que ganhamos como instrutores foi gasto com os nossos próprios saltos. Eu era um bom instrutor. Alguns pensavam que eu era o melhor. No entanto eles retiraram a minha licença por causa de um incidente infeliz. Eles entenderam que eu estava bêbado durante um salto com um participante do curso. Como se eu fosse estragar um salto por beber!"

"O que aconteceu?"

"O que quer dizer? Quer os detalhes?"

"Você está muito ocupado?"

"Ha ha. OK, eu vou te dizer."

A garrafa brilhava ao sol.

"OK, foi assim. Foi uma convergência improvável de circunstâncias malfadadas que fizeram isso, não foi um fato ou dois. Em primeiro lugar, havia o tempo. Quando saímos havia uma camada de nuvens a cerca de oito mil pés. Não é um problema as nuvens estarem tão altas porque você não deve puxar a corda antes de quatro mil pés. O importante é que os alunos

vejam o chão após o paraquedas ser aberto, para que eles não enlouqueçam e se dirijam para Newcastle. Eles têm que ser capazes de ver os sinais terrestres para saber para onde devem se dirigir de acordo com o vento e o terreno, para pousar com segurança na zona de pouso, certo? Quando saímos era verdade que havia algumas nuvens chegando, mas ainda pareciam estar um pouco distantes. O problema era que o clube usava um Cessna antigo remendado com fita adesiva, movido à orações e boa vontade. Demorou mais de 20 minutos para chegar a 10 mil pés, a altura em que iríamos pular. Após a decolagem o vento aumentou, e quando passamos as nuvens em oito mil pés, ele jogou uma segunda camada de nuvens embaixo de nós, as quais nós não podíamos ver. Entendeu?"

"Você não tinha contato com o solo? Eles não puderam te avisar sobre as nuvens baixas?"

"Radio, sim. Ha ha. Essa foi outra questão que foi abafada depois. Veja, o piloto estava tocando os Stones no cockpit a pleno vapor quando atingimos 10 mil pés, para fazer os estudantes entrarem no clima, torná-los agressivos em vez de medrosos. Se eles enviaram uma mensagem lá do solo nós nunca recebemos."

"Você nem mesmo fez uma verificação final com eles antes de saltar?"

"Harry, não faça essa história ficar mais complicada do que já é. Tudo bem?"

"Tudo bem."

"A segunda coisa que deu errado foi o ajuste do altímetro. Ele tem de ser ajustado para zero antes de o avião partir, de modo que mostre a altura em relação ao solo. No momento em que nos preparamos para saltar eu descobri que eu tinha deixado o meu altímetro lá em baixo, mas o piloto sempre tinha equipamento de paraquedas completo com ele, então eu pedi o dele. Ele tinha tanto medo quanto o resto de nós que o avião de repente despencasse um dia. Já estávamos em 10 mil pés por isso tivemos que agir rápido. Eu tinha que correr para a asa e não tinha tempo para verificar o meu altímetro contra o do estudante - que é claro eu tinha verificado que estava zerado no chão. Presumi que o altímetro do piloto estaria mais ou menos preciso, mesmo que ele não zerasse toda vez que decolava. Isso não me incomoda muito - quando você fez mais de cinco mil saltos, como eu fiz, você pode julgar a altura visualmente com um grau razoável de precisão, olhando para baixo.

"Nós estávamos de pé sobre a asa, e o estudante já tinha feito três bons saltos antes, então eu não estava preocupado. Nenhum problema com a

saída, nós saltamos com braços e pernas abertos e ele estava flutuando bem, muito estável, já que descia sobre a primeira cobertura de nuvens. Eu tive um choque quando eu vi a segunda camada abaixo de nós, mas eu pensei que devíamos apenas executar as manobras que costumávamos fazer e ver o quão alto estávamos enquanto nos aproximávamos. O estudante fez alguns giros de noventa graus e movimentos horizontais antes de retornar para a formação em X padrão. Meu altímetro estava mostrando seis mil pés, quando o estudante se preparou para puxar a corda de abertura, então eu sinalizei que devíamos esperar. Ele olhou para mim, mas não é tão fácil ler as expressões faciais de um cara com seus lábios e bochechas batendo arreganhados até seus ouvidos devido à pressão do ar como roupa molhada num varal durante um vendaval.”

Joseph fez uma pausa e acenou com satisfação.

“Roupa molhada em um varal em um vendaval”, repetiu ele. “Não é mau de todo. Felicidades”.

A garrafa foi inclinada para cima.

“Eu li cinco mil pés no meu altímetro quando nós atingimos a segunda camada”, continuou ele, depois de recuperar o fôlego. “Faltavam mil a percorrer antes de puxar. Agarrei o aluno e mantive um olho no altímetro, caso a nuvem fosse grossa e nós tivéssemos que puxar a corda dentro da nuvem, mas estávamos fora dela em um flash. Meu coração parou quando eu vi a aproximação do chão em relação a nós; árvores, grama, asfalto, era como fazer *zoom in* com uma câmera. Puxei as nossas cordas ao mesmo tempo. Um dos paraquedas falhou e talvez não houvesse tempo para ativar o paraquedas reserva. Aconteceu que a nuvem mais baixa estava algo mais próximo de dois mil pés. Pessoas lá embaixo corriam muito pálidas quando nós emergimos da nuvem, sem paraquedas. Ainda por cima, o idiota do novato entrou em pânico depois que o seu paraquedas se abriu e conseguiu dirigir-se para uma árvore. Isso não importa, por si só, mas ele ficou pendurado quatro metros acima do solo, e em vez de esperar a ajuda chegar, ele soltou-se, caiu e quebrou a perna. Ele registrou uma queixa oficial dizendo que eu cheirava a álcool, e a comissão do clube tomou uma decisão. Foi-me dada uma suspensão vitalícia.”

Joseph finalizou a garrafa número dois.

“O que aconteceu então?”

“Isto”. Ele jogou a garrafa fora. “Segurança social, maus colegas e vinho ruim.” Sua língua começou a enrolar. “Eles quebraram as minhas asas, Harry. Eu sou da tribo do corvo; Eu não fui feito para viver como um emu.”

As sombras no parque estiveram amontoadas; agora elas estavam começando a se alongar. Harry acordou com Joseph de pé sobre ele.

"Estou indo para casa agora, Harry. Você pode querer algumas coisas do pavilhão antes de eu tranca-lo."

"Oh merda, sim. Minha arma. E o meu casaco."

Harry se apressou. Era hora de uma bebida. Depois que Joseph tinha trancado a porta eles estavam arrastando os pés e chupando os dentes.

"Então você acha que você voltará para a Noruega em breve, não é?", disse Joseph.

"Qualquer dia, sim."

"Espero que você não perca o avião quando chegar a hora."

"Pensei em ligar para a companhia aérea, esta tarde. E para o meu trabalho também. Eles provavelmente estão se perguntando o que aconteceu comigo."

"Oh merda", disse Joseph, batendo na testa. Ele pegou as chaves novamente. "Acho que tem muito tanino no vinho tinto que eu bebo. Ele corrói as células do cérebro. Eu nunca me lembro se eu desliguei a luz ou não, e o guarda fica muito bravo se ele chega e encontra a luz acesa."

Ele destrancou a porta. A luz estava apagada.

"Ha ha. Você sabe como é quando você conhece um lugar muito bem, você desliga a luz automaticamente, você não precisa nem pensar nisso. E então você não consegue lembrar se você fez isso ou não. . . Isso não é uma loucura, Harry?"

As costas de Harry endureceram e ele olhou para Joseph.

Um Sofá Barroco

O zelador do Teatro St George sacudiu a cabeça com incredulidade e serviu mais café para Harry.

"Eu nunca vi nada a-assim. Toda a noite está lotado. Q-quando eles apresentam o número da guilhotina as pessoas perdem as estribeiras, gritam e enlouquecem. Está até no cartaz: *'guilhotina mortal* - como visto na TV e na imprensa. Ela matou antes . . .' Cristo, tornou-se a estrela do show. Negócio estranho."

"Negócio estranho, realmente. Então eles encontraram um substituto para Otto Rechnagel e apresentam o mesmo show?"

"Mais ou menos, sim. Eles nunca tiveram qualquer número com tanto sucesso antes."

"E o número com o gato que recebe um tiro?"

"Eles cortaram esse. Não tinha apelo."

Harry se contorcia. O suor escorria pelo lado de dentro de sua camisa. "Hum, nunca entendi por que eles tinham esse número . . ."

"Foi ideia de Rechnagel. Eu tive uma chance de ser p-palhaço na minha juventude, então eu gostava de manter um olho sobre o que estava acontecendo no palco quando o circo estava na cidade, e lembro-me que o número não fazia parte do show, até o ensaio da dia anterior."

"Sim, eu tive a sensação de que Otto estava por trás disso."

Harry coçou o queixo barbeado.

"Eu tenho um problema me corroendo. Eu me pergunto se você pode ajudar. Eu posso estar latindo para o poste errado, mas ouça esta teoria e me diga o que você pensa. Otto sabe que eu estou no auditório, ele sabe algo que eu não sei e ele tem que tentar dizer-me, mas ele não pode dizer isso abertamente. Por um monte de razões diferentes. Talvez porque ele mesmo está envolvido. Portanto, este número é preparado para mim. Ele quer me dizer que a pessoa que eu estou caçando é ele próprio um caçador, que ele é uma pessoa como eu, um colega. Eu sei que soa um pouco estranho, mas você sabe o quanto Otto podia ser excêntrico. O que você acha? Será que isso parece coisa típica dele?"

O zelador estudou Harry por algum tempo.

"Policial, eu acho que o que deve te ajudar é um pouco mais de c-café. Esse número não estava tentando dizer-lhe qualquer coisa. É um número clássico de Jandy Jandaschewsky. Qualquer um que conheça sobre circo pode t-te dizer isso. Nada mais, nada menos. Desculpe se isso estraga as coisas para você, mas . . ."

"Pelo contrário," Harry disse, aliviado. "Na verdade, isso é o que eu esperava ouvir. Agora eu posso excluir essa teoria de forma segura. Tem mais café, você disse?"

Ele pediu para ver a guilhotina, e o zelador levou-o para a sala de figurinos.

"Ainda sinto arrepios na espinha sempre que eu entro aqui, mas agora pelo menos eu durmo à noite", disse o zelador, destrancando a porta. "A sala já foi limpa de cima abaixo."

Uma rajada de ar frio saiu quando a porta se abriu.

"Vista-se", disse o zelador, pressionando o interruptor de luz. A guilhotina se elevava no centro da sala com um tapete por cima, como uma diva reclinada.

"Vista-se?"

"Oh, é só uma piada nossa. Costumamos dizer aqui no St George quando entramos num q-quarto escuro, entende?"

"Qual é a piada?" Harry levantou o tapete e sentiu a lâmina da guilhotina.

"Oh, é uma velha história que remonta à década de 1970. O chefe aqui naquela época era um belga, Albert Mosceau, um homem de sangue quente, mas aqueles que trabalharam com ele gostavam muito dele, ele era uma verdadeira pessoa de teatro, Deus abençoe sua alma. As pessoas dizem que, como você sabe, os tipos de teatro são galanteadores terríveis e l-libertinos, e isso pode ser verdade, bem, eu só estou dizendo como é. De qualquer maneira, naqueles dias, tivemos um famoso ator muito bonito no teatro, s-sem mencionar nomes, que era um bode velho. As mulheres desmaiavam, e os homens ficavam com inveja. De vez em quando nós fazíamos uma turnê no teatro para pessoas que pediam para conhecer os bastidores, e um dia o guia estava com uma classe de c-crianças, mostrando a sala de figurinos. Ele acendeu a luz - e lá estava o nosso galã no sofá barroco que usávamos para a peça de Tennessee Williams, *The Glass Menagerie*, transando com uma das moças da cantina."

"Mas, o guia poderia naturalmente ter salvado o dia para o famoso ator, sem citar nomes, deitado em sua frente. Porém o guia era um adolescente

que esperava se tornar um ator e era, como a maioria das pessoas de teatro, um tolo vaidoso. Então, ele não estava usando óculos mesmo ele sendo muito míope. Resumindo, ele não enxergava as coisas que estavam acontecendo no sofá e deve ter pensado que o alvoroço repentino na porta era porque ele era um maldito de um bom palestrante, ou algo parecido. Enquanto o guia continuava tagarelado sobre Tennessee Williams, o bode velho praguejou, tomando cuidado para não mostrar seu rosto, apenas seu traseiro peludo. Mas o guia reconheceu a voz e exclamou: 'Meu Deus, é você, Bruce Lieslington?'

O zelador mordeu o lábio inferior.

"Oooh, droga!"

Harry riu e levantou as palmas das mãos. "Está tudo bem. Eu já esqueci o nome."

"De qualquer forma, no dia seguinte Mosceau convocou uma reunião. Ele explicou o que tinha acontecido e disse que ele considerava o assunto muito sério. 'Não podemos ter esse tipo de publicidade', disse ele. 'Então, eu sinto muito dizer que, a partir de hoje, será p-proibido este tipo de visita g-g-guiada.'"

O riso do zelador ressoou contra as paredes da sala de figurinos. Harry teve que sorrir. Somente a diva reclinável em aço e madeira estava tão silenciosa e inacessível.

"Agora eu entendo o 'vista-se'. O que aconteceu com o guia infeliz? Será que ele se tornou um ator afinal?"

"Infelizmente para ele e felizmente para o palco, não. Mas ele ficou no ramo teatral e hoje ele é o engenheiro de iluminação aqui no St George. Ah, sim, esqueci, você o conheceu..."

Harry respirou lentamente. Merda, merda, merda, estava muito quente!

"Sim, conheci. Agora ele provavelmente usa lentes de contato, não é?"

"Não. Ele diz que funciona melhor se ele vê o p-palco um pouco borrado. Diz que ele pode se concentrar na totalidade em vez de ficar preso em detalhes. Ele é um c-cara muito estranho."

"Cara estranho, de fato", disse Harry.

Sim?

"Desculpe ligar tão tarde, Lebie. Sou eu, Harry Holy."

"Holy? Cristo, que horas são aí na Noruega agora?"

"Não faço ideia. Olha, eu não estou na Noruega. Houve alguns problemas com o avião."

"O que aconteceu?"

"Ele saiu mais cedo, digamos assim, e não tem sido fácil conseguir outro lugar. Eu preciso de ajuda."

"Pode falar?"

"Você tem que me encontrar no apartamento de Otto Rechnagel. Traga um pé de cabra, se você não for bom com gazuas."

"OK. Tem que ser agora?"

"Isso seria bom. Vou ficar muito agradecido, amigo."

"Estou sem sono de qualquer maneira."

"Alo?"

"Dr. Engelsohn? Eu tenho uma pergunta sobre um corpo. Meu nome . . ."

"Eu não dou a mínima para quem você é, são . . . três horas da manhã, e você pode falar com o Dr. Hansson, que está de plantão. Boa noite." Desligou.

"Você é surdo? Eu disse bo . . ."

"Sou o Holy. Não desligue de novo, por favor."

...

"O Holy?"

"Eu estou contente, parece que você se lembrou de mim finalmente, doutor. Eu descobri uma coisa interessante no apartamento onde Andrew Kensington foi encontrado morto. Eu tenho que vê-lo - ou seja, eu tenho que ver as roupas que ele estava usando quando morreu. Você ainda as tem, não é?"

"Sim, mas"

"Encontre-me do lado de fora do necrotério em meia hora."

"Meu caro Sr. Holy, eu realmente não posso ver co . . ."

"Não me faça repetir tudo novamente, doutor. Ou você gostaria de ser expulso pela Associação Médica Australiana, ser processado por parentes, e depois há as manchetes dos jornais. . . devo continuar?"

"Bem, eu não posso chegar lá em meia hora."

"Há muito pouco tráfego, neste momento da noite, doutor. Eu tenho uma suspeita que você vai conseguir."

Um Visitante

McCormack entrou no escritório, fechou a porta atrás dele e foi para perto da janela. O verão de Sydney certamente era instável; tinha chovido a noite toda. McCormack tinha mais de sessenta anos, já tinha passado da idade da reforma da polícia e tinha, como os aposentados costumavam fazer, começado a falar consigo mesmo.

Eram principalmente pequenas observações diárias que só ele mesmo realmente sabia como apreciar. Tais como: 'Parece que o tempo vai melhorar hoje, bem, sim.' Ele estava se balançando para frente e para trás sobre os calcanhares olhando através da sua cidade. Ou: 'Primeiro a chegar, hoje novamente, oh sim.'

Somente quando ele estava pendurando o casaco no armário atrás da mesa foi que ele percebeu os sons vindos do sofá. Um homem estava se levantando, indo para uma posição sentada.

"Holy?" McCormack olhou com espanto.

"Desculpe, senhor. Espero que não se incomode de me emprestar seu sofá..."

"Como você entrou?"

"Eu não tive tempo de devolver o meu crachá, então o porteiro da noite me deixou entrar, a porta do seu escritório estava aberta, e uma vez que era com você que eu queria falar eu dei um cochilo aqui."

"Você deveria estar na Noruega. Seu chefe ligou. Você está horrível, Holy."

"O que você disse a ele, senhor?"

"Você ficou para o funeral de Kensington. Como representante da Noruega."

"Mas como...?"

"Você tinha dado o número do telefone daqui para a companhia aérea, por isso, quando eles ligaram meia hora antes da partida, porque você não tinha aparecido, eu comecei a imaginar. Um telefonema para o Crescent Hotel e uma conversa confidencial com o gerente do hotel forneceu o resto. Nós tentamos encontrar você, sem qualquer sorte. Eu entendo como é, Holy, e eu sugiro que não faça mais barulho. Todo mundo sabe que sempre há

uma reação depois desses eventos. O importante é que você está aqui e vamos colocá-lo num avião."

"Obrigado, senhor."

"Não se preocupe. Vou pedir à minha secretária para falar com a companhia aérea."

"Espere um pouco, senhor, ainda temos um par de coisas para esclarecer. Estivemos fazendo um pouco de trabalho durante a noite, e os resultados finais não serão conhecidos até que a pericia analise e confira. Mas eu tenho certeza sobre o resultado, senhor."

O velho ventilador, apesar da lubrificação, tinha finalmente se esgotado e foi substituído por um novo, maior e mais silencioso. Harry pode confirmar que o mundo continuava girando, mesmo na sua ausência.

Dos presentes apenas Watkins e Yong ainda não sabiam dos detalhes, mas Harry os informou.

"Nós não conseguimos perceber o detalhe quando encontramos Andrew porque era o meio do dia. Nem sequer me ocorreu quando eu soube a hora da morte. Foi só mais tarde que me dei conta de que a luz estava apagada quando chegamos ao apartamento de Rechnagel. Se as coisas aconteceram da maneira que assumimos, este teria sido o curso dos acontecimentos: Andrew apagou a luz perto da porta, tateou seu caminho até a cadeira em uma névoa de heroína - o quarto é escuro como breu, às duas da manhã - equilibrou-se na cadeira cambaleante e colocou o laço sobre a cabeça dele."

No silêncio que se seguiu era óbvio que, mesmo com a nova tecnologia era difícil fabricar um ventilador que não fazia um barulho irritante, porém o zumbido era baixo.

"Isso não soa bem", disse Watkins. "Talvez não estivesse escuro como breu, talvez as lâmpadas de rua ou qualquer outra coisa estivesse iluminando o quarto do lado de fora?"

"Lebie e eu fomos lá às duas da manhã e verificamos. A sala de estar estava tão escura quanto um túmulo."

"Será que a luz estava acesa quando você chegou e você não percebeu?" perguntou Yong. "Afim de contas, era o meio do dia. Um inspetor pode ter desligado a luz mais tarde."

"Cortamos o cabo do pescoço de Andrew com uma faca", disse Lebie. "Eu levaria um choque elétrico, então eu chequei se a luz estava apagada."

"OK", disse Watkins. "Vamos supor que ele decidiu se enforcar no escuro, Kensington é um cara um pouco incomum. O que mais há de novo?"

"Mas ele não se enforcou no escuro", disse Harry.

McCormack tossiu no fundo da sala.

"Aqui está o que encontramos no flat de Rechnagel," Harry disse, segurando uma lâmpada. "Vocês estão vendo a mancha marrom? Isso é rayon queimado." Ele levantou uma roupa branca. "E esta é a camisa que Andrew estava usando quando o encontramos. Tecido misto. Sessenta por cento rayon. Rayon derrete a 260 graus Celsius. Uma lâmpada tem cerca de 450 graus na superfície. Vocês conseguem ver a mancha marrom sobre o bolso do peito? É aí que a lâmpada estava tocando a camisa quando o encontramos."

"Física impressionante, Holy", disse Watkins. "Agora diga-nos o que você acha que aconteceu."

"Uma de duas coisas", disse Harry. "Alguém estava lá antes de nós, viu Andrew pendurado no cabo, apagou a luz e saiu. O problema é, as duas únicas chaves conhecidas do apartamento foram encontrados com Otto e Andrew."

"O apartamento tem uma trava de pressão, não é?", disse Watkins. "Talvez essa pessoa tenha aberto a porta e colocado a chave no bolso de Andrew... não, então Andrew não poderia ter entrado". Ele corou.

"Você ainda pode ganhar um ponto", disse Harry. "Minha teoria é que Andrew não tinha a chave do apartamento. Alguém que já estava lá deixou-o entrar ou eles chegaram ao mesmo tempo, alguém que tinha a outra chave. Esta pessoa estava presente quando Andrew morreu. Depois disso, ele colocou a chave no bolso de Andrew para que parecesse que tinha entrado no apartamento sozinho. O fato de que a chave não estava no chaveiro com as outras, sugere isso. Em seguida, ele apagou a luz e fechou a porta atrás dele quando saiu."

Silêncio.

"Você está dizendo que Andrew Kensington foi assassinado?" perguntou Watkins. "Se foi assim, como?"

"Eu acho que Andrew foi forçado a injetar-se com heroína, uma overdose, provavelmente com uma arma."

"Ele não podia ter feito isso antes de chegar?" perguntou Yong.

"Em primeiro lugar, eu não acredito que um viciado experiente e controlado como Andrew, de repente provoca uma overdose por acidente.

Em segundo lugar, Andrew não tinha quantidade suficiente para uma overdose."

"Então, por que enforcá-lo?"

"Dar uma overdose não é uma ciência exata. Nem sempre é fácil dizer como o organismo de um viciado vai reagir. Talvez ele tivesse sobrevivido o suficiente para que alguém o encontrasse vivo. Então, provavelmente, foi mais para droga-lo, para que ele não resistisse quando foi colocado na cadeira com o cabo em volta do pescoço. Ah, por falar no cabo. Lebie?"

Lebie manobrou o palito de um canto da boca para o outro com um movimento de língua.

"Temos os meninos da pericia analisando o cabo. Cabos se lâmpadas de teto raramente são lavados, correto, e nós pensamos que seria fácil encontrar impressões digitais. Mas estava tão limpo quanto a. . . ahn . . ." Lebie tremulou uma mão.

"Como algo muito limpo?" Yong sugeriu amavelmente.

"Certo. As únicas impressões que puderam ser encontradas foram as nossas."

"Então, a menos que Andrew limpasse o cabo antes de se enforçar", concluiu Watkins, "e enfiasse a cabeça dentro do laço sem usar os dedos, alguém fez isso por ele. É isso que você está dizendo?"

"Parece foi assim, chefe."

"Mas se este cara é tão inteligente como você afirma por que ele desligou a luz quando ele saiu?" Watkins espalmou as mãos na mesa e olhou em volta da mesa para os outros.

"Porque," Harry disse, "é uma reação automática. Ele fez isso sem pensar. É o modo como as pessoas agem, quando saem de seus apartamentos. Ou de um apartamento do qual eles têm a chave para entrar e sair quando desejarem."

Harry se inclinou para trás em sua cadeira. Ele estava suando como um porco, sem saber por quanto tempo mais ele teria que esperar por outra bebida.

"Eu acho que o homem que estamos procurando é o amante secreto de Otto Rechnagel."

Lebie ficou ao lado de Harry no elevador.

"Saindo para o almoço?", perguntou.

"Estava pensando nisso", disse Harry.

"Se importa se eu me juntar a você?"

"Nem um pouco."

Lebie era uma boa companhia, se você não queria falar muito.

Eles encontraram uma mesa no Southern's em Market Street. Harry pediu um Jim Beam. Lebie olhou o cardápio.

"Dois filés de peixe, café preto e pão fresco, por favor."

Harry olhou para Lebie com surpresa. "Obrigado, mas eu acho que vou pular essa", ele disse para o garçom.

"O pedido é esse mesmo," Lebie sorriu. "Meu amigo vai mudar de ideia quando ele provar o filé daqui."

O garçom saiu e Harry observou Lebie. Ele colocou as duas mãos sobre a mesa com os dedos abertos, olhando de uma para a outra como se comparando.

"Quando eu era jovem eu desci até a costa de Cairns de carona, ao longo da Grande Barreira de Corais", disse ele para as costas lisas de suas mãos. "Em um albergue para mochileiros conheci duas meninas alemãs que viajavam ao redor do mundo. Elas haviam alugado um carro e dirigido todo o caminho desde Sydney e contaram-me em detalhes sobre todos os lugares que tinham visitado, por quanto tempo e por que elas estiveram lá e como toda a viagem foi planejada. Ficou claro que não tinham deixado nada ao acaso. Talvez essa seja a mentalidade alemã. Então, quando eu perguntei se elas tinham visto algum canguru na viagem elas riram e me garantiram que elas tinham visto. Estava claro e implícito que estava marcado na sua lista de "coisas a fazer". 'Vocês pararam para alimentá-lo', eu perguntei, mas elas se entreolharam aturcidas, e depois para mim. 'Não, claro que não!' 'Por que não? Eles são muito engraçadinhos, sabe?' 'Porque, ele estava morto!'"

Harry ficou tão espantado com o longo monólogo de Lebie que ele se esqueceu de sorrir.

O garçom veio e colocou o Jim Beam na frente de Harry. Lebie olhou para o copo.

"Anteontem eu vi uma menina que era tão bonita que eu me senti desejando acariciar seu rosto e dizer algo de bom para ela. Tinha vinte e poucos anos, usava um vestido azul e estava de pernas nuas. Sabe?, ela estava morta. Como você deve imaginar, ela era loira, tinha sido estuprada e tinha hematomas em volta do pescoço, por estrangulamento."

"E ontem à noite eu sonhei que essas jovens meninas bonitas estavam, sem sentido e inutilmente, enchendo todos os acostamentos das estradas em volta de toda a Austrália - de Sydney até Cairns, de Adelaide para Perth, de Darwin até Melbourne. E tudo por uma única e solitária razão. Tínhamos

fechado os olhos porque não podíamos encarar a verdade. Nós não tínhamos feito o suficiente. Tínhamos nos permitido ser fracos e humanos."

Harry sabia onde Lebie estava querendo chegar. O garçom veio com o peixe.

"Você é o único que chegou mais próximo dele, Harry. Você colocará sua orelha no chão, e poderá reconhecer as vibrações de seus pés, se ele se aproximar novamente. Haverá sempre uma centena de bons motivos para ficar bêbado, mas se você ficar jogado num quarto de hotel, você não servirá para nada. Ele não é humano. Portanto, não podemos ser humanos. Temos que mostrar nossa força, temos que mostrar nossa capacidade de resistência." Lebie abriu seu guardanapo. "Mas nós também temos que comer."

Harry colocou o copo de uísque na boca e olhou para Lebie enquanto bebia lentamente. Então ele colocou o copo vazio sobre a mesa, fez uma careta e pegou a faca e o garfo. O resto da refeição transcorreu em silêncio.

Um Peixe Grande

SANDRA estava de pé no seu lugar de sempre. Ela não o reconheceu até que ele chegou mais perto.

"Prazer em vê-lo novamente", disse ela, com os olhos distantes e com as pupilas pequenas.

Eles caminharam até Bourbon & Beef, onde o garçom imediatamente correu e se adiantou puxando a cadeira para ela.

Harry perguntou para Sandra o que ela gostaria, e pediu uma Coca-Cola e um uísque duplo.

"Cristo, eu pensei que ele ia me expulsar", disse ela, aliviada.

"Eu sou um cliente habitual," Harry explicou.

"Como vai a sua namorada?"

"Birgitta?" Harry ficou quieto. "Eu não sei. Ela não quis falar comigo. Sentindo-se terrível, eu espero."

"Por que você espera que ela esteja se sentindo terrível?"

"Porque eu desejo que ela me ame, é claro."

Sandra deu uma risada rouca. "E como você está, Harry Holy?"

"Terrível." Harry sorriu tristemente. "Mas eu poderei me sentir muito melhor se eu conseguir prender um assassino."

"E você acha que eu posso ajudá-lo?", ela perguntou, acendendo um cigarro. Seu rosto estava, inacreditavelmente, ainda mais pálido e mais abatido do que antes, e seus olhos estavam vermelhos.

"Estamos parecidos", Harry disse, apontando para os seus reflexos na janela escurecida, ao lado da mesa.

Sandra não disse nada.

"Lembro-me, com um pouco de imprecisão, que Birgitta jogou sua bolsa em cima da cama e o conteúdo se esparramou. No começo eu pensei que você tinha um pequinês em sua bolsa. Harry fez uma pausa. "Diga-me, para que você precisa de uma peruca loira?"

Sandra olhou para a janela. Ou seja, ela estava olhando fixamente para a janela, possivelmente refletindo.

"Um cliente comprou para mim. Ele queria que eu usasse enquanto ele estava comigo."

"Quem ...?"

Sandra balançou a cabeça. "Esqueça isso, Harry. Não sou eu quem diz. Não há muitas regras na minha profissão, mas manter a boca fechada sobre os clientes é uma delas. E é uma boa regra."

Harry suspirou. "Você está com medo", disse ele.

Os olhos de Sandra brilharam. "Não tente isso, Harry. Você não vai conseguir nada de mim, OK?"

"Você não precisa me dizer quem é, Sandra. Eu sei. Eu só queria ver primeiro se você estava com medo de dizer."

"*Eu sei*", Sandra imitou-o, claramente furiosa. "E como você sabe, então?"

"Eu vi a pedra sair rolando da sua bolsa, Sandra. O cristal verde. Eu reconheci o sinal pintado nele. Ele deu a você. É da loja da mãe dele, o Crystal Castle."

Ela pousou seus grandes olhos negros nele. Sua boca vermelha se crispou num esgar feio. Harry colocou uma mão cuidadosa em seu braço.

"Por que você está tão assustada com Evans White, Sandra? Por que você não entrega ele para nós?"

Sandra retirou o braço dele do dela. Voltou-se para a janela. Harry esperou. Ela fungou e Harry passou-lhe o lenço que, inexplicavelmente, ele ainda tinha no bolso.

"Há um montão de outras pessoas que se sentem muito mal, você sabe", ela sussurrou, finalmente. Seus olhos estavam mais vermelhos ainda quando ela se virou para ele. "Você sabe o que é isto?" Ela levantou a manga de seu vestido e mostrou-lhe o antebraço branco com desagradáveis, marcas vermelhas, algumas delas com crostas."

"Heroína?"

"Da família. Morfina", disse Sandra. "Não tem muitos traficantes dela em Sydney, de modo que a maioria acaba na heroína mesmo. Mas eu sou alérgica a heroína. Meu corpo não aguenta. Eu já tentei e eu quase morri. Então, meu veneno é morfina. E no ano passado, havia apenas uma pessoa em King's Cross capaz de fornecê-la em quantidade suficiente. E ele recebe o seu pagamento através de uma espécie de dramatização. Visto uma peruca branca. Tudo bem para mim, eu não dou a mínima para o prazer que ele sente com isso, enquanto eu conseguir o que eu preciso. De qualquer forma, há psicóticos mais perigosos do que aqueles que querem que você se vista como sua mãe."

"Mãe?"

"Eu acho que ele odeia a mãe. Ou a ama mais do que é normal. Um dos dois, eu não sei ao certo, ele não vai falar sobre isso, e Deus sabe que eu não quero, de jeito nenhum!" Ela deu uma risada oca.

"Por que você acha que ele a odeia?"

"Nas últimas vezes ele foi mais violento do que o habitual. Ele me machucou."

"Em volta do pescoço?"

Sandra balançou a cabeça. "Ele tentou. Logo após o assassinato da menina norueguesa sair nos jornais, o estrangulamento. Ele colocou as mãos em volta do meu pescoço e me disse para ficar quieta e não ter medo. Eu nem liguei para isso mais tarde."

"Por que não?"

Sandra deu de ombros. "As pessoas são influenciadas por aquilo que leem e veem. Por exemplo, *9 ½ semanas de amor*, enquanto estive no cinema. De repente, havia um monte de clientes que queriam nos ver rastejando nuas no chão, enquanto eles se sentavam assistindo.

"Merda de filme", disse Harry. "Como aconteceu?"

"Ele colocou as mãos em volta de meu pescoço e passou os polegares sobre a minha traqueia. Nada violento. Mas eu tirei a peruca e disse que eu não estava pronta para aquele jogo. Ele caiu em si e disse que estava bem. Ele tinha caído em si. Não significava nada."

"E você acreditou?"

Sandra revirou os ombros. "Você não sabe como um pouco de independência pode afetar a maneira de ver as coisas", disse ela, terminando o uísque.

"Não?" Harry disse, olhando para a garrafa de Coca-Cola ainda intocada com desaprovação.

McCormack estava batucando os dedos com impaciência. Harry estava suando, mesmo com o ventilador a toda a velocidade. A vizinha de Otto Rechnagel tinha muito a dizer quando Yong apareceu. Muito, muito. Infelizmente, nada do que ela disse tinha sido de qualquer importância. Parece que Yong teve dificuldades para se comportar como um bom ouvinte em vista da sua pouca prática em convívio social.

"Bundona", ele respondeu com um sorriso quando Watkins perguntou-lhe qual a impressão que ela tinha produzido nele.

"Alguma novidade sobre a garota do Centennial Park?", McCormack perguntou.

"Não muito", disse Lebie. "Mas ela não era a menininha dos olhos da mamãe - ela usava drogas e ela tinha começado a trabalhar numa casa de strip tease em King's Cross. Ela estava a caminho de casa quando foi assassinada. Nós temos duas testemunhas que dizem que a viram indo na direção do parque."

"Mais alguma coisa?"

"Não até agora, senhor."

"Harry", disse McCormack, enxugando o suor, "qual é a sua teoria?"

"A mais recente," murmurou Watkins, apenas alto o suficiente para que todos pudessem ouvir.

"Bem," Harry começou, "nós nunca encontramos a testemunha que Andrew disse que viu Evans White em Nimbin no dia em que Inger Holter foi assassinada. O que sabemos agora é que o White é mais do que normalmente cativado por loiras, ele teve uma infância instável e acho que poderia ser interessante examinar seu relacionamento com sua mãe. Ele nunca teve um emprego estável ou uma residência fixa e por isso seguir seus movimentos é complicado. Não é impossível que ele possa ter tido uma relação clandestina com Otto Rechnagel, e não é inconcebível que ele se juntasse a Otto em suas viagens. Ele pode ter alugado um quarto em um hotel e encontrado suas vítimas onde quer que ele se deparasse com elas. Isso tudo é teoria, é claro."

"Talvez Otto seja mesmo o serial killer", Watkins especulou. "Talvez alguém tenha matado ele e Kensington e não tenha nada a ver com os outros assassinatos?"

"Centennial Park", disse Lebie. "Esse é o nosso serial killer. Eu apostaria tudo o que tenho. Não que eu tenha muito a perder..."

"Lebie está certo", disse Harry. "Ele ainda está lá fora em algum lugar."

"OK", disse McCormack. "Eu posso ouvir o nosso amigo Holy usando expressões como *não é impossível* e *não é inconcebível* para expor suas teorias agora, o que pode ser inteligente. Não temos nada a ganhar sendo arrogantes. Além disso, deve ficar claro para todos nós agora que estamos lidando com um homem muito inteligente. E muito confiante. Ele entregou as respostas prontas para as perguntas que estávamos indo atrás, nos deu um assassino numa bandeja de prata e assumiu que agora essas respostas acalmaram nossas cabeças febris e que nós consideramos o caso como resolvido, uma vez que o autor morreu por suas próprias mãos. Usando Kensington ele sabia, é claro, que iríamos decidir abafar o assunto - o que você tem que admitir que é um pensamento inteligente."

McCormack olhou para Harry quando ele disse a última frase.

"Nossa vantagem reside no fato de que ele acha que está seguro. As pessoas que pensam que estão seguras são muitas vezes imprudentes. Agora, no entanto, é hora de decidimos como vamos abordar este assunto. Nós temos um novo suspeito e não podemos nos permitir outro erro. O problema é que se fizermos muito barulho, muito *splash*, corremos o risco de assustar o grande peixe. Temos que ter estômago de aço e ficar imóveis, até que possamos ver claramente o grande peixe abaixo da superfície, tão claramente que ficará inconfundível e tão perto que não poderemos perdê-lo. Então, e somente então, poderemos lançar o arpão."

Ele olhou para um de cada vez. Todos assentiram para confirmar o indiscutível bom senso do chefe.

"E para isso precisamos trabalhar defensivamente, em silêncio e de forma sistemática."

"Discordo", disse Harry.

Os outros se voltaram para ele.

"Há, é evidente, outra maneira de capturar peixes sem fazer um *splash*", disse Harry. "Sabemos que um pedaço de linha e um anzol com uma isca vai servir muito bem."

Uma Box Jellyfish (*)

O VENTO levantava nuvens de poeira, quando soprava turbilhonando ao longo da estrada de cascalho, por cima do muro baixo de pedra ao redor do cemitério e atingia o pequeno grupo de enlutados. Harry teve que apertar os olhos bem fechados para evitar que as partículas de poeira entrasse neles, e o vento soprava as camisas e casacos, fazendo aqueles que estivessem olhando de longe pensarem que estavam dançando sobre o túmulo de Andrew Kensington.

"Vento dos infernos," Watkins sussurrava durante as recitações do sacerdote.

Harry estava pensando sobre a escolha das palavras de Watkins, esperando que ele estivesse errado. Era, naturalmente, difícil dizer de onde o vento estava vindo, mas certamente estava com pressa. E se estivesse aqui para levar a alma de Andrew com ele, ninguém poderia dizer que estava fazendo o seu trabalho com desânimo. As páginas dos livros de hinos estavam tremulando, a cobertura de lona verde ao lado da sepultura, bem presa ao solo, se sacudia e aqueles que não estavam com chapéus para segurar o cabelo ficavam despenteados.

Harry não estava ouvindo o padre, ele estava olhando através dos olhos entrecerrados em volta do túmulo. O cabelo de Birgitta estava voando para trás como um jato vermelho de fogo. Ela retribuiu seu olhar com uma expressão vazia. Uma mulher de cabelos grisalhos estava sentada, tremendo, em uma cadeira com um bastão em seu colo. Sua pele era amarela, e sua idade não conseguia esconder seu rosto equino distintamente Inglês. O vento derrubou seu chapéu. Harry tinha desconfiado que ela era mãe adotiva de Andrew, mas ela estava tão velha e frágil que mal tinha respondido as condolências de Harry na saída da igreja - ela apenas balançou a cabeça, murmurando uma frase incompreensível uma e mais uma vez. Atrás dela estava uma pequena mulher negra, quase invisível com uma garota em cada mão.

O padre jogou terra no túmulo do modo luterano. Harry pensava que Andrew tinha pertencido à Igreja Anglicana, que, ao lado da Igreja Católica, era de longe a maior da Austrália, mas Harry, mesmo tendo estado em

poucos funerais, via que esse serviço não era muito diferente daqueles na Noruega. Mesmo o tempo era o mesmo. Depois de terem enterrado a mãe, turbulentas nuvens azul-acinzentadas tinham percorrido o céu acima do cemitério, mas, felizmente, eles foram rápidos o suficiente para se safar da chuva. Houve sol no dia em que enterraram Ronny. Naquela época, porém, Harry estava no hospital com cortinas fechadas porque a luz provocava-lhe uma dor de cabeça horrível. Assim como hoje, os policiais haviam constituído a maioria dos presentes no funeral. Talvez tivessem cantado o mesmo hino no final: "Mais perto, meu Deus, de Ti!"

O ajuntamento se dissolveu, e as pessoas começaram a se mover na direção de seus carros e Harry caminhou atrás de Birgitta. Ela parou para que ele pudesse alcançá-la.

"Você parece doente", disse ela, sem olhar para ele.

"Você não sabe como eu fico quando estou doente", disse ele.

"Você não parece doente quando você está doente? Tudo que estou dizendo é que você *parece* doente. Você está doente?"

Uma rajada de vento soprou, e a gravata de Harry levantou e cobriu seu rosto.

"Talvez eu esteja um pouco doente", disse ele. "Não muito doente. Você se parece com uma água-viva com todo esse cabelo revoando no . . . meu rosto." Harry tirou uma mecha vermelha para fora da boca.

Birgitta sorriu. "Você deveria agradecer a sua estrela da sorte por eu não ser uma *Box Jellyfish*", disse ela.

"O quê?", perguntou Harry.

"Uma *Box Jellyfish*", disse Birgitta. "É muito comum na Austrália. Suas picadas são piores do que as de uma simples água-viva, se você quer saber . . ."

"*Box jellyfish*?" Harry ouviu uma voz familiar atrás dele repetir. Ele virou-se. Era Toowoomba.

"Como você está?" Harry perguntou e explicou que era o cabelo de Birgitta soprando em seu rosto, que tinha sugerido a comparação.

"Bem, se fosse uma *Box Jellyfish*, teria deixado listras vermelhas no seu rosto e você estaria gritando como um homem que está levando vinte chicotadas", disse Toowoomba. "E, em poucos segundos você teria entrado em colapso, o veneno teria paralisado seus órgãos respiratórios, você teria dificuldade para respirar, e se você não tivesse ajuda médica imediata, você teria uma morte extremamente dolorosa."

Harry segurou as mãos em defesa. "Obrigado, já houve mortes suficientes por hoje."

Toowoomba assentiu. Ele estava vestindo um paletó de smoking de seda preta com um laço. Ele percebeu o olhar de Harry.

"É a única coisa que eu tenho que se parece remotamente com um terno. Além disso, eu herdei isto dele." Ele acenou com a cabeça em direção ao túmulo. "Não recentemente, mas alguns anos atrás. Andrew disse que havia engordado. Besteira, é claro. Ele não queria admitir isso, mas eu sabia que ele tinha comprado para usar no banquete após os campeonatos australianos. Ele provavelmente esperava que esta coisa iria experimentar comigo o que nunca experimentou com ele."

Eles caminharam ao longo da estrada de cascalho com os carros passando lentamente.

"Posso lhe fazer uma pergunta pessoal, Toowoomba?" Harry perguntou.

"Eu acho que sim."

"Onde você acha que Andrew vai acabar?"

"O que você quer dizer?"

"Você acha que sua alma vai para cima ou para baixo?"

Toowoomba ficou com uma expressão séria. "Eu sou um homem simples, Harry. Eu não sei muito sobre esse tipo de coisa, e eu não sei muito sobre as almas. Mas eu sei um par de coisas sobre Andrew Kensington, e se há algo lá em cima, e se eles querem belas almas é aí que ele merece ficar." Ele sorriu. "Mas se há alguma coisa lá embaixo, eu acho que é onde ele prefere estar. Ele odiava lugares chatos."

Eles riram baixinho.

"Mas desde que esta é uma questão pessoal, Harry, eu vou lhe dar uma resposta pessoal. Acho que os pais de Andrew e os meus próprios tinham um ponto de vista. Eles tinham uma visão sóbria da morte. Embora seja verdade dizer que muitas tribos acreditavam em uma vida após a morte, algumas acreditavam na reencarnação, a alma errante de humano para humano, e algumas acreditavam que as almas poderiam voltar como espíritos. Algumas tribos acreditavam que as almas dos mortos podiam ser vistas no firmamento como estrelas. E assim por diante. Mas o ponto em comum era que eles acreditavam que os seres humanos, mais cedo ou mais tarde, depois de todas essas etapas, tinham adequadamente uma morte final e definitiva. E era isso. Você se tornava uma pilha de pedras e ia embora. Por alguma razão eu gosto dessa ideia. Estas perspectivas de eternidade deixam você tão cansado, você não acha?"

"Eu acho que isso soa como se Andrew tenha deixado para você mais do que o smoking, isso é o que eu penso", disse Harry.

Toowoomba riu. "Você pode ouvir isso tão facilmente?"

"A voz do seu mestre," disse Harry. "O homem deve ter sido um sacerdote."

Eles pararam ao lado de um pequeno carro empoeirado, que era, obviamente, de Toowoomba.

"Olha, eu poderia precisar de alguém que conheceu Andrew," Harry disse, reagindo a um palpito. "A maneira como ele pensava. Por que ele fez o que fez."

Ele se endireitou, e seus olhos se encontraram.

"Eu acho que alguém matou Andrew," disse Harry.

"Besteira!" Toowoomba explodiu. "Você não acha, você sabe! Todo mundo que conheceu Andrew sabe que ele nunca estaria disposto a sair no meio de uma festa. Para ele, a vida era a maior festa. Eu não conheço ninguém que amava a vida mais do que ele. Seja lá o que ela fizesse com ele. Se ele queria ir até lá fora para checar, houve muitas oportunidades - e razões também - antes."

"Então, estamos de acordo", disse Harry.

"Normalmente, é possível me encontrar neste número", disse Toowoomba, rabiscando em uma caixa de fósforos. "É um número de celular."

Toowoomba estava indo para o norte e tamborilava no seu velho GM- Holden branco. Birgitta e Harry ficaram observando, então Harry sugeriu pegar uma carona com um de seus colegas para a cidade. Mas parecia que a maioria deles já tinham ido. Então, um magnífico Buick antigo parou na frente deles, o motorista abriu a janela e estendeu o rosto vermelho com um nariz marcante. Era parecido com uma batata onde vários tubérculos tinham crescido formando um só, e, como se fosse possível, ainda mais vermelho do que o resto de seu rosto com a sua fina rede de veias finas.

"Indo para a cidade, gente?" o Nariz perguntou, e disse-lhes para entrar.

"Meu nome é Jim Connolly. Esta é minha esposa, Claudia", disse ele, depois que eles se instalaram no amplo banco traseiro. Do banco da frente um pequeno rosto, escuro, com um sorriso radiante voltou-se para eles. Ela parecia ser indiana, e era tão pequena que mal se podia vê-la por cima do encosto de cabeça.

Jim observou Harry e Birgitta pelo espelho retrovisor.

"Amigos de Andrew? Colegas?"

Ele dirigia o calhambeque cuidadosamente pela estrada de cascalho abaixo, enquanto Harry explicava as ligações.

"Certo, então você é da Noruega e você é da Suécia. Isso fica muito longe, fica mesmo. Bem, quase todo aqui vem de algum lugar longe. Veja Claudia, por exemplo, ela é da Venezuela, onde eles vencem todos os Miss Universo, você deve saber. Quantos títulos já ganharam, Claudia? Incluindo o seu próprio. Ha ha." Ele riu tanto que seus olhos desapareceram sob as linhas do riso, e Claudia se juntou a ele.

"Eu sou australiano," Jim continuou. "Meu trisavô veio da Irlanda. Ele era um assassino e um ladrão. Ha ha ha. Até algum tempo atrás as pessoas não gostavam de admitir que eram descendentes de condenados, apesar de ter ocorrido quase duzentos anos atrás. Mas eu sempre tive orgulho deles. Eles foram os únicos, além de um bando de marinheiros e soldados, que fundaram este país. E é um belo país, também. Nós o chamamos de país afortunado por aqui. Sim, sim, as coisas mudam. Agora ouvi dizer que é "in" rastrear seus antepassados de volta até os condenados. Ha ha ha. Muito ruim sobre Andrew, não foi?"

Jim era como uma metralhadora verbal, e Harry e Birgitta não conseguiam entrar na conversa antes que ele recomeçasse novamente. E quanto mais rápido ele falava, mais lento ele dirigia. Como David Bowie no velho toca-fitas de Harry. Anos atrás, ele tinha ganhado um gravador a pilhas do seu pai, e quanto mais alto você ajustava o volume mais lentamente a fita rodava.

"Andrew e eu lutávamos juntos nos espetáculos de Jim Chivers. Sabe, Andrew nunca teve seu nariz quebrado. Não senhor, ninguém nunca manchou sua virtude pugilística. Eles têm narizes muito chatos, esses caras aborígenes, talvez seja por isso que ninguém nunca conseguiu danificar o dele. Mas Andrew estava em boa forma e saudável. Ele tinha um coração saudável e um nariz saudável. Bem, tão saudável quanto um coração pode ser depois de ter sido sequestrado pelas autoridades logo após nascer. E seu coração não era tão saudável depois da sequência de lutas durante os campeonatos australianos em Melbourne. Eu suponho que você já ouviu falar sobre isso, não é? Ele perdeu bastante em seguida." Eles estavam rodando a menos de quarenta agora.

"O campeão, Campbell, bem, sua garota, ela foi atrás de Andrew, ela ficou de joelhos, mas ela tinha sido tão belíssima durante toda a sua vida que nunca tinha experimentado uma rejeição. Se ela já tivesse, tudo teria sido muito diferente. Mas quando ela bateu na porta do hotel de Andrew

naquela noite e ele educadamente pediu-lhe para sair, ela não pode lidar com isso; ela foi direto até seu namorado e lhe disse que Andrew tinha apalpado ela. Eles ligaram para seu quarto e disseram-lhe para ir até a cozinha. Rumores ainda estão circulando sobre a luta lá embaixo. A vida de Andrew entrou em parafuso depois disso. Mas eles nunca acertaram o seu nariz. Ha ha ha. Vocês são casados?"

"Não exatamente," Harry se recompôs o suficiente para dizer.

"Isso não é o que parece," disse Jim, observando-os pelo espelho. "Talvez vocês simplesmente não sabem ainda, mas mesmo que vocês estejam com o olhar triste devido a gravidade das circunstâncias de hoje, há um brilho neles. Corrija-me se eu estiver errado, mas vocês se olham como Claudia e eu fazíamos quando éramos jovens e apaixonados, da forma como éramos nos primeiros vinte ou trinta anos. Ha ha ha. Agora estamos apenas apaixonados. Ha ha ha."

Claudia olhou para o marido com os olhos cintilantes.

"Eu conheci Claudia em uma das viagens com a equipe. Ela estava se apresentando como uma contorcionista. Ela pode se dobrar para trás como um envelope até hoje. Então eu não sei o que estou fazendo com este Buick enorme. Ha ha ha. Eu a cortejei todos os dias por mais de um ano até que ela me permitiu beijá-la. E depois ela me disse que havia se apaixonado desde a primeira vez que me viu. Isso por si só foi sensacional, tendo em conta que este meu nariz já havia sofrido uma série de espancamentos. Em seguida, ela se fez de puritana por um inteiro, longo, terrível ano. Mulheres me bagunçam o juízo às vezes. O que você acha, Harry?"

"Bem," Harry disse, "Eu entendo o que você quer dizer."

Ele olhou para Birgitta. Ela deu um sorriso fraco.

Depois de passar três quartos de hora cobrindo uma distância que normalmente levaria 20 minutos, eles estacionaram na prefeitura, onde Harry e Birgitta agradeceram a carona e saltaram. O vento chegara à cidade também, e eles ficaram enfrentando as rajadas visivelmente sem saber direito o que dizer um ao outro.

"Um casal muito incomum", disse Harry.

"Sim", disse Birgitta. "Eles estão felizes."

O vento rodopiou e sacudiu uma árvore no parque, e Harry imaginou ter visto a sombra de um dardo hirsuto sobre o topo.

"O que vamos fazer agora?", perguntou Harry.

"Você vem para casa comigo."

"OK."

() Box Jellyfish (Água-Viva 'quadrada'): Um dos mais mortíferos animais na face da Terra, também chamada de Sea Wasp (vespa do mar).*

Essa água-viva, tem o corpo meio quadrado (bem diferente das águas vivas comuns que possuem formato de guarda-chuva), habita o Norte e Nordeste da Austrália.

O Troco

BIRGITTA colocou um cigarro na boca de Harry e o acendeu.

"Bem merecido", disse ela.

Harry refletiu. Ele não se sentia muito mal. Ele puxou o lençol sobre ele.

"Você tem vergonha?" Birgitta riu.

"Eu só não gosto dos seus olhos luxuriosos sobre meu corpo. Você pode não querer acreditar, mas na verdade eu não sou uma máquina."

"Sério?" Birgitta mordiscou seu lábio inferior jocosamente. "Você poderia ter me enganado. Esse pistão de . . ."

"Tudo bem, tudo bem. Você tem que ser tão vulgar agora que a vida tornou-se tão feliz, meu amor?"

Ela aconchegou-se, descansando a cabeça em seu peito.

"Você me prometeu outra história", ela sussurrou.

"Realmente." Harry respirou fundo. "Deixe-me ver. Então este é o começo. Eu estava no oitavo ano e uma nova garota se juntou a minha classe. O nome dela era Kristin, e levou apenas três semanas para ela e o meu melhor amigo, Terje, que tinha os dentes mais brancos da escola e tocava guitarra numa banda, se tornarem oficialmente namorados. O problema foi que ela era a garota que eu estive esperando por toda a minha vida". Ele fez uma pausa.

"Então, o que você fez?"

"Nada. Fiquei esperando. Nesse meio tempo eu me tornei amigo de Kristin - ela podia conversar sobre tudo que havia sob o sol comigo, combinávamos. Ela contava em segredo quando as coisas entre ela e Terje não estavam funcionando, sem perceber que seu amigo estava exultante, calmamente esperando o momento certo para atacar."

Ele sorriu.

"Cristo, como eu me odiava."

"Estou chocada", resmungou Birgitta, acariciando carinhosamente seus cabelos.

“Um amigo convidou um grupo de nós para visitar a fazenda desocupada de seus avós no mesmo fim de semana que a banda de Terje tinha agendado um show. Bebemos vinho caseiro e Kristin e eu ficamos sentados no sofá conversando até tarde da noite. Depois de um tempo, decidimos explorar a casa e subimos até o sótão. Havia uma porta trancada, mas Kristin encontrou uma chave pendurada num gancho e a destrancou. Deitamos lado a lado no acolchoado de uma cama com dossel muito estreita. Nos buracos da roupa de cama havia uma camada de algo preto, e eu pulei quando vi que era moscas mortas. Devia haver milhares delas. Eu vi seu rosto perto do meu, rodeada de moscas mortas no travesseiro branco, banhado pela luz azulada da lua, tão grande e redonda lá fora da janela, o que fez sua pele parecer transparente.”

“Bah!”, disse Birgitta e rolou por cima dele. Seus olhos pousaram nos dela.

“Nós conversamos sobre tudo e nada. Ficamos deitados bastante tempo sem ouvir nada. Um carro passou na estrada e a luz dos faróis varreram o teto e todos os tipos de estranhas sombras passaram furtivamente pela sala. Kristin terminou com Terje dois dias depois.”

Ele virou-se de lado, de costas para Birgitta. Ela aconchegou-se nele.

“O que aconteceu em seguida, Valentino?”

“Kristin e eu nos encontrávamos em segredo. Até que não fosse mais segredo.”

“Como Terje encarou?”

“Bem. Às vezes, as pessoas reagem conforme o manual. Terje disse a seus amigos para escolherem: ele ou eu. Acho que foi uma vitória esmagadora. A favor do menino com os dentes mais brancos na escola.”

“Isso deve ter sido terrível. Você ficou sozinho?”

“Eu não sei o que foi pior. Ou de quem eu tinha mais pena. De Terje ou de mim mesmo.”

“Pelo menos você e Kristin tinham um ao outro.”

“É verdade, mas um pouco da magia tinha ido embora. A garota ideal se foi, entende?”

“O que você quer dizer?”

“Eu tinha uma garota que havia trocado o namorado por seu melhor amigo.”

“E para ela você era o menino que tinha inescrupulosamente utilizado o seu melhor amigo para ficar com ela.”

“Exatamente. E aquilo estaria sempre lá. Sob a superfície, talvez, mas, no entanto, latente com um silencioso desprezo mútuo. Como se fôssemos

dois cúmplices responsáveis por um assassinato escandaloso.”

"Então você teve que se contentar com uma relação que não era perfeita. Bem-vindo à realidade!"

"Não me entenda mal. Eu acho que os nossos pecados comuns em muitos aspectos nos tornava mais próximos. Eu acho que realmente nos amamos um ao outro por um tempo. Alguns dias foram . . . perfeitos. Como gotas de água. Como uma bela pintura.”

Birgitta riu. "Eu gosto de você quando você fala, Harry. Seus olhos parecem acender quando você diz coisas assim. Como se você tivesse voltado para lá. Você se recorda do passado frequentemente?"

"Kristin?" Harry perguntou. "Eu posso muito bem voltar atrás para o tempo em que estivemos juntos, mas Kristin? As pessoas mudam. A pessoa com quem você conviveu por muito tempo pode não existir mais. Caramba, todos nós mudamos, não é mesmo. Uma vez que se experimentou algo, já é tarde demais, você não consegue ter novamente a sensação de experimentar a mesma coisa, como da primeira vez. É triste, mas é dessa maneira que acontece.”

"Como estar apaixonado pela primeira vez?", disse Birgitta calmamente.

"Como estar apaixonado . . . pela primeira vez," Harry disse, acariciando seu rosto. Então ele respirou fundo.

"Há algo que eu tenho que te pedir, Birgitta. Um favor.”

A música era ensurdecedora e Harry teve de se inclinar para ouvir o que ele estava dizendo. Teddy estava muito efusivo sobre sua nova estrela cadente, Melissa, que tinha dezenove anos e, agora, colocava o local em chamas, o que, Harry teve que admitir, não era exagero.

"Os boatos. Isso é o que faz acontecer, entende", disse Teddy. "Você pode anunciar e vender o tanto quanto você quiser, mas em última análise, só há uma coisa que vende, a fábrica de boatos."

E os rumores obviamente tinham feito o seu trabalho, porque pela primeira vez em muito tempo o clube estava quase cheio. Depois do número de cowboy e laço de Melissa os homens estavam em suas cadeiras, e até mesmo a minoria feminina aplaudia educadamente. "Veja", disse Teddy. "Isso não é porque ela inventou um número inovador, é strip-tease clássico, Deus sabe que é. Nós tivemos uma dúzia de meninas aqui que fizeram o mesmo número e ninguém levantou uma sobrancelha. Quer saber a razão pela qual isto é diferente: a inocência e emoção."

A partir da experiência, no entanto, Teddy sabia que tais ondas de popularidade eram, infelizmente, uma fase passageira. Por um lado, o

público estava sempre à procura de algo novo; por outro, esta indústria tinha uma desagradável tendência a consumir sua própria prole.

"Um bom strip-tease requer entusiasmo, entende," Teddy gritou sobre o barulho dos ritmos de discoteca. "Não são muitas destas meninas que conseguem manter o entusiasmo, por muito que trabalhem para isso. Quatro shows, todos os dias, porra. Você perde o interesse e esquece as multidões. Eu já vi isso acontecer muitas vezes antes. Não importa o quão popular você é, um olho treinado pode ver quando uma estrela se apaga."

"Como?"

"Bem, elas são dançarinas, não são? Elas têm que ouvir a música, entrar dentro dela, entende. Quando elas estão "nervosas" e um pouco à frente da batida, não é o que se imagina, um sinal de que elas estão com excesso de entusiasmo. Muito pelo contrário, é um sinal de que elas estão fartas e querem acabar com tudo o mais rapidamente possível. Além disso, muitas vezes inconscientemente, elas reduzem os movimentos de modo que tudo fica mais sugestivo do que explícito. É o que acontece com as pessoas que contam a mesma piada muitas vezes; elas começam a deixar de fora os pequenos, porém vitais, detalhes que fazem você rir da piada. Esse é o tipo de coisa difícil de tentar fazer algo para esconder - a linguagem do corpo não mente, e transmite-se para o público, entende. As meninas estão conscientes do problema e para apimentar o show, para ajudá-las a decolar, elas tomam alguns drinks antes de subir ao palco. Ocasionalmente, um pouco demais." E, então, em seguida . . ." Teddy segurou um dedo contra uma narina e cheirou.

Harry balançou a cabeça. História familiar.

"Elas descobrem o pó, que ao contrário do álcool dá-lhes um zumbido e elas também ouviram dizer que ajuda a mantê-las magras. Logo elas tem que tomar mais para obter o barato que elas precisam para poder dar o melhor de si todas as noites. Logo elas tem que tomá-lo apenas para realizar os shows. E logo os efeitos ficam visíveis, elas percebem que estão perdendo a concentração e começam a odiar o bêbado, a audiência alegre. Então, uma noite elas marcham para fora do palco. Furiosas, e em lágrimas. Elas argumentam com o gerente, ganham uma semana de férias e depois voltam. Mas elas não conseguem mais entrar no clima, não conseguem sentir a sensação interior que as ajudou a fazer as coisas direito antes. O público não vibra nem aplaude e, no fim, é hora de ir para a rua e seguir em frente."

Sim, Teddy sabia sentir a pulsação. Mas tudo isso está no futuro. Agora era hora de ordenhar as vacas, e agora elas estavam de pé sobre o palco com

grandes olhos e úberes quase explodindo de tão cheios e eram provavelmente - considerando todas as coisas - vacas muito felizes.

"Você não imagina quem vem aqui para verificar esses nossos novos talentos," Teddy riu, escovando a lapela. "Alguns deles tem boa formação, se posso dizer assim. E eles também não são exatamente os meninos do primeiro grau, não mesmo."

"Um pouco de strip-tease não faz mal a ninguém, não é?"

"Beeemm," Teddy demorou. "Não sei nada sobre isso. Desde que eles assumam os riscos, suponho que um pasto diferente, ocasionalmente, não machuca."

"O que você quer dizer com isso?"

"Não muito. Chega desse papo. O que o traz a estas bandas, policial?"

"Duas coisas. A garota que foi encontrada no Centennial Park acabou sendo um pouco menos ingênua do que as primeiras impressões indicavam. As amostras de sangue mostraram que ela estava cheia de anfetaminas e uma investigação mais detalhada das pistas nos trouxe até aqui. Na verdade, descobrimos que ela esteve neste palco no início da noite em que desapareceu."

"Barbara, sim. Trágico, não foi?" Teddy fez o seu melhor para assumir um ar de luto. "Não era grande coisa como stripper, mas era, certamente, uma ótima garota. Você descobriu alguma coisa?"

"Nós estávamos esperando que você pudesse ser capaz de nos ajudar, Mongabi."

Teddy passou a mão nervosamente pelo cabelo penteado para trás.

"Desculpe, inspetor. Ela não estava sob o meu comando. Fale com o Sammy. Ele vai chegar mais tarde."

Um par de seios enormes vestidos de cetim obscureceu a vista entre eles por um momento, depois que eles foram embora um cocktail colorido estava sobre a mesa ao lado de Harry.

"Você disse que veio aqui para duas coisas, inspetor. Qual é a segunda?"

"Ah, certo. A questão é puramente particular, Mongabi. Eu queria saber se você já tinha visto o meu amigo ali antes?" Harry apontou para o bar. Uma alta figura negra num paletó de smoking acenou para eles. Teddy balançou negativamente a cabeça.

"Você está absolutamente certo, Mongabi? Ele é bastante conhecido. Muito em breve ele vai ser um campeão de boxe australiano."

Houve uma pausa. Os olhos de Teddy Mongabi ficaram evasivos.

"O que é que você pretende . . .?"

"Peso-pesado, nem preciso dizer." Harry encontrou o canudo entre os guarda-chuvas e as fatias de limão no suco de frutas e chupou.

Teddy forçou um sorriso. "Ouça, inspetor, estou enganado ou estávamos apenas tendo uma conversa agradável?"

"Na verdade estávamos. Mas nem tudo na vida é acolhedor, é isso. O tempo confortável já era."

"Ouça, policial Holy, eu, assim como você, não acho que o que aconteceu recentemente foi agradável. Sinto muito sobre isso. Você também deve assumir a sua parte de culpa, entende. Quando você entrou e sentou-se aqui hoje à noite, eu pensei você tinha aceitado que tudo o que aconteceu fazia parte do passado, tinha ficado para trás. Acredito que podemos chegar a um acordo sobre uma série de coisas. Você e eu, falamos a mesma língua, inspetor."

Houve um segundo de silêncio, quando a música de discoteca de repente parou. Teddy hesitou. Houve um murmúrio alto quando o último gole do suco de fruta desapareceu pelo canudo.

Teddy engoliu em seco. "Por exemplo, eu sei que Melissa não tem planos especiais para o resto da noite." Ele enviou um olhar suplicante para Harry.

"Obrigado, Mongabi, eu aprecio a sugestão. Mas eu simplesmente não tenho tempo agora. Eu tenho que terminar este negócio primeiro, e então eu estou fora."

Ele puxou um cassetete de polícia preto de seu casaco.

"Estamos tão ocupados que nem sei se tenho tempo para matá-lo corretamente", disse Harry.

"O que diabos...?"

Harry levantou-se. "Espero que Geoff e Ivan estejam de plantão esta noite. Meu amigo está tão ansioso para conhecê-los, entende."

Teddy se esforçou para ficar de pé.

"Feche os olhos", Harry disse, e bateu.

Isca

"Anhnn?"

"Olá, é o Evans?"

"Talvez. Quem quer saber?"

"Olá, sou Birgitta. Amiga de Inger. Nos vimos no Albury um par de vezes. Eu tenho cabelo comprido, loiro, ligeiramente avermelhado. Você se lembra de mim?"

"É claro que eu me lembro de você. Como você está? Como você conseguiu meu número?"

"Eu estou bem. Prá cima e prá baixo. Você sabe. Um pouco deprimida por causa de Inger e tudo isso, mas não vou incomodá-lo com isso. Eu peguei o seu número com Inger, para o caso de ter que contatá-la quando ela estava em Nimbin."

"Entendo".

...

"Sim, a coisa é que eu sei que você tem algo que eu preciso, Evans."

"Ahn?"

"Bagulho".

"Eu entendo. Odeio desapontá-la, mas eu duvido que eu tenha o que você precisa. Ouça... ahn, Birgitta..."

"Você não entende, eu tenho que te conhecer!"

"Calma. Para o que você precisa, existem centenas de outros fornecedores, e esta não é uma linha segura, então eu sugiro que você não diga nada que não deva. Me desculpe, eu não posso te ajudar."

"O que eu preciso começa com 'm', e não 'h'. E você é a única pessoa que tem."

"Besteira."

"OK, talvez existam alguns outros, mas eu não confio em nenhum deles. Estou comprando para várias pessoas. Eu preciso de um monte e eu pago bem."

"Estou um pouco amarrado agora, Birgitta. Não ligue para aqui novamente, por favor."

"Espere! Eu posso... eu sei algumas coisas. Eu sei do que você gosta."

"Como?"

"O que você ... realmente gosta. O que te deixa ligado."

...

...

"Desculpe, eu tinha que atirar alguém para fora da sala. É um verdadeiro pé no saco. Sim. O que é que você acha que eu gosto, Birgitta?"

"Eu não posso dizer pelo telefone, mas ... mas eu tenho o cabelo loiro, e eu ... eu gosto, também."

"Meu Deus. Namoradas! Elas nunca deixam de me surpreender. Pensei que Inger tinha mantido a boca fechada sobre esse tipo de coisa."

"Quando eu posso te encontrar, Evans? Isso é urgente."

...

"Eu devo ir para Sydney depois de amanhã, mas talvez eu deva pensar num voo mais cedo...?"

"Sim!"

"Hmm."

"Quando podemos ...?"

"Shh, Birgitta, eu estou pensando."

...

"OK, ouça atentamente. Esteja na Darlinghurst Road amanhã à noite às oito. Pare perto do Hungry Jack's à esquerda. Procure um GM-Holden preto com vidro fumê. Se ele não estiver lá até oito e meia, você pode ir embora. E certifique-se de que eu possa ver o seu cabelo."

Dados

“A ÚLTIMA VEZ? Bem, Kristin ligou-me de repente uma noite. Ela estava um pouco bêbada, eu acho. Ela me encheu os ouvidos com alguma coisa, não me lembro do quê. Por ter destruído sua vida, provavelmente. Ela tinha uma tendência a pensar que as pessoas ao seu redor estavam sempre destruindo as coisas que ela tinha planejado tão cuidadosamente.”

"Isso é o que acontece com meninas que passaram muito tempo crescendo sozinhas e brincando com bonecas, sabia?"

"Talvez. Mas, como eu disse, eu não me lembro. Eu quase nunca estava sóbrio.”

Harry apoiou-se com os cotovelos na areia e esquadrinhou o mar. As ondas cresciam, as cristas ficavam salpicadas de branco e a espuma pairava no ar por um segundo antes de cair, brilhando ao sol como vidro moído, e colidiam contra os rochedos além de Bondi Beach.

"Mas eu a vi mais uma vez. Ela me visitou no hospital após o acidente. Inicialmente, quando eu abri meus olhos, eu pensei que estava sonhando. Ela estava ao lado da minha cama, pálida, quase transparente. Ela estava tão bonita quanto na primeira vez que a vi.”

Birgitta beliscou lhe no lado.

“Eu estou sendo muito babaca?”

"Não, apenas vá em frente." Ela estava deitada de bruços e rindo.

"O que é isso? Supostamente você deveria ficar um pouco ciumenta quando eu estiver falando sobre uma antiga paixão. Mas quanto mais eu entro em detalhes sobre o meu passado romântico mais você parece gostar dele.”

Birgitta olhou para ele por cima dos seus óculos de sol.

“Eu gosto de descobrir que meu policial macho teve uma vida emocional. Apesar de ter sido há algum tempo atrás.”

"Algum tempo atrás? O que você chama isto, então?"

Ela riu. “Este é mais maduro, cuidadosamente considerado como um romance de férias que não se tornará muito intenso, mas tem sexo o suficiente para que valha a pena o esforço.”

Harry balançou a cabeça. "Isso não é verdade, Birgitta, e você sabe disso."

"Sim, é, mas está tudo bem, Harry. Está tudo bem por enquanto. Continue a história. Se os detalhes tornarem-se muito íntimos, eu vou te dizer. De qualquer forma, eu vou dar o troco quando eu contar sobre o meu ex-namorado." Ela se contorceu na areia quente, com uma expressão satisfeita. "Ex-namorados, eu quero dizer."

Harry limpou a areia das costas brancas dela.

"Você tem certeza que não vai ficar queimada? Com este sol e sua pele . . ."

"Você é o único que se besuntou de protetor solar, herr Hole!"

"Eu só estava me perguntando se era um fator alto o suficiente. OK, esqueça. Eu só não quero que você se queime."

Harry olhou para sua pele sensível à luz. Quando ele pediu um favor ela disse que sim imediatamente - sem qualquer hesitação.

"Relaxe, papai, e conte a história."

O ventilador não estava funcionando.

"Merda, esse porra ainda está nova!", disse Watkins, batendo no ventilador enquanto acionava a chave liga/desliga. Em vão. Não passava de um pedaço de alumínio silencioso e energia elétrica morta.

McCormack rosnou.

"Esqueça isso, Larry. Peça a Laura para requisitar um novo. Hoje é o Dia-D e temos coisas mais importantes em nossas mentes. Larry?"

Watkins, irritado, mudou o ventilador para longe.

"Tudo está pronto, senhor. Nós vamos ter três carros na área. A senhorita Enquist será equipada com um transmissor de rádio, para que possamos rastrear onde ela estará em qualquer dado momento, bem como com um microfone, para que possamos ouvir e avaliar a situação. O plano é que ela irá leva-lo para seu apartamento, onde Holy, Lebie e eu estaremos posicionados no armário do quarto, na varanda e no corredor respectivamente. Se acontecer alguma coisa no carro, ou eles se dirigirem para outro lugar, os três carros os seguirão."

"Estratégia?"

Yong endireitou os óculos. "Seu trabalho é fazer com que ele diga alguma coisa sobre os assassinatos, senhor. Ela vai colocá-lo sobre pressão, dizendo que irá até a polícia para contar o que Inger Holter disse a ela sobre

seus hábitos sexuais. Se ele se sentir seguro de que ela não poderá escapar, ele talvez abra o jogo."

"Por quanto tempo podemos esperar antes de entrar em ação?"

"Até que tenhamos provas substanciais na fita. Em um cenário de pior caso, até que ele coloque suas mãos sobre ela."

"Risco?"

"Isto tem seu risco, é claro, mas estrangular alguém não é um processo rápido. Estaremos a apenas alguns segundos de distância em qualquer fase."

"E se ele estiver com uma arma?"

Yong deu de ombros. "Pelo que sabemos, este seria um comportamento atípico, senhor."

McCormack tinha se levantado e começou a andar para lá e para cá na pequena sala. Ele fez Harry se lembrar de um leopardo velho e gordo que tinha visto no zoológico, quando ele era jovem. A jaula era tão pequena que a parte da frente do corpo começava a virar antes do traseiro ter terminado a volta anterior. Para frente e para trás. Para frente e para trás.

"E se ele quiser sexo antes de qualquer coisa ser dita ou qualquer outra coisa aconteça?"

"Ela vai recusar. Dizer que mudou de ideia, que ela só disse aquilo para convencê-lo a levar-lhe um pouco de morfina."

"E então nós vamos deixá-lo seguir o seu caminho?"

"Nós não faremos qualquer *splash* antes de sabermos que podemos pegá-lo, senhor."

McCormack chupou seu lábio superior sob o lábio inferior. "Por que ela está fazendo isso?"

Silêncio.

"Porque ela não gosta de estupradores e assassinos", Harry disse depois de uma longa pausa.

"Além disso."

Houve um silêncio maior ainda.

"Porque eu pedi para ela", disse Harry em complemento.

"Posso incomodá-lo, Yong?"

Yong Sue levantou os olhos do computador com um sorriso. "Claro, cara."

Harry caiu em uma cadeira. O inspetor, muito atarefado, continuou digitando, mantendo um olho na tela e o outro nele.

“Seria legal se isso ficasse entre nós, Yong, mas eu perdi a minha crença.”

Yong parou de digitar.

“Acho que o Evans White é um tiro na água,” Harry continuou.

Yong parecia desnordeado. “Por quê?”

“É um pouco difícil de explicar, mas há algumas coisas que não sei da minha mente. Andrew estava tentando me dizer alguma coisa no hospital. E antes, também.”

Harry calou-se. Yong fez-lhe sinal para ir adiante.

“Ele estava tentando me dizer que a solução estava mais perto de casa do que eu pensava. Eu acredito que o culpado é alguém que Andrew, por alguma razão, não podia prender. Ele precisava de alguém de fora. Tal como eu - um norueguês que cai do céu e tem que pegar o próximo voo de volta. Calculei que era assim quando pensei que Otto Rechnagel era o assassino, isso porque eles eram amigos próximos, Andrew queria alguém para pará-lo. Havia algo que me incomodava, porém, lá no fundo. Agora eu percebo que ele não era a pessoa que Andrew queria que eu prendesse, era outra pessoa.”

Yong pigarreou. “Eu não mencionei isso antes, Harry, mas fiquei surpreso quando Andrew veio com essa testemunha que tinha visto Evans White em Nimbin no mesmo dia em que Holter foi assassinada. Agora, em retrospecto, me ocorre que Andrew poderia ter tido outro motivo para afastar o foco de Evans White: o cara tinha um poder sobre ele. Evans White sabia que Andrew usava heroína e poderia tê-lo expulso do Departamento de Polícia e coloca-lo na prisão. Eu não gosto da ideia, mas você já considerou a possibilidade de que Andrew e White podem ter feito um acordo? Que Andrew se esforçaria para que deixássemos White em paz?”

“Isso está começando a ficar complicado, Yong, mas . . . bem, sim, eu considerarei essa possibilidade. E rejeitei. Não se esqueça que foi Andrew que nos permitiu identificar e encontrar Evans White através daquela foto.”

“Hmm.” Yong arranhou a parte de trás da cabeça com um lápis. “Conseguiríamos sem ele, mas teria levado mais tempo. Você sabe quais as probabilidades do parceiro de uma vítima de assassinato ser o culpado em qualquer caso? Cinquenta e oito por cento. Andrew sabia que iríamos investir esforços substanciais para encontrar o amante secreto de Inger Holter depois de você ter traduzido a carta. Então, se ele realmente queria proteger White e mantê-lo escondido, ao mesmo tempo, ele tinha meios para fazê-lo. Para manter as aparências. Você ficou impressionado, por exemplo, quando ele reconheceu imediatamente algumas paredes em um

lugar que ele tinha estado apenas uma vez, drogado e a uma centena de anos atrás, não é."

"Você pode estar certo, Yong, eu não sei. De qualquer forma, eu acho que não adianta semear mais dúvidas, agora que nossos camaradas sabem o que fazer. Agora que o cerco está se fechando, talvez Evans White seja o nosso homem, afinal. Mas se eu realmente acreditasse que fosse ele, eu nunca teria pedido para Birgitta participar deste processo."

"Então, quem você acha que é o nosso homem?"

"Quem é que eu acho que é *desta* vez, você quer dizer?"

Yong sorriu. "Algo assim."

Harry esfregou o queixo. "Eu já toquei o sino de alarme duas vezes, Yong. Não foi na terceira vez que o menino gritou "lobo" que o povo da aldeia parou de reagir? É por isso que eu tenho que estar cem por cento certo desta vez."

"Por que você veio até a mim com isso, Harry? Por que não foi até um dos chefes?"

"Porque você pode fazer algumas coisas para mim, fazer perguntas discretas e encontrar alguns dados que eu preciso, sem mais ninguém no prédio sabendo do seu trabalho."

"Ninguém mais deve saber?"

"Eu sei que soa desonesto. E eu sei que você tem mais a perder do que a maioria, mas você é a única pessoa que pode me ajudar, Yong. O que você me diz?"

Yong olhou para Harry longamente.

"Isso vai ajudar a encontrar o assassino, Harry?"

"Eu espero que sim."

O Plano

"BRAVO, venha."

O rádio estalou.

"O rádio funciona como deveria", disse Lebie. "Como está indo aí?"

"Tudo bem," Harry respondeu.

Ele estava sentado na cama arrumada estudando uma fotografia de Birgitta na mesa de cabeceira. Era uma foto de crisma. Parecia jovem, séria e estranha, com cachos no cabelo e sem sardas, porque a foto foi superexposta. Ela não parecia bem. Birgitta tinha dito que mantinha a foto lá para servir de incentivo em dias ruins, como prova de que ela tinha progredido, apesar de tudo.

"Como está o cronograma?" Lebie chamou.

"Ela termina o trabalho em quinze minutos. Eles estão no Albury fixando o microfone e o transmissor agora."

"Eles vão leva-la até a Darlington Road?"

"Não. Nós não sabemos onde o White vai estar na área. Ele pode vê-la descendo de um carro e ficar desconfiado. Ela vai a pé do Albury."

Watkins veio pelo corredor.

"Parece ótimo. Eu posso ficar no canto atrás da porta de entrada, sem eles me verem e segui-los. Nós vamos ter contato visual com ela pelo caminho todo, Holy. Onde está você, Holy?"

"Aqui, senhor. Eu ouvi. É bom ouvir isso, senhor."

"Rádio, Lebie?"

"Eu entrei em contato, senhor. Todo mundo está em posição. Apenas esperando."

Harry havia repassado a ideia mais de uma vez. De todos os lados. Argumentou consigo, tentou todos os ângulos e no final decidiu que não se importava se ela poderia interpretá-lo como um clichê terrível, uma forma infantil de expressão ou o caminho mais fácil. Ele desembulhou a rosa selvagem que tinha comprado e colocou-a no copo de água ao lado da foto na mesa de cabeceira.

Ele hesitou. Iria distraí-la? Talvez Evans White fosse começar a fazer perguntas se ele visse uma rosa ao lado de sua cama? Ele correu um dedo sobre um dos espinhos. Não. Birgitta gostaria de receber o incentivo; a visão da rosa a faria se sentir mais forte.

Olhou para o relógio. Eram oito horas.

“Ei, vamos acabar logo com isso!”, ele gritou para a sala de estar.

Uma Caminhada Pelo Parque

Alguma coisa estava errada. Harry não podia ouvir o que eles estavam dizendo, mas ele podia ouvir o crepitar do rádio vindo da sala de estar. E crepitava muito. Todo mundo sabia exatamente o que tinha que fazer com antecedência, por isso, se tudo estava correndo conforme o planejado, não devia ser necessário falar tanto no rádio.

"Merda, merda, merda," disse Watkins. Lebie retirou os fones de ouvido e se virou para Harry.

"Ela não apareceu", disse ele.

"O quê?"

"Ela deixou o Albury, exatamente às oito e quinze. Não demora mais de dez minutos a pé de lá até King's Cross. Isso foi a vinte e cinco minutos atrás."

"Eu pensei que você disse que ela estaria sob vigilância o tempo todo!"

"Desde o ponto de encontro, sim. Por que alguém...?"

"E o microfone? Ele estava ligado quando ela saiu, não estava?"

"Eles perderam contato. Estavam ouvindo e, em de repente, não havia mais nada. Nem um pio."

"Já temos um mapa? Qual a rota que ela fez?" Ele falou suavemente e rapidamente. Lebie pegou o guia de ruas de sua bolsa e deu a Harry, que encontrou a página que mostrava Paddington e King's Cross.

"Qual o caminho que ela fez?" Lebie pediu no rádio.

"O mais simples. Pela Victoria Street."

"Aqui está", disse Harry. "Dobrando a esquina da Oxford Street e pegando a Victoria Street, passando pelo Hospital São Vicente, pelo Green Park do lado esquerdo, o cruzamento, onde a Darlington Road começa e duzentos metros até onde está o Hungry Jack's. Não poderia ser mais simples porra!"

Watkins ligou o microfone do rádio. "Smith, envie dois carros até a Victoria Street para encontrar a menina. Peça ao pessoal que ficou no Albury para dar uma mão. Um carro fica em frente ao Hungry Jack's, caso ela apareça. Sejam rápidos e não façam nenhum barulho. Ligue de volta assim que você descobrir alguma coisa." Ele desligou o microfone. "Merda, merda,

merda! Que diabos está acontecendo? Ela foi atropelada? Roubada? Estuprada? Merda, merda, merda!"

Lebie e Harry trocaram olhares.

"Poderia White, eventualmente, estar na Victoria Street, viu-a e pegou-a lá?" Lebie sugeriu. "Ele a viu antes, afinal de contas, no Albury, e pode ter reconhecido ela."

"O transmissor de rádio", disse Harry. "Ele ainda deve estar funcionando!"

"Bravo, bravo! Watkins aqui. Você está recebendo todos os sinais do transmissor dela? . . . Sim? . . . Direção do Albury? Então, ela não está longe. Rápido, rápido, rápido! Ótimo! Cambio!"

Os três homens estavam sentados em silêncio. Lebie olhou para Harry.

"Pergunte se eles viram o carro de White", disse Harry.

"Bravo, Lebie falando. E sobre o GM- Holden preto? Alguém já o viu?"

"Negativo."

Watkins deu um pulo e começou a andar pela sala, enquanto xingava baixinho. Harry ficou agachado desde que entrara na sala de estar e só percebeu agora que os músculos da coxa tremiam.

O rádio estalou.

"Charlie, este é Bravo. Entre."

Lebie apertou o botão. "Charlie aqui, Bravo. Fale."

"Stolz falando. Nós encontramos a bolsa com o transmissor e o microfone em Green Park. A menina desapareceu no ar."

"Na bolsa?", disse Harry. "Não era para estarem presos no seu corpo?"

Watkins se contorceu. "Provavelmente eu me esqueci de dizer, mas nós discutimos o que aconteceria se ele tentasse se abraçar com ela . . . ahn, abraça-la e . . . bem, você sabe. Fez um movimento. A senhorita Enquist concordou que seria mais seguro colocar o equipamento na bolsa."

Harry já estava vestindo seu casaco.

"Para onde você está indo?" perguntou Lebie.

"Ele estava esperando por ela", disse Harry. "Talvez ele a tenha seguido desde o Albury. Ela nem sequer teve a chance de gritar. Meu palpite é que ele usou um pano com éter. O mesmo que fizeram com Otto Rechnagel."

"Na rua?", disse Lebie com um tom cético.

"Não. No parque. Eu estou indo para lá. Conheço alguém que sempre está lá."

Joseph piscava continuamente. Ele estava incrivelmente bêbado.

"Eu acho que eles ficaram lá se beijando, Harry."

"É a quarta vez que você diz isso, agora, Joseph. Como era a aparência dele? Para onde eles estavam indo? Será que ele tinha um carro?"

"Mikke e eu, nós comentamos, quando ele a carregou, que ela estava ainda mais bêbada do que nós. Acho que o Mikke ficou com inveja. Hee Hee. Diga Olá para Mikke. Ele é da Finlândia."

Mikke estava deitado no outro banco e estava completamente fora do ar.

"Olhe para mim, Joseph. Olhe para mim! Eu tenho que encontrá-la. Você entendeu? O cara é provavelmente um assassino."

"Eu estou tentando, Harry. Estou realmente tentando. Merda, eu gostaria de poder ajudá-lo."

Joseph fechou os olhos e gemeu quando bateu na testa com o punho.

"A iluminação aqui é uma merda eu não vi muito. Eu acho que ele era muito grande."

"Gordo? Alto? Louro? Escuro? Mancava? Óculos? Barba? Chapéu?"

Joseph revirou os olhos em resposta. "Não tenho uma imagem, companheiro. Deixe-me pensar melhor, entende."

Nem todos os cigarros do mundo poderiam afastar a névoa alcoólica do cérebro de Joseph. Harry deu-lhe o resto do pacote e disse-lhe para pedir para Mikke tentar se lembrar de alguma coisa quando ele acordasse. Mas ele achava que não haveria muito.

Quando Harry retornou ao apartamento de Birgitta eram duas da manhã. Lebie estava sentado ao lado do rádio e observou Harry com os olhos simpáticos.

"Deu um nó, ferrou tudo? Nada bom, não é?"

Ferrou? Harry estava desnorteado, mas ele balançou a cabeça em concordância.

"Nada bom", disse ele, jogando-se numa cadeira.

"Como estava o estado de espírito na delegacia?" perguntou Lebie.

Harry se apalçou procurando o maço de cigarros antes de se lembrar de que havia dado para Joseph.

"Um retrato do caos. Watkins está perto de sair dos trilhos, e os carros estão correndo por toda Sydney como galinhas sem cabeça, com suas sirenes no modo *perseguição total*. A única coisa que eles sabem sobre White é que ele deixou seu apartamento em Nimbin hoje cedo e pegou o voo de quatro horas para Sydney. Desde então, ninguém o viu."

Ele filou um cigarro de Lebie e fumaram em silêncio.

"Vá para casa e durma algumas horas, Sergey. Eu vou ficar aqui hoje à noite caso Birgitta volte para cá. Deixe o rádio ligado, para que eu possa ficar informado."

"Eu posso dormir aqui, Harry."

Harry balançou a cabeça. "Vá para sua casa. Vou telefonar-lhe se houver alguma novidade."

Lebie colocou um boné do Sydney Bears no seu crânio polido. Ele demorou perto da porta.

"Nós vamos encontrá-la, Harry. Eu posso sentir isso nos meus ossos. Então aguente firme, companheiro."

Harry olhou para Lebie. Era difícil dizer se Lebie acreditava no que dizia.

Assim que ele ficou sozinho, ele abriu a janela e olhou através dos telhados. Tinha ficado mais frio, mas o ar ainda era suave e misturado com o cheiro da cidade, das pessoas e dos alimentos de todos os cantos da terra. Era uma das mais belas noites de verão do planeta, em uma das cidades mais bonitas do planeta. Ele olhou para o céu estrelado. Uma infinidade de pequenas luzes piscando que pareciam pulsar com vida se ele olhasse por tempo suficiente. Toda esta beleza sem sentido.

Ele testou suas emoções. Ele não podia se dar ao luxo de ceder a elas. Ainda não, não agora. Em primeiro lugar, as boas imagens. O rosto de Birgitta entre suas mãos, as linhas de riso nos olhos. As imagens ruins. Estas eram as que ele tinha que manter a distância de um braço, mas ele as entrevia, como se para formar uma impressão do poder que tinham.

Ele sentiu como se estivesse sentado em um submarino no fundo de um oceano muito profundo. O mar estava pressionando; em torno dele os rangidos e estrondos já tinham começado. Ele só podia esperar que o casco conseguisse suportar a pressão, que a formação de uma vida em autodisciplina iria finalmente revelar o seu valor. Harry pensou nas almas que se tornaram estrelas quando suas conchas terrestres morreram. Ele conseguiu se conter para não procurar por uma estrela em particular.

O "Fator Galo"

Após o acidente Harry perguntou-se repetidamente se ele teria alterado o destino se ele tivesse sido capaz. Então teria sido ele a pessoa que tinha dobrado o poste em Sørkedalsveien, que tinha tido um funeral com honras de polícia, cerimonial completo e pais de luto, que tinha uma fotografia num corredor na Delegacia Grønland e que com o tempo tornar-se-ia uma memória pálida, mas querido por colegas e parentes. Não era uma alternativa tentadora comparada à mentira com que ele tinha que conviver, que em muitos aspectos era ainda mais humilhante do que aceitar a culpa e a vergonha?

Mas Harry sabia que ele não teria trocado o seu destino. Ele estava feliz por estar vivo.

Toda manhã, ele acordava no hospital, sua mente tonta de pílulas e vazia de pensamentos, era uma sensação de que algo tinha dado errado. Como regra demorava um par de segundos sonolentos antes que sua memória reagisse, dizia-lhe o que e onde ele estava e reconstruía a situação para ele com horror implacável. Seu próximo pensamento era que ele estava vivo. Que ele ainda estava em curso, ele ainda não tinha terminado.

Após a alta, ele passou por uma sessão com um psiquiatra.

"Na verdade, você está um pouco atrasado", disse o psiquiatra. "Seu subconsciente provavelmente já escolheu como quer lidar com o que aconteceu, por isso vai ser difícil influenciar a sua primeira decisão. Ele pode, por exemplo, ter optado por reprimir os eventos. Mas ainda assim, podemos tentar fazê-lo mudar de ideia."

O que Harry sabia era que seu subconsciente lhe dizia que era uma boa coisa estar vivo, e ele não estava disposto a assumir o risco de que a porra de um psiquiatra pudesse fazê-lo mudar de ideia, de modo que foi a primeira e última vez que ele foi até um psiquiatra.

Nos dias que se seguiram, ele também aprendeu sozinho que era uma má estratégia lutar contra tudo o que sentia ao mesmo tempo. Em primeiro lugar, ele não tinha certeza do que ele sentia - pelo menos ele não tinha toda a imagem, de modo que era como desafiar um monstro que ele ainda não tinha visto. Em segundo lugar, as suas chances de ganhar eram melhores se

ele dividisse a guerra em pequenas escaramuças de onde ele pudesse obter alguma perspectiva do inimigo, encontrar seus pontos fracos e ao longo do tempo derrota-lo. Era como colocar papel em uma máquina trituradora. Se você inseria muito de uma vez, a máquina entrava em pane, tossia e morria com um baque. E, então, você tinha que começar de novo.

Um amigo de um colega, com quem Harry se encontrou num jantar de noivado, era um psicólogo. Ele tinha encarado Harry com um olhar de estranheza quando Harry elucidou seu método para combater emoções.

“Guerra?” ele disse. “máquina trituradora?” Ele parecia estar genuinamente preocupado.

Harry abriu os olhos. A primeira luz da manhã estava vazando através das cortinas. Ele olhou para o relógio. Seis horas. O rádio estalou.

“Aqui é Delta. Charlie, você está aí?”

Harry levantou-se do sofá e pegou o microfone.

“Delta, aqui é Holy. O que foi?”

“Nós encontramos Evans White. Recebemos uma denúncia anônima de uma mulher que tinha visto ele em King’s Cross, por isso, enviamos três carros de patrulha e o pegamos. Ele está sendo interrogado agora.”

“O que ele disse?”

“Ele negou tudo, até que tocamos a fita de sua conversa com a senhorita Enquist. Ele nos disse que passou em frente do Hungry Jack’s três vezes depois das oito horas, em um Honda branco. Mas ele desistiu quando não a viu e voltou para um apartamento que está alugando. Mais tarde, ele foi a uma boate, onde o encontramos. Só mais uma coisa, a informante perguntou por você.”

“Eu imaginei. Seu nome é Sandra. Você já revistou o apartamento dele?”

“Sim. Nada. Zero. E Smith diz que viu um Honda branco passar por ele três vezes em frente ao Hungry Jack’s.”

“Por que ele não dirigia o Holden preto como combinado?”

“White diz que mentiu sobre o carro para Miss Enquist no caso de alguém estar tentando colocá-lo numa arapuca, para que ele pudesse circular e verificar se o caminho estava livre.”

“Tudo bem. Eu já estou indo, agora mesmo. Ligue para os outros e acorde-os, certo?”

“Eles foram para casa há apenas duas horas, Holy. Passaram a noite toda acordados e Watkins disse . . .”

“Eu não dou a mínima para o que disse Watkins. Ligue para eles.”

Eles tinham colocado de volta o velho ventilador. Era difícil dizer se ele tinha se beneficiado de seu descanso; de qualquer forma ele rangeu em protesto por ter sua aposentadoria cancelada.

A reunião acabara, mas Harry ainda estava sentado na sala de reuniões. Sua camisa tinha grandes manchas molhadas sob seus braços, e ele tinha colocado um telefone em cima da mesa na frente dele. Ele fechou os olhos e murmurou algo para si mesmo. Então ele levantou o fone e discou o número.

"Alo?"

"Harry Holy."

"Harry! É um prazer ouvir você, acordou cedo. Um bom hábito. Eu estive esperando pela sua ligação. Você está sozinho?"

"Estou sozinho."

Houve respiração pesada nas duas extremidades da linha.

"Você já sabe que sou eu, não é, companheiro?"

"Eu desconfio há algum tempo, sim."

"Você fez um bom trabalho, Harry. E agora você está ligando, porque eu tenho algo que você quer, certo?"

"Isso é correto." Harry limpou o suor.

"Você entende que eu tinha que levá-la, Harry?"

"Não. Não, eu não entendo."

"Vamos, Harry, você não é estúpido. Quando eu ouvi que alguém estava *fuçando* eu sabia, é claro, que só podia ser você. Eu espero, para o seu bem, que você tenha sido esperto o suficiente para manter sua boca fechada sobre isto. Você ficou calado, Harry?"

"Eu mantive minha boca fechada."

"Então ainda há uma chance de você rever a sua amiga de cabelos vermelhos novamente."

"Como você fez isso? Como você a pegou?"

"Eu sabia a hora dela sair do trabalho, então eu a esperei do lado de fora do Albury, no carro, e fui atrás dela. Quando ela entrou no parque eu pensei que alguém deveria dizer a ela que não era aconselhável ir lá à noite. Então eu pulei para fora do carro e corri atrás dela. Eu deixei-a dar uma fungada num pano que eu tinha comigo, e depois eu tive que ajudá-la a entrar no carro."

Harry percebeu que ele não tinha encontrado o transmissor na bolsa.

"O que você quer que eu faça?"

“Você parece nervoso, Harry. Relaxe. Não tenho a intenção de pedir muito. Seu trabalho é pegar os assassinos, e isso é o que eu estou pedindo que você faça. Para continuar a fazer o seu trabalho. Você vê, Birgitta me disse que o principal suspeito era um traficante de drogas, um tal Sr. Evans White. Inocente ou não, todos os anos, ele e outros como ele matam muito mais do que eu já matei. E isso não é um número tão pequeno. Ha ha. Eu não acho necessário entrar em detalhes. Tudo que eu quero é que você garanta que Evans White seja condenado por seus crimes. Mais alguns dos meus. A evidência conclusiva poderia ser vestígios de sangue e pele pertencente a Inger Holter no apartamento de White? Como você conhece o patologista, ele poderia fornecer-lhe algumas amostras das provas necessárias e você poderia plantá-la na cena do crime, não poderia? Ha ha. Estou brincando, Harry. Talvez eu pudesse ter algumas para você? Talvez eu tenha vestígios de sangue e pele das várias vítimas, e o cabelo incomum, guardados perfeitamente ordenados em sacos plásticos em algum lugar. Apenas para o caso de necessidade. Afinal, você nunca sabe quando você pode precisar delas para desviar as pessoas do caminho errado. Ha ha.”

Harry apertou o telefone úmido. Ele estava tentando pensar. O homem obviamente não sabia que a polícia estava ciente do sequestro de Birgitta e tinha imaginado o seu enredo do possível assassino. Isso só poderia significar que Birgitta não disse a ele que ia se encontrar com White, vigiada pela polícia. Ele havia sequestrado Birgitta sob os narizes de uma dúzia de policiais, mesmo sem perceber.

A voz o trouxe de volta de seus pensamentos.

"Uma possibilidade atraente, Harry, não é? O assassino ajuda você a colocar mais um inimigo da sociedade na cadeia. Bem, vamos manter contato. Você tem . . . 48 horas para juntar as provas e fazer as acusações. Eu estarei esperando para ouvir as boas novas nos noticiários da TV na sexta-feira à noite. Nesse meio tempo, eu prometo tratar a ruiva com todo o respeito que você pode esperar de um cavalheiro. Se eu não ouvir qualquer coisa eu receio que ela não vá sobreviver até o sábado. Mas posso prometer que ela terá uma noite de sexta-feira infernal."

Harry desligou. O ventilador estava gemendo e gritando loucamente. Ele examinou suas mãos. Elas tremiam.

“O que você acha, senhor?” perguntou Harry.

As costas largas e imóveis que estiveram de frente para o quadro o tempo todo, se agitaram.

"Acho que devemos prender o bastardo", disse McCormack. "Antes de chamar os outros de volta, me diga exatamente como você sabia que era ele."

"Para ser honesto, senhor, eu não sei ao certo. Foi apenas uma das muitas teorias que me ocorreram e aquela que no começo eu realmente não tinha muita fé. Depois do funeral, eu peguei uma carona com Jim Connolly, um velho colega de boxe de Andrew. Com ele estava sua esposa, que, segundo ele, era uma contorcionista de circo quando a conheceu. Ele disse que havia paquerado ela todos os dias durante um ano antes de conseguir ser bem sucedido. No começo eu entendi que era apenas um modo de falar, então eu percebi que talvez ele queria dizer isso mesmo literalmente - que, em outras palavras, os dois tiveram a oportunidade de se ver uns aos outros todos os dias durante um ano inteiro. Pareceu-me que a equipe de Jim Chivers estava instalada em uma grande tenda, quando Andrew e eu os vimos em Lithgow, e que havia uma feira por lá também. Então eu pedi para Yong ligar para o agente de reservas da equipe Jim Chivers e verificar. E eu estava certo. Quando a equipe Jim Chivers sai em turnê é quase sempre como parte de um circo itinerante ou feira. Yong pediu que os velhos roteiros fossem enviados por fax esta manhã, e verificamos que a feira e a equipe Chivers Jim viajaram com uma trupe de circo nos últimos anos, até um tempo atrás. A trupe de Otto Rechnagel."

"Certo. Assim, os pugilistas da Jim Chivers estavam nas cenas de crime nas datas relevantes, bem. Mas muitos deles conheciam Andrew"

"Andrew apresentou-me a apenas um deles, e eu deveria ter percebido que não era para olhar para um caso de estupro inconclusivo que ele me arrastou para Lithgow. Ele era como um filho para Andrew. Eles tinham experimentado tantas coisas semelhantes e havia laços tão fortes entre eles que ele pode ter sido a única pessoa na Terra que o órfão Andrew Kensington sentia ser sua família real. Mesmo que ele nunca admitisse que tinha fortes sentimentos por seu próprio povo, acho que Andrew amava Toowoomba mais do que ninguém, precisamente porque eram do mesmo povo. Foi por isso que Andrew não poderia prendê-lo. Seus conceitos morais inatos entraram em confronto com a sua lealdade para com o seu povo e seu amor por Toowoomba. É difícil imaginar o quanto brutal esse conflito deve ter sido para ele. Foi por isso que ele precisava de mim, um estranho que ele pudesse dirigir em direção ao alvo."

"Toowoomba?"

“Toowoomba. Andrew tinha descoberto que ele estava por trás de todos os assassinatos. Talvez, desesperado, o amante rejeitado, Otto Rechnagel, contou para Andrew depois que Toowoomba o deixou. Talvez Andrew fez Otto prometer que nunca iria até a polícia prometendo que iria resolver o caso sem envolver qualquer um deles. Mas eu acho que Otto estava perto de derramar o leite. Com uma boa razão - ele havia começado a ter medo por sua própria vida quando percebeu que Toowoomba dificilmente iria querer um ex-amante inconstante que poderia denunciá-lo. Toowoomba sabia que Otto tinha me conhecido e não demoraria muito para que o jogo ficasse arriscado. Assim, ele planejou assassinar Otto durante o show. Como já haviam viajado juntos com um show quase idêntico antes, Toowoomba sabia exatamente quando atacar.”

“Por que não fazê-lo no apartamento de Otto? afinal, ele tinha as chaves.”

“Eu me perguntei isso também.” Harry fez uma pausa.

McCormack acenou com a mão. "Harry, o que você disse já é muito para um velho policial absorver, portanto novas teorias não vão fazer muita diferença de uma forma ou de outra."

"O 'fator galo'."

"O 'fator galo'?"

“Toowoomba não é apenas um psicopata, ele também é um galo. E você não pode subestimar a vaidade de um galo. Enquanto seus assassinatos sexualmente motivados seguem um padrão semelhante a atos compulsivos, o assassinato do palhaço é algo bem diferente, é um assassinato racionalmente necessário, percebe? Com aquele assassinato de repente ele teve uma rara oportunidade, ele estava inibido pelas psicoses que definiram o ritmo dos outros assassinatos. Aquela foi a chance de fazer algo realmente espetacular, para coroar o trabalho de sua vida. O Palhaço Assassinado será lembrado por muito mais tempo depois que as meninas que ele matou forem esquecidas.”

“Tudo bem. E Andrew fugiu do hospital para atrapalhar a polícia quando percebeu que nós estávamos indo prender Otto?”

"Meu palpite é que ele foi direto para o apartamento de Otto para conversar com ele, para insistir com ele sobre o quanto era importante que ele mantivesse sua boca fechada sobre Toowoomba por enquanto. Para acalmá-lo, dizendo que Toowoomba seria preso como Andrew tinha planejado, se ele pudesse aguentar por mais algum tempo. Se *eu* pudesse ter mais tempo. Mas algo deu errado. Eu não tenho nenhuma ideia do que

aconteceu. Mas estou convencido de que foi Toowoomba quem deu o adeus para Andrew Kensington no final."

"Por quê?"

"Intuição. O bom senso. Mais um pequeno detalhe."

"Qual?"

"Quando visitei Andrew no hospital ele me disse que Toowoomba ia visita-lo no dia seguinte."

"E?"

"No Hospital St Etienne todos os visitantes têm de se registrar na recepção. Pedi para Yong checar com o hospital e ver se alguma visita ou telefonema para Andrew haviam sido registrados depois que estive lá".

"Eu não consigo acompanhar o raciocínio, Harry."

"Se alguma coisa tivesse acontecido, temos que assumir que Toowoomba teria telefonado para Andrew dizendo que ele não poderia ir visita-lo. Como ele não fez isso teria sido impossível para ele saber que Andrew não estava mais no hospital até que ele estivesse em pé na recepção. Depois de assinar o livro de visitas. A menos..."

"A menos que ele o tivesse matado na noite anterior."

Harry abriu as palmas das mãos. "Você não visita alguém que você sabe que não está lá, senhor."

Aquele ia ser um longo dia. Merda, já está sendo um longo dia, Harry pensou. Eles estavam sentados na sala de reuniões com mangas arregaçadas tentando ser gênios.

"Então você ligou para o telefone celular", disse Watkins. "E você não acha que ele está em casa?"

Harry balançou a cabeça. "Ele é cauteloso. Ele está mantendo Birgitta em outro lugar."

"Talvez possamos encontrar alguém na casa que poderia ter uma pista a respeito de onde ele está com ela." Lebie sugeriu.

"Não!" Harry gritou. "Se ele descobre que estivemos em seu apartamento ele saberá que eu falei e Birgitta vai pagar a conta."

"Bem, ele vai ter que ir para casa em algum momento e poderíamos estar lá para pega-lo", disse Lebie.

"E se ele pensou nisso e pode matar Birgitta sem estar fisicamente presente?" Harry respondeu. "E se ela está amarrada em algum lugar e Toowoomba não vai nos dizer onde?" Ele olhou ao redor. "E se ela está

sentada sobre uma bomba-relógio que deve ser desligada dentro de um determinado tempo?"

"Parem aí!" Watkins deu um tapa na mesa. "Isto não é um desenho animado. Pelo amor de Deus, por que o cara tem que ser um especialista em explosivos, só porque ele matou algumas meninas? Hora de seguir em frente e não podemos ficar sentados em nossas bundas esperando ainda mais. Eu acho que seria uma boa ideia dar uma olhada no apartamento de Toowoomba. E nós vamos nos assegurar de que criaremos uma armadilha que irá acabar com ele, se ele se aproximar de seu apartamento, confie em mim!"

"O cara não é estúpido!", disse Harry. "Estamos colocando a vida de Birgitta em risco por tentar um golpe como esse. Você não vê?"

Watkins balançou a cabeça. "Desculpe dizer isso, Holy, mas o seu relacionamento com a menina sequestrada está afetando a sua capacidade de tomar decisões racionais no momento. Nós vamos fazer o que eu digo."

Um Kookaburra

O sol da tarde brilhava através das árvores na Victoria Street. Um passarinho kookaburra (*) estava em pé na parte de trás do segundo banco vazio testando a sua voz para o show da noite.

"Eu suponho que você acha estranho que as pessoas podem andar por aí sorrindo num dia como hoje", disse Joseph. "Eu suponho que você toma como uma afronta pessoal o sol estar brilhando através das folhas num momento em que você preferiria ver o colapso mundial, miséria e lágrimas. Bem, Harry, meu amigo, o que posso dizer a você? As coisas não são assim."

Harry olhou para o sol. "Talvez ela esteja com fome, talvez ela esteja com dor. Mas o pior é saber o quanto ela deve estar aterrorizada."

"Então ela vai ser uma boa esposa para você, se ela passar no teste", disse Joseph, assobiando para o kookaburra.

Harry olhou para ele com espanto. Joseph estava sóbrio.

"Há muito tempo atrás uma mulher aborígine tinha que passar por três testes antes que pudesse se casar", disse Joseph. "O primeiro era para controlar sua fome. Ela tinha que caçar durante dois dias sem comida. Em seguida, ela era colocada diante de uma fogueira com um bife suculento de canguru ou alguma outra guloseima. O teste era para ver se ela conseguia se controlar e não ser gananciosa, apenas comer um pouco de comida e deixar o suficiente para os outros."

"Nós tínhamos algo semelhante, quando eu era criança", disse Harry. "Chamavam de boas maneiras à mesa. Mas eu acho que não existe mais."

"O segundo teste era para ver se ela podia tolerar a dor. Varetas pontiagudas eram passadas através de suas bochechas e nariz, e faziam marcas em seu corpo."

"E daí? Hoje as meninas pagam por isso, chamamos piercing e tatuagem."

"Cale a boca, Harry. No final, quando o fogo estava se apagando, ela tinha que se deitar sobre ele, com apenas alguns ramos entre ela e as brasas. Mas o terceiro teste era o mais difícil."

"Medo?"

“Certo, Harry. Depois que o sol tinha se posto os membros da tribo se reuniam em volta do fogo e os anciãos se revezavam para contar a jovem terríveis histórias de arrepiar os cabelos sobre fantasmas e Muldarpe, o espírito maligno que muda de forma. Coisas muito ásperas, ou pior. Posteriormente, ela era levada para dormir em um lugar deserto, ou perto das sepulturas de seus antepassados. Na calada da noite, os anciãos apareciam furtivamente para ela com o rosto emplastrado com argila branca e usando máscaras de casca de árvore e . . .“

“Isso não é parecido com enxugar gelo?”

“ . . . e fazendo barulhos assustadores. Você é um mau ouvinte, Harry.” Joseph ficou ofendido.

Harry esfregou o rosto. "Eu sei", disse ele, por fim. "Desculpe, Joseph. Eu só vim aqui para pensar em voz alta e para ver se ele deixou alguma pista que possa me dar uma dica para onde ele poderia ter levado Birgitta. Mas não parece que vou chegar a lugar algum, e você é a única pessoa que posso usar como uma caixa de ressonância. Você deve achar que eu estou me comportando como um cínico, bastardo insensível."

"Você se parece com alguém que acha que tem que lutar contra o mundo inteiro", disse Joseph. "Mas se você não baixar a guarda de vez em quando, seus braços ficarão demasiado cansados para lutar."

Harry abriu um sorriso. "Você está absolutamente certo de que não tem um irmão mais velho?"

Joseph riu. "Como eu disse, é tarde demais para perguntar para a minha mãe agora, mas eu acho que ela teria me contado."

“Vocês dois se comportam como irmãos.”

"Você já disse isso algumas vezes, Harry. Talvez você deva tentar dormir um pouco."

O rosto de Joe se iluminou quando Harry entrou pela porta do Springfield Lodge.

“Linda tarde, hein, Sr. Holy? Por falar nisso, você está parecendo muito bem hoje. E eu tenho uma encomenda para você. "Ele levantou um pacote em papel cinza com 'Harry Holy' escrito nele em letras maiúsculas.

“De quem é? "Harry perguntou, surpreso.

"Eu não sei. Um taxista entregou algumas horas atrás."

Em seu quarto Harry colocou o pacote na cama, desembulhou-o e abriu a caixa. Ele já tinha mais ou menos elaborado de quem era, mas o conteúdo eliminava qualquer dúvida persistente: seis pequenos tubos

plásticos com etiquetas brancas. Ele pegou uma e leu uma data que ele reconheceu imediatamente como o dia em que Inger Holter foi assassinada, com a inscrição 'pelos pubianos'. Não era preciso muita imaginação para adivinhar que os outros tubos iriam conter sangue, cabelo, fibras de roupa e assim por diante. E assim foi.

Meia hora depois, ele foi acordado pelo telefone.

"Você já está com as coisas que eu lhe enviei, Harry? Eu pensei que você precisaria delas o mais rápido possível."

"Toowoomba."

"Ao seu serviço. Ha ha."

"Eu tenho as coisas. Inger Holter, presumo. Estou curioso, Toowoomba. Como você a matou?"

"Fácil como piscar os olhos," disse Toowoomba. "*Quase* muito fácil. Eu estava no apartamento de uma namorada, quando ela ligou tarde da noite."

Então Otto é uma *namorada*? Harry quase perguntou.

"Inger tinha alguma comida para o cachorro da garota que é dona do apartamento, ou devo dizer, que era dona do apartamento? Eu tinha entrado, mas passei a noite só, porque minha namorada estava fora da cidade. Como de costume."

Harry notou o sarcasmo na voz.

"Você não estava assumindo um risco enorme? Alguém podia ter sabido que ela ia . . . ahn, para o apartamento da sua namorada."

"Eu perguntei para ela antes", disse Toowoomba.

"Perguntou para ela?" Harry respondeu, cético.

"É incrível como algumas pessoas são ingênuas. Elas falam antes de raciocinar, porque elas se sentem seguras e, portanto, não precisam pensar. Ela era uma garota tão doce e inocente. 'Não, ninguém sabe que eu estou aqui, por quê?', ela disse. Ha ha. Eu me senti como o lobo com Chapeuzinho Vermelho. Então eu disse a ela que ela justamente chegara no momento certo. Ou devo dizer hora errada? Ha ha. Você quer ouvir o resto?"

Harry queria ouvir o resto. De preferência tudo, até o último detalhe, como Toowoomba tinha sido quando criança, quando ele tinha matado pela primeira vez, por que ele não tinha um ritual fixo, porque às vezes ele só estuprava, como se sentia depois de um assassinato, se ele ficava deprimido após o êxtase como é normal nos serial killers porque a coisa não tinha sido perfeita naquela vez, ou então, porque não tinha saído como ele tinha sonhado e planejado que seria. Ele queria saber quantos, quando e onde, os

métodos e as ferramentas. E ele queria compreender as emoções, a paixão, qual era a força motriz de sua loucura.

Mas ele não tinha a energia. Não agora. Neste momento ele não se importaria mais ou menos se Inger havia sido estuprada antes ou depois de ter sido morta, se o assassinato foi um castigo porque Otto o deixou sozinho, se ele a tinha matado no apartamento ou feito isso no carro. Harry não queria saber se ela implorou, chorou ou se seus olhos se fixaram nos de Toowoomba, quando ela estava no limiar, sabendo que iria morrer. Ele não queria saber por que ele não seria capaz de fazer a sua mente parar de substituir o rosto de Inger pelo de Birgitta, porque isso iria torna-lo fraco.

"Como você sabia onde eu estava hospedado?" Harry perguntou, para dizer alguma coisa, para manter a conversa.

"Harry, você está começando a sentir-se cansado? Você me disse onde estava hospedado na última vez que saímos juntos, não é verdade. Oh, sim, muito obrigado por isso, por sinal. Eu esqueci de dizer."

"Ouça, Toowoomba . . ."

"Eu estive pensando, Harry, por que você me ligou pedindo ajuda naquela noite. Além de dar uns tapas nos dois sujeitos de smoking, anabolicamente aprimorados. Bem, isso foi divertido, mas estávamos realmente na boate apenas para mostrar a sua gratidão para com o cafetão? Posso não ser muito bom em ler as mentes das pessoas, Harry, mas eu não consegui entender realmente a sua atitude. Você está no meio de uma investigação de assassinato e perde tempo e esforço dando o troco depois de ter sido agredido numa boate."

"Bem . . ."

"Bem, Harry?"

"Essa não foi a única razão. A menina que encontramos no Centennial Park trabalhava na boate, então eu tinha uma teoria de que a pessoa que a matou poderia ter estado lá naquela noite, esperou na saída traseira e seguiu-a para casa. Eu queria ver como você reagiria se descobrisse o que estávamos fazendo. Além disso, você é um tipo bastante visível, então eu queria mostrar você para Mongabi para verificar se ele tinha visto você naquela noite."

"Sem sorte?"

"Não. Meu palpite é que você não estava lá."

Toowoomba riu. "Eu nem sabia que ela era uma stripper", disse ele. "Eu a vi entrar no parque e pensei que alguém deveria dizer a ela que é perigoso ir lá à noite. E demonstrar o que pode acontecer."

"Bem, pelo menos este caso está resolvido," Harry disse secamente.

"Uma vergonha que tenha sido você, e não alguém daqui, quem teve esse prazer", disse Toowoomba.

Harry decidiu arriscar.

"Uma vez que ninguém mais vai ter o prazer com qualquer coisa, talvez você também possa me dizer o que aconteceu com Andrew no apartamento de Otto. Porque Otto era sua namorada, não era?"

O outro lado da linha ficou em silêncio.

"Você não gostaria de saber como será com Birgitta também?"

"Não", disse Harry. Não muito rápido, não muito estrondoso. "Você disse que iria tratá-la como um cavalheiro. Eu confio em você."

"Eu espero que você não esteja tentando me fazer ficar com dor na consciência, Harry. Em qualquer caso, será um exercício inútil. Eu sou um psicopata. Eu sei disso, e você sabe", disse Toowoomba com uma risada baixa. "Isso é assustador, não é? Supostamente nós psicopatas não devemos saber. Mas eu sempre soube. E Otto também. Otto até sabia que eu tinha que puni-los agora. Mas Otto não pode manter sua boca fechada. Ele já havia contado para Andrew e estava a ponto de estragar tudo, por isso, eu fui forçado a agir. Na tarde que Otto iria se apresentar no St George eu entrei em seu apartamento, depois que ele saiu, para remover qualquer coisa que pudesse ligá-lo a mim - fotos, presentes, cartas, esse tipo de coisa. A campainha tocou. Eu cuidadosamente abri a janela do quarto e, para minha grande surpresa, vi que era Andrew. Meu primeiro instinto foi não abrir a porta. Mas então eu percebi que meu plano original estava prestes a ser destruído. Você vê, eu tinha a intenção de visitar Andrew no hospital no dia seguinte e discretamente doar-lhe uma colher de chá, um isqueiro, uma seringa descartável, bem como um saquinho de heroína, tão desejada, com um pouco da minha própria mistura caseira."

"Um coquetel mortal."

"Pode-se dizer que sim."

"Como você pode ter certeza que ele iria injeta-la? Ele sabia que você era um assassino, não é?"

"Ele não sabia que eu sabia que ele sabia. Se você me entende, Harry. Ele não sabia que Otto tinha me contado. De qualquer forma, um viciado com os sintomas de abstinência está disposto a assumir riscos. Tal como confiar em alguém que acha que o respeita como um pai. Mas não há mais motivo para especular sobre tudo isso. Ele deixou o hospital e estava de pé na entrada do edifício."

“Então você decidiu deixá-lo entrar?”

"Você sabe o quão rápido o cérebro humano pode trabalhar, Harry? Você sabe que esses sonhos com tramas complicadas e longas que achamos que passamos a noite toda inventando, na realidade, ocorrem em poucos segundos de atividade cerebral febril? Essa foi a rapidez com que tudo veio a tona na minha mente, mais ou menos, a ideia de fazer com que todos pensassem que Andrew estava por trás de tudo. Eu juro que eu não tinha pensado nem um pouquinho nessa hipótese, até então! Então eu liberei a porta lá em baixo e esperei que ele subisse. Eu estava atrás da porta com meu pano mágico ...”

“Éter dietílico.”

“... e depois amarrei Andrew numa cadeira, encontrei seu equipamento e a pouca droga que ele tinha e dei-lhe a dose para que eu tivesse certeza de que ele iria ficar quieto até que eu voltasse do teatro. No caminho de volta eu comprei um pouco mais daquela merda e Andrew e eu tivemos uma verdadeira festa. Sim, ele realmente decolou e quando fui embora ele estava pendurado no teto.”

Mais uma vez a risada baixa. Harry se concentrou em respirar profundamente, calmamente. Ele nunca tinha tido tanto medo em toda a sua vida.

"O que você quer dizer com *você tinha que puni-los?*"

“O quê?”

"Você disse antes que você tinha que puni-los.”

“Oh, isso. Sim, como eu tenho certeza que você sabe, os psicopatas são muitas vezes paranoicos, ou sofrem de outros delírios. Minha ilusão é que a minha missão na vida é vingar o meu povo.”

“Estuprando mulheres brancas?”

“Mulheres brancas *sem filhos.*”

“Sem filhos?” Harry repetiu, confuso. Essa era uma característica comum às vítimas que a investigação não tinha pegado, e por quê? Não havia nada de incomum sobre essas moças não terem tido filhos.

"Sim, é verdade. Não tinha realmente notado? Terra nullius, Harry! Quando vocês vieram aqui vocês nos definiram como nômades sem propriedade porque não semeávamos a terra. Vocês tiraram o nosso país de nós, estupraram e mataram na frente de nossos olhos." Toowoomba não precisava levantar a voz. As palavras eram altas o suficiente. “Bem, suas mulheres sem filhos são agora a minha terra nullius, Harry. Ninguém as

fertilizou, portanto, ninguém é dono delas. Eu só estou seguindo a lógica do homem branco e fazendo o que ele faz."

"Mas você chama isso de uma ilusão, Toowoomba! Você sabe o quão doente é!"

"É claro que é doente. Mas a doença é normal, Harry. É a ausência de doença que é perigosa, porque o organismo para de lutar e logo se desfaz. Mas, Harry, não subestime as ilusões. Elas são valorizadas em todas as culturas. Pegue a sua própria, por exemplo. No cristianismo há uma discussão aberta sobre o quão difícil é ter fé, como dúvidas podem surgir na mente do padre mais inteligente, do padre mais devoto. Mas o reconhecimento da dúvida não é o mesmo que admitir que a fé que você escolheu para viver é uma ilusão? Você não deve renunciar as suas ilusões tão facilmente, Harry. Na outra extremidade do arco íris, pode haver uma recompensa."

Harry deitou-se na cama. Ele tentou não pensar em Birgitta, sobre ela não ter tido filhos.

"Como você pode sabia que elas não tinham filhos?" Ouviu-se perguntar, com voz rouca.

"Eu perguntei."

"Como...?"

"Algumas delas disseram que tinham filhos, porque elas acreditavam que eu iria poupá-las se elas dissessem que tinham um bando de crianças. Elas tinham trinta segundos para provar isso. Uma mãe que não carrega uma foto de seu filho não é mãe, se você ainda não percebeu."

Harry engoliu em seco. "Por que loiras?"

"Esta não é uma regra imutável. Ela só minimiza a chance de elas terem qualquer traço de sangue do meu povo em suas veias."

Harry tentou não pensar sobre a pele branco-leitosa de Birgitta. Toowoomba deu uma risada baixa.

"Eu posso ver que há muita coisa que você quer saber, Harry, mas o uso de celulares é caro, e idealistas como eu não são ricos. Você sabe o que você deve fazer e o que não deve."

Então ele se foi. O crepúsculo caindo rapidamente tinha lançado uma escuridão cinzenta sobre a sala durante a conversa. Duas antenas, girando, de uma barata apareceram pela fresta da porta, verificando se o caminho estava livre. Harry puxou o lençol sobre ele e se encolheu. No telhado do lado de fora da janela um kookaburra solitário começou o concerto da noite, e King's Cross acabava de acordar para mais uma longa noite.

Harry sonhou com Kristin. Ele pode ter feito isso durante dois segundos de sono REM, mas havia metade de uma vida para desvendar, por isso poderia ter levado mais tempo. Ela vestia seu roupão verde; ela acariciou seus cabelos e disse-lhe para acompanhá-la. Ele perguntou-lhe para onde, mas ela estava em pé na porta entreaberta da varanda com as cortinas batendo em torno dela e as crianças no quintal estavam fazendo tanto barulho que ele não ouviu a resposta. De vez em quando ele ficava tão ofuscado com o sol que ela desaparecia completamente de vista.

Ele saiu da cama e foi para mais perto tentando ouvir o que ela estava dizendo, mas, em seguida, ela riu e correu para a varanda, subiu no parapeito e flutuou como um balão verde. Ela flutuou para os telhados, gritando: 'Vamos lá, todo mundo! Vamos, todos!' Mais tarde, no sonho, ele correu ao redor perguntando a todos que ele conhecia se sabiam onde era a festa, mas ou eles não sabiam ou eles já tinham ido embora. Então ele desceu até o Balneário Frogner, mas ele não tinha dinheiro suficiente para um bilhete e teve que pular o muro. Uma vez do outro lado, ele descobriu que se cortara, e o sangue foi deixando um rastro atrás dele na grama, sobre os azulejos e até nos degraus do trampolim de dez metros. Ninguém mais estava lá, então ele estava deitado de costas e olhou para o céu, ouvindo os pequenos splash das gotas de sangue, caindo e batendo na borda da piscina lá embaixo. No alto, em direção ao sol, ele pensou que podia discernir uma figura verde flutuante. Ele colocou as mãos na frente de seus olhos, como um par de binóculos, e então ele podia vê-la claramente. Ela era tão linda e quase transparente.

Ele foi acordado por um estrondo, que poderia ter sido um tiro e ficou ouvindo a chuva e o zumbido de vida em King's Cross. Depois de um tempo ele voltou a dormir. Então Harry sonhou com Kristin novamente, ou assim ele imaginava, pelo resto da noite. Só que, em breves momentos, ela tinha o cabelo vermelho e falava sueco.

() Kookaburra: é uma ave endêmica da Austrália, Nova Guiné e ilhas do Estreito de Torres. Uma das quatro espécies, a Kookaburra-risonha, emite um som que é parecido com uma risada humana.*

Um Computador

Nove horas.

Lebie descansou sua testa contra a porta e fechou os olhos. Dois policiais com coletes pretos a prova de balas estavam ao seu lado observando de perto. Eles estavam com suas armas prontas. Atrás deles na escada estavam Watkins, Yong e Harry.

"Aqui estamos!", disse Lebie e cuidadosamente retirou a gazua.

"Lembrem-se, não toquem em nada se o apartamento estiver vazio," Watkins sussurrou para os inspetores.

Lebie ficou de lado e abriu a porta para os dois policiais, que entraram no estilo clássico dos manuais, cada um segurando uma arma com as duas mãos.

"Certeza que não há alarme aqui?" Harry sussurrou.

"Checamos todas as empresas de segurança na cidade, e ninguém tem nada registrado para este apartamento", disse Watkins.

"Shh, que som é esse?", Disse Yong.

Os outros aguçaram os ouvidos, mas não conseguiam ouvir nada incomum.

"Lá se vai a teoria do expert em bombas", disse Watkins secamente.

Um dos policiais voltou para fora. "Está tudo bem", disse ele. Eles deram um suspiro de alívio e entraram. Lebie tentou acender a luz no corredor, mas não funcionou.

"Estranho", disse ele, tentando a luz na pequena, porém limpa e bem arrumada sala de estar, mas aquela também não queria funcionar. "O fusível deve ter pifado."

"Não importa", disse Watkins. "Há luz mais do que suficiente aqui para fazer uma revista. Harry, você pega a cozinha. Lebie, você pega o banheiro. Yong?"

Yong estava em pé na frente do computador sobre a mesa em frente da janela da sala de estar.

"Eu tenho um pressentimento . . .", disse. "Lebie, pegue a lanterna e verifique a caixa de fusíveis no corredor."

Lebie saiu, e logo a luz se acendeu e o computador saltou para a vida.

"Merda", disse Lebie, enquanto voltava para a sala de estar. "Havia um pedaço de fio amarrado em volta do fusível que eu tive que remover primeiro. Eu o segui ao longo da parede e ele vai até a porta."

"É uma fechadura eletrônica, não é? O fusível foi ligado na fechadura de tal forma que a eletricidade caiu quando abrimos a porta. O som que eu ouvi era o ventilador no computador desligando", disse Yong, pressionando o teclado. "Esta máquina é do tipo *rapid resume*, então vamos poder ver quais os programas que estavam sendo rodados antes de desligar sozinho."

A imagem da terra apareceu na tela, e um jingle alegre ecoou pelos alto-falantes.

"Foi o que pensei!", disse Yong. "Filho da puta! Olha lá!" ele apontou para um ícone na tela.

"Yong, pelo amor de Deus, não vamos perder tempo com isso agora", disse Watkins.

"Senhor, pode me emprestar o seu celular por um momento?" O pequeno inspetor pegou o celular de Watkins, sem esperar por uma resposta. "Qual é o número daqui?"

Harry leu o número do telefone ao lado do computador, enquanto Yong discava. Então ele pressionou a tecla de chamada. Quando o telefone tocou um zumbido veio do computador, e o ícone na tela tornou-se maior e saltou para cima e para baixo.

"Shh", disse Yong.

Depois de alguns segundos, um sinal sonoro soou. Ele rapidamente desligou o celular.

Watkins estava com uma profunda carranca entre as sobrancelhas. "O que em nome do Senhor você está fazendo, Yong?"

"Senhor, desconfio que Toowoomba preparou um alarme para nós, afinal. E ele foi desligado."

"Explique-se!" a paciência de Watkins estava no limite.

"Você vê o programa se abrindo? É um serviço de atendimento de telefone padrão conectado ao telefone através de um modem. Antes de Toowoomba sair ele gravou sua mensagem de boas vindas no computador através deste microfone. Quando as pessoas ligam eles ativam o programa, ouvem a mensagem de Toowoomba, e após o pequeno sinal sonoro que você ouviu, podem deixar a sua mensagem no computador."

"Yong, eu sei o que é uma secretária eletrônica. Qual é o ponto?"

"Senhor, você ouviu uma mensagem antes do sinal sonoro quando liguei agora?"

“Não ...”

"Isso porque a mensagem foi feita, mas não foi salva."

Watkins começou a ver a luz.

"O que você está dizendo é que, quando a energia acabou e o computador desligou-se a mensagem de secretária eletrônica foi apagada, também."

"Exatamente, senhor." Ocasionalmente as reações de Yong eram incomuns. Como agora. Seu rosto estava radiante. "E este é o sistema de alarme dele, senhor."

Harry não estava sorrindo quando ele entendeu o alcance do desastre. "Portanto, tudo o Toowoomba tem que fazer é ligar para o seu próprio telefone e ouvir que a mensagem está faltando e então saberá que alguém invadiu seu apartamento."

A sala ficou em silêncio.

"Ele nunca vai voltar para cá sem ligar primeiro", disse Lebie.

"Merda, merda, merda", disse Watkins.

"Ele pode ligar a qualquer momento", disse Harry. "Temos que ganhar tempo. Alguma sugestão?"

"Bem", disse Yong. "Nós poderíamos falar com a empresa de telefonia e pedir para eles bloquearem o número e colocar uma mensagem de problemas técnicos."

"E se ele ligar para a companhia telefônica?"

"Falha no cabo na área devido a ... ahn, escavações?"

"Isso soa suspeito. Ele vai ligar para o número do vizinho", disse Lebie.

"Nós vamos ter que pedir para desligarem toda a área", disse Harry. "Você pode fazer isso, senhor?"

Watkins coçou atrás da orelha. "Vai ser um tremendo caos. Por que diabos ...?"

"É urgente, senhor!"

"Merda! Me dá o telefone, Yong. McCormack vai passar por muitos apuros para ajeitar a situação com o pessoal de cima. Aconteça o que acontecer, não podemos deixar os telefones de um distrito inteiro fora do ar por muito tempo, Holy. Nós vamos ter que começar a planejar o nosso próximo passo. Merda, merda, merda!"

Onze e meia.

"Nada", disse um desesperado Watkins. "Nem uma maldita pista!"

"Bem, nós dificilmente poderíamos esperar que ele deixasse um bilhete dizendo onde estaria, poderíamos?", disse Harry.

Lebie saiu do quarto. Ele balançou a cabeça. Nem mesmo Yong, que havia passado por todo o apartamento, tinha algo a reportar.

Sentaram-se na sala de estar.

"Na verdade, é um pouco estranho", disse Harry. "Se tivéssemos revistado apartamentos de outras pessoas teríamos encontrado alguma coisa. Uma carta interessante, uma revista pornô manchada, uma foto de uma antiga paixão, uma mancha no lençol, algo assim. Mas esse cara é um serial killer, e nós não encontramos absolutamente nada que sugira que ele tenha uma *vida*."

"Eu nunca vi um apartamento de solteiro tão arrumado antes", disse Lebie.

"É *muito* arrumado", disse Yong. "É quase sobrenatural."

"Devemos ter esquecido de olhar em algum canto," Harry disse, estudando o teto.

"Nós olhamos em todos os lugares", disse Watkins. "Se ele deixou alguma pista, elas não estão aqui. Tudo o cara faz é comer, dormir, assistir TV, mijar e deixar mensagens no computador."

"Você está certo," Harry interrompeu: "Não é aqui onde, Toowoomba o assassino, vive. A pessoa que vive aqui é um cara anormalmente arrumado que não está preocupado com o que alguém possa pensar dele. Mas e sobre o outro? Ele poderia ter outro lugar? Outro apartamento, uma casa de férias?"

"Nada registrado nesse nome de qualquer maneira", disse Yong. "Eu chequei antes de virmos."

O telefone celular tocou. Era McCormack. Ele havia falado com a empresa de telefonia. Para o argumento de que esta era uma questão de vida e morte o pessoal da telefônica respondeu que também poderia ser uma questão de vida ou morte para os vizinhos que precisassem ligar para uma ambulância. Mas com uma pequena ajuda do gabinete do prefeito McCormack conseguiu ter as linhas bloqueadas até às sete da noite.

"Nada nos impede de fumar aqui agora", disse Lebie, puxando uma cigarrilha fina. "Ou deixar as cinzas cair no tapete ou deixar grandes pegadas de gordura no corredor. Alguém tem fósforos?"

Harry apalpou os bolsos e achou uma caixa de fósforos. Ele ficou olhando para a caixa. E deixou os outros interessados na sua curiosidade.

"Vocês sabem o que há de especial sobre esta caixa?", perguntou.

Os outros obedientemente balançaram a cabeça em negação.

"Ela diz que é à prova d'água. E diz que é para uso nas montanhas e no mar. Algum de vocês andam por aí com caixas de fósforos à prova d'água?"

Mais balanços de cabeça.

"Eu estaria errado em dizer que você só pode comprar estes fósforos em lojas especializadas, e custam um pouco mais do que as caixas comuns?"

Os outros encolheram os ombros.

"Eles não são padrão de qualquer maneira. Eu nunca vi nada como estes", disse Lebie.

Watkins analisou a caixa de perto. "Eu acho que o meu cunhado, tinha caixas como esta a bordo de seu barco", disse ele.

"Toowoomba me deu esta caixa com seu telefone anotado" disse Harry. "No funeral."

Houve um silêncio.

Yong tossiu. "Há uma fotografia de um iate na sala", disse ele timidamente.

Uma da tarde.

"Obrigado pela ajuda, Liz", disse Yong, terminando a ligação. "Conseguimos! Está na marina em Lady Bay, e está registrado em nome de Gert Van Hoos."

"OK", disse Watkins. "Yong, você fica aqui para o caso de Toowoomba voltar. Lebie, Harry e eu iremos até lá agora."

O tráfego estava tranquilo e o novo Toyota de Lebie ronronou com contentamento fazendo 120 kph até New South Head Road.

"Não vai pedir reforços, senhor?" Lebie perguntou.

"Se ele estiver lá três homens são mais do que suficiente", disse Watkins. "De acordo com Yong, não há licença de armas registradas, e tenho a sensação de que ele não é o tipo que empunha armas."

Harry foi incapaz de conter-se.

"Qual sensação é essa, senhor? A mesma que lhe disse que era uma boa ideia entrar no apartamento? A mesma que disse que Birgitta devia manter o transmissor de rádio na bolsa?"

"Holy, eu..."

"Eu só estou perguntando, senhor. Se nós temos que usar a sua *sensação* como um guia para qualquer coisa, isso vai significar, à luz do que aconteceu até agora, que ele estará empunhando uma arma. Não que..."

Harry percebeu que ele levantara a sua voz, e calou a boca. Não agora, disse a si mesmo. Ainda não. Em voz baixa, ele terminou a frase.

"Não que eu me importe. Significa apenas que poderei ter que temperar-lo com chumbo."

Watkins preferiu não responder; ao invés disso ele olhou amuado para fora da janela enquanto eles dirigiam em silêncio. Pelo espelho Harry viu o cauteloso sorriso inescrutável de Lebie.

Uma e meia.

"Lady Bay Beach", disse Lebie, apontando. "Nome apropriado, também. Você sabia que esta é a praia gay número um de Sydney."

Eles decidiram estacionar do lado de fora da cerca da marina, e desceram um monte gramado até o pequeno porto, onde estavam os mastros amontoados de cada lado de pontões estreitos. No portão havia um guarda sonolento vestindo uma camisa de uniforme azul branqueada de sol. Ele se animou quando Watkins mostrou o distintivo da polícia e descreveu a eles onde o barco de Gert Van Hoos estava atracado.

"Alguma pessoa a bordo?" Harry perguntou.

"Não tanto quanto eu sei", disse o guarda. "É um pouco difícil manter o controle de tudo no verão, mas eu acho que ninguém apareceu no barco há um par de dias."

"Alguém esteve por lá, recentemente?"

"Sim, se a minha memória ainda me serve bem. O Sr. Van Hoos estava aqui na terça-feira. Ele geralmente estaciona o carro perto da água. Ele foi embora novamente mais tarde naquela noite."

"E ninguém esteve no barco desde então?" perguntou Watkins.

"Não no meu turno. Mas, felizmente, há vários de nós."

"Ele estava sozinho?"

"Tanto quanto me lembro, sim."

"Ele estava carregando alguma coisa para o barco?"

"Provavelmente. Eu não me lembro. A maioria faz isso."

"Você poderia nos dar uma descrição do Sr. Van Hoos?", pediu Harry.

O guarda coçou a cabeça. "Bem, não, na verdade, eu não posso."

"Por que não?" Watkins perguntou, surpreso.

O guarda olhou envergonhado. "Para ser honesto, eu acho que todos os aborígenes têm a mesma aparência."

O sol brilhava sobre as águas tranquilas no interior da marina, mas, lá fora, além da rebentação, as ondas rolavam, grandes e pesadas. Harry podia

sentir que o vento estava mais fresco aqui enquanto eles faziam uma abordagem cautelosa ao longo do pontão. Ele reconheceu o nome do barco, Adelaide, e seu número de inscrição pintado na lateral. Adelaide não era um dos maiores barcos na marina, mas parecia bem conservado. Yong tinha explicado a eles que somente barcos com motores acima de um determinado tamanho deviam ser registrados, então na verdade eles tiveram mais do que a sua quota de sorte. Tanta que Harry teve a sensação desagradável que a sua sorte tinha se esgotado. A ideia de que Birgitta podia estar a bordo fez seu coração palpitar.

Watkins fez sinal para Lebie entrar primeiro. Harry destravou sua arma e apontou-a para a escotilha da cabine enquanto Lebie prudentemente colocava os pés no convés de popa. Watkins tropeçou na corda da âncora quando subia a bordo e caiu no deck com um baque. Eles pararam e ficaram escutando, mas tudo o que podiam ouvir era o vento e as ondas batendo e borbulhando contra o casco. Tanto a escotilha da cabine principal e a cabine de popa estavam trancadas com cadeados. Lebie tirou a gazua e começou a trabalhar. Depois de alguns minutos, ambos tinham sido removidos.

Lebie abriu a escotilha da cabine e Harry entrou primeiro. Estava escuro lá embaixo e Harry se agachou com sua arma na frente até Watkins descer e puxar as cortinas. Era um barco simples, mas decorado com bom gosto. O salão era feito de mogno, mas não havia nenhum sinal de excesso. Um mapa estava enrolado sobre a mesa. Acima dela estava um retrato de um jovem boxeador.

"Birgitta!" Harry gritou. "Birgitta!"

Watkins deu um tapinha em seu ombro.

"**Ela não** está aqui", Lebie confirmou depois de terem varrido o barco de proa a popa.

Watkins estava com a cabeça enfiada em uma das caixas no convés de popa.

"Ela *devia* estar aqui", Harry disse, olhando o mar. O vento estava mais forte e as cristas das ondas estavam brancas de espuma.

"É melhor irmos, o pessoal da pericia está vindo para ver o que eles podem encontrar", disse Watkins, endireitando-se. "Isso só pode significar que ele tem algum outro lugar que não conhecemos."

"Ou ...", disse Harry.

"Droga! Ele escondeu Birgitta em algum outro lugar. É apenas uma questão de encontra-la."

Harry sentou-se. O vento despenteou e espalhou seu cabelo. Lebie tentou acender uma cigarrilha, mas desistiu depois de algumas tentativas.

"Então o que vamos fazer agora?" perguntou Harry.

"Sair da embarcação rapidamente", disse Watkins. "Ele pode nos ver da estrada, se estiver vindo para cá."

Levantaram-se, trancaram as escotilhas e Watkins levantou a perna sobre a corda da âncora para não tropeçar novamente.

Lebie parou.

"O que foi?" perguntou Harry.

"Bem", disse Lebie: "Eu não sou nenhum expert em barcos, mas isso é normal?"

"O quê?"

"Deixar cair a âncora quando você está amarrado na frente e atrás?"

Eles trocaram olhares.

"Ajudem-me a puxá-la para cima", disse Harry.

Os Lagartos Estão Cantando

Três horas.

Eles corriam pela estrada. As nuvens corriam pelo céu. As árvores ao lado da estrada ondulavam e acenavam para eles. A grama se estendia plana na beira da estrada e o rádio estalou. O sol tinha empalidecido e sombras fugazes se estendiam através do mar.

Harry estava sentado na parte de trás, mas não via nada da tempestade se armando em torno deles. Ele só via a corda verde viscosa que tinham retirado do mar com puxões espasmódicos. As gotas de água haviam caído no mar, como cristais brilhantes, e bem abaixo eles tinham vislumbrado um perfil branco subindo lentamente em direção a eles.

Em uma das férias de verão, seu pai tinha levado Harry num barco a remo e tinham pegado um linguado. Era branco e inimaginavelmente grande e, vendo aquele peixe, a boca de Harry ficou seca e suas mãos começaram a tremer. Sua mãe e sua avó bateram palmas com empolgação quando eles entraram na cozinha com sua captura e de imediato começaram a cortar o frio peixe sangrento com grandes facas brilhantes. Pelo resto do verão Harry tinha sonhado com o enorme linguado no barco com os seus olhos salientes e a expressão congelada pelo choque, como se não pudesse acreditar que estava realmente morrendo. A seguir, no Natal, Harry tinha recebido alguns pedaços gelatinosos no seu prato, e seu pai contou com orgulho a todos como ele e Harry tinham fígado um enorme linguado em Isfjorden. "Nós pensamos em experimentar uma receita nova neste Natal", disse sua mãe. Aquilo tinha o gosto da morte e da depravação, e Harry deixou a mesa com lágrimas nos olhos, furioso e indignado.

E agora Harry estava sentado na parte de trás de um carro enquanto acelerava; ele fechou os olhos e viu-se olhando para baixo na água onde algo parecido com uma água-viva espalhando seus tentáculos vermelhos de lado após cada puxada da corda, parava e espalhava-se novamente, pulsante. Com a proximidade da superfície eles se espalharam em forma de leque tentando esconder o corpo branco e nu debaixo. A corda tinha sido enrolada em volta do pescoço, e o corpo sem vida parecia um alienígena estranho para Harry.

Mas, quando ele a virou de costas, Harry teve a mesma sensação novamente. Era a mesma expressão daquele verão. Olhos sem brilho com uma surpreendente e última pergunta acusatória: então isso é tudo o que há? É realmente esse o propósito, que tudo deve acabar assim? A vida, e a morte, são realmente tão banais?

"É ela?" Watkins tinha perguntado, e Harry tinha respondido negativamente.

Quando ele repetiu a pergunta Harry viu as omoplatas de fora, mostrando a pele vermelha ao lado de uma faixa branca onde o top do biquíni tinha estado.

"Ela se queimou com o sol", respondeu ele com espanto. "Ela me pediu para passar protetor solar em suas costas. Ela disse que confiava em mim. Mas ela ficou queimada."

Watkins ficou na frente dele e colocou as mãos nos ombros de Harry. "Não é culpa sua, Harry. Você pode me ouvir? Teria acontecido de qualquer maneira. Não é culpa sua."

Tornou-se visivelmente mais escuro agora, e as rajadas de vento sopravam com tanta força que os eucaliptos se batiam e agitavam seus galhos, aparentemente com a intenção de separar-se do chão e vagar movendo-se com dificuldade como as triffids de John Wyndham (*), trazidas à vida pela tempestade que estava a caminho.

"Os lagartos estão cantando," Harry disse de repente a partir do banco de trás. Aquelas foram as primeiras palavras que ele pronunciava desde que eles entraram no carro. Watkins virou-se e Lebie ficou olhando pelo espelho para eles. Harry tossiu.

"Andrew contou-me um dia. Os lagartos e humanos do povo lagarto tinham o poder de criar chuva e tempestades, cantando. Ele me disse que o Grande Dilúvio foi criado pelo povo lagarto cantando e cortando-se com facas de pedra para afogar o ornitorrinco." Ele sorriu fracamente. "Quase todos os ornitorrincos morreram. Mas alguns sobreviveram. Sabe como eles fizeram? Aprenderam a respirar debaixo d'água."

As primeiras grandes gotas de chuva batiam, ruidosamente, no para-brisa.

"Nós não temos muito tempo", disse Harry. "Toowoomba logo vai perceber que estamos atrás dele, e então ele vai desaparecer como um rato no chão. Eu sou a única ligação que temos com ele, e agora você está

querendo saber se eu posso lidar com isso. Bem, o que posso dizer? Acho que amava aquela garota.”

Watkins parecia desconfortável. Lebie balançou a cabeça lentamente.

"Mas eu vou respirar debaixo d'água", disse Harry.

Três e meia.

Ninguém na sala de reuniões percebeu qualquer nota lamurienta vindo do ventilador.

“OK, nós sabemos quem é o nosso homem”, disse Harry. “E sabemos que ele acha que a polícia não sabe. Ele provavelmente está pensando que eu estou tentando falsificar provas contra Evans White. Mas eu estou receoso que esta é uma situação muito temporária. Não podemos deixar as residências sem telefone por muito mais tempo, e, além disso, ele irá em breve começar a ficar desconfiado se a alegada falha não for corrigida.”

“Temos uma equipe em posição se ele aparecer em sua casa. Idem no barco. Mas, pessoalmente, eu estou convencido de que ele é cuidadoso demais para fazer qualquer coisa estúpida sem estar cem por cento certo de que o caminho está livre. Provavelmente é realista assumir que em algum momento nesta noite ele vai saber que estivemos em seu apartamento. Isso nos dá duas opções. Podemos soar as campainhas de alarme, sair ao vivo na TV e espero que o encontremos antes que ele desapareça. O contra-argumento é que qualquer um que pode montar um sistema como o que ele fez com certeza deve ter planejado todas as possibilidades com antecedência. Assim que ele vir a sua imagem na tela corremos o risco de que ele se esconda. A segunda opção é, portanto, usar o pouco tempo que temos diante de nós antes que ele sinta a nossa respiração no seu pescoço, e pegá-lo enquanto ele está relativamente confiante.”

"Eu voto irmos para cima", disse Lebie, removendo um fio de cabelo de seu ombro.

"Pegá-lo?", Disse Watkins. "Sydney tem mais de quatro milhões de habitantes e não temos a menor ideia de onde ele pode estar. Nós nem sequer sabemos se ele está em Sydney, porra!"

"Não há dúvida sobre isso", disse Harry. "Ele definitivamente está em Sydney pelo menos desde a última hora e meia."

"O quê? Você está dizendo que ele foi visto?"

"Yong." Harry deu a palavra ao sempre sorridente inspetor.

"O telefone celular!", ele começou. Como se tivesse sido convidado a ler seu ensaio em voz alta para a classe.

"Todas as conversas de telefonia móvel são feitas através do que são conhecidas como estações rádio base, que recebem e transmitem os sinais. A empresa de telefonia pode rastrear os sinais do assinante passando por diversas estações de rádio base. Cada uma cobre um raio de cerca de 10 km. Onde há boa cobertura, ou seja, em áreas urbanizadas, o telefone está geralmente coberto por duas ou mais estações de uma vez, um pouco como que como os transmissores de rádio. Isso significa que quando você está falando ao telefone a empresa de telefonia pode localizar a sua posição num raio de dez quilômetros. Se a conversação puder ser captada por duas estações ao mesmo tempo, isso vai reduzir a área para a zona onde a cobertura das duas estações se sobrepõe. Se os sinais são captados por três estações, a zona é ainda menor, e assim por diante. Assim, os telefones celulares não podem ter um único endereço como um telefone normal, então temos uma referencia."

"Neste momento estamos em contato com três caras da empresa de telefonia seguindo os sinais de Toowoomba. Nós podemos conectá-los numa linha aberta aqui na sala de reuniões. No momento estamos recebendo sinais simultâneos a partir de apenas duas estações e a área de sobreposição abrange todo o território do centro, do porto até metade de Woolloomooloo. A boa notícia é que ele está em movimento."

"E o que nós precisamos é só de um pouco de sorte," Harry falou para dentro.

"Esperamos que ele se mova por um dos pequenos bolsões cobertos por três estações rádio base ou mais. Se assim for, podemos lançar todos os carros civis que temos em um *alerta máximo* e ter uma migalha de esperança de que possamos encontrá-lo."

Watkins não parecia convencido. "Então ele falou com alguém agora, e ele também chamou a uma hora e meia atrás, e em ambas as vezes os sinais foram captados por estações base em Sydney?", disse. "E nós ficamos dependentes dele continuar a conversar na porra do telefone até que o encontremos? E se ele não ligar?"

"Nós podemos ligar, não podemos?", perguntou Lebie.

"Maravilhoso!", Disse Watkins. Suas bochechas estavam muito coradas. "Ótima ideia! Podemos ligar para ele a cada quarto de hora fingindo ser o relógio de voz ou alguma dessas besteiras! Isso, é claro, irá dizer-lhe que pode não ser uma ideia inteligente falar ao telefone!"

"Ele não precisa fazer isso", disse Yong. "Ele não precisa falar com ninguém."

“Como ...?”

“Basta o seu telefone estar ligado”, disse Harry. “Parece que Toowoomba não está ciente disso, mas enquanto um telefone não está desligado, ele envia automaticamente um bip a cada meia hora, para dizer que ainda está vivo. Este sinal é registado pelas estações de base da mesma maneira que uma conversa.”

“Então ...”

“Então, vamos manter a linha aberta, tomar um café, sentarmos juntos e manter nossos dedos cruzados.”

()*: ***The Day of the Triffids (O Terror Veio do Espaço)*** é um filme inglês de 1962, do gênero ficção científica e horror, dirigido por Steve Sekely, roteirizado por Bernard Gordon e Philip Yordan baseado no livro **John Wyndham**. Depois de uma chuva de meteoros ao redor do mundo, os poucos que não foram atingidos pela cegueira tentam sobreviver a ameaça decorrente dos meteoros, indestrutíveis plantas carnívoras rastejantes que se proliferam rapidamente.

Um Bom Ouvido

Uma voz metálica veio pelo viva-voz do telefone.

"Seu sinal está vindo através das estações de base 3 e 4."

Yong apontou para o mapa de Sydney aberto no quadro. Círculos numerados tinham sido colocados para mostrar as áreas de cobertura das várias estações base.

"Pyrmont, Glebe e um pedaço de Balmain."

"Caramba!" Watkins praguejou. "Área grande demais, Que horas são? Será que ele tentou telefonar para casa?"

"São seis", disse Lebie. "Ele ligou para o número de seu apartamento duas vezes na última hora."

"Logo ele vai perceber que há algo errado", disse McCormack, levantando-se de novo.

"Ainda não, ainda não," Harry disse calmamente. Ele ainda estava sentado numa cadeira inclinada contra a parede há mais de duas horas.

"Alguma notícia sobre o alerta de tempestade?" perguntou Watkins.

"Só que vai ficar pior", disse Lebie. "Ventos fortes agora, furacão esta noite."

Os minutos passavam. Yong tomou mais café.

"Olá?" era o viva-voz do telefone.

Watkins pulou. "Sim?"

"O assinante usou seu telefone. Ele está entre as estações de base 3, 4 e 7."

"Espere!" Watkins olhou para o mapa. "Isso é um pouco de Pyrmont e Darling Harbour, não é?"

"Correto."

"Merda! Se ele estivesse em 9 e 10, nós teríamos ele!"

"Para quem ele ligou?", perguntou McCormack.

"Para a nossa Central," disse a voz metálica. "Ele perguntou qual era o problema com o seu número fixo."

"Merda, merda, merda!" Watkins estava vermelho como uma beterraba. "Ele está fugindo! Vamos tocar as campainhas de alarme agora!"

"Cale a boca, merda!" veio a resposta ferina. A sala ficou em silêncio. "Peço desculpas pela minha escolha de palavras, senhor", disse Harry. "Mas eu sugiro que esperemos até o próximo sinal sonoro, antes de nos precipitarmos."

Watkins olhou para Harry com os olhos saltados para fora.

"Holy está certo", disse McCormack. "Sente-se, Watkins. Em menos de uma hora, o bloqueio de telefones será suspenso. Isso significa que temos um, no máximo dois, bips antes que Toowoomba descubra que só o seu telefone ainda está cortado. Pyrmont e Darling Harbour não são áreas grandes em termos geográficos, mas estamos falando de um dos bairros centrais mais populosos de Sydney à noite. Enviar uma frota de carros lá para baixo só irá criar o tipo de caos que Toowoomba usará para escapar. Vamos esperar."

Às 6:40 a mensagem veio pelo viva-voz:

"Um sinal sonoro foi recebido pelas estações de base 3, 4 e 7."

Watkins gemeu.

"Obrigado," Harry disse, desligando o viva-voz. "Mesma área da última vez, o que sugere que ele não está se movendo mais. Então, onde ele pode estar?"

Eles cercaram o mapa.

"Talvez ele esteja treinando boxe", disse Lebie.

"Boa sugestão!", disse McCormack. "Existem algumas academias na área? Alguém sabe onde o cara treina?"

"Vou verificar, senhor", disse Yong, e saiu.

"Outras sugestões?"

"A área está cheia de atrações turísticas que ficam abertas à noite", disse Lebie. "Talvez ele esteja nos jardins chineses?"

"Ele vai ficar dentro de casa com este tempo", disse McCormack.

Yong voltou, sacudindo a cabeça. "Liguei para o seu treinador. Ele não disse nada, então eu tive que dizer que eu era da polícia. O ginásio de Toowoomba fica em Bondi Junction."

"Ótimo!", disse Watkins. "Quanto tempo você acha que vai levar para o treinador ligar para o celular de Toowoomba e perguntar o que diabos a polícia quer ele?"

"Isto é urgente", disse Harry. "Vou ligar para Toowoomba."

"Para perguntar a ele onde ele está?" perguntou Watkins.

"Para ver o que está acontecendo", Harry disse, pegando o telefone. "Lebie, verifique se o gravador está ligado e todo mundo fica quieto!"

Todo mundo congelou. Lebie lançou um olhar para o velho gravador e deu para Harry um sinal com o polegar para cima. Harry engoliu em seco. Seus dedos pareciam entorpecidos nas teclas. O telefone tocou três vezes antes que Toowoomba atendesse.

"Alo?"

A voz . . . Harry prendeu a respiração e apertou o fone no ouvido. No fundo ele podia ouvir as vozes de pessoas.

"Quem é?" Toowoomba perguntou em voz baixa.

Houve um som de fundo, seguido por gritos exuberantes das crianças. Então ele ouviu a risada profunda e calma de Toowoomba.

"Bem, é você Harry? Estranho você estar ligando, porque eu estava pensando em você. Parece que tem algo de errado com meu telefone de casa, e eu queria saber se você tem alguma coisa a ver com isso. Espero que não, Harry."

Havia outro som. Harry se concentrou, mas ele não era capaz de identificar o que era.

"Eu fico nervoso quando você não responde, Harry. Muito nervoso. Eu não sei o que você quer, mas talvez eu devesse desligar este telefone. É isso, Harry? Você está tentando me encontrar?"

O som. . .

"Merda!" Harry gritou. "Ele desligou o telefone." Ele desabou numa cadeira. "Toowoomba sabia que era eu. Merda, como diabos ele poderia saber?"

"Rebobine a fita", disse McCormack. "E chame Marguez."

Yong correu para fora da sala, enquanto eles tocavam a fita.

Harry não podia ajudar a si mesmo. Os cabelos na parte de trás do seu pescoço se arrepiaram quando ele ouviu a voz de Toowoomba novamente pelo gravador.

"É definitivamente um lugar com um monte de gente", disse Watkins. "O que é esse estrondo? Ouçam, crianças. É uma feira?"

"Rebobine e toque novamente", disse McCormack.

"Quem é?" Toowoomba repetiu, seguido por um som alto e gritos das crianças.

"O que é . . .?" Watkins começou.

"Isso é um splash muito alto", disse uma voz da porta. Eles se viraram. Harry viu uma pequena cabeça marrom com cachos negros, um bigodinho e

pequenos óculos grossos, unidos a um grande corpo que parecia ter sido inflado com uma bomba de bicicleta e poderia estourar a qualquer momento.

"Jesús Marguez - os melhores ouvidos do Departamento de Polícia", disse McCormack. "E ele nem mesmo é cego."

"Apenas quase cego," Marguez murmurou, ajustando os óculos. "O que vocês têm aqui?"

Lebie tocou a fita de novo. Marguez ouviu com os olhos fechados.

"Interior. Paredes de tijolo. E vidro. Nenhum revestimento acústico de qualquer espécie, sem tapetes ou cortinas. Pessoas, jovens de ambos os sexos, provavelmente famílias jovens."

"Como você pode saber tudo isso só de ouvir algum barulho?" perguntou Watkins desconfiado.

Marguez suspirou. É evidente que não foi a primeira vez que ele se deparou com céticos.

"Você já percebeu que instrumentos fantásticos são as orelhas?", disse. "Elas conseguem distinguir perto de um milhão de diferenças distintas na pressão. Um milhão. O mesmo som pode ser composto por dezenas de diferentes frequências e elementos. Isso lhe dá uma opção entre dez milhões. Um dicionário médio contém apenas cerca de cem mil palavras-chaves. Uma escolha entre dez milhões, o resto é a experiência."

"Qual é o som de fundo que podemos ouvir o tempo todo?" perguntou Harry.

"Aquele entre 100 e 120 hertz? É difícil dizer. Podemos filtrar os outros sons em nosso estúdio e isolá-lo, mas isso leva tempo."

"E é isso que nós não temos", disse McCormack.

"Mas como ele pode identificar Harry se Harry ficou calado o tempo todo?" perguntou Lebie. "Intuição?"

Marguez tirou os óculos e limpou-os distraidamente.

"O que nós tão satisfatoriamente chamamos intuição, meu amigo, é sempre apoiado por nossas impressões sensoriais. Mas, quando a impressão é tão pequena e delicada que só percebemos como uma sensação, uma pena sob o nariz enquanto estamos dormindo, e não podemos dar um nome para essas associações, os circuitos cerebrais e nós a chamamos intuição. Talvez esse seja o caminho . . . ahn, Harry você estava respirando?"

"Eu segurei minha respiração", disse Harry.

“Você já ligou daqui antes? Talvez a acústica? O ruído de fundo? Os seres humanos têm muito boas lembranças quando ruídos estão presentes, geralmente melhor do que quando nós mesmos estamos conscientes.”

“Eu liguei daqui uma vez antes . . .” Harry olhou para o velho ventilador. “Claro. É por isso que eu posso reconhecer o ruído de fundo. Eu estive lá antes. As bolhas . . .”

Ele virou-se.

“Ele está no Sydney Aquarium!”

“Hmm”, disse Marguez, estudando o brilho de seus óculos. “Isso faz sentido. Eu já estive lá, é claro. Um splash como o que pode ser feito pela cauda de um grande saltie.”

Quando ele olhou para cima novamente ele estava sozinho na sala.

Um Direto de Esquerda e Três Tiros

Sete horas.

Eles teriam, talvez, posto em perigo a vida de muitos civis no pequeno trecho da delegacia até Darling Harbour, caso a tempestade não tivesse limpado as ruas de pessoas e carros. Lebie fez o seu melhor, no entanto, e foi, certamente, a luz azul no teto do carro que permitiu a um pedestre solitário saltar para salvar vida no último momento, e um par de carros que se aproximavam a desviar-se para o lado. Watkins estava no banco de trás xingando sem parar, enquanto McCormack estava na frente ligando para o Sydney Aquarium para prepará-los para alguma ação da polícia.

Quando chegaram no estacionamento as bandeiras do porto estavam voando horizontalmente, e as ondas estavam batendo sobre a borda do cais. Vários carros da polícia já estavam lá e policiais uniformizados estavam fechando as saídas.

McCormack deu as ordens finais.

"Yong, você distribui as fotos de Toowoomba para o nossos. Watkins, você fica comigo na sala de controle - lá eles têm câmeras cobrindo todo o aquário. Lebie e Harry, vocês começam a procurar. O aquário fechará em poucos minutos. Aqui estão os rádios, coloquem os fones em seus ouvidos, ajustem os microfones na lapela e verifiquem se vocês tem contato por rádio com todos ao mesmo tempo. Vamos orientá-los da sala de controle, OK?"

Quando Harry saiu do carro uma rajada de vento o pegou e quase o derrubou. Eles correram para o abrigo.

"Felizmente não está tão lotado como está normalmente," McCormack anunciou. Ele já estava respirando pesadamente com o curto sprint. "deve ser o tempo. Se ele está aqui, vamos encontrá-lo."

Eles foram recebidos pelo gerente de segurança que levou McCormack e Watkins para a sala de controle. Harry e Lebie verificaram seus rádios, foram conduzidos através dos guichês e partiram ao longo dos corredores.

Harry conferiu a arma no coldre de ombro. O aquário parecia diferente agora, com toda aquela luz e todo o povo. Além disso, parecia uma

eternidade desde que ele esteve aqui com Birgitta, como se tivesse sido em uma época diferente.

Ele tentou não pensar nisso.

"Nós estamos em posição." A voz de McCormack soou segura e reconfortante no fone de ouvido. "Estamos estudando as câmeras agora. Yong tem um casal de policiais com ele e está verificando os banheiros e o café. Podemos vê-los, por sinal. Continuem indo."

Os corredores no aquário conduziam o público em um círculo de volta para onde eles haviam começado. Harry e Lebie estavam caminhando no sentido contrário, de modo que todos os rostos estavam vindo na direção deles. O coração de Harry estava batendo. Sua boca estava seca e as palmas das mãos estavam molhadas. Havia um burburinho de línguas estrangeiras ao redor deles, e Harry sentia-se como se estivesse nadando através de um turbilhão de diferentes nacionalidades, aparência e vestuário. Atravessaram o túnel subaquático onde ele e Birgitta tinham passado a noite - onde agora as crianças estavam de pé com o nariz colado ao vidro assistindo o submundo marinho fazendo o seu trabalho diário sem perturbações.

"Este lugar me dá arrepios", Lebie sussurrou. Ele caminhava com a mão dentro de sua jaqueta.

"Só me prometa que não vai disparar um tiro aqui", disse Harry. "Eu não quero a metade de Sydney Harbour e uma dúzia de tubarões no meu colo, OK?"

"Não se preocupe", respondeu Lebie.

Eles saíram do outro lado do aquário, que estava deserto. Harry praguejou.

"Eles fecham a bilheteria as sete", disse Lebie. "Agora as pessoas que ainda estão aqui tem que sair."

McCormack entrou em contato com eles. "Receio que parece que o pássaro voou, rapazes. É melhor voltarem para a sala de controle."

"Espere aqui", disse Harry a Lebie.

Do lado de fora da bilheteria estava um rosto familiar. Ele estava vestindo um uniforme, e Harry o agarrou.

"Oi, Ben, você se lembra de mim? Eu estive aqui com Birgitta."

Ben virou-se e olhou para o cabelo loiro animado. "Sim, eu me lembro", disse ele. "Harry, não é? Sim, sim, então você voltou? A maioria o faz. Como está Birgitta?"

Harry engoliu em seco. "Ouça, Ben. Eu sou um policial. Como você provavelmente já ouviu, estamos à procura de um homem muito perigoso.

Não o encontramos ainda, mas eu tenho uma sensação de que ele ainda está aqui. Ninguém conhece este lugar melhor do que você. Há algum lugar onde ele poderia ter se escondido?"

O rosto de Ben estava envolto em dobras profundas, atenciosas.

"Bem", disse ele. "Você sabe onde fica Matilda, a nossa saltie?"

"Sim."

"Entre o pouco astuto Fiddler Ray enterrado na areia e a grande tartaruga marinha, bem, nós estamos mudando eles de lugar agora, e vamos fazer uma piscina para que possamos instalar algumas freshies."

"Eu sei onde ela está. Isso é urgente, Ben."

"Certo. Se você está em forma e não muito agitado, você pode saltar sobre a parede de plexiglas no canto."

"Para onde o crocodilo está?"

"Ele passa a maior parte de seu tempo meio adormecido na piscina. Do canto são cinco ou seis passos para a porta que usamos quando vamos lavar e alimentar Matilda. Mas você vai ter que ser muito ágil porque o saltie é incrivelmente rápido. Vai estar em cima de você, todas as duas toneladas, antes que perceba que está sendo atropelado. Uma vez nós estávamos indo para . . ."

"Obrigado, Ben." Harry começou a correr e as pessoas espalhavam-se para os lados. Ele dobrou sua lapela e falou ao microfone: "McCormack, Holy aqui. Vou verificar atrás da área do crocodilo."

Ele pegou Lebie pelo braço e arrastou-o junto. "Última oportunidade", disse ele. Os olhos de Lebie ampliaram-se alarmados quando Harry parou defronte o crocodilo e tomou um impulso. "Siga-me", disse Harry, pulando a parede do plexiglas e balançando-se sobre ela.

Quando seus pés tocaram o chão do outro lado, a água da piscina começou a fermentar. Espuma branca levantou-se e enquanto Harry procurava pela porta, ele viu um carro de Fórmula Um verde acelerando para fora da água, rebaixado, com pequenos pés de lagarto nas laterais girando loucamente como batedeiras rotativas. Ele correu e escorregou na areia solta. De longe atrás dele, ouviu os rugidos e com o canto do olho, viu o capô do bólido levantado. Ele se ergueu de novo, correu os poucos metros até a porta e pegou a maçaneta. Por uma fração de um segundo a mente de Harry especulou sobre a possibilidade de que a porta estivesse trancada. No momento seguinte ele estava lá dentro. Uma cena de *Jurassic Park* apareceu na parte de trás de sua mente e o fez trancar a porta atrás de si. Apenas por precaução.

Ele sacou sua arma. O quarto úmido fedia a uma mistura nauseante de detergente e peixe podre.

"Harry!" era McCormack no rádio. "Antes de tudo, há uma rota mais segura para chegar onde você está agora do que a linha reta através da besta devoradora de homens. Em segundo lugar, fique ai mesmo, agradável e calmo, até Lebie dar a volta."

"Não é possível ouvir... má... re... ção, senhor", disse Harry, roçando a unha no microfone. "Eu... ou... zinho."

Ele abriu a porta do outro lado da sala e saiu numa torre com uma escada em espiral no meio. Harry imaginou que a escada descia para os túneis subaquáticos, e decidiu ir para cima. Na próxima plataforma havia outra porta. Ele perscrutou o ambiente, mas não parecia haver outras portas.

Ele torceu a maçaneta e abriu a porta com cuidado com a mão esquerda, mantendo a arma apontada à sua frente. Estava tão escuro quanto a noite lá dentro, e o cheiro de peixe podre era esmagador.

Harry encontrou um interruptor de luz na parede interna perto da porta, acionou com a mão esquerda, mas não funcionou. Ele soltou a porta e deu dois passos adiante, sondando. Algo se triturou sob seus pés. Harry adivinhou o que era e retornou silenciosamente para a porta. Alguém havia quebrado a lâmpada do teto. Prendeu a respiração e escutou. Havia alguém no quarto? Um ventilador retumbou.

Harry deslizou de volta para a plataforma.

"McCormack," ele sussurrou no microfone: "Acho que o encontrei. Ouça, faça-me um favor e ligue para o seu telefone celular."

"Harry Holy, onde está você?"

"Agora, senhor. Por favor, senhor."

"Harry, não faça disso uma vingança pessoal. É..."

"Está quente hoje, senhor. Você vai me ajudar ou não?"

Harry ouviu a respiração pesada de McCormack.

"OK, eu vou ligar agora."

Harry cutucou a porta aberta com o pé e ficou com as pernas abertas na porta, segurou sua arma na frente dele com as duas mãos, esperando o telefone tocar. O decorrer do tempo parecia uma gota que nunca iria cair. Talvez dois segundos se passaram. Nem um som.

Ele não está aqui, Harry pensou.

Em seguida, três coisas aconteceram ao mesmo tempo.

A primeira era McCormack falando. "Ele está desligado..."

A segunda foi que Harry percebeu que a silhueta dele estava contra a porta como uma criatura selvagem em voo.

A terceira foi a de que o mundo em volta dele explodia numa chuva de estrelas e manchas vermelhas na sua retina.

Harry lembrou-se de fragmentos das aulas de boxe de Andrew enquanto se dirigiam para Nimbin. Tais como, um gancho aplicado por um boxeador profissional é, normalmente, mais do que suficiente para deixar um homem inexperiente inconsciente. Ao mover seu quadril ele concentra toda a parte superior do tronco por trás do gancho e dá ao soco tanto poder que o cérebro entra em curto-circuito instantaneamente. Um uppercut colocado precisamente na ponta do queixo levanta-o do chão e envia-o direto para a terra dos sonhos. Com certeza. Também um direto de direita perfeito de um boxeador destro deixa poucas chances para alguém ser capaz de ficar de pé depois. E o mais importante de tudo: se você não ver o soco chegando, o corpo não vai reagir e desviar para longe. Mesmo um movimento pequeno da cabeça pode suavizar consideravelmente o impacto de um soco. É muito raro para um boxeador ver o golpe decisivo que o nocauteia.

A única explicação para Harry não estar inconsciente devia, portanto, ter sido que o homem no escuro estava à esquerda de Harry. Harry estava de pé na soleira da porta e portanto ele não pode atingi-lo no lado da têmpora, que de acordo com Andrew com toda a probabilidade teria sido suficiente. Ele não poderia aplicar um gancho eficaz ou um uppercut porque Harry estava segurando uma arma com seus braços para a frente. Nem um direto de direita, porque isso teria significado ficar na frente da arma. A única opção restante era um direto de esquerda, um soco que Andrew tinha descartado como um "soco de mulher, mais adequado para irritar ou na melhor das hipóteses ferir um oponente em uma briga de rua". Andrew podia estar correto sobre isso, mas este direto de esquerda tinha enviado Harry voando para trás e para baixo da escada em espiral, onde suas costas tinham batido na beira do parapeito e ele quase capotou.

Quando ele abriu os olhos, no entanto, ele ainda estava de pé. A porta estava aberta, no outro extremo da sala, e ele tinha quase certeza que Toowoomba tinha fugido através dela. Mas ele também pode ouvir um som de tilintar que ele tinha certeza ser da arma rolando nas escadas de metal. Ele decidiu ir atrás da arma. Com um mergulho suicida Harry desceu a escada ralando seus braços e joelhos, mas pegou a arma justo quando ela estava prestes a cair para fora da borda e mergulhar vinte metros até o

fundo do poço. Ele ergueu-se sobre os joelhos, tossiu e confirmou que tinha perdido o seu segundo dente desde que chegara a esta droga de país.

Ele se levantou e quase que imediatamente desmaiou.

"Harry!", alguém gritou em seu ouvido.

Ele também ouviu uma porta sendo escancarada em algum lugar abaixo dele e sentiu pés correndo balançando as escadas. Harry dirigiu-se para a porta à sua frente, viu a porta do outro lado da sala, bateu de lado nela e cambaleou para fora no crepúsculo com a sensação de que havia deslocado o ombro.

"Toowoomba!", ele gritou para o vento. Ele olhou ao redor. Diante dele estava a cidade, e por trás dele Pymont Bridge. Ele estava de pé no telhado do aquário e teve que se segurar firme no topo de uma escada de incêndio contra o vento em rajadas. A água no porto estava salpicada com espuma branca e ele podia provar o sal no ar. Abaixo dele, ele viu um vulto escuro descendo a escada de incêndio. A figura parou por um segundo e olhou em volta. À sua esquerda estava um carro da polícia com uma luz intermitente. Na frente dele, atrás de uma cerca, os dois tanques de água que saíam do Sydney Aquarium.

"Toowoomba!" Harry gritou e tentou levantar a arma. Seu ombro recusou-se, e Harry gritou de dor e fúria. A figura pulou da escada, correu para a cerca e começou a subir de novo. Harry percebeu, naquele momento, o que ele tinha a intenção de fazer - entrar no edifício que abrigava o tanque, sair pela parte de trás e nadar a curta distância até o cais do outro lado. De lá, ele levaria apenas alguns segundos para desaparecer na multidão. Harry tropeçou pela escada de incêndio abaixo. Ele correu em direção ao muro, como se tivesse a intenção de derrubá-lo, apoiou-se sobre ele com um braço e caiu do outro lado sobre o cimento com um baque.

"Harry, responda!"

Ele puxou o fone da sua orelha e deu uma guinada em direção ao prédio. A porta estava aberta. Harry correu e caiu de joelhos. Sob o teto em arco à frente dele, banhada em luzes penduradas em um cabo de aço em cima do tanque, ficava uma parte fechada do Porto de Sydney. Um pontão estreito cruzava o meio do tanque, e, a uma curta distância, lá estava Toowoomba. Ele estava vestindo um suéter preto e calças pretas e correndo tão descontraído e elegante quanto um pontão instável e estreito permitia.

"Toowoomba!" Harry gritou pela terceira vez. "Eu vou atirar!"

Harry se inclinou para frente, não porque ele não conseguia ficar de pé, mas porque ele não podia levantar o braço. Ele pegou a figura escura em sua

mira e apertou o gatilho.

O primeiro tiro fez um pequeno splash na frente de Toowoomba, que parecia estar correndo com muita facilidade. Harry mirou um pouco para a direita. Houve um splash atrás de Toowoomba. A distância era quase de uma centena de metros agora. Um pensamento absurdo ocorreu a Harry: era como na prática de tiro dentro da sala de Økern - as luzes no teto, o eco entre as paredes, a pulsação no dedo do gatilho e uma profunda concentração meditativa.

Como treinar no campo de tiro em Økern, Harry pensou, e disparou pela terceira vez.

Toowoomba mergulhou de cabeça.

Harry disse mais tarde em sua declaração que ele imaginou que o tiro havia atingido Toowoomba na coxa esquerda, e que, portanto, era pouco provável que pudesse matá-lo. Todo mundo sabia, no entanto, que isto não era mais que um palpite, uma vez que tinha disparado a cem metros de distância. Harry poderia ter dito qualquer coisa que quisesse, sem que ninguém fosse capaz de provar o contrário. Ainda mais porque não havia um corpo para se fazer uma autópsia.

Toowoomba estava gritando meio submerso na água quando Harry avançou pelo pontão. Harry sentia-se tonto e enjoado, e tudo estava começando a desaparecer - a água, as luzes do teto e o balanço do pontão de lado a lado. Enquanto Harry corria lembrou-se das palavras de Andrew sobre o amor sendo um mistério maior do que a morte. E lembrou-se da velha história.

O sangue pulsava em seus ouvidos, em surtos, e Harry era o jovem guerreiro Walla, e Toowoomba era a cobra Bubbur, que tomou a vida de sua amada Moora. E agora Bubbur tinha que ser morto. Por amor.

No relatório de McCormack, ele foi incapaz de dizer o que Harry Holy tinha gritado no microfone depois de terem ouvido os tiros.

"Nós só ouvimos ele correndo e gritando alguma coisa, provavelmente em norueguês."

Mesmo Harry foi incapaz de dizer o que ele gritou.

Em uma corrida de vida ou morte, Harry disparou pelo pontão. O corpo de Toowoomba estava se contorcendo. Contorções que faziam todo o

pontão estremecer. No início Harry pensou que algo tinha esbarrado nele, mas então ele percebeu que sua presa estava sendo roubada.

Era o grande tubarão branco.

Ele levantou sua enorme cabeça branca acima da água e abriu suas mandíbulas. Tudo parecia acontecer em câmera lenta. Harry tinha certeza de que ia abocanhar Toowoomba, mas não conseguiu dar uma boa abocanhada e só conseguiu arrastar o corpo ainda gritando mais para dentro da água antes de ter que mergulhar novamente.

Sem as mãos, Harry pensou, lembrando um aniversário na casa da sua avó em Åndalsnes um longo, longo tempo atrás, quando eles estavam brincando tentando pegar maçãs com a boca em uma bacia de água, e sua mãe tinha rido tanto que ela teve que deitar-se no sofá depois.

Trinta metros até lá. Ele pensou que poderia tentar, mas, em seguida, o tubarão estava de volta. Tão perto que Harry o viu rolar seus olhos frios, como se estivesse em êxtase, triunfalmente mostrando sua dupla fileira de dentes. Desta vez, conseguiu agarrar-se a um pé e jogou a cabeça de um lado para o outro. Água subiu num jato de spray, Toowoomba foi arremessado pelo ar como uma boneca desmembrada e seu grito foi cortante. Harry chegou.

"Monstro de merda, ele é meu!", ele lamentou em meio a lágrimas, apontando sua arma e descarregando as balas na piscina de uma vez só. A água estava impregnada com uma cor avermelhada, semelhante a uma borbulhante bebida vermelha e abaixo Harry viu a luz do túnel subaquático, onde adultos e crianças se amontoavam para ver o grande final, um drama real com toda a sua realidade horrorosa, uma festa que iria competir com 'O Assassinato do Palhaço' pelo título de maior evento *tabloide* do ano.

A Tatuagem

GENE Binoche parecia e agia exatamente como o que ele era - um cara que viveu um estilo de vida rock'n'roll ao máximo e não tinha a intenção de parar até que estivesse no fim de sua jornada. E ele estava bem a caminho.

"Eu acho que eles precisam de um bom tatuador lá também", disse Gene, mergulhando a agulha. "Satanás aprecia um pouco de variedade quando ele está torturando, você não acha, cara?"

Mas o cliente estava bêbado e sua cabeça estava caída, então ele provavelmente não poderia compreender as observações filosóficas de Gene ou sentir a agulha perfurando seu ombro.

No início Gene havia se recusado a negociar com esse cara que tinha entrado em sua pequena loja e engrolado seu pedido com um sotaque cantante estranho.

Gene tinha respondido que não fazia tatuagem em pessoas na sua condição e lhe pediu para voltar no dia seguinte, quando ele estivesse sóbrio. Mas o cara colocou uma nota de 500 dólares sobre a mesa para o que ele sabia que era um trabalho de 150 dólares, e para dizer a verdade os negócios tinham sido um pouco fracos nos últimos meses, então ele pegou suas tintas e agulhas e começou o trabalho. Mas se recusou quando o cara lhe ofereceu um gole da garrafa. Gene Binoche tatuava clientes há vinte anos, estava orgulhoso do seu trabalho e em sua opinião, profissionais sérios não bebiam no trabalho. Pelo menos não uísque, de qualquer maneira.

Quando ele terminou, ele colocou um pedaço de papel higiênico sobre a rosa tatuada. "Mantenha longe do sol e, durante a primeira semana, lave apenas com água. A boa notícia é que a dor vai diminuir esta noite e você pode tirar isso amanhã. A má notícia é que você vai estar de volta para mais tatuagens", disse ele e sorriu. "Eles sempre voltam."

"Esta é a única que eu quero", disse o cara e cambaleou para fora da porta.

Quatro Mil Pés e Um Fim

A porta se abriu e o barulho do vento era ensurdecedor. Harry se abaixou de joelhos pela abertura.

"Você está pronto?", ele ouviu o grito no seu ouvido. "Puxe a corda em quatro mil pés e não se esqueça de contar. Se você não tiver sentido o tranco em três segundos algo está errado."

Harry balançou a cabeça.

"Eu vou indo!" a voz gritou.

Ele viu o vento tomar conta da roupa preta usada pelo pequeno homem que descia para o suporte sob a asa. O cabelo saindo de debaixo de seu capacete turbilhonava. Harry olhou para o altímetro em seu peito. Ele indicava um pouco mais de dez mil pés.

"Obrigado mais uma vez!", ele gritou para o piloto. O piloto se virou. "Não se preocupe, companheiro! Isto é muito melhor do que a tirar fotografias de campos de maconha!"

Harry estendeu seu pé direito. Parecia como quando ele era pequeno e eles estavam no carro indo pelo vale Gudbrandsdalen a caminho de mais uma das férias de verão em Åndalsnes, e ele abria a janela e estendia a mão para "voar". Lembrou-se do vento levantando sua mão quando ele virou a palma da mão para ele.

O vento do lado de fora do avião era extraordinário, e Harry teve que forçar seu pé contra o suporte. Ele mentalizou como Joseph lhe havia dito - pé direito, mão esquerda, mão direita, pé esquerdo. Ele estava de pé ao lado de Joseph. Pequenas manchas de nuvem flutuavam em direção a eles, aceleradas, envolvendo-os e indo embora no mesmo segundo. Debaixo deles jazia uma colcha de retalhos de diferentes nuances de verde, amarelo e marrom.

"Hotel check-in!" Joseph gritou em seu ouvido.

"Checking-in!" Harry gritou e olhou para o piloto no cockpit, que lhe mostrou os polegares para cima. "Checking-out!" ele olhou para Joseph, que estava usando um capacete, óculos de proteção e um enorme sorriso.

Harry se preparou e levantou o pé direito.

"Horizonte! Para cima! Para baixo! Vamos!"

Então, ele estava no ar, sentindo-se como se estivesse sendo soprado para trás, enquanto o avião continuava seu voo imperturbável em frente. Pelo canto do olho, ele viu o avião sumindo antes de perceber que ele estava se transformando. Ele olhou para o horizonte onde a terra e o céu se arqueavam tornando-se gradualmente mais azul até se incorporar ao azul do Oceano Pacífico, que o Capitão Cook havia navegado para chegar até aqui.

Joseph tocou nele e Harry corrigiu a postura de queda livre. Ele verificou o altímetro. Nove mil pés. Meu Deus, eles tinham oceanos de tempo! Ele torceu o torso superior e estendeu os braços para fazer uma meia-volta. Nossa, ele era Superman!

À frente, a oeste, estavam as Montanhas Azuis, que eram azuis porque os eucalipto especiais exalavam um vapor azul que podia ser visto de longe. Joseph havia lhe contado. Ele também disse que, por trás deles ficava o que os seus antepassados, os povos indígenas seminômades, chamavam de lar. As intermináveis planícies áridas - o Outback - constituíam a maior parte deste imenso continente, um forno impiedoso onde parecia improvável que qualquer coisa poderia sobreviver, mas o povo de Joseph tinha feito isso por milhares de anos até que os brancos chegaram.

Harry olhou para baixo. Parecia tão calmo e deserto lá embaixo, tinha que ser um planeta pacífico e gentil. O altímetro mostrava sete mil pés. Joseph ia deixá-lo conforme eles combinaram. Uma violação grave das regras de treinamento, mas já tinham quebrado todas as regras que havia vindo até aqui sozinhos e saltando. Harry observou Joseph fechar os braços ao lado do corpo para ganhar velocidade horizontal e arremeter para baixo a sua esquerda numa velocidade surpreendente.

Então Harry ficou sozinho. Como sempre esteve. Você só se sente muito melhor quando está em queda livre seis mil pés acima do solo.

Kristin tinha feito sua escolha em um quarto de hotel numa manhã cinzenta de segunda-feira. Talvez ela tivesse acordado exausta pelo novo dia antes mesmo dele começar, olhou pela janela e decidiu que já tinha tido o suficiente. Por quais processos mentais ela havia passado Harry não sabia. A alma humana é uma profunda e escura floresta e todas as decisões são tomadas individualmente.

Cinco mil pés.

Talvez ela tenha feito a escolha certa. O frasco vazio de comprimidos sugeria que pelo menos ela não teve dúvidas. E um dia tudo teria que terminar de qualquer maneira; um dia seria a *hora*. A necessidade de deixar

este mundo com um certo estilo aborrecido era o testemunho, é claro, de uma vaidade - um ponto fraco - que apenas algumas pessoas tinham.

Quatro mil e quinhentos pés.

Outras apenas tinham uma fraqueza pela vida. Simples e descomplicada. Bem, não só simples e descomplicada, talvez, mas tudo estava muito abaixo dele agora. Quatro mil metros abaixo, para ser totalmente preciso. Ele agarrou a alça laranja para a direita de seu estômago, puxou a corda com a mão firme e começou a contar: "Um mil e um, um mil e ..."

Sobre o autor

Jo Nesbø é músico, compositor, economista e escritor. The Bat, seu primeiro romance policial com Harry Hole, foi publicado na Noruega em 1997 e foi sucesso imediato, ganhando o Glass Key Award para o melhor romance policial nórdico (um prémio partilhado com Peter Høeg, Henning Mankell e Stieg Larsson).

Este best-seller aparece em Inglês pela primeira vez.

Confira www.jonesbo.co.uk



Traduzido do Inglês por recreação e uso próprio em
maio/julho 2014

BIBO

